



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

GERENICE RIBEIRO DE OLIVEIRA CORTES

**DO LUGAR DISCURSIVO AO EFEITO-LEITOR:
A Movimentação do Sujeito no Discurso
em Blogs de Divulgação Científica**

Recife

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

GERENICE RIBEIRO DE OLIVEIRA CORTES

**DO LUGAR DISCURSIVO AO EFEITO-LEITOR:
A Movimentação do Sujeito no Discurso
em Blogs de Divulgação Científica**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – área de concentração em Linguística – da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Letras/Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Evandra Grigoletto

Recife
2015

Catálogo na fonte

Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

C828d Cortes, Gerenice Ribeiro de Oliveira

Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica / Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes. – Recife: O Autor, 2015.

266 f.: il., fig.

Orientador: Evandra Grigoletto.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2015.

Inclui referências e apêndice.

1. Linguística. 2. Análise do discurso. 4. Ciberespaço. 5. Blogs. 5. Notícias científicas. I. Grigoletto, Evandra (Orientador). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2015-63)

GERENICE RIBEIRO DE OLIVEIRA CORTES

**DO LUGAR DISCURSIVO AO EFEITO-LEITOR: A Movimentação do
Sujeito no Discurso em Blogs de Divulgação Científica**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em LINGUÍSTICA em 10/2/2015.

TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr^a. Evandra Grigoletto
Orientadora – LETRAS - UFPE

Prof. Dr^a. Fabiele Stockmans De Nardi
LETRAS - UFPE

Prof. Dr^a. Doris Carneiro Arruda da Cunha
LETRAS - UFPE

Prof. Dr^a. Maria da Conceição Fonseca Silva
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS - UESB

Prof. Dr^a. Solange Mittmann
DECLAVE - UFRGS

Recife – PE
2015

*Ao Deus Supremo, autor da vida, autor da minha fé.
“Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade;
porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra;
teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos.
Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo,
na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força.
Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos.”*

(I Crônicas 29:11-14).

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, que tornou possível mais este sonho em minha vida. Ele é o que “me cinge de força e aperfeiçoa o meu caminho”.

À memória do meu pai *Agenor*. A minha mãe *Maria*, uma grande mulher, incansável guerreira, meu grande exemplo de perseverança e fé.

Ao meu esposo *Santo*, que sempre está ao meu lado nos momentos de alegria ou de choro; pela compreensão das ausências reais e, por muitas vezes, longas *presenças ausentes!*

Aos meus filhos *Tarcisio*, *Maria Clara*, *Lorena* – filha do coração, pelo apoio e incentivo seeempre ...

A *Rhobson* e *Cândida*; a “*Tareco*”, pela hospedagem carinhosa em Recife, que amenizou a dor da saudade.

Aos meus irmãos e, de maneira muito especial, agradeço as minhas *irmãs*, mulheres de garra, valentes, resolutas companheiras nas batalhas da vida.

À Professora Dra. *Evandra Grigoletto* (UFPE), um agradecimento todo especial, pela paciência em me conduzir nas trilhas da AD pecheuxtiana, pelas orientações seguras e eficientes que muito contribuíram para o meu crescimento enquanto pesquisadora e enquanto pessoa; pelo afeto e amizade, por ter me ajudado a superar limites.

Às Professoras Dra. *Fabiele De Nardi* (UFPE) e Dra. *Solange Mittmann* (UFRS), as quais acompanharam de perto a trajetória desta pesquisa, sempre acrescentando significativas contribuições e, como integrantes das bancas de qualificação do projeto e da tese – e agora também na banca de defesa – sinalizaram caminhos, com valiosas recomendações, correções e sugestões; agradeço também pela amizade.

A Professora Dra. *Maria da Conceição Fonseca-Silva* (UESB), da qual tive a honra de ser aluna desde a graduação, e que também foi a pesquisadora que primeiramente me apresentou a teoria da AD de Pêcheux, ainda no curso de Especialização em Linguística (UESB). Agradeço também por ter aceitado o convite de participar da banca de defesa da tese, que certamente trará grandes contribuições para a melhoria deste trabalho.

À Professora Dra. *Doris Arruda Cunha*, por sua participação na banca de defesa da tese, que também acrescentará contribuições significativas para este estudo.

Aos demais professores do PGLetras/UFPE, em especial àqueles dos quais fui aluna desde o curso de Mestrado, sobretudo à Professora Dra. *Judith Hoffnagel* – minha orientadora no Mestrado, obrigada por grandes contribuições ao meu crescimento acadêmico.

À equipe de coordenação do PGLetras, em especial – agradeço a *Diva* e *Jozaias* – pela amizade, acolhimento, paciência e presteza no atendimento.

Aos colegas mestrandos e doutorandos, particularmente à colega *Aldenora*, pela amizade e companheirismo, pela parceria nas leituras e estudos, pelo apoio e estímulo nos momentos de desânimo.

À Professora Dra. *Livia Diana Magalhães* (UESB) – exemplo de postura acadêmica – pelo incessante apoio e incentivo; agradeço também a toda a equipe de pesquisadores e colaboradores do Museu Pedagógico da UESB.

À colega *Margareth Fagundes* (UESB/Campus Itapetinga) pela amizade e parceria, pelo apoio nos momentos mais críticos da trajetória acadêmica.

À UESB, de modo especial agradeço ao Prof. Paulo Sérgio Cavalcanti Costa por seu apoio constante.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Ao casal Pr. *Georges Amorim* e Mis. *Itamar V. Amorim*, como também aos demais irmãos e amigos da Igreja Batista Memorial do Calvário, pelas orações, suporte, incentivo e companheirismo, não somente nos momentos de alegria, mas sobretudo nas horas de aflição.

A todos que me ajudaram nesta realização, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo analisar o funcionamento do *efeito-leitor* no discurso de divulgação científica (DDC), inscrito nos blogs do *ScienceBlogs Brasil (Sb.br)*, a partir dos aportes teóricos da Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana, em diálogo com alguns estudos da *comunicação* e das *ciências sociais*. Na era digital instauram-se novas relações do homem com a linguagem, instituindo novas materialidades significantes, a exemplo do *blog*, espaço de produção e circulação do DDC, que também sofre determinações dessa mídia. As análises mostram o funcionamento de dois efeitos-leitores dominantes nesse discurso: o efeito-leitor *analfabeto-científico* e o *especialista*, respectivamente, afetados pelo imaginário do leitor *leigo* e do leitor *cientista*. Tais efeitos, por sua vez, também determinam o imaginário de ciência divulgada nos blogs. O efeito-leitor funciona no DDC do *Sb.br* intrinsecamente ao lugar discursivo e à posição-sujeito ocupada, sendo que, nessa trama, uma posição-sujeito também é projetada ao leitor. Diante do efeito-leitor *analfabeto-científico*, o sujeito do discurso, isto é, o sujeito divulgador, se inscreve no lugar discursivo de *porta-voz* para interpretar a ciência e ocupa distintas posições-sujeito, das quais se destaca a de *alfabetizador de ciência*. Nesse discurso, posições-sujeito também são projetadas ao leitor leigo, em especial, a de *consumidor de informações científicas*. Já, diante do efeito-leitor *especialista*, o sujeito divulgador se inscreve no lugar discursivo de *pesquisador* e projeta – ao leitor cientista – a mesma posição-sujeito que ele ocupa: a de *interlocutor de ciência*. Na interlocução discursiva instituída na seção de comentários, instaura-se uma tensão entre o efeito-leitor projetado no discurso e o sujeito leitor, enquanto que o sujeito divulgador, pelo viés do lugar discursivo de *moderador*, institui a interdição e o controle da leitura. Todavia, o leitor se inscreve no lugar discursivo de *autor* e não deixa de produzir sentidos, pois não se identifica com os saberes da formação discursiva (FD) da divulgação científica, ocupando distintas posições-sujeito que se confrontam com o efeito-leitor *analfabeto-científico* e com a posição-sujeito que lhe é projetada. Portanto, pode ocorrer a falha no ritual através da passagem da interação, que é imposta, para a interlocução discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso de divulgação científica. Lugar discursivo. Efeito-leitor. Blogs. Interlocução discursiva.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the functioning of the reading-effect on popular science discourse, registered in blogs ScienceBlogs Brazil (Sb.br), from the theoretical contributions of Discourse Analysis (AD) of pecheuxian membership in dialogue with some communication studies and social sciences. In the digital age establishes up new man's relationship with language, instituting significant new materiality, like the blog, production space and circulation of popular science discourse, who also suffers determinations of that media. The analyzes show the operation of two dominant reading-effects that speech: the reading-effect *illiterate* in science and the *expert*, respectively, affected by the imaginary of the lay reader and the scientist reader. These effects, in turn, also determine the imaginary of science disclosed in blogs. The reading-effect works in popular science discourse of *Sb.br*, intricately to the discursive place and occupied subject-position, and in this frame a subject position is also designed to the reader. Before the illiterate-scientific reading-effect, the subject of the speech, that is, the subject popularize, falls within the discursive place of spokesman to interpret science, and occupies different subject-positions, of which highlights the of alphabetizer in science. In that speech, subject-positions are also designed to lay reader, in particular the consumer of scientific information. And, before the reading-effect expert, the promoter subject falls within the discursive place of researcher and projects – to the scientist reader – the same subject-position he occupies: the position of interlocutor of science. In discursive dialogue established in the comments section, a tension is established between the reading-effect projected on speech and the subject reader, while the promoter subject, from the bias of the discursive place of moderator, establishes the intertiction and control of reading. However, the reader falls within the discourse place of author and it still produces senses, because of not identifying with the knowledge of the discursive formation (FD) of science dissemination, occupying different subject-positions which confront the illiterate-scientific reading-effect and the subject position designed for him - a position of consumer of scientific information. Therefore, failure may occur in the ritual through the passage of the interaction that is enforced to the discursive interlocution.

KEYWORDS: Popular science discourse. Discursive place. Reading-effect. Blogs. Discursive interlocution.

RESUMEN

Esta investigación tuvo por objetivo analizar el funcionamiento del efecto lector sobre el discurso de divulgación científica (DDC), inscrito en blogs ScienceBlogs Brasil (Sb.br), a partir de las aportaciones teóricas de Análisis del Discurso (AD) de la membresía pecheuxtiana en diálogo con algunos estudios de la comunicación y las ciencias sociales. En la era digital instauramos una nueva relación del hombre con el lenguaje, la institución de nueva materialidad significativa, al igual que el blog, espacio de producción y circulación de DDC, que también sufre disposiciones de ese medio. Los análisis muestran el funcionamiento de dos dominantes efectos-lectores en discurso: el efecto-lector analfabeto en la ciencia y el especialista, respectivamente, afectadas por imaginario del lector lego y lector científico. Estos efectos, a su vez, determinan también lo imaginario de la ciencia divulgada en los blogs. El efecto-lector funciona en DDC del Sb.br intrincadamente al lugar discursivo y la posición-sujeto ocupada, y en esta trama, una posición-sujeto también está diseñado para el lector. Contra el efecto-lector analfabeto científico, el sujeto del discurso, esto es, el sujeto divulgador, se inscribe en lugar discursivo de portavoz de la interpretación de la ciencia y ocupa diferentes posiciones-sujeto, de las cuales destaca la alfabetización de la ciencia. En este discurso, posiciones-sujeto también están diseñados para lector laico, en particular la de los consumidores de la información científica. Y, contra el efecto-lector especialista, el divulgador se inscribe en lugar discursivo de investigador y proyecta - al lector científico - la misma posición-sujeto que ocupa: el de interlocutor de la ciencia. En interlocución discursiva establecida en la sección de comentarios, establece una tensión entre el efecto-lector diseñado en discurso y el sujeto lector, mientras el divulgador se inscribe en lugar discursivo de *moderador* y instituye la interdicción y control de la lectura. Sin embargo, el lector se inscribe en lugar discursivo de autor y no deja de producir sentidos, no se identifica con el formación discursiva (FD) de divulgación de la ciencia, ocupando diferentes posiciones-sujeto que se confrontan con el efecto-lector analfabeto científico y con el posición-sujeto proyectada. Así, puede ocurrir el fallo en el ritual a través del pasaje de la interacción, que es impuesta, a la interlocución discursiva.

Palabras-clave: Discurso de divulgación científica. Lugar discursivo. Efecto-lector. Blogs. Interlocución discursiva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página inicial do <i>ScienceBlogs.com</i>	85
Figura 2: Página inicial do <i>ScienceBlogs Brasil</i>	86
Figura 3: Esquema das Formações Imaginárias	96
Figura 4: Sobre o <i>ScienceBlogs Brasil</i>	100
Figura 5: Termos e Condições do <i>ScienceBlogs Brasil</i>	101
Figura 6: Blog Raio X – Blogagem coletiva: Cientista também caça paraquedista	122
Figura 7: Post O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019	124
Figura 8: Post Aproximando os cientistas da sociedade	128
Figura 9: Blog Massa Crítica – Cor de LED em nitrogênio líquido	149
Figura 10: Artigo LED in Liquid Nitrogen	149
Figura 11: Sobre o Blog Caderno de Laboratório	153
Figura 12: Ferramenta para configurar a moderação de comentários	187
Figura 13: Configuração da moderação de comentários	187
Figura 14: Processo de Interlocução discursiva no <i>ScienceBlogs Brasil</i>	189
Figura 15: Cena Enunciativa Digital	189
Figura 16: A VEJA e os perigos do Victoza	207
Figura 17: Sobreposição da interlocução discursiva no <i>Sb.br</i>	215
Figura 18: Post O sexismo Benevolente	233

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O funcionamento do efeito-leitor nas relações de lugares e posições-sujeito	80
Quadro 2 – Percursos Metodológicos	92
Quadro 3 – Formação acadêmica e área de atuação social do blogador	118
Quadro 4 – Efeitos-leitores projetados pelo sujeito-administrador do <i>Sb.br</i>	175
Quadro 5 – Efeitos-leitores projetados pelo sujeito-divulgador do <i>Sb.br</i>	176
Quadro 6 – A Subjetivação do leitor na interlocução discursiva e o confronto instiúdo com o efeito-leitor no <i>Sb.br</i>	246

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
-------------------------	----

CAPÍTULO I

A CIÊNCIA POR MARES NUNCA D'ANTES DIVULGADOS: DO ESPAÇO AO CIBEESPAÇO, DA MÍDIA IMPRESSA AOS BLOGS	16
---	----

1.1 Espaço, lugar, território: da apropriação à dominação	16
1.1.2 Ciberespaço, hipertexto e discurso eletrônico: do poder de liberdade à liberdade do poder.....	24
1.1.3 A Blogosfera e os blogs: de diários digitais a objetos discursivos	36
1.2 Da Ciência para a ciência: a constituição do discurso científico	45
1.3 Entre a ciência, a mídia virtual e o leitor: o discurso de divulgação científica constituído na/em rede	50

CAPÍTULO II

ÂNCORAS TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO	56
--	----

2.1 A Constituição da Escola Francesa de Análise do Discurso	56
2.2 As noções de Formação Ideológica e Formação Discursiva	57
2.3 A concepção não-subjetivista da subjetividade	62
2.4 Interdiscurso e Memória discursiva	66
2.4.1 A Memória discursiva e as discursividades líquidas	71
2.5 A concepção discursiva de leitura	72
2.6 Lugares sociais e discursivos dos sujeitos na movência do discurso	75
2.7 A constituição do efeito-leitor na trama da relação de lugares e posições dos sujeitos..	79

CAPÍTULO III

PERCURSOS METODOLÓGICOS: O ARQUIVO, O CORPUS, O OBJETO DISCURSIVO	83
--	----

3.1 As condições de produção: o DDC inscrito no virtual e o cruzamento de diversas	
--	--

ordens discursivas	83
3.2 A construção do arquivo: do corpus empírico ao corpus discursivo	88
CAPÍTULO IV	
O EFEITO-LEITOR NA MOVÊNCIA DO SUJEITO DO DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO SCIENCEBLOGS BRASIL	94
4.1 O mecanismo imaginário, as relações de lugares e a constituição do efeito-leitor	95
4.1.1 Os lugares dos sujeitos do DDC no ScienceBlogs Brasil	97
4.2 Efeito-leitor intrincado ao movimento do sujeito administrador do <i>Sb.br</i>	99
4.3 Efeito-leitor intrincado ao movimento do sujeito divulgador do <i>SB.br</i>	117
4.4 Efeito-leitor e o imaginário do lugar do Referente no DDC do <i>Sb.br</i> : da ciência régia à ciência-mercadoria	152
CAPÍTULO V	
A INTERLOCUÇÃO DISCURSIVA E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DOS LEITORES NO <i>SCIENCEBLOGS BRASIL</i>	178
5.1 As condições de produção da leitura no <i>ScienceBlog Brasil</i> e a interlocução discursiva	178
5.2 A interlocução discursiva e a subjetivação dos leitores no DDC do <i>ScienceBlogs Brasil</i>	189
5.3 A interdição da leitura e o silenciamento dos sentidos no DDC do <i>Sb.br</i>	231
CONSIDERAÇÕES (NÃO)FINAIS	247
REFERÊNCIAS	254
APÊNDICE	265

INTRODUÇÃO

“Eu falo sobre o homem e a vida de qualquer homem, é como esse tapete, que não é tecido fio por fio, mas por todos os fios ao mesmo tempo; Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de várias histórias.”
(Clarice Lispector)

Na era das tecnologias digitais e virtuais, a divulgação científica chega à rede, aos blogs, uma rede eletrônica, mas acima de tudo, uma *rede discursiva* constituída de muitos fios que se (des) enredam e produz distintos efeitos de sentidos.

O Discurso de Divulgação Científica (DDC) tem sido objeto de diversos estudos, na perspectiva da Análise do Discurso (AD) que se filia aos estudos de Pêcheux (1969, 1975), a exemplo dos trabalhos de Orlandi (2001a), Grigoletto (2005a, 2008), Baalbaki (2010), Gallo (2009), Santos Neto (2011), além de muitos outros. No entanto, o DDC inscrito no espaço virtual ainda é pouco investigado¹, apesar das complexidades e especificidades inerentes ao mundo eletrônico online, daí, justifica-se a relevância deste estudo.

O DDC, objeto da nossa investigação, se inscreve no espaço discursivo dos blogs do ScienceBlogs Brasil (Sb.br). A construção dos blogs envolve distintas e múltiplas materialidades significantes, logo, o DDC do Sb.br é constituído em condições de produção específicas, a exemplo da possibilidade de interlocução online. O surgimento dos blogs se associa à emergência da Web 2.0, que possibilita a conversação síncrona ou assíncrona com os internautas, a exemplo dos *comentários* dos leitores, fato que torna esse discurso ainda mais complexo e instigante à pesquisa.

Assim, este trabalho tem por objetivo geral analisar o funcionamento do **efeito-leitor** no discurso de divulgação científica inscrito nos blogs do *ScienceBlogs Brasil (Sb.br)* – intrinsecamente ao movimento do sujeito administrador e ao movimento do sujeito divulgador, no discurso –, e ainda, analisar o funcionamento da interlocução discursiva que se instaura na seção de comentários e o modo pelo qual o leitor se subjetiva no discurso.

¹ Tal conclusão em por base um levantamento bibliográfico realizado quando da elaboração do projeto da pesquisa.

O estudo desenvolver-se-á a partir do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) postulada por Pêcheux (1969, 1975), além de outros teóricos que se filiam aos pressupostos da AD fundada por esse autor. Ressaltamos ainda a relevância das contribuições de Foucault para substanciar as nossas reflexões. E, para pensar sobre alguns conceitos do mundo eletrônico, tais como *ciberespaço*, *hipertexto* e *blogs*, serão usados os aportes teóricos desenvolvidos por teóricos da AD que têm se debruçado sobre esses temas, além de estudiosos já clássicos dessa área, como Levy (1996, 1999), Castells (1992, 2003, 2005), Chartier (2002, 2007) e ainda em outros teóricos da área da comunicação, da filosofia e das ciências sociais.

Todavia, nossa discussão sobre tais noções serão devidamente articuladas aos pressupostos teóricos da AD, o que significa considerar não somente os aspectos tecnológicos dos processos aí envolvidos, mas sobretudo estabelecer relações com a exterioridade, com a memória histórica e discursiva, tendo em vista que os sujeitos e os sentidos se constituem mutuamente.

Na tentativa de compreender esse processo discursivo, elaboramos a questão central que norteará a pesquisa, além de outras auxiliares, a saber: **Que efeito-leitor é produzido no DDC do ScienceBlogs Brasil e como ele funciona?** Sob que condições de produção se constitui esse discurso? Como se dá o intrincamento do efeito-leitor aos lugares discursivos e posições-sujeito? O que caracteriza o DDC inscrito nos blogs e como a ciência é aí discursivizada? Como se dá a textualização discursiva do DDC na escrita eletrônica? Quais as formações discursivas dominantes e que atravessamentos discursivos se dão nos blogs de DC? Como se dá o funcionamento da interlocução discursiva e como os leitores se subjetivam no discurso dos comentários? Nesse processo, necessário se faz discernir os diversos fios discursivos constituintes e constitutivos do DDC inscrito nos blogs, compreender o jogo de forças que se institui nas diversas relações que se instauram entre as formações discursivas, que possibilita a movimentação dos sujeitos, a resignificação e os deslocamentos de sentidos, além de outros aspectos que possam emergir nos momentos das análises.

Em termos de organização estrutural, esta tese está dividida em cinco capítulos, quais sejam: o **Capítulo I** – no qual discorreremos sobre as noções de espaço, lugar, território, ciberespaço, mídia virtual, hipertexto e blogs, concepções de ciência, divulgação científica, com foco central na abordagem discursiva.

No **Capítulo II**, apresentamos as noções teóricas basilares da Análise do Discurso de filiação pecheuxiana, a exemplo dos conceitos de *discurso*, *sujeito*, *formações ideológicas* e *discursivas*, *interdiscurso* e *memória discursiva*, além do conceito de *leitura discursiva* e *efeito-leitor*. Já no **Capítulo III**, mostramos os percursos metodológicos, a constituição do corpus e a metodologia da análise.

No **Capítulo IV**, iniciamos nosso percurso de análise da constituição e funcionamento do efeito-leitor do DDC do Sb.br. Veremos que, dadas as relações de contradição instituídas no DDC virtual, vai emergir um efeito-leitor central, mas também instaura-se outros efeitos-leitores secundários no processo discursivo. As análises se desenvolveram a partir do esquema de *formações imaginárias* elaborado por Pêcheux ([1969]2010) e, desse modo, a construção e funcionamento dos efeitos-leitores se constituem de forma imbricada aos lugares discursivos e posições ocupadas e projetadas pelo sujeito do discursos.

No **Capítulo V**, discorremos sobre o processo de *interlocução discursiva* que se institui na seção de comentários dos blogs. Este se constituiu em um momento privilegiado para observarmos o processo de *subjetivação do leitor* internauta, que também assume o lugar discursivo de *autor*, ao postar seu comentário nos blogs. Nesse capítulo, refletimos sobre as condições de produção da leitura – e da escritura – no espaço dos blogs, momento em que se instaura o processo de interlocução discursiva no DDC do ScienceBlogs Brasil. Ademais, investigamos o modo pelo qual se dá a *subjetivação* dos leitores na relação instituída com os efeitos-leitores projetados no discurso. Nesse capítulo, analisamos ainda o processo de *interdição* da leitura, uma tentativa de calar a voz do leitor e estabelecer o silenciamento dos sentidos. No entanto, como a língua é o lugar da falha e do equívoco, é inevitável que haja confrontos, e, assim, vamos observar as derivas, os deslizamentos de sentidos, a dispersão de posições-sujeito, afinal, a leitura sempre pode ser outra.

Esperamos que esta investigação possa trazer à tona os diversos efeitos de sentidos instituídos no discurso de divulgação científica da mídia virtual do ScienceBlogs Brasil, e, assim, trazer contribuições significativas para os estudos da Análise do Discurso e das ciências da linguagem, de um modo geral.

CAPÍTULO I – A CIÊNCIA POR MARES NUNCA D’ANTES DIVULGADOS: DO ESPAÇO AO CIBERESPAÇO, DA MÍDIA IMPRESSA AOS BLOGS

“A velocidade do movimento e o acesso a meios rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação. O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico – e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instataneidade. Em termos práticos, o poder se tornou verdadeiramente extraterritorial, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas” (Zygmunt Bauman, 2001).

Neste capítulo, teceremos algumas considerações acerca das condições de produção do discurso de divulgação científica (DDC) que se inscreve no *ScienceBlogs Brasil - Sb.br*. Tendo em vista que o *espaço* é também um elemento estruturante das condições de produção do discurso (ORLANDI, 2009), iniciaremos um percurso histórico e teórico sobre as noções de *espaço*, *lugar*, *território*, *ciberespaço*, *hipertexto* e *blogs*, já que este último é o lugar de produção e circulação do discurso que é objeto desta análise.

Ainda neste capítulo, apresentaremos um breve histórico da trajetória da ciência moderna e a constituição do discurso de divulgação científica, como também o modo pelo qual esse discurso – tradicionalmente inscrito na mídia impressa – vai deslocar-se para a mídia eletrônica e virtual.

1.1 Espaço, lugar, território: da apropriação à dominação

A palavra *espaço* aparece em nosso cotidiano das mais variadas formas, a exemplo de: “espaço da casa”, “espaço da rua”, “espaço do trabalhador”, “espaço da mulher”, etc. Mas, afinal, o que é espaço? Desde a antiguidade, o homem tem demonstrado inquietações acerca da compreensão do espaço. Segundo Foucault (2005), a ansiedade da nossa época é o espaço e talvez esta seja, acima de tudo, a época do espaço.

De acordo com Chauí (2002), na filosofia grega de Aristóteles, encontramos uma concepção de espaço intrinsecamente ligada à geometria e à abstração. Conforme o pensamento aristotélico, o espaço era pensado como lugar, conforme a posição de um corpo em relação aos outros, ou seja, diz respeito à “região ocupada pelo corpo, seu contorno externo e o contorno do corpo maior onde ele está contido” (CHAUÍ, 2002, p. 411). Assim, para Aristóteles, o espaço não era concebido como vazio e homogêneo, concepção que prevaleceu no pensamento moderno. Segundo Wertheim (2001), a cosmologia geocêntrica predominou de Aristóteles a Copérnico.

No pensamento medieval, preconizava-se a divisão entre o espaço do corpo e o espaço da alma, ou seja, havia um dualismo entre espaço físico e espaço espiritual. Wertheim (2001) declara que: “Para os cristãos medievais, havia um entrelaçamento inevitável entre o cosmo físico e o cosmo espiritual – o espaço do corpo e o espaço da alma.” (WERTHEIM, 2001, p. 41). O espaço era pensado pelo paradigma teológico, numa cosmologia dualista.

O pensamento de Descartes, segundo Wertheim (2001), marca a transição do pensamento medieval para o pensamento mecanicista. A máxima cartesiana *Penso, logo existo* “fundava a realidade não no mundo físico, mas no fenômeno imaterial do pensamento” (WERTHEIM, 2001, p. 26). A autora também ressalta que, enquanto na visão medieval o universo era finito, a visão mecanicista sugere que ele pode ser infinito. Com a revolução científica, em meados do séc. XVIII, segundo a autora, a visão de espaço físico se expande para todas as direções, como sendo infinito e, assim, o pensamento científico ocidental elimina qualquer concepção de um espaço para a alma cristã. Desse modo, ao contrário do mundo medieval que via o homem como amálgama de corpo e alma, os mecanicistas viam a humanidade como puramente constituída do físico. Para Wertheim (2001, p. 27), “a visão monística do espaço foi transformada na visão monística do homem”.

A cosmologia de Newton pensava o espaço celeste não em termos de metafísica, mas enquanto forças físicas e leis matemáticas terrenas (WERTHEIM, 2001). As profundas mudanças no que tange ao conceito científico do espaço e do tempo chegariam com Einstein, com o desenvolvimento da Teoria da Relatividade. Na perspectiva einsteiniana, o espaço e o tempo “formam um *contínuo quadridimensional*, cujo ponto de partida é a crítica à concepção de espaço — e de tempo — da física clássica. [...] Einstein retoma a noção clássica de espaço como lugar, integrando tal grandeza ao tempo. A grande “inovação” está na modificação do conceito de simultaneidade” (FERREIRA, 2000, p. 66, grifos do autor). Logicamente, embora

as descobertas científicas de Einstein tenham afetado e revolucionado os estudos científicos como um todo, o conceito de espaço era delimitado pela própria especificidade epistemológica da Física, ou seja, o espaço não era pensado em sua dimensão social, política e ideológica.

No campo das ciências sociais, em especial, no campo dos estudos geográficos, as definições de espaço se multiplicaram, a partir da segunda metade do século XX (GODOY, 2004). Surge o conceito de *segunda natureza*, segundo o qual “o espaço passa a ser visto como uma criação humana que se realiza através do movimento da sociedade sobre a natureza. A natureza apresenta-se neste caso, separada da sociedade, constituindo a base física sobre a qual o homem atua e produz o espaço geográfico ou, em outras palavras, a ‘segunda natureza’” (GODOY, 2004, p. 30). Nessa ótica, segundo Godoy (2004), a consciência do espaço decorre da ação humana sobre um espaço abstrato.

Na esteira desse pensamento, Santos (2008) preconiza que o espaço se constitui nas relações sociais. Para o autor, “O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre eles especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (SANTOS, 2008, p. 78). Para Santos (2008), o espaço também não se confunde com a paisagem, porém, ambos mantêm uma relação dialética, e “numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parados como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem.” (SANTOS, 2008, p. 79). O geógrafo também distingue o espaço da espacialidade, pois esta, segundo ele, embora dependa do espaço, constitui-se como um momento das relações sociais sobre um determinado arranjo espacial.

A questão do espaço é também discutida por Soja (1993). Para o autor, o espaço em si é como um dado contextual, e a espacialidade, de base social, é o espaço criado da organização e da produção sociais. O espaço socialmente produzido, considerado como espacialidade, é uma estrutura criada, resultado da transformação produzida por meio da relação dialética com as relações sociais, exatamente da mesma forma que a história humana representa uma transformação social do tempo (SOJA, 1993). Nas palavras do autor: “as relações sociais e espaciais são dialeticamente inter-reativas, interdependentes; que as relações sociais de produção são formadoras de espaço e contingentes ao espaço” (SOJA,

1993, p. 103). Vislumbramos aqui um contínuo crescimento da concepção de espaço, já que este passa a ser tratado como uma construção, uma criação que se processa nas relações sociais.

E, já que é socialmente produzido, o espaço não é uma esfera de imobilidade e nem é desvinculado de seu caráter político e ideológico. Segundo Massey, “O espaço tem sido interpretado por muitos como apolítico porque ele é conceituado como um todo sem costuras, como o sistema totalmente fechado e interconectado de uma estrutura sincrônica” (MASSEY, 2008, p. 71). Todavia, na atualidade, é consenso entre os estudiosos que se debruçam sobre a questão do espaço que este não pode ser pensado somente em sua dimensão física, por tratar-se de um fenômeno social, muito mais complexo e abrangente.

Nessa reflexão, é também relevante o pensamento de Lefebvre ([1972] 2008), cuja visão de espaço associa-se às relações sociais de produção capitalista. Para este autor, o espaço não é um dado *a priori*, seja do pensamento (Kant) ou do mundo (positivismo), mas é o desenvolvimento de uma prática social. Em uma das hipóteses ou teses sobre o espaço, o autor postula que:

O espaço não seria nem um ponto de partida (ao mesmo tempo mental e social, como na hipótese filosófica), nem um ponto de chegada (um produto social ou o lugar dos produtos), mas um intermediário, em todos os sentidos desse termo, ou seja, um modo e um instrumento, um meio e uma mediação. [...] O espaço é político e ideológico. O espaço é um produto da história (LEFEBVRE, 2008, p. 44; 62).

Um ponto nos chamou a atenção no conceito de espaço exposto por Lefebvre foi a noção de espaço como *intermediário*, nem ponto de partida, nem ponto de chegada, não como produto ou lugar social dos produtos, mas como produto da história. Esta noção, em nosso entender, se aproxima do pensamento de Orlandi (2009) – no quadro teórico da análise de discurso – que concebe o espaço, em sua dimensão significativa, como parte integrante das condições de produção do discurso. A autora, a fim de estudar discursivamente o espaço urbano, parte do conceito de “ambiência” de Thibaud (2002, apud ORLANDI, 2009) e o associa com a noção de condições de produção do discurso, desenvolvida pela AD. Segundo ela:

Aqui podemos retomar a noção de condições de produção tal como tratamos na análise de discurso e aproximá-la da noção de ambiência quando esta não se reduz ao físico [...]; Penso que é aí que podemos introduzir, pela aproximação com a noção de produções de condições (sujeito, situação, memória constitutiva), a questão da linguagem do discurso, do confronto do

simbólico com o político. E teremos uma noção de espaço não mais tecnológica, mas significativa. Deixa-se de ter uma noção de espaço instrumental e idealista, sai-se do domínio dos projetos e do construído para a noção de *processo de produção de um espaço* em que entra a percepção e a prática pública. A noção de ambiência passa então a se relacionar com um espaço com suas características formais, materiais, físicas e plásticas. O que ele [Thibaud, 2002] denomina dimensão sensível do espaço eu denominaria, pela análise de discurso, de dimensão significativa, onde se juntam o físico e o espacial (material) e o humano, o simbólico. Ou seja, é aí que a questão do espaço se articula à do sujeito, em termos de significação (ORLANDI, 2009, p. 17, grifos nossos).

Assim, os breves conceitos de espaço aqui apresentados apontam para o fato de que este não se reduz à dimensão física, “não é dado *a priori*” (Lefebvre, 2008), e tanto é produzido socialmente (SOJA, 1993, SANTOS, 2008, MASSEY, 2008), quanto, no quadro teórico da análise de discurso, é parte das condições de produção dos discursos que circulam nesse espaço (ORLANDI, 2009).

O espaço, pensado como condições de produção, é um processo instável, com tensões e conflitos e funciona articuladamente à ideologia: “Uma certa ‘ambiência’, uma certa situação é constituída por certas condições de produção e como somos sujeitos ideologicamente constituídos, uma situação se carrega de sentidos e nos coloca em uma certa disposição significativa. Isto que eu estou chamando disposição significativa é o efeito ideológico.” (ORLANDI, 2009, p. 18). Não há, pois, como escapar do ideológico, porque o espaço não é pensado como um vácuo; há relações sociais e discursivas em jogo, seja na construção, seja na disputa pela ocupação e controle dos espaços produzidos.

Esta é a visão de espaço que assumimos neste trabalho, pensado em sua dimensão significativa (ORLANDI, 2009), articulado à questão do sujeito, afetado pela ideologia e pelo simbólico. Tal concepção de espaço é fundamental para a nossa discussão sobre o *ciberespaço* e sobre os blogs e blogosfera, que também são espaços produzidos socialmente, são terrenos de disputas ideológicas, espaços de constituição e circulação de discursos.

Para Pêcheux e Fuchs ([1975] 2010), a ideologia funciona, no que tange à reprodução das relações de produção, de forma articulada à interpelação dos indivíduos em sujeitos, “de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar o seu lugar* em uma ou outra das duas classes sociais antagônicas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas) (grifos dos autores) (PECHEUX & FUCHS, 2010, p. 162). Observemos que os

autores destacam o fato de que o indivíduo, interpelado ideologicamente em sujeito, “é conduzido a ocupar o seu lugar”, lugar já determinado pela Formação Discursiva com a qual esse sujeito se identifica, e a partir da qual enuncia seu discurso. É esse *lugar* que interessa à análise de discurso, um lugar constituído pela prática social e pela prática discursiva, já que lugar social e lugar discursivo se constituem mutuamente (GRIGOLETTO, 2005a, 2008), conforme falaremos mais adiante. Entretanto, vejamos como a noção de lugar tem sido pensada historicamente.

Articulada à questão de espaço, a noção de *lugar*, tem sido empregada pelos estudiosos, ora como sinônimos, ora como opostos, embora interligados e interdependentes (FERREIRA, 2000). O conceito de lugar, inicialmente associado à ideia de região, tem sido articulado “às questões relativas a globalização *versus* individualismo, como também às visões de tendência marxista *versus* fenomenológica ou à homogeneização do ambiente *versus* sua capacidade de singularização.” (FERREIRA, 2000, p. 65). No entanto, a noção de lugar tem sido repensada no campo da Geografia, em vista da necessidade de uma melhor compreensão sobre as singularidades dos lugares inseridos no contexto global. Ferreira (2000, p. 72) ressalta que “os lugares devem ser diferenciados não somente por seu ambiente físico, mas também pelas diferentes respostas humanas às oportunidades e limitações apresentadas pelos ambientes”.

Conforme Massey (2008), alguns estudiosos contrapõem espaço e lugar, e paralelamente, também contrapõem global e local, visão refutada pela autora, que acrescenta: “Não se pode postular, seriamente, o espaço como o contrário de lugar como vivido, ou simplesmente equiparar “o cotidiano” com o local”. (MASSEY, 2008, p. 260). Para a autora, o lugar seria uma espécie de delimitação do espaço e “o que dá ao lugar sua especificidade não é algum tipo de história longamente internalizada mas o fato de que ele é construído a partir de uma constelação particular de relações sociais que se encontram e se enlaçam num *locus* particular” (MASSEY, 2000, p. 184). Ela defende também que não há um único sentido para o lugar, já que as pessoas ocupam posições diferenciadas nas relações sociais.

Na perspectiva da AD, podemos acrescentar que os sujeitos assumem lugares e posicionamentos distintos no discurso. Massey (2000) postula o entrelaçamento entre global (espaço) e local (lugar) ou “um sentido global do local e uma consciência global do lugar” (MASSEY, 2000, p. 185). A ideia de *entrelaçamento* e intrincamento parece ser a mais coerente para considerar as questões relativas a espaço e lugar, pois, de fato, não são noções

opostas; mas, ao mesmo tempo, se distinguem em alguns aspectos, ou seja, o espaço sugere um campo mais amplo, geral, enquanto lugar sugere a ideia de um “*locus particular*”, de um tipo de delimitação ou recorte do espaço. Contudo, para a nossa discussão, inserida no campo da AD, o espaço e o lugar são tratados sempre em sua articulação com o sujeito, sendo este afetado pela ideologia e pelo inconsciente, ou seja, o sujeito discursivo.

No campo da AD, a questão do *lugar* foi teorizada por Grigoletto (2005a, 2008), de forma articulada à questão do sujeito e do espaço. A autora articula a noção de *lugar social* ao espaço empírico, como também articula a noção de **lugar discursivo**² ao espaço discursivo e estabelece a distinção entre a noção de posição-sujeito e a noção de *lugar-discursivo*, a partir do conceito de formação social relacionada às diversas formações ideológicas, que se materializam nas relações de poder e afetam as instituições. Grigoletto (2005a) preconiza a noção de lugar discursivo para dar conta da movimentação do sujeito do discurso e suas relações com a forma-sujeito histórica, com os saberes da FD com a qual se identifica e com as diversas posições-sujeito. Nas palavras da autora: “[...] o lugar discursivo situa-se no entremeio do lugar social, da forma e da posição-sujeito” (GRIGOLETTO, 2008, p. 57).

Nessa perspectiva, o lugar/social/empírico – legitimado pela prática discursiva – no qual o sujeito, interpelado ideologicamente já está inscrito, determina a constituição do lugar discursivo, que se constrói na relação do sujeito com a língua e a história. Nessa ótica, conforme a autora, a relação estabelecida entre lugar social e lugar discursivo produz alguns efeitos, de modo que um é constitutivo do outro, portanto, há um duplo efeito de determinação. A noção de lugar discursivo pensada por Grigoletto (2005a, 2008) adquire grande relevância no quadro teórico da AD, em vista de trazer mais clareza no entendimento da constituição do sujeito discursivo, ao acrescentar mais uma categoria de análise.

Atrelada às questões de espaço e de lugar, temos a noção de *território*, que tem se tornado, na atualidade, um tema bastante instigador. A palavra território tem sua origem do latim *territorium*, formado, por sua vez, do vocábulo *terra* acrescido do sufixo *-orio*, que denota o lugar ou residência do agente ou instrumento que faz uso deste lugar; *pertença*. Portanto, desde a sua etimologia, a palavra território já traz a ideia de domínio, jurisdição. Aliás, isto é o que pensa Zambrano (2001) sobre a questão do território. Para o autor, a lógica territorial é um modo de produzir o território e atuar nele, sendo que a pertença do lugar

² No capítulo II desta tese, apresentamos uma discussão mais aprofundada sobre as noções de *lugar social* e *lugar discursivo*, articuladamente à noção de *sujeito* do discurso.

desenvolve formas concretas de domínio e jurisdição sobre aquele determinado espaço. E onde há pertença para alguns, há exclusão para outros. A *pertença*, por sua vez, não se dá de forma ingênua ou aleatória, mas sempre envolve conflitos de interesses, disputas ideológicas, com fins de dominação.

Território se associa, portanto, à questão do poder, da dominação e soberania. Segundo Claval (1999), a concepção de território enquanto soberania emerge no século XVI. O autor assinala que “Para que uma entidade política possa ter a experiência do caráter absoluto do poder, é preciso que ela não tenha concorrente, e que exerça um monopólio total sobre o espaço dado; ela é então soberana. A ideia de território está assim ligada à de controle, e a justifica” (CLAVAL, 1999, p. 8). Foucault (1979) também ratifica a territorialidade como controle. Para o autor, a questão do território “é, antes de tudo, uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por um certo tipo de poder” (FOUCAULT, 1979, p. 89).

Tal controle e domínio sobre os territórios podem manifestar-se de várias maneiras, com formas sutis do poder simbólico (HAEASBAERT, 2004). Há, pois, várias razões de controle social dos territórios que variam conforme a sociedade ou cultura, mas sempre com o fim de “atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos” (SACK, 1986, apud HAEASBAERT, 2004, p. 2). A territorialidade, portanto, implica controle não somente de objetos, mas de sujeitos, como também afirma Orlandi (2010c). A autora assim discorre sobre essa importante temática: “A meu ver a territorialidade pode significar, discursivamente, de acordo com a perspectiva em que leio, a articulação entre o simbólico e o político, ou seja, as relações de sentido e de forças que atravessam a sociedade e a história em um espaço constituído por sujeitos sociais” (ORLANDI, 2010c, p. 6). Como já assinalado aqui, a palavra território, em sua gênese, já traz o sentido de “terra apropriada” e, como também observa Orlandi (2010c), o vocábulo *próprio* já coloca em funcionamento a ideia de sujeitos, que se constituem simultaneamente aos sentidos. É também a partir do sentido de *próprio* que temos o processo de *apropriação*.

Todavia, no que tange ao *espaço virtual*, paradoxalmente, a territorialidade funciona, de forma *extraterritorial*: “Em termos práticos, o poder se tornou verdadeiramente *extraterritorial*, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço” (BAUMAN, 2001, p. 19, grifo do autor). Em vista disso, estejamos atentos para o fato de que os avanços tecnológicos estão sempre a serviço do poder dominante e trabalham incessantemente no intuito de refinar e aprimorar cada vez mais as formas do exercício da

dominação, produzindo um efeito de invisibilidade e de ausência de territorialidade no ciberespaço. Por essa razão, é do ponto de vista da discursividade que temos de considerar e analisar todas estas questões relativas ao espaço, lugar, território e territorialidade. Neste estudo, interessa-nos a territorialidade do espaço virtual, lugar de produção e circulação do discurso de divulgação científica inscrito no *ScienceBlogs Brasil*, e assim passaremos a discorrer sobre o *ciberespaço*, *hipertexto*, *discurso eletrônico* e *blogs*.

1.1.2 Ciberespaço, hipertexto e discurso eletrônico: do poder de liberdade à liberdade do poder

O mundo virtual, que surge com o *ciberespaço*, trouxe um novo paradigma de relações sociais, sobretudo a partir dos recursos tecnológicos da Internet, a rede mundial dos computadores. A cronologia que marca o surgimento da internet, segundo Mounier (2006), tem início em 1960, com a concepção do *time-sharing computing*, que possibilita várias pessoas compartilhar os recursos de um computador. Conforme o autor, em 1965, a primeira rede foi criada a partir da conexão entre dois computadores por meio de uma linha telefônica. Mas foi na década de 70 (1973) que Bob Kahn e Vinton Cerf lançaram as bases para o nascimento da internet atual: a criação de um protocolo de comunicações com base no princípio de uma arquitetura aberta que permitia a comunicação entre várias redes de natureza diversa. Esse protocolo deu origem aos protocolos TCP/IP que permitiram a expansão da rede, em 1983 (MOUNIER, 2006).

Segundo Lévy (1999), o acesso ao computador pessoal teve um grande impacto nesse processo, já que, até a década de 70, a função da informática se voltava apenas para cálculos científicos, para gerar dados estatísticos para o Estado e para as grandes empresas, tais como tarefas pesadas de gerenciamento, folhas de pagamento, etc. Os anos 1980 marcam o início das primeiras multimídias, com os videogames, o CD-ROM e os hipertextos.

Conforme Xavier (2009), até os anos 1980, o uso da rede se restringia apenas a algumas universidades, institutos de pesquisa e laboratórios das forças armadas dos Estados Unidos e de alguns países da Europa. Segundo o autor, no início da década de 1990, o físico britânico Tim Berners-Lee criou o programa *World Wide Web (www)*, para dar conta de um conjunto de informações que pudesse ser visualizado num mesmo ambiente virtual e assim, a partir de 1991, a internet começou a expandir-se e alcançou uma dimensão mundial no início do ano 2000.

A noção de ciberespaço parece ter sido utilizada pela primeira vez por Gibson (2003), o qual traz a seguinte definição para o termo: “é uma representação física e multidimensional do universo abstrato da 'informação'. Um lugar para onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica para trás”. (GIBSON, 2003, p.5-6). Na esteira desse pensamento, Levy (1999) declara que o computador, cujas funções pulverizadas se infiltram nos elementos do tecno-cosmos, não é mais o centro e sim um nó da rede universal. É como se fosse um único computador funcionando nessa rede. Nas palavras do autor: “É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si” (LEVY, 1999, p. 44).

Para Levy (1999), a virtualidade tem por fundamento técnico a digitalização. Cabe, aqui, algumas considerações sobre a noção de virtual e virtualização. Segundo Levy (1996), a palavra virtual deriva do latim *virtualis*, do radical *virtus*, que significa potência, força. Assim, de acordo com a filosofia escolástica, o virtual é o que existe potencialmente, mas não em ato. Na visão filosófica, o virtual tende a atualizar-se, logo, virtual e real não se opõem, pois virtualidade e atualidade existem de maneiras distintas. Dessa forma,

Contrariamente ao possível, estático e já construído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer e que chama um processo de realização: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores. O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore. (LEVY, 1996, p. 15).

O autor afirma também que o virtual é uma maneira de ser, enquanto a virtualização é como uma dinâmica, como o movimento inverso da atualização (LEVY, 1996). E, assim, a virtualização que faz emergir o ciberespaço é também real. Na visão filosófica e corrente, o real e o virtual não podem existir ao mesmo tempo, todavia, o virtual existe, mesmo sem estar presente: “Repetindo, ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real. Uma palavra existe de fato. O virtual existe sem estar presente. [...] O virtual é uma fonte indefinida de atualizações”(LEVY, 1999, p. 48). Segundo Levy (1999), o ciberespaço e a cibercultura encontram-se intrinsecamente ligadas ao virtual.

Como já sinalizado, para Levy (1999) o *hipertexto* tornou viável a virtualização do texto, já que a *World Wide Web* “junta, em um único e imenso hipertexto ou hiperdocumento

(compreendendo imagens e sons), todos os documentos e hipertextos que a alimentam” (LEVY, 1999, p. 27).

O vocábulo *hipertexto* foi criado por Theodore Nelson, o qual, segundo Xavier (2009), atribui uma dupla definição ao termo, sendo tanto “um conceito unificado de ideias e de dados interconectados de modo que podem ser editados no computador”, como também “Uma instância com a qual se pode (re) ligar ideias e dados (NELSON, 1993, apud XAVIER, 2009). O hipertexto, graças à tecnologia da informática, constitui-se como um sistema de escrita/leitura não linear. A não linearidade é, de fato, uma das grandes características do hipertexto, todavia, como lembra Levy (1996) a estrutura hipertextual não surge com o hipertexto digital, pois já era usada em livros, a exemplo da enciclopédia clássica, que traz ferramentas de orientação ao leitor, como os dicionários, quadro de sinais, sumários e remissões ao final dos artigos. Contudo, o hipertexto digital “permite associar na mesma mídia e mixar finamente os sons, as imagens animadas e os textos.[...] O hipertexto digital seria portanto definido como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e ‘intuitiva” (LEVY, 1996, p. 44).

O hipertexto, como também as demais tecnologias digitais, viabiliza a infraestrutura do ciberespaço (LEVY, 1999). O funcionamento estruturado em *links* é outro traço característico do hipertexto que, segundo Levy (1999), é reconfigurável e fluido, pode ser explorado em tempo real, sendo o funcionamento dos links como os nós da rede, pontos que traçam um caminho de leitura para o navegador. Porém, como já assinalado, outras modalidades de hipertextos também operam com links, por isso, para alguns estudiosos, a exemplo de Snyder (*apud* Xavier, 2009), o hipertexto não é somente aquele que funciona *on-line*, mas também abrange outros textos multimídia do mundo eletrônico, tais como cd-roms, pendrivers ou o hipertexto *off-line*. Assim, Xavier (2009) faz distinção entre o texto eletrônico e hipertexto online. Nas palavras do autor:

Nem todo texto eletrônico é um hipertexto, mas todo hipertexto precisa ser eletronicamente produzido. [...] Ainda que apresente virtualidade, isto é, seja escrito em tela intangível, tenha flexibilidade de edição, seja incrementado por imagens estáticas e por todas as opções de recursos gráficos disponíveis em um programa de processamento de texto, o texto eletrônico não pode ser equiparado conceitualmente como hipertexto; faltarão àquele qualidades outras só perceptíveis neste, tais como: imagens animadas, sonoridades, ubiquidade, conectividade ilimitada com a miríade de outros hipertextos online (XAVIER, 2009, p. 110-111).

A partir de tais considerações, é possível compreender que a noção de hipertexto segundo este autor, aplica-se somente àquele que funciona de modo *online*:

Considero que essa nova tecnologia enunciativo-intelectual – *hipertexto* – possibilita a organização das informações em uma base de dados a partir da qual se pode efetuar uma abordagem não necessariamente linear. Isto porque a constituição reticulada em nós interligados na superfície do hipertexto permite uma leitura não sequencial das unidades de informação contidas em cada um dos nós que o formam. [...] Não ignoro essa perspectiva semântica geral que a palavra hipertexto ou hipertextualidade pode evocar. Porém, *quero focar atenção na conceituação do termo no âmbito da internet*, mídia conectora de informações formatadas nos mais diferentes modos enunciativos que saem e chegam aos inúmeros terminais de computador espalhados pelo mundo. (XAVIER, 2009, p. 111; 113, grifo nosso).

De fato, o hipertexto online é muito mais amplo e complexo que os outros, que também podem constituir-se de virtualidade e materialidade eletrônica. Esta também é a concepção de hipertexto que assumimos nesta pesquisa, o hipertexto online³.

O hipertexto é também considerado por alguns estudiosos como um suporte digital. Levy (1996), ao discorrer sobre a virtualização do texto e da leitura, preconiza o hipertexto como “o suporte digital que permite novos tipos de leituras (e de escritas) coletivas. Um *continuum* variado se estende assim entre a leitura individual de um texto e a navegação em vastas redes digitais no interior das quais um grande número de pessoas anota, aumenta, conecta os textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais.” (LEVY, 1996, p. 43). Logicamente, tais características, como as que permitem interconexões quase ilimitadas, se aplicam somente ao hipertexto online.

Nesse processo, a noção do *suporte* nos leva novamente a refletir sobre as noções de *lugar, território e territorialidade*, articuladas ao mundo online. Em nosso entender, não há uma ausência de suporte, pois o hipertexto é o suporte do virtual, do digital e do mundo online, mas é um suporte que se faz no processo, ao mesmo tempo em que nunca está pronto e pode, a qualquer momento, ser transformado, transmutado e até desaparecer repentinamente.

Desse modo, no mundo hipertextual da grande rede, não há suportes fixos, daí temos o fenômeno da “desterritorialização” do virtual, sendo este definido como: “toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em *diferentes momentos e locais* determinados, *sem* contudo estar ela mesma *presa a um lugar ou tempo* em

³ Em decorrência dessa posição teórica, sempre que fizermos alusão ao hipertexto nesta tese, estaremos fazendo menção ao hipertexto online.

particular”. (LEVY, 1999, p. 47, grifos meus). O virtual referido por Levy (1999) é certamente o virtual online, que não se prende a um lugar específico ou ao tempo, mas é cambiante.

O próprio internauta também é, de certa forma, desterritorializado, pois embora não saia fisicamente de seu lugar, pode realizar muitas “viagens”, já que o virtual possibilita uma espécie de onipresença que, ao mesmo tempo, deixa o nosso corpo para trás no dizer de Gibson (2003). Todavia, essa desterritorialização não diz respeito ao corpo físico, como também pontua Wertheim “Quando me movimento de site em site da Web, meu ‘movimento’ não pode ser descrito por quaisquer equações dinâmicas. A arena em que me encontro on-line não pode ser quantificada por nenhuma métrica física.” (WERTHEIM, 2001, p. 167). Assim, a relação *espaço/tempo* adquire uma nova dimensão no ciberespaço, uma dimensão de plasticidade, de dinamismo, de movimento.

É um suporte virtual, mas o virtual é também real (LEVY, 1999). Portanto, pensar as noções de território e territorializações no virtual implica considerar distintas dimensões que constituem esse espaço. O virtual é, por um lado, uma “entidade desterritorializada”, já que não se prende ao espaço/tempo, um universo “aberto”, como afirma Levy: “Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele um vetor de um *universo aberto*.” (LEVY, 1999, p. 49-50, grifos meus). Mas, por outro lado, o virtual e o hipertexto online se constituem também em um espaço/lugar de novas territorializações, uma arena de conflitos de interesses, que também prende e exerce controle, é aberto, mas também pode ser fechado.

Em outras palavras, por ser desterritorializado no espaço/tempo, o virtual também produz um efeito de desterritorialidade – política e ideológica, mas, como todo espaço e lugar, é regulado pelas forças do poder dominante. Sendo assim, na perspectiva da AD, a concepção do virtual vai além de seus aspectos tecnológicos, pois sua constituição também envolve o espaço físico e o discursivo, sendo este pensado articuladamente à história, afetado pela exterioridade. Para Grigoletto (2011), o espaço virtual – representado pela internet – se constitui no entremeio dos espaços empírico e discursivo, dos quais carrega marcas ou traços. Para a autora, a internet, que possibilitou a emergência do espaço virtual “emerge no seio de uma determinada formação social, historicamente situada, produzindo efeitos imediatos não só nas práticas discursivas, mas também nas práticas sociais” (GRIGOLETTO, 2011, p. 51).

Logo, pensar a constituição do ciberespaço e da internet discursivamente requer também uma reflexão sobre os efeitos ideológicos aí produzidos. Nessa reflexão, deve-se, necessariamente, considerar que a internet surge em condições sociais determinadas historicamente e afetadas pela ideologia.

Ademais, devemos lembrar, como nos alerta Soja (2000, p. 463), que o prefixo *ciber-*, que forma a palavra ciberespaço, deriva do verbo grego que significa **dirigir** e, de forma mais exata, **governar**. Primeiramente, tal prefixo foi utilizado para formar a palavra cibernética, ciência que estuda o controle das comunicações, tanto de organismos vivos, quanto das máquinas (SOJA, 2000). Assim, não podemos perder de vista que o ciberespaço pode também exercer controle, dominação, e pode funcionar como uma “colonização eletrônica”, como assinala Mounier (2006):

O ciberespaço é, até então, um universo em construção, movediço, onde as linhas de força ainda não estão fixadas. A sua relativa juventude faz do ciberespaço uma “fronteira”, um lugar aberto onde os mais diversos atores se atropelam e se digladiam, às vezes sem que ninguém tenha ainda conseguido aplicar a sua própria regra do jogo. Em muitos aspectos, a Internet parece-se com os espaços de colonização que eram disputados pelos países europeus há mais de três séculos: nesses espaços, soldados, negociantes e missionários se atropelavam mutuamente, pois cada um deles era portador de uma visão própria sobre o futuro do novo continente. Novo Eldorado para uns, terra de liberdade para outros, região selvagem a ser colonizada para outros mais, a Internet não se ressentia de uma falta de poder e de direito, mas sim de um excesso, de uma superabundância de pequenos senhores ávidos por se estenderem além de seus domínios respectivos para dominar, cada um na sua parte, as imensidões do Novo Mundo (MOUNIER, 2006, p. 13).

O ciberespaço é, portanto, esse campo “movediço” no qual se dá uma nova forma de colonização, agora no formato eletrônico, mas a dominação é uma velha prática que retorna de “cara” nova. Por isso mesmo, o ciberespaço não pode ser considerado “desterritorializante” em todas as suas dimensões. Há uma ambiguidade funcionando aí. Território e territorialidade são noções escorregadias, já trazem uma memória de poder, controle, apropriação, dominação, a partir de sua etimologia, e é desse modo que o ciberespaço deve também ser pensado, na perspectiva de exploração territorial.

Concordamos com Haesbaert (2004) que preconiza o ciberespaço como um processo de *reterritorialização* ou ainda como uma *des-re-territorialização*, conforme defende Lemos (2006). Acreditamos que a noção proposta por Lemos (2006) é bastante coerente por

contemplar esse caráter de ambiguidade do ciberespaço, que tanto é uma entidade desterritorializada como também é um espaço “aberto” a manifestações diferenciadas de apropriação e de dominação, um lugar onde se (re)produzem novas territorializações, como mostra o autor:

O ciberespaço cria linhas de fuga e desterritorializações, mas também reterritorializações. Os meus blog, site, chats, podcast, rede P2P, são reterritorializações, formas de controle do fluxo de informações em meio ao espaço estriado que constitui o ciberespaço planetário.[...] O ciberespaço pode ser pensado sobre esse aspecto, como espaço estriado, controlado e vigiado. Ele é controlado por mecanismos técnicos, é gerenciado por instituições governamentais e privadas. No entanto, a dinâmica social não para de mostrar linhas de fuga e possibilidades de des-re-territorializações. (LEMOS, 2006, p. 6).

Observemos que a mesma técnica que faz do ciberespaço um espaço “aberto” é também utilizada para controlar e gerenciar esse espaço. Há uma memória em funcionamento que mostra a técnica sempre como uma *benfeitora* da humanidade, como o instrumento que viabiliza o progresso, que tira a sociedade do atraso e que promove a melhoria de vida. Mas este é apenas um efeito de sentido, pois a técnica, aliada à ciência, também pode promover a dominação. Historicamente, a técnica e a ciência têm funcionado como legitimadoras do sistema político e econômico vigentes. Segundo Habermas, “o incremento incessante das forças produtivas se tornou dependente de um progresso técnico-científico, o qual assume também funções *legitimadoras da dominação*” (HABERMAS, 1968, p. 83, grifos do autor). Desse modo, o progresso técnico-científico que viabilizou a emergência do ciberespaço e da internet, também opera em favor da dominação.

Retornando às colocações de Lemos (2006), podemos pensar no ciberespaço como o espaço genérico no campo do virtual, e o hipertexto como um lugar que “habita” o ciberespaço, sendo este (re)territorializado e (re)territorializante na/pela linguagem. Para o autor, o homem luta para criar um território e, para tanto, faz uso da *teckné* para (re) territorializar-se. A técnica é considerada por ele como uma ferramenta de reterritorialização:

A ferramenta feita de uma pedra é a pedra reterritorializada pela mão. [...] Definimos território através da ideia de controle sobre fronteiras, podendo essas serem físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas. Criar um território é controlar processos que se dão no interior dessas fronteiras. Desterritorializar é, por sua vez, movimentar nessas fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído” (LEMOS, 2006, p. 4).

É um suporte-processo que tanto permite desterritorializações, como se constitui em um novo território a ser explorado, em rotas não-lineares, mas sempre reguladas.

A escrita e a leitura também sofrem deslocamentos no hipertexto, um território explorado tanto pelo sujeito-autor quanto pelo sujeito-leitor, portanto, um novo espaço de escrita que, embora virtual, é tão real quanto o livro, que também é produto da técnica. Com o hipertexto, institui-se, como aponta Grigoletto (2009), um processo de (re)invenção da escrita, um processo de ruptura, a qual “implica novas formas de leitura, bem como novas formas dos sujeitos se relacionarem com a escrita e, conseqüentemente, com a história” (GRIGOLETTO, 2009, p. 2).

Chartier (2007a) discorre sobre três rupturas históricas ocorridas no mundo da cultura escrita, sendo a primeira, o surgimento do *codex*, no início da era cristã, a criação do *libro unitario*⁴ nos séculos XIV e XV, além da invenção da imprensa por Gutemberg, em meados do século XV. Para o autor, todos esses acontecimentos foram marcantes na história da escrita, mas a ruptura estabelecida pelo advento do hipertexto é a mais importante e fundamental, já que se institui – não apenas uma, mas uma *tripla ruptura* – na medida em que traz uma nova proposta para a inscrição e para a divulgação da escrita, além de estabelecer uma nova relação com os textos, já que afeta sua organização, instituindo uma nova textualidade. Nas palavras do autor:

Essa nova forma de textualidade não utiliza mais a imprensa (pelo menos no seu sentido tipográfico); ela ignora *libro unitário* e é estranha à materialidade do *codex*. É, portanto, uma revolução que, pela primeira vez na história, associa, ao mesmo tempo, uma revolução da modalidade técnica da reprodução dos textos (com a invenção da imprensa), uma revolução do suporte do escrito (como a revolução do *codex*) e uma revolução do uso e percepção dos discursos (como as diferentes revoluções de leitura) (CHARTIER, 2007a, p. 205).

Tais rupturas instauradas pela escrita eletrônica vão também provocar, segundo o autor, a *desordem do leitor* contemporâneo, que também passa a intervir no próprio texto. O hipertexto *online* é não somente outra modalidade da tecnologia da escrita, mas também estabelece uma nova modalidade de leitura e afeta a própria relação autor/leitor. Se a escrita e leitura hipertextuais já nos permitem vislumbrar esse processo de rupturas da cultura escrita, o

⁴ O *libro unitário*, segundo o autor, possibilitou a reunião das diversas obras de um mesmo autor em uma única encadernação.

Blog, como veremos mais adiante, é um típico exemplo da *revolução da textualidade* mencionada por Chartier (2007a).

Nesse bojo de rupturas provocadas pelo hipertexto, institui-se uma nova ordem discursiva, que é a ordem do *discurso eletrônico*, um discurso específico da era virtual, sendo o hipertexto parte da matéria significante de sua constituição. A noção de *discurso eletrônico* foi utilizada inicialmente por Orlandi (2010b) para pensar sobre o discurso da automatização e para nomear a reflexão sobre o virtual pela ótica da não transparência da linguagem, ou seja, para pensar o virtual no âmbito teórico da AD. Conforme a autora, os modos diferenciados de significar produzem novos efeitos, posto que “a natureza do significante intervém na produção do objeto e este objeto, por sua vez, constitui o modo de significação deste gesto simbólico. [...] a textualidade, sua forma material, sua relação com a memória e com as condições de produção diferem quando difere sua materialidade significante” (ORLANDI, 2010b, p.11). Logo, parafraseando a autora, pode-se afirmar que a natureza digital, virtual e hipermidiática das materialidades do hipertexto intervêm em seu modo de produzir sentidos ao se estabelecer relações com a exterioridade, com as condições de produção, com a memória.

Desse modo, o discurso eletrônico é constituído de significantes também da ordem da materialidade eletrônica, caracterizada pela multimodalidade de linguagens bastante acentuada, em que convergem o visual, o sonoro, o videográfico, a rede de links, além de tantas outras características já assinaladas. Trata-se, conforme XAVIER (2009), de uma nova forma de enunciar ou de *enunciação digital*, embora se constitua a partir dos modos de enunciação já convencionais: o verbal, o visual e o sonoro. A enunciação digital, embora tenha surgido a partir de práticas enunciativas já instituídas, institui o *novo*, na medida em que viabiliza recursos disponíveis apenas no hipertexto online, a exemplo de “imagens animadas, sonoridade, ubiquidade, conectividade ilimitada com a miríade de outros hipertextos on-line” (XAVIER, 2009, p. 111). Todo esse conjunto de novidades certamente intervém no processo da interpretação. Como afirma Chartier (2007a), a novidade provoca uma desordem. Em se tratando das novidades introduzidas pelo mundo eletrônico, instaura-se uma “desordem” nas relações do homem com a escrita/leitura, provocando uma instabilidade que é, ao mesmo tempo, constitutiva dessa ordem discursiva.

Entretanto, convém ressaltar que a novidade não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta (FOUCAULT, [1970]2012a), o que nos remete também ao

postulado de Pêcheux sobre o pré-construído e o interdiscurso. Não podemos cair nas armadilhas das *novidades*, pois são as práticas já instituídas historicamente que as determinam. Assim, as novidades das quais se constituem o discurso eletrônico, assim como essa nova ordem discursiva não surgem do nada, mas nascem de um processo articulado a uma conjuntura sócio-histórica, como decorrência das transformações das relações do homem com a linguagem (ORLANDI, 2001a), sendo tais relações marcadas por contradições e conflitos ideológicos. Vale dizer que tais novidades constitutivas do discurso eletrônico trazem a inscrição da memória de outros discursos, de outros dizeres e saberes, do já-dito.

Dessa maneira, o discurso eletrônico se inscreve no hipertexto e este, por sua vez é constitutivo do discurso eletrônico. O hipertexto deve ser pensado, na perspectiva teórica que assumimos, a partir de seu funcionamento discursivo, articuladamente às condições de produção que ultrapassam o processo linguístico e pragmático da textualização e convocam a exterioridade, mobilizam os sujeitos históricos, inscritos em um contexto também histórico, conforme esclarece Indursky (2010a, p. 69): “as condições de produção de um texto relacionam este texto a sujeitos históricos, que se identificam com uma formação discursiva, e estão inscritos em lugares sociais, construídos ideologicamente. Vale dizer: as condições de produção são de natureza sócio-históricas.”

Assim, para uma análise discursiva do hipertexto, devem-se considerar as condições sócio-históricas do surgimento da internet, inserida na formação social capitalista, na qual estão intrincadas as formações ideológicas e discursivas. Levar em conta esses determinantes sócio-históricos, conforme Indursky (2009, 2010a), significa ultrapassar as fronteiras da dimensão empírica – como também a dimensão virtual do objeto – e dos sujeitos em direção à dimensão discursiva. Todavia, isto não significa compartimentar dimensão empírica, virtual e discursiva, pois essas funcionam de forma intrincada de modo que uma sofre efeitos da outra.

Para aprofundar a nossa compreensão sobre esse processo, é oportuno trazer para esta discussão, as reflexões de Indursky sobre o *texto* (2009, 2010a), que elucidam os deslocamentos teóricos do conceito de *textualidade* ao ser pensado no campo da AD. Para a autora, falar de texto em AD implica considerar a sua exterioridade, o que significa não atentar para o sujeito produtor do texto enquanto sujeito empírico, mas considerá-lo como um sujeito fragmentado, constituído ideologicamente que “precisa imergir no interdiscurso para poder dizer, pois aí reside o repetível, a memória discursiva que lhe permite dizer” (INDURSKY, 2010, p. 69). Nesta ótica, segundo Indursky (2010a), o texto é concebido como

um espaço discursivo heterogêneo, cujo início e fechamento são apenas da ordem do simbólico, já que estabelece relações com o exterior, com a memória discursiva e se constitui por meio de recortes do interdiscurso, por isso, é um efeito-texto, cujo sujeito-autor sofre a dupla ilusão de fechamento e de completude.

A autora preconiza o texto como uma materialidade de dupla face: uma dimensão empírica dotada de uma superfície linguística e uma segunda dimensão, que é a discursiva, sendo esta aberta à exterioridade, afetada por suas condições de produção, cujos sentidos são indeterminados. Nesta visão, “são as condições de produção que tornam possível a passagem da superfície linguística do texto à sua face discursiva. E, se é possível, afirmar que o texto é aberto à exterioridade, é porque ele estabelece um conjunto bastante diversificado de relações – **contextuais, textuais, intertextuais e interdiscursivas** – que o remetem à exterioridade e à memória discursiva” (INDURSKY, 2009, p. 118, grifos da autora). Logo, assim como o texto, a construção discursiva do hipertexto também deve ser pensada a partir das relações estabelecidas com a exterioridade e com a memória. O hipertexto não está desvinculado do social, nem do discursivo, mas, como afirma Grigoletto (2011), o discursivo se imbrica no virtual, um produz efeito no outro. Assim, o que é novo na construção do hipertexto é a matéria significativa constituída pela escrita eletrônica, pela convergência das multimídias e demais características já elencadas aqui.

O hipertexto é também constituído de recortes da memória⁵, é tecido de forma não-linear, uma construção feita de muitas camadas, por isso pode ser considerado como um grande *palimpsesto eletrônico*. Para melhor entendermos esse funcionamento, vejamos o que Ferreira (1996) nos diz sobre significados do verbete *palimpsesto*:

Palimpsesto [do gr. palímpsestos, 'raspado novamente', pelo lat. palimpsestu.]. S.m. 1. Antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes, mediante raspagem do texto anterior. 2. Manuscrito sob cujo texto se descobre (em alguns casos a olho desarmado, mas na maioria das vezes recorrendo a técnicas especiais, a princípio por processo químico, que arruinava o material, e depois por meio da fotografia, com o emprego de raios infravermelhos, raios ultravioletas ou luz fluorescente) a escrita ou escritas anteriores.

⁵ Discorreremos sobre a questão da *Memória discursiva* no Capítulo II desta Tese.

A história mostra que a evidência produzia um efeito de unidade para o palimpsesto, mas, na verdade, ele se constituía de camadas de textos anteriores, já ditos, já escritos, uma memória que era raspada, arranhada, apagada, mas, ao mesmo tempo, estava ali funcionando, pois a lisura da superfície era apenas um efeito. Dessa maneira, o termo *palimpsesto* pode aqui ser deslocado para pensarmos sobre o hipertexto, que, embora também seja constituído de várias camadas, produz um efeito de *unidade* imaginária, instituído pela ilusão da transparência da linguagem.

Chartier (2007b) também discorre sobre o *librillo de memória*⁶ que consistia em um “livreto em formato de bolso cujas folhas são revestidas com uma cobertura que permite escrever com um estilete – o qual é preso na capa do livro – reutilizar as mesmas páginas depois de tê-las apagado” (CHARTIER, 2007b, p. 71). De forma análoga, o hipertexto é um suporte móvel, eletrônico, tecido por materialidades digitais, que permite um constante movimento de gestos de *inscrever e apagar*, um lugar tecido de/pela memória, levando em conta que “a linguagem é o tecido da memória” (COURTINE, 2006, p.9). Um **palimpsesto eletrônico**, não somente pela natureza do funcionamento das materialidades digitais que se movimentam e se revezam pelos gestos dos *clicks*, *postagens* e *deletagens*, mas, sobretudo, por ser este um espaço *significativo* (ORLANDI, 2009) que se articula aos sujeitos para produzir sentidos. Um *corpo interdiscursivo de traços* (PÊCHEUX (2010b, 2011a). um lugar de conflitos, afetado pela ideologia, constituído pela opacidade, sob o efeito de transparência, pela ilusão do dizer.

O palimpsesto também significa “raspado novamente”, ou seja, diz respeito aos constantes movimentos do sujeito discursivo que se constitui nas raspagens e (re)inscrições dos efeitos de sentidos produzidos no discurso, sendo este sujeito afetado pela memória discursiva, a qual também se constitui pelo esquecimento. Como sinaliza ARROJO (1992):

Metaforicamente, [...] o “palimpsesto” passa a ser o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução do “mesmo “texto”. Assim, o texto não pode ser um conjunto de significados estáveis e imóveis, para sempre “depositados”. O que temos, o que é possível ter, são suas muitas leituras, suas muitas interpretações - seus muitos “palimpsestos (ARROJO, 1992, p. 23-24).

⁶ A referência ao *librillo de memória* encontra-se na obra Dom Quixote, de Cervantes (CHARTIER, 2007).

Assim, o palimpsesto virtual do ScienceBlogs Brasil, assim como o arquivo, não é um conjunto de sentidos estáticos e imóveis, mas é constituído pela movência, pela dispersão, pela descontinuidade de sentidos. E a função do leitor na sua relação com o texto, com o hipertexto é raspar os efeitos de sentidos do já dito e sedimentados para inscrever outras leituras, outros sentidos, outras interpretações. Graças aos equívocos da língua, o hipertexto é também um lugar de ressignificação, de (re)inscrição de arquivos. Recorremos a Pêcheux ([1982]2010d, p. 51) para conceituar o *arquivo* como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, logo, um campo de discursividades que se embatem no confronto de saberes e dizeres de distintas formações discursivas. Um arquivo digital que funciona na movência da rede, mas que também se funda no já dito e trabalha para fixar e estabilizar sentidos.

Logo, o hipertexto é um *objeto discursivo*, que emerge a partir do histórico, do já dito. É exatamente esse pensamento que encontramos na teoria discursiva de Pêcheux, sobre o texto: “O texto é, em um sentido, a reescrita de todos os textos precedentes; ele traz marcas de retornos reflexivos, de remanejamentos e de retificações, de atualizações ou de apreensões, os estigmas da inquietação” (MALDIDIER, 2003, p. 38). Do mesmo modo, o hipertexto também é constituído da dispersão virtual de textos, de links, de efeitos de sentidos.

O hipertexto que nos interessa nesta tese é o espaço onde funcionam os blogs nos quais se inscreve o discurso de divulgação científica, especificamente, o *ScienceBlogs Brasil*. Por essa razão, discorreremos a seguir, sobre a história e constituição do blog e da blogosfera, com enfoque no funcionamento dos processos discursivos aí instaurados.

1.1.3 A Blogosfera e os blogs: de diários digitais a objetos discursivos

A partir do que precede, faremos algumas considerações sobre o blog e a blogosfera, partindo do histórico de sua origem e evolução. Discorreremos também sobre alguns aspectos mais específicos da escrita e (hiper)textualização do discurso que caracteriza os blogs, que estamos aqui denominando como discurso de *blogagem*.

Embora seja necessário abordar os aspectos tecnológicos, pensamos o blog discursivamente, como um espaço político, simbólico, como objeto não transparente, mas constituído de opacidade e incompletude. Ao falarmos aqui de incompletude, não nos

referimos à nova forma de escrita hipertextual, mas à incompletude dos sentidos, que sempre podem ser outros, como diz Pêcheux ([1975]2009).

Os *blogs*, denominados, inicialmente, de *diários virtuais*, surgem, de acordo com Miller (2009), nos anos 1990, momento cultural cuja tendência foi o enfraquecimento da fronteira entre o público e o privado. Segundo a autora, o termo *weblog* parece ter sido empregado pela primeira vez pelo escritor J. Barger, em 1997. Inicialmente, o blog popularizou-se rapidamente no formato de diário pessoal, onde eram publicados relatos e experiências da vida pessoal do autor (AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2009). Não obstante a surpreendente aceitação e o uso extenso dos blogs, o seu crescimento não foi simples e linear: “os *blogs* começaram a mudar e se adaptar, a se *especializar*, por assim dizer. Logo depois que todo mundo pensou que sabia que um *blog* era um diário *online*, começamos a ouvir falar de *j(ornalismo)-blogs*, *blogs* esportivos, *foto-blogs*, *blogs* educativos, entre outros.” (MILLER, 2009, p. 93, grifos da autora). Ao discorrer sobre os blogs, Miller (2009) pontua as seguintes características comuns ao fenômeno: estrutura cronológica inversa, geralmente marcada; atualização frequente; combinação de links e comentários, além de outros. Notamos, pelas colocações acima, que o blog foi se transmutando de um diário online intimista, embora paradoxalmente público, para uma espécie de *diário* coletivo, do qual emergem vozes e discursos.

Do ponto de vista tecnológico, a criação do blog associa-se à emergência da Web 2.0 – termo cunhado por O’Reilly (2005) para denominar uma nova plataforma da internet, que, segundo ele, não apresenta uma fronteira definida e sim um núcleo gravitacional. Nas palavras do autor: “Pode-se visualizar a Web 2.0 como um conjunto de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites que demonstram alguns ou todos esses princípios e que estão a distâncias variadas do centro”.⁷ Assim, a Web 2.0 diz respeito à segunda geração de serviços online, cujo diferencial consiste em potencializar a publicação, compartilhamento e organização de informações, além de alargar as possibilidades de interação entre os participantes da comunicação online (PRIMO, 2007).

Na primeira geração da Web, segundo Primo (2007), os sites funcionavam de forma isolada, todavia a Web 2.0 facultou uma nova estrutura de funcionalidade e de conteúdos, que permitiu a participação do público internauta em forma de publicação de comentários: “blogs

⁷ Tradução livre do original: “Like many important concepts, Web 2.0 doesn't have a hard boundary, but rather, a gravitational core. You can [visualize Web 2.0](#) as a set of principles and practices that tie together a veritable solar system of sites that demonstrate some or all of those principles, at a varying distance from that core.”

com comentários e sistemas de assinaturas em vez de *home-pages* estáticas e atomizadas; em vez de álbuns virtuais, prefere-se o Flickr⁸, onde os internautas além de publicar suas imagens e organizá-las através de associações livres, podem buscar fotos em todo o sistema; como alternativas de diretórios, enciclopédias online e jornais online”. (PRIMO, 2007, p. 2). A Web 2.0 também permitiu outras formas de organizar e realizar trocas de informações, como por exemplo, o processo de *tagging*⁹ e a permuta de links entre os blogueiros. A troca de links entre si, também diz respeito a um acordo realizado entre os blogueiros, visando otimizar a posição de seus respectivos blogs na lista dos sites de mecanismos de buscas (PRIMO, 2007). A lista de links que remetem a outros blogs é denominada *blogrolls*, é organizada pelo próprio autor do blog e funciona como sugestão de leitura para os visitantes do site – incluindo não somente links para outros blogs, mas também para outros sites de interesse do blogueiro.

Miller (2009) mostra que o blog, desde a sua criação, apresenta três fases, a saber: a primeira (anterior a 1999), era motivada por participantes mais familiarizadas com a Web – em geral técnicos que compartilhavam informações entre si. Esses primeiros blogueiros deveriam ser habilitados para realizar a codificação de seus próprios sites em HTML e compartilhavam links e informações técnicas, já que os sites de busca ainda não eram tão eficientes como na atualidade. A partir de 1999, surgiram os primeiros sites que hospedavam blogs, denominados *blogosfera*¹⁰, que ofereciam ferramentas de fácil editoração para a criação de blogs e, assim, não requeriam a codificação. Nessa segunda fase, surgem os blogueiros mais jovens e mais leigos na técnica e os blogs passaram a dar uma ênfase maior aos comentários pessoais e a autoexposição, em vez de links.

A partir de 2002, com o advento das redes de relacionamento, aliado a um grande desenvolvimento tecnológico, os blogs entraram em sua terceira fase com um enorme crescimento de popularidade. Uma das características dessa terceira fase do blog, segundo Miller (2009), foi o conteúdo gerado pelo usuário, uma tendência da internet. Os blogs ganharam também uma grande visibilidade na política e nas instituições públicas e privadas e, desse modo, podem funcionar “tanto como diários como palanques” (JENSEN, 2003, *apud* MILLER, 2009).

⁸ Site da Web - caracterizado como uma rede social – que permite o armazenamento e partilha de fotografias. <http://www.flickr.com/>

⁹ O processo de *tagging* possibilita ao internauta a inclusão de novas palavras associadas a um certo conteúdo, em um link criado especificamente para esse fim.

¹⁰ A *blogosfera* é um termo usado para designar um site que hospeda e comporta blogs de áreas de interesse comum.

Além de diários e “palanques”, atualmente os blogs – em quase sua totalidade, funcionam também como espaços para anúncios publicitários. Conforme Aquino (2009), o Google possui um sistema denominado *AdSense* que permite a agregação de anúncios nos blogs e gera retorno financeiro ao autor do blog, proporcionalmente ao número de vezes que os leitores clicarem nos anúncios. Há, portanto, interesses comerciais associados ao crescimento explosivo dos blogs, o que aponta para o processo de (re)territorialização política, econômica, ideológica, como veremos no momento de análise do nosso *corpus*.

Graças à tecnologia da Web 2.0, temos ainda o funcionamento de um sistema de microrredes de blogueiros, que permitem a postagem coletiva sobre um mesmo assunto, também conhecido como “blogagem coletiva” e está associado ao fenômeno conhecido como “poder de longa cauda”¹¹. Uma das razões para a expansão das microrredes foi o desenvolvimento da tecnologia denominada *permalinks*, ferramenta que permite a recuperação das informações em um blog, por meio de um link colocado ao final de cada post com o endereço do post específico. Funciona como uma espécie de referência “viva”, já que o link indicado não apenas remete à fonte do que está sendo comentado ou com o qual se relaciona, mas possibilita a linkagem daquele post ou site, conforme a escolha do internauta. Para O’Reilly, o *permalink* revolucionou o funcionamento dos blogs, visto que favoreceu a discussão coletiva: “Pela primeira vez, tornou-se relativamente fácil apontar e discutir especificamente um post em algum site pessoal. Iniciavam-se discussões. O chat emergia. E como resultado, amizades formaram-se ou se estreitaram. O *permalink* foi a primeira – e mais bem sucedida – tentativa de se construir pontes entre blogs.”¹² (O’REILLY, 2005, online).

No Brasil, os blogs surgem por volta do ano 2000, embora tenham começado apenas como um *hobby*. Como vimos, a expansão e o grande sucesso dos blogs advêm dessa possibilidade de comunicação entre os internautas, blogueiros, leitores e participantes em geral. Todavia, a expressão “comunicação mediada por computador” é bastante reducionista, a nosso ver, pois, como afirma Orlandi (2001a, p. 21), ao falar sobre a questão da interatividade na mídia, “não somos animais em interação - [...] somos sujeitos vivendo espaços histórico-sociais”. Não se trata, portanto, de uma simples interação, mas de uma

¹¹ A longa cauda (do inglês *the long tail*) é resultado de um estudo desenvolvido por Chris Anderson, nos EUA, que analisa as alterações no comportamento dos consumidores e do mercado a partir da Internet.

¹² Tradução livre: “*For the first time it became relatively easy to gesture directly at a highly specific post on someone else's site and talk about it. Discussion emerged. Chat emerged. And - as a result - friendships emerged or became more entrenched. The permalink was the first - and most successful - attempt to build bridges between weblogs.*”

interlocução discursiva¹³ (GRIGOLETTO, 2011, INDURSKY,1992). Esta consideração faz bastante diferença quando se trabalha na perspectiva da Análise do Discurso (AD), que não está preocupada meramente com o sujeito empírico, mas se volta para o sujeito do discurso.

Concordamos com Ferreira (2013), quando ela afirma que há inúmeros estudos e discussões sobre blogs na perspectiva tecnológica e pragmática, enquanto que há carência da abordagem discursiva de tais materialidades do mundo digital e virtual. No âmbito discursivo, o blog não pode ser tomado apenas como mais uma ferramenta de linguagem digital, dissociada da exterioridade, e sim como um objeto simbólico, um espaço político e ideológico, no qual se travam disputas territoriais.

Ratificamos a noção de espaço enquanto condições de produção do discurso e a noção de território enquanto uma forma de domínio do espaço, portanto, *jurisdição* (ZAMBRANO, 2001) e controle. É desse modo que vislumbramos os blogs e a blogosfera, como espaço ocupado, (re)territorializado, apesar da evidência ideológica de “mundo ideal” onde impera a *liberdade*. Como bem defende Lefebvre (2008), ao tratar da questão do espaço, a neutralidade é apenas uma aparência construída ideologicamente:

O espaço não é um *objeto científico* descartado pela ideologia ou pela política; ele sempre foi político e estratégico. Se esse espaço tem uma aparência de neutralidade e indiferença em relação ao conteúdo, portanto, “puramente” formal, abstrato de uma abstração racional, é precisamente porque ele já está ocupado, ordenado, já foi objeto de estratégias antigas, das quais nem sempre se encontram vestígios. O espaço foi formado e modelado a partir de elementos históricos e naturais, mas politicamente. O espaço é político e ideológico. É uma representação literalmente povoada de ideologia. (LEFEBVRE, 2008, p. 62).

A ideologia busca, pois, naturalizar os sentidos do ciberespaço e do blog como lugares de liberdade plena; no entanto, os blogs, como também a blogosfera que os abrigam, não são apenas espaços tecnológicos nem tampouco espaço de livre navegação, são espaços ocupados, ordenados, modelados por elementos históricos e ideológicos como afirma Lefebvre (2008), territorializados pelas formações discursivas, que ordenam o que pode e deve ser dito pelos sujeitos, interpelados sob a ilusão do dizer.

¹³ Discorreremos sobre o conceito de interlocução discursiva no Capítulo V.

O sentido de *territorialidade* adquire um efeito de apagamento no virtual, pelo trabalho da ideologia que se inscreve no discurso do “livre acesso”. Segundo Dias (2013), a ideologia que se materializa no discurso do “acesso para todos”:

é um efeito metafórico da universalização, pois o que vai reger o discurso do programa de implementação da Sociedade da Informação no Brasil é a noção de “universalização” (do acesso, da informação, da comunicação). A universalização é uma formulação que se atualiza no discurso da globalização e das redes telemáticas. Atualiza-se pelo deslocamento de uma memória que diz respeito a um mundo ideal, uma língua ideal. Um mundo unificado, uma língua única. “Babel reencontrada”, na expressão de Pêcheux e Gadet (2004) [...] (DIAS, 2013, p. 248).

Um mundo “ideal”, uma língua “ideal”, uma rede também idealizada, afetada pelo imaginário de liberdade de conexões infinitas, da comunicação universalizada, por sujeitos supostamente “livres” de todas as amarras, e, ao mesmo tempo, atados por inúmeros nós. De fato, a tessitura da rede se dá de nó em nó, de laço em laço, de mãos em mãos, num tecer coletivo, o que favorece a construção ilusória do acesso fácil e infinito da *Web*. Entretanto, no funcionamento da “grande rede de significantes”, conforme nos aponta Mittmann (2010), podem ecoar múltiplas vozes, tanto as parafraseadoras do discurso da ideologia dominante, como também as vozes destoantes. A rede não é, pois, construída do nada. Os significantes – matérias de constituição da rede – são outros: eletrônicos, virtuais, hipertextuais, mas os sentidos já estão inscritos no interdiscurso e na memória. Logo, mesmo no ciberespaço e nos blogs, os enunciados se inscrevem em um conjunto de formulações já ditas, como “um nó em uma rede” (COURTINE, [1981] 2009, p. 90). Como veremos, no momento de análise, por trás da rede, há mãos de comando e controle, embora invisíveis pela ilusão da transparência da linguagem, mãos que buscam manipular os sentidos para garantir a perpetuação do poder.

As novas mídias, com suas inúmeras possibilidades de convergir linguagens distintas, trazem consigo a ilusão de que tudo é *novo*: nova escrita, novas cores, sons, luzes, vozes, imagens, links e muito movimento, tudo conectado, tudo rápido e em rede. Para falar de forma mais específica, o blog e as blogosferas se destacam fortemente nesse vasto oceano da *Web*, considerando a sua forte abrangência e possibilidades de fácil criação e funcionamento, de forma que temos uma infinidade de blogs que vão de *diários* pessoais a entidades empresariais e instituições públicas. Ele está presente em quase todas as esferas sociais e domínios discursivos, a exemplo de: blogs pessoais, jornalísticos, políticos, educacionais,

turísticos, econômicos, da saúde, da beleza, da moda, dos movimentos sociais, dos distintos grupos e etnias, de entretenimento, além de muitos outros, como os blogs científicos e de divulgação científica, a exemplo dos blogs do *ScienceBlogs Brasil*.

O blog representa um típico fenômeno da cultura midiática de massa que vigora na era contemporânea, se tornou um lugar onde as pessoas se encontram virtualmente para tratar, tanto de assuntos banais e corriqueiros, como também para abordar temas mais sérios, como os fatos científicos, por exemplo. Faz parte de uma “cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e *espetáculos* ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade” (KELNER, 2001, p. 9). A descrição de Kelner (2001) é bastante oportuna para pensarmos o blog e o discurso de *blogagem*, um discurso bastante híbrido, constituído de diversos atravessamentos discursivos, a exemplo dos discursos: eletrônico, de si, do cotidiano, jornalístico, humorístico, publicitário, além de outros.

Retomando a questão do discurso da *blogagem*, o que observamos nesta pesquisa, é que o discurso de divulgação científica, ao se deslocar para o blog, sofre alguns deslocamentos, quando comparado ao DDC que circula na mídia impressa, como as conhecidas revistas semanais¹⁴; nesses suportes tradicionais, o DDC é afetado pelo discurso do cotidiano, como mostra o estudo de Grigoletto (2005a); todavia, no blog, o DDC é muito mais que um discurso constituído pelo discurso científico, jornalístico e do cotidiano, é um discurso *espetacularizado*, em vista de outros elementos próprios, específicos que particularizam o blog, como as múltiplas linguagens digitais que funcionam, ao mesmo tempo, para atender múltiplas finalidades comunicativas. Lemos (2009), ao discorrer sobre esses aspectos multifuncionais do blog, considera-o como:

[...] um espaço de expressão e de contato com outros, um prazer concretizado e compartilhado em palavras, imagens e informações. Ele é a minha casa no ciberespaço, um texto aberto, indefinidamente incompleto, a ser escrito a cada dia. E não estou só. Os blogs são, junto com os games, os chats e os softwares sociais, um dos fenômenos mais populares da cibercultura. Eles constituem hoje uma realidade em muitas áreas, criando sinergias e reconfigurações na indústria cultural, na política, no entretenimento, nas redes de sociabilidade, nas artes. Os blogs são criados para os mais diversos fins, refletindo um desejo reprimido pela cultura de massa: o de ser ator na emissão, na produção de conteúdo e na partilha de experiências (LEMOS, 2009, p. 8).

¹⁴ Refiro-me, por exemplo, às revistas do tipo *Superinteressante*, *Ciência Hoje*, etc.

O blog é, pois, um lugar onde “tudo funciona junto e misturado” como diz a expressão popular. Assim, a divulgação científica que é produzida nos blogs, onde também circula, não vem sozinha, está sempre mesclada, atravessada pelo discurso de si, pelo discurso humorístico, pedagógico, publicitário, como também pelo discurso jornalístico do tipo *fait divers*¹⁵ – bastante explorado na mídia nos dias atuais – que consiste em associar humor, drama e espetáculo à comunicação. De acordo com Barthes (1977), o *fait divers* procede de uma classificação do inclassificável.

Assim, o discurso da blogagem, que também afeta o DDC do *Sb.br*, se caracteriza por um misto de *fait divers* de ciência, no qual se associa a linguagem coloquial, acadêmico-científica, publicitária, mas também inclui até mesmo palavras consideradas de “baixo calão”. Dificilmente isto ocorre na divulgação científica tradicional. A blogagem também se assemelha bastante à *panfletagem* e ao folhetim. Segundo Sodré (2010, p. 134), a imprensa romanesca da narrativa noticiosa é bem semelhante ao *folhetim*, que “no século passado ajudou a impulsionar o jornal como mercadoria.” Aliás, esta é uma das imagens de ciência construída no DDC dos blogs: a de ciência como *mercadoria*¹⁶, sendo que, ao leitor leigo, projeta-se a posição de consumidor dessa mercadoria.

Enquanto elemento da cultura midiática de massa, o blog nasce e se desenvolve sob os auspícios da bandeira da *isegonia*, uma espécie de democracia da palavra e do dizer, como declara Lemos (2009):

A cultura de massa criou o “consumo para todos”. A nova cultura “pós-massiva” cria, para o desespero dos intermediários, daqueles que detêm o poder de controle e de todos os que usam o corporativismo para barrar a criatividade que vem de fora, uma “isegonia”, igualdade de palavra para todos. Os blogs refletem a liberação do pólo da emissão característico da cibercultura. Agora, *todos podem* (com mínimos recursos) produzir e circular informação sem pedir autorização ou o aval a quem quer que seja (barões das indústrias culturais, *intelligentsia*, governos...). O fenômeno dos blogs ilustra bem essa cultura pós-massiva que tem na liberação do pólo da emissão, na conexão telemática e na reconfiguração da indústria cultural seus pilares fundamentais (LEMOS, 2009, p. 9. grifo meu).

O blog é assim celebrado como um agente de “inclusão” e da democratização do dizer, sob a evidência de que “todos podem tudo”. No entanto, isto pode ser uma armadilha, pois a

¹⁵ Expressão empregada por R. Barthes, na obra livro *Essais Critiques*, em 1964, cujo significado é “fatos diversos” ou “fatos do dia”; expressão mais peculiar ao discurso jornalístico, que também afeta o DDC do *Sb.br*.

¹⁶ Vide capítulo IV desta tese.

liberdade tão prometida na forma-social capitalista consiste, na verdade, na *submissão ao consumo*:

A liberdade do consumidor significa uma orientação da vida para as mercadorias aprovadas pelo mercado, assim impedindo uma liberdade crucial: a de se libertar do mercado, liberdade que significa tudo, menos a escolha entre produtos comerciais padronizados (BAUMAN, 1999, p. 277)

O consumo é a ideologia que subjaz na modernidade líquida, segundo Bauman (1999, 2001). Assim, o discurso da blogagem que também atravessa o DDC do *Sb.br* se constitui de efemeridades, slogans, chavões, notícias espetaculosas etc, discursividades líquidas (COURTINE, 2008), o que produz um efeito de sentido de ciência mercadológica. Logo, a evidência de *inclusão* e de *liberdade* é um efeito ideológico que busca apagar o fato de que o ciberespaço, o hipertexto, os blogs, embora sejam *novidades* tecnológicas, se inscrevem na história da forma social capitalista, que busca, acima de tudo, a dominação.

Lastres e Ferraz (1999) lembram um alerta de Marx, segundo o qual o capitalismo se alimenta do *novo*, logo, na nova ordem eletrônica, o capitalismo manifesta-se sob novo formato, mas a sua essência, que é a sede de dominação e do lucro, será sempre a mesma.

Segundo Dantas (1999), na era eletrônica, o capitalismo funciona em rede e constitui-se na própria rede. Para o autor, a digitalização da informação é a base técnica sob a qual se dá a evolução do capitalismo em sua nova etapa, e é também na esteira das transformações tecnológicas que o capital vem operando “completa reorganização e redistribuição *espacial* do processo produtivo e do trabalho” (DANTAS, 1999, p. 32, grifo do autor). Assim, sob a forma social capitalista, todo espaço, incluindo o espaço virtual, é reorganizado, redistribuído, reordenado como também aponta Lefebvre (2008), é um espaço intrinsecamente associado ao político, um lugar de conflitos de interesses, um lugar de *colonização eletrônica* (MOUNIER, 2006).

Isto também é o que se visualiza no *ScienceBlogs Brasil*, que abriga os blogs de divulgação científica: o espaço é controlado por interesses capitalistas. Há, por exemplo, blogs patrocinados por empresas que ditam as postagens, portanto, os sentidos. É necessário, portanto, não perder de vista a relação da ciência e da divulgação científica com a administração e com as novas tecnologias, que segundo ORLANDI (2001a), traz consequências para o sujeito, para a própria ciência e para a sociedade.

A inter-relação entre ciência e tecnologia colocada a serviço do capitalismo também é apontada por Chesnais (1996), que declara estar explicitamente posto no capitalismo

contemporâneo a centralidade da tecnologia como fator crucial nas estratégias de competição do grande capital. Fusões, coalisões, colusões, cooperações oligopólicas, articulações entre grupos e estados, são dimensões permanentes do capital mundializado, segundo o autor. Para ele, “as transformações advindas, desde fins da década de 70, nas relações entre a ciência, a tecnologia e a atividade industrial fizeram da tecnologia um fator de competitividade, muitas vezes decisivo, cujas características afetam praticamente todo o sistema industrial (entendido em sentido amplo, e portanto abrangendo parte dos serviços)” (CHESNAIS, 1996, p. 142).

As reflexões do autor são relevantes para a nossa análise, tendo em vista que os blogs do ScienceBlogs Brasil são produtos da técnica e da ciência e se apresentam como um instrumento de popularização e divulgação da ciência ao público leigo. Trazem uma proposta de um suposto bem à população excluída do mundo científico, mas buscam escamotear o fato de que a divulgação prometida é guiada por interesses econômicos e por posicionamentos ideológicos já instituídos historicamente, os quais irão ditar que ciência será divulgada e o quê da ciência poderá ser dito ou não dito ao grande público.

É oportuno ressaltar que o capitalismo – relação social constituída historicamente – se caracteriza pela negociação da força de trabalho, na qual o homem torna-se uma mercadoria (ORLANDI, 2012b). E, como veremos mais adiante em nossas análises, a própria ciência e a divulgação científica dos blogs, constituem-se em *mercadoria*, apesar da evidência ideológica de outro sentido, segundo o qual, a internet e os blogs, finalmente, irão quebrar as barreiras que afastam a sociedade da ciência. Todavia, o processo discursivo se constitui na tensão que se instaura entre a univocidade e o equívoco e a falha. Sendo assim, é na trilha das falhas e dos furos que poderemos ultrapassar as evidências dos sentidos e vislumbrar a movimentação dos sujeitos e dos sentidos no discurso, e observar os distintos efeitos, inclusive o efeito-leitor, que pode ser confrontado, desconstruído.

1.2. Da Ciência para a ciência: a constituição do discurso científico

A ciência moderna, mesmo tendo alguns antecedentes na ciência grega, floresceu com a emergência da civilização burguesa. Desenvolvida no ocidente, esta ciência é uma forma específica de conhecimento e está intimamente associada à burguesia (FOUREZ, 1995). Historicamente, tem sido predominante a visão de ciência considerada a detentora da verdade “absoluta”, que busca descobrir leis eternas, universais, “leis imutáveis da Natureza” que

regem o mundo. Trata-se de uma concepção de ciência de caráter altamente abstrato e idealista, cujo centro é a lógica. Nesta perspectiva, são desconsiderados os aspectos históricos, sociais e políticos que constituem a prática científica. Pêcheux ([1975]2009) refuta o mito idealista que estabelece a lógica como o princípio de toda ciência. Segundo o autor, esta concepção de ciência reduz-se a uma prática de triagem entre enunciados verdadeiros e falsos, desconsiderando as condições e questões historicamente determinadas ao surgimento de tais enunciados.

Ao refletir sobre a ciência – como também sobre o processo de sua divulgação – não se pode separar a história da produção dos conhecimentos da história da luta de classes, ou seja, o conhecimento científico é determinado pela ideologia e pela história (PÊCHEUX, [1975]2009). E isto implica, segundo Pêcheux, considerar a produção histórica de um conhecimento científico como efeito e parte de um processo histórico determinado pela produção econômica. Há, então, que se considerar as condições sócio-históricas de produção da ciência: “[...] as condições de produção dos conhecimentos científicos estão inscritas nas condições da reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 172). Pêcheux e Fichant (1971), ao discorrerem sobre o domínio de aplicação das ciências, mostram o funcionamento desse processo da seguinte maneira:

A física e os ramos que lhe são conexos, incluindo a química, encontram historicamente o seu domínio de aplicação na transformação dos instrumentos de trabalho (meios de produção) postos em jogo no processo de produção econômica, a biologia encontra o seu na prática da medicina, enquanto manutenção e adaptação da força de trabalho que se combina com o instrumento de trabalho no processo de produção econômica. [...]. O século XIX, que representa o momento em que se definem as relações entre a física e a biologia, é também aquele em que o homem se torna servo das máquinas-ferramentas no processo do trabalho, e onde a divisão do trabalho implica a cooperação dos trabalhadores como partes de um todo. As representações imaginárias do organismo que inquietaram o inconsciente teórico do século XIX, o organismo como um conjunto de máquinas, por um lado, o organismo como sociedade, por outro – surgem assim, posteriormente, como projeções, no processo de produção econômica (PÊCHEUX & FICHANT, 1971, p. 50-51).

Assim, qualquer reflexão sobre a ciência – incluindo não somente sua produção, mas também a circulação e divulgação do conhecimento – deve levar em conta, obrigatoriamente, os aspectos sociais, históricos, econômicos, as relações de poder que envolvem e determinam as condições de produção e circulação dessa ciência e de seu discurso.

É necessário compreender o funcionamento dos conflitos ideológicos envolvidos nesse processo, pois “é absolutamente impossível encontrar um puro ‘discurso científico’ sem ligação com alguma ideologia” (PÊCHEUX [1975] 2009, p. 182). A ideologia produz essa evidência de discurso “puro”, todavia, conforme o autor, esse discurso sofre determinações do interdiscurso¹⁷: “Não é, então, surpreendente constatar que os elementos discursivos aos quais nos referimos como interdiscurso, a saber, o funcionamento do *pré-construído* e o *discurso transversal*, sejam por natureza levados a desempenhar um papel específico essencial no processo de constituição do discurso de uma ciência” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 176). A ciência deve, pois, ser vista em suas relações com a exterioridade, suas determinações históricas, pois também é pelo viés da história que o sujeito da ciência é constituído, e o discurso, conforme Pêcheux ([1975]2009, p. 182), “embora necessite de um sujeito para funcionar, funciona em sua relação com a *forma-sujeito*, que é histórica”. Henry (1992) esclarece esse processo da seguinte forma:

Como em toda prática social, os indivíduos humanos concretos que, se não são os sujeitos, são pelo menos agentes, “agem na e sob a determinação das formas de existência histórica das relações sociais de produção e reprodução (processo de trabalho, divisão e organização do trabalho, processo de produção e reprodução, luta de classes etc”). Dizer que esses agentes agem na e sob a determinação das formas históricas de existência é dizer que eles são constituídos em sujeitos nas práticas sociais e por elas. No que concerne aos agentes do processo de produção de conhecimentos, eles se constituem na prática científica e por essa prática como sujeitos, cientistas, pesquisadores, pensadores que descobrem, sabem, pensam etc... Ora precisamente, são formações ideológicas que constituem indivíduos concretos, agentes de práticas sociais, em sujeitos: “só há prática através de uma ideologia” e “só há ideologia por e para sujeitos” (HENRY, 1992, p. 23).

Desse modo, não há *neutralidade* na prática científica, porque é uma prática social, marcada por contradições e conflitos de interesses, já que a ciência se desenvolve em condições determinadas historicamente, como já assinalado.

Ao falarmos da história da ciência moderna é necessário lembrar que ela emerge em plena ascensão da burguesia, pois esta ciência associa-se à forma burguesa de representação do mundo, que, ao mesmo tempo em que se sente exterior ao mundo, busca explorá-lo e dominá-lo (FUOREZ, 1995). É, por esse viés histórico, que podemos, por exemplo, obter uma

¹⁷ As noções de *interdiscurso* e *pré-construído* serão discutidas no Capítulo II.

melhor compreensão do ideal da *objetividade* científica, que, de acordo com Fourez (1995), tem sua origem na vida solitária do comerciante, que, ao contrário do camponês que vivia nas aldeias, em um ambiente afetivo e de histórias coletivas, se despoja do mundo e da história para construir sua particularidade, sua própria visão de mundo. Nas palavras do autor: “do ponto de vista da história, a objetividade, longe de representar um olhar absoluto sobre o mundo, aparece como uma maneira particular de construí-lo. É a cultura dos comerciantes burgueses que institui a visão de mundo em um agregado de objetos independente dos observadores.” (FUOREZ, 1995, p. 159). O autor esclarece ainda que o conhecimento científico, desvinculado do que é individual e local, vai se configurar cada vez mais como universal. Diz respeito a uma atitude de objetividade diante de uma natureza considerada passiva (FUOREZ, 1995).

É também dessa forma que a linguagem científica vai se tornando universal, reflexo de uma visão uniforme do mundo. Segundo Gil (1979), enquanto a ciência greco-medieval fazia uso da língua natural para relatar a experiência das coisas reais ou a idealização do espaço sensível – no caso da Geometria –, no século XVII, dá-se a criação de um cálculo operacional dotado de uma notação uniforme de caráter algébrico, sendo esse cálculo o elemento decisivo para o estabelecimento da Mecânica clássica, que posteriormente se estende ao conjunto das Ciências Físicas e para fora delas. O autor mostra ainda que, no paradigma da ciência antiga, isolavam-se e identificavam-se notações, enquanto que, na ciência moderna,

a Física e a Matemática define leis de formação e de significações – e é sempre *normal*, nesse sentido que as revoluções científicas se produzem para que o processo da ciência normal possa desenrolar-se. Normal quer também dizer *normalizador*, uma linguagem pela primeira vez universal e unívoca tornado possível a unidade da ciência e assegurando a exatidão dos seus procedimentos. Por isso a ciência predetermina a configuração das suas confirmações e infirmações” (GIL, 1979, p. 173, grifos meus).

Assim, vemos o funcionamento da ideologia da universalidade da ciência imbricada com a ideologia da normalidade, excluindo-se, assim, o que não se considera normal como patológico (CANGUILHEM, 2009). Pêcheux & Fichant, (1971, p. 51), ao refletirem sobre o processo histórico de domínio de aplicação da Biologia e sua relação com o processo de produção econômica, esclarecem também que esta aplicação produziu o efeito da

“normalização da força de trabalho”. Cabe ressaltar que o conceito da palavra *norma*, como também o conceito de *normal* tem sua origem no século XIX, conforme aponta Canguilhem:

Normal é o termo pelo qual o século XIX vai designar o protótipo escolar e o estado de saúde orgânica. [...] Tanto a reforma hospitalar como a pedagógica exprimem uma exigência de racionalização que se manifesta também na política, como se manifesta na economia, sob a influência de um maquinismo industrial nascente que levará, enfim, ao que se chamou, desde então, de normalização. [...] o normal é, ao mesmo tempo, a extensão e a exibição da norma. Ele multiplica a regra, ao mesmo tempo que a indica. Ele requer, portanto, fora de si, a seu lado e junto a si, tudo o que ainda lhe escapa. Uma norma tira seu sentido, sua função e seu valor do fato de existir, fora dela, algo que não corresponde à exigência a que ela obedece. O normal não é um conceito estático ou pacífico, e sim um conceito dinâmico e polêmico (CANGUILHEM, 2009, p. 91-92).

As noções de norma e de normal, portanto, se associam à ideia de controle, dominação. Aliás, esta é, segundo Fuorez (1995, p. 163) a ideologia burguesa à qual se ligou a ciência moderna, qual seja, a ideologia da dominação: “a vontade de dominar o mundo e controlar o meio ambiente”. Diz respeito também à “vontade de verdade” da qual fala Foucault ([1970]2012a), considerada pelo autor como um sistema de exclusão, que se apoia em um suporte institucional, do qual a ciência faz parte. Para Foucault (*op. cit.*), essa vontade de verdade, apoiada no “discurso verdadeiro” da ciência tende a exercer uma pressão e um poder coercitivo, um domínio sobre os outros discursos.

E, para consolidar esse domínio, institui-se a normalização da língua científica, conforme vimos em Gil (1979). O autor esclarece que: “A nova língua científica é unívoca (ou tende para uma univocidade que se estabelece rapidamente) e está em contradição com a experiência imediata” (GIL, 1979, p. 168). Essa “nova língua” será também um divisor de águas entre a ciência antiga e a ciência moderna, no que se refere à reprodução dos conhecimentos. Assim, “a unificação progressiva das teorias resulta ainda da natureza formal da língua científica e a ‘fecundidade’ contém o movimento de autorreprodução, próprio da ciência moderna” (GIL, 1979, p. 168). E, dessa maneira, a transmissão social dos conhecimentos científicos, graças à “língua universal” tende ao nivelamento, à laminagem das questões, na busca de se eliminar os riscos, os erros, aquilo tido como o “anormal”. Essa busca pelo nivelamento e univocidade da língua científica vai também produzir e impor uma

estrutura padrão¹⁸ para a escrita dos artigos científicos, como aponta o estudo de Cortes (2009). Ou seja, conforme esta ótica, a ciência, sua escrita e comunicação são homogeneizados, portanto os aspectos sociais e ideológicos não contam em tal processo. Diz respeito também à ideologia da comunicação que, segundo Pêcheux e Fichant (1971), é uma forma sutil que assume a ideologia política dominante. De acordo com o pensamento dos autores: “a *ideologia da associação das forças individuais* (ideologia que se disfarçava de economia política) é, neste ponto, relegada para segundo plano pela ideologia da *comunicação como circulação da informação*” (PÊCHEUX & FICHANT, 1971, p. 48). E novamente recorremos a Fuorez (1995), para compreendermos que o segredo do método científico se origina na tradição burguesa da comunicação, daí se explica “o vínculo existente entre a emergência da ciência moderna e os modernos métodos de escrita ou de leitura” (FUOREZ, 1995, p. 161), pois a civilização da ciência é também a civilização da escrita, conforme o autor.

A escrita é considerada por Orlandi (2001a) como uma forma de relação social, é a tecnologia de que se vale a ciência para a sua comunicação. Entretanto, a linguagem científica universal não considera a heterogeneidade da linguagem, portanto evidencia também um modelo homogeneizado de ciência, que não leva em conta a heterogeneidade cultural das diversas áreas e disciplinas científicas, como também parece não conceber a própria ciência como uma prática social. Desse modo, o padrão linguístico universal imposto pelo paradigma científico da objetividade impede a comunicação da ciência em sentido amplo, ficando restrita apenas aos pares, ou seja, a ciência fala para si mesma, o que vai determinar a produção de um discurso também padronizado, normalizado, porque esta é a regra, a *norma*.

Todavia, como afirma Orlandi (2001a), a ciência precisa representar-se em uma certa exterioridade. Surge, então, a divulgação científica, como um discurso específico, foco da nossa próxima reflexão.

1.3 Entre a ciência, a mídia virtual e o leitor: o discurso de divulgação científica constituído na/em rede

Já vimos que a língua da ciência moderna é a universal, formal, objetiva. É assim que a ciência moderna se autorreproduz, pois, como diz Gil (*op. cit.*) a ciência não pode correr

¹⁸ Diz respeito à estrutura *IMRD* (Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão).

riscos, não pode cometer “erros”, tudo tem que estar dentro da norma, do normal. É o funcionamento da ideologia da normalização inscrito na formação discursiva da ciência.

O discurso científico se caracteriza, de modo geral, por seguir uma tipologia de *discurso autoritário*. Segundo Orlandi (2011), o discurso autoritário é aquele que não permite a reversibilidade, critério que determina a dinâmica da interlocução. Conforme essa dinâmica, um discurso pode apresentar diferenciados graus de reversibilidade, ou seja, pode haver maior ou menor troca de papéis entre locutor e ouvinte. Logo, o discurso científico é considerado autoritário porque impõe a univocidade e também busca dominar o objeto – que é o conhecimento científico – e, desse modo, tende a conter a polissemia, um segundo critério que entra em jogo na questão da tipologia do discurso. A dinâmica da polissemia, por seu turno, resulta da relação dos interlocutores com o objeto discursivo (ORLANDI, 2011).

Há muros funcionando como guardiões dessa ciência. E um dos instrumentos usados para manter os leigos do lado de fora dos muros da ciência é, justamente, a linguagem científica. E o que fazer então para abrir os muros? Alguém, afinal, abrirá as “caixas-pretas” da ciência para que os leigos possam dar uma olhadela? (LATOUR, 2000). A divulgação científica é, pois, esse discurso que se apresenta para interpretar a ciência e comunicá-la ao público leigo. Entretanto, como veremos na análise, no ScenceBlogs Brasil, o autoritarismo não vai simplesmente desaparecer no processo de interpretação da ciência para a constituição da divulgação científica. Por outro lado, outras vozes vão ecoar na busca pela instituição da polissemia, já que a língua é o lugar da falha, o que possibilita a deriva de sentidos.

Para melhor compreendermos o funcionamento do discurso de divulgação científica (DDC), torna-se necessário refletir sobre a **constituição**, a **formulação** (a textualização) e a **circulação** desse discurso - três momentos indissociáveis e significativos do processo de produção dos sentidos (ORLANDI, 2001a) - e sua relação com as novas tecnologias de linguagem.

A grande maioria dos estudos sobre o DDC considera-o como um discurso resultante da relação estabelecida com o discurso científico e o discurso jornalístico. Orlandi (2001a) declara que o DDC é constituído por meio da textualização jornalística do discurso científico e mobiliza gestos de interpretação, não se tratando de uma tradução, já que envolve a mesma língua. Grigoletto (2005a) defende que o DDC é um discurso intervalar, cuja constituição envolve um gesto interpretativo e diz respeito a uma (re)atualização do discurso científico, processo que se dá pelo discurso do cotidiano. Na esteira desse pensamento, Galo (2009)

declara que o DDC é um discurso que busca interpretar a ciência, por meio de uma linguagem didática, a fim de levar esse produto – a notícia da ciência – ao grande público.

Entretanto, o DDC que é objeto desta análise se inscreve na mídia virtual dos blogs e apresenta alguns elementos distintos em suas condições de produção, a saber: não é textualizado predominantemente pelo discurso jornalístico, como também não resulta somente da relação com o discurso jornalístico. É textualizado pela (multi)mídia digital, ao mesmo tempo, pelo discurso jornalístico e pelo discurso da blogagem, e resulta da relação estabelecida com outros discursos, a exemplo dos discursos publicitário e pedagógico.

Conforme Grigoletto, na constituição do DDC : “Os dizeres da ciência são deslocados para um novo espaço discursivo. Um espaço intervalar, já que suas fronteiras se configuram no entremeio da **ciência, da mídia e do leitor**” (GRIGOLETTO, 2008, p. 48, grifos meus). De fato, tradicionalmente, a constituição, a formulação e a circulação do discurso de divulgação científica tem se desenvolvido na/pela mídia, sobretudo a mídia impressa jornalística.

Porém, falar em mídia hoje, implica considerar um sistema bastante complexo e multifacetado, posto que, a cada dia, as mídias se multiplicam, se transformam, se transmutam, com performances plurais e multiformes, inusitadas, por isso mesmo o termo mais utilizado, hoje, é a denominação *multimídias*. Destarte, os sistemas midiáticos, assim como a tecnologia da escrita, têm sofrido grandes transformações, as quais também têm afetado a forma de constituição, formulação e circulação dos discursos, inclusive do DDC. Estamos, pois, diante de um aparato tecnológico - constituído de múltiplas linguagens e de textos multimodais - que tem sido mobilizado no intuito de divulgar a ciência. Por essa razão, encontramos a divulgação científica não somente em jornais e periódicos impressos, mas também na mídia radiofônica, televisiva, cinematográfica, além do hipertexto, sobretudo o hipertexto *online* com o advento da internet – rede mundial de computadores, que fez emergir o *ciberespaço*.

Como afirma Orlandi (2001a), as relações do homem com a ciência são mediadas por meio das relações do homem com a linguagem, sendo que esta, enquanto tecnologia, sofre transformações constantes. E a divulgação científica mantém uma correlação com as tecnologias de linguagem: “a transformação da relação do homem com a linguagem, no caso, com a escrita, desencadeia um número enorme de outros processos de transformação: a forma dos textos, a forma de autoria, o modo de significar. E a própria relação com o conhecimento

aí investida” (ORLANDI, 2001a, p. 21). Assim, com a emergência das novas mídias, emergiu também uma nova escrita, novas maneiras de formular os discursos, por essa razão, o funcionamento do DDC também sofre deslocamentos ao se inscrever em novas materialidades significantes, em distintas condições de produção, que envolverá novas ordens discursivas, como por exemplo, a ordem do *discurso eletrônico*.

Desse modo, assim como, tradicionalmente, o sujeito divulgador toma um discurso constituído na ordem da ciência e o formula na ordem do discurso jornalístico, pode também formulá-lo na ordem de outros discursos, como o discurso eletrônico e o discurso da blogagem. Mas não se trata de uma soma de discursos, porque não é um transporte de sentidos de um discurso para outro, como afirma Orlandi (2001a, p. 24), mas um processo discursivo que mobiliza distintos gestos de interpretação, “interpretação de uma ordem do discurso que deve, ao produzir um lugar de interpretação em uma outra ordem do discurso, constituir efeitos de sentidos”. Desse modo, na constituição do DDC, os movimentos de interpretação são determinantes, como também sofrem determinações dos saberes já instituídos na memória discursiva que são reinscritos e sedimentados pela própria mídia.

O estudo de Grigoletto (2005a, 2008) mostra que o discurso de divulgação científica institui-se num espaço discursivo intervalar, sendo que esse espaço:

agrega tanto o novo, pela singularidade do dizer, quanto faz ressoar o velho, discursivizando o *já-dito lá* da ordem da ciência. [...] E é nesse espaço que se materializa o atravessamento de diferentes discursos – o discurso da ciência, o do cotidiano e o da mídia – os quais são linearizados, no fio do discurso de Divulgação Científica, pelo atravessamento de diferentes vozes: do cientista, do leitor e do próprio jornalista, que é o que ocupa a posição de organizador desse discurso (GRIGOLETTO, 2008, p. 48).

Para esta tese, interessa-nos investigar o funcionamento do DDC inscrito em outra mídia – a virtual¹⁹, mais especificamente é um discurso inscrito em blogs abrigados pelo *ScienceBlogsBrasil*. Trata-se, portanto, de um discurso produzido em condições específicas, a partir das quais analisaremos as relações estabelecidas entre a ciência, a divulgação científica, a mídia virtual e o leitor. Nosso foco central é a compreensão do funcionamento do *efeito-leitor*, noção fundamental e determinante em nossa pesquisa e, por essa razão, será aprofundada em capítulo posterior.

¹⁹ É comum encontrarmos outras denominações como mídia eletrônica, digital, etc. Contudo, escolhemos o termo *mídia virtual* de blogs, dada a sua especificidade.

Nesta pesquisa, preconizamos que o sujeito divulgador, ao produzir gestos interpretativos do discurso científico para organizar o discurso de divulgação científica nos blogs, o faz a partir de um *lugar discursivo*²⁰, que funciona intrinsecamente ao lugar social e à posição-sujeito ocupada; é também fundamental a compreensão de que, no enredo dessa trama, se institui e funciona o efeito-leitor, que tanto é efeito desses lugares e posições-sujeito, quanto também os determina. Ademais, uma posição-sujeito também já é projetada para o leitor, nesse jogo discursivo.

Nesse processo, os dizeres e saberes da ciência se deslocam agora para um novo espaço, que é virtual, online e de blogs. Quanto ao leitor, que também é o leitor online, a quem é facultado tecnicamente a possibilidade de postar seus textos e opiniões nos blogs, já se encontra “preso” nos fios e nós dessa *rede*, desde o momento inicial de sua constituição. Todavia, esse leitor não é empírico, é um leitor imaginário²¹ já inscrito no texto, que se apresenta como um sujeito social, mas é representado no processo discursivo pelo mecanismo da antecipação que se manifesta por meio das formações imaginárias²² (PÊCHEUX, 2010a). Segundo Pêcheux (2010a) as formações imaginárias – afetadas pelo interdiscurso – colocam em funcionamento um jogo de projeção de imagens não somente dos sujeitos envolvidos no discurso, como também dos lugares que eles ocupam. Tal projeção da imagem do leitor e do lugar que ele ocupa se dá a partir da formulação do discurso, e, assim, é construído ao mesmo tempo, o **efeito-leitor** correspondente (ORLANDI, 2001a). O leitor é então representado na escrita, na formulação do DDC, cuja constituição supõe as relações imaginárias entre o cientista, o divulgador e o público leitor (NUNES, 2001). Convém ressaltar que a empresa midiática também estabelece relações imaginárias com o DDC. Ou seja, a mídia produz um imaginário de ciência, do sujeito divulgador e do sujeito-leitor, como também esses sujeitos são afetados pelo imaginário do lugar da mídia virtual.

Nessa trama discursiva, ainda há, como veremos no decorrer das análises, outros elementos relevantes que entram em jogo. Não é possível pensar sobre o funcionamento das formações imaginárias sem levar em conta as condições de produção de um discurso, pois é

²⁰ No **capítulo II** apresentamos uma discussão sobre as noções de *lugar social*, *lugar discursivo*, *posições-sujeito* e *efeito-leitor*. No **capítulo IV**, apresentamos a análise do funcionamento intrincado do efeito-leitor, lugares sociais e discursivos e posições-sujeito ocupadas e projetadas pelo sujeito administrador e divulgador do *Sb.br*.

²¹ Orlandi (1988) emprega a noção de *leitor virtual* para referir-se ao leitor implícito constituído na formulação do discurso; entretanto, empregamos aqui o termo *leitor imaginário*, para não confundir os termos leitor virtual e leitor internauta.

²² Discorreremos de maneira mais aprofundada sobre o esquema das formações imaginárias elaborado por Pêcheux, no capítulo IV desta tese.

desse modo que se apreende o processo discursivo (PÊCHEUX, 2010a). Para apreender a constituição dos sentidos, faz-se necessário uma análise dos sujeitos, já que sentidos e sujeitos se constituem mutuamente. É preciso compreender, por exemplo, de que lugares sociais e discursivos falam os sujeitos divulgadores, como também os sujeitos leitores, em que espaço se inscreve o discurso, quais formações discursivas funcionam nessa trama, que efeito-leitor é construído, como se dá a relação de forças e de sentidos ...

A divulgação científica do ScienceBlogs Brasil é mediada pela mídia digital e virtual e, como afirma Kelner (2001), a cultura da mídia contemporânea é altamente industrial e comercial, cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder. Como assinala Grigoletto (2005) As relações de poder aí atravessadas disputam entre si um lugar de destaque no discurso de Divulgação Científica, visando sustentar e legitimar o seu estatuto social. É a mídia que vai determinar “o que da ciência deve e pode ser divulgado ao grande público” (GRIGOLETTO, 2008, p. 48). Portanto, há um imbricamento de saber, poder e ideologia que não pode ser desconsiderado no processo de análise do discurso de divulgação científica inscrito nos blogs.

Sendo assim, necessário se faz verificar, no ScienceBlogs Brasil, os efeitos do deslocamento da divulgação científica da mídia impressa para os blogs, em especial o funcionamento do efeito-leitor enredado ao movimento do sujeito no discurso. A nossa hipótese é a de que, o DDC do Sb.br, ao se relacionar com o discurso eletrônico da internet e dos blogs, produzirá distintos efeitos de sentidos, pois é afetado pelas novas condições de produção. Nessa nova mídia digital, buscaremos compreender a (des)construção das discursividades para apreender o discurso da divulgação científica, sobretudo a construção do efeito-leitor, recorte teórico determinante deste estudo, que será foco dos capítulos de análise.

CAPÍTULO II - ÂNCORAS TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

“Aprender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimentos e brechas, ‘uma palavra por outra’ é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso” (MICHEL PÊCHEUX, [1975]2009, p. 277).

Neste capítulo, apresentaremos as noções teóricas centrais da Análise de Discurso (AD) desenvolvida por Pêcheux (1969, 1975), como também por outros estudiosos que têm se debruçado na ampliação dos pressupostos teóricos e analíticos dessa perspectiva da AD. Na construção desse percurso, são também relevantes as contribuições dos estudos de Foucault, principalmente no que tange ao conceito de Formação discursiva (FD).

2.1 A Constituição da Escola Francesa de Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD) fundada por Michel Pêcheux (1969, 1975) emerge em um panorama histórico de apogeu do estruturalismo, paradigma teórico vigente naquele momento histórico²³, não somente na Linguística – considerada ciência-piloto – mas também nas ciências humanas e sociais. Na construção da epistemologia estruturalista, se deu o fenômeno que ficou conhecido como o *corte saussureano*, a saber: a exclusão do referente, do mundo, do sujeito e da história (GUIMARÃES, 1995). Nesse paradigma, não há lugar para discussões sobre o sujeito, mas esse era um elemento que gerava algumas inquietações entre os pensadores das ciências humanas, no cenário francês, dando origem ao “movimento de maio de 68”, considerado decisivo para o enfraquecimento do estruturalismo, fato que possibilitou o retorno do sujeito para o cenário das discussões científicas acerca da linguagem e de outras ciências humanas e sociais (FERREIRA, 2010).

É, pois, nesse cenário que Pêcheux vai construir o empreendimento teórico da Análise do Discurso (AD) - disciplina que emerge com uma proposta de intervenção, partindo justamente dos conceitos não trabalhados, excluídos pelos pressupostos teóricos vigentes até então, tais como sujeito, história e língua, noções que, na AD, são trabalhadas a partir de uma relação crítica com a linguística, a psicanálise e o marxismo. Conforme pontua Orlandi

²³ Panorama vigente na França até 1967, segundo Ferreira (2010).

(2010a, p. 13): “Com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente; [...] Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente. Finalmente, com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade: ele não é transparente nem para si mesmo”. Por essa razão, a autora considera a AD como uma disciplina constituída no *entremeio* (ORLANDI, 2004a), que discute seus pressupostos continuamente. No entanto, convém ressaltar que a AD pressupõe esses campos teóricos, mas não se confunde com eles, porquanto tem objeto e método específicos. Não se trata, portanto, de interdisciplinaridade, pois os conceitos trazidos das outras disciplinas são ressignificados na perspectiva do discurso. Ferreira (2010, p. 19) explica esse processo da seguinte forma: “[...] a AD não se vê como uma disciplina autônoma, nem tampouco como disciplina auxiliar. O que ela visa é tematizar o objeto discursivo como sendo um objeto-fronteira, que trabalha nos limites das grandes divisões disciplinares”.

Nessa busca de tematizar o objeto discursivo, temos que pensar a língua como a materialidade específica do discurso, e este, por sua vez, como a materialidade específica da ideologia, sendo que a relação entre a ideologia e a língua afeta a constituição do sujeito e do sentido, que se constituem mutuamente, o que conduz ao entendimento do discurso como efeito de sentidos (PÊCHEUX, [1975]2009). Assim, nesse quadro teórico, não há sentidos prontos, cristalizados. Como afirma Pêcheux ([1975]2009), as palavras, expressões e proposições não têm sentidos próprios, vinculados a uma suposta literalidade. É a ideologia que produz esse efeito de transparência da linguagem, pois os sentidos - que estão em jogo no processo sócio-histórico - são determinados pelas posições ideológicas sustentadas pelos sujeitos - interpelados ideologicamente - que as empregam (PÊCHEUX, [1975]2009). Assim, segundo Pêcheux, a evidência do sujeito mascara, sob a transparência da linguagem, o caráter material dos sentidos. A noção de formação discursiva e a concepção não-subjetiva do sujeito do discurso são pontos centrais na teoria de Pêcheux e, por isso, requerem uma reflexão mais aprofundada.

2.2. As noções de Formação Ideológica e Formação Discursiva

A fim de alargar a nossa compreensão acerca dos pressupostos teóricos de Pêcheux sobre o discurso, torna-se necessário também refletirmos sobre as noções de *formações ideológicas* e formação discursiva.

Falar de formações ideológicas, por sua vez, implica necessariamente uma menção a outros conceitos como *formação social* e *aparelhos ideológicos do Estado*²⁴. Pêcheux ([1975]2009) preconiza que uma formação social dada comporta um conjunto complexo de aparelhos ideológicos do Estado, que se tornam o lugar e o meio de realização da ideologia da classe dominante, lembrando que, conforme o autor, a ideologia não é uma ideia, mas uma prática. O autor, a partir do pensamento de Althusser (1985, *apud* Pêcheux, [1975] 2009), postula que a instância ideológica se instaura, em sua materialidade complexa, sob a forma de *formações ideológicas*, as quais, ao mesmo tempo em que assumem um caráter específico, “regional” (presentes nas diversas instituições sociais, como a política, o conhecimento, a religião, a família, a justiça, a lei, etc) comportam posições de classe e, desse modo, cria-se um vínculo contraditório entre a reprodução e a transformação das relações de produção, que se liga ao nível ideológico, “na medida em que não são os ‘objetos’ ideológicos regionais tomados um a um, mas sim o próprio desmembramento em regiões e as relações de desigualdade-subordinação entre essas regiões que constituem a cena da *luta ideológica de classes*” (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 132, grifos do autor).

A instância ideológica, em sua objetividade material, é caracterizada justamente pela estrutura de desigualdade-subordinação do ‘todo complexo com o dominante’ das formações ideológicas de uma dada formação social, sendo tal estrutura constituída pela contradição. Nesse processo, convém ressaltar que há distinções entre as noções de formações ideológicas, ideologia dominante e ideologia. Para elucidar esse pensamento, serão fundamentais os estudos althusserianos que articulam a questão da ideologia à questão do sujeito, de onde temos as seguintes proposições intermediárias: 1. “Só há prática através de e sob *uma* ideologia”; 2. Só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 135, grifos do original). Tais proposições conduzirão à tese central de Althusser, segundo a qual: “A Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”. Aqui, o termo *Ideologia* nos reporta ao funcionamento da ideologia em geral, enquanto que o termo utilizado na primeira proposição “*uma* ideologia” diz respeito à pluralidade da instância ideológica, de forma diferenciada, sob a forma de uma combinação ou o “todo complexo com dominante” de elementos em que cada um constitui-se em uma formação ideológica (PÊCHEUX, 2009). Na construção desse arcabouço teórico, Pêcheux também estabeleceu a articulação entre a ideologia e a noção do

²⁴ A noção de formação social é tomada das teorias marxistas e a noção de aparelhos ideológicos do Estado é tomada do pensamento de Althusser (1985, *apud* Pêcheux, 2009).

inconsciente, advinda do pensamento freudiano, uma “articulação de peso”, conforme o autor, que faz a seguinte observação:

o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia* e *inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências ‘subjetivas’*, devendo entender-se este último adjetivo não como ‘que afetam o sujeito’, mas ‘nas quais se constitui o sujeito’ (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 139, grifos do autor).

É, pois, a partir desses pressupostos que Pêcheux vai estabelecer a teoria materialista dos processos discursivos, de forma articulada à noção de formação discursiva (FD), pensada primeiramente por Foucault ([1969] 2012) na obra *A Arqueologia do Saber*, na qual o autor busca descrever as relações entre os enunciados, como também os sistemas de dispersão de um mesmo campo discursivo para compreender as regularidades das distintas ordens discursivas. As investigações de Foucault sobre os enunciados das ciências, por exemplo, apontavam, segundo ele, não mais para o conjunto de tradições e de observações de um dado campo científico, mas direcionavam para um conjunto de conhecimentos, um corpus de famílias de enunciados do qual emerge *uma mesma visão das coisas*. Foucault mostra que essas regularidades não são detectadas na “unidade de uma arquitetura lógica” mas nas dispersões de elementos, os quais “não se organizam como um edifício progressivamente dedutivo, nem como um livro sem medida que se escreveria, pouco a pouco, através do tempo, nem como a obra de um sujeito coletivo” (FOUCAULT, *op cit.*, p. 46), sendo que esses sistemas de dispersão também não devem ser confundidos com a descrição de um quadro de diferenças. E, assim, o autor postula o seu conceito de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. [...] Chamaremos de *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (FOUCAULT, ([1969] 2012 p. 46, grifos do autor).

Vemos, então, que é, a partir do trabalho de análise do conjunto de relações estabelecidas entre os elementos dos sistemas de dispersão, que se pode apreender as regularidades constitutivas de uma dada formação discursiva. Foucault discorre sobre o funcionamento de quatro sistemas de formação que se constituem em quatro feixes de relações, quais sejam: o sistema de formação dos objetos, o sistema de formação das modalidades enunciativas, o sistema de formação dos conceitos e o sistema de formação das estratégias. Todavia, conforme o autor, esses quatro sistemas não podem ser vistos como blocos estáticos, eles são definidos em níveis diferenciados, que, no entanto, se convergem em um único sistema de formação, posto que são interdependentes. Nas palavras do autor “existe um sistema vertical de dependências: todas as posições do sujeito, todos os tipos de coexistência entre enunciados, todas as estratégias discursivas não são igualmente possíveis, mas somente as que são autorizadas pelos níveis anteriores” (FOUCAULT [1969]2012, p. 86). Tal sistema de formação, segundo o autor, não diz respeito a uma justaposição ou interação dos elementos heterogêneos, mas funciona em um jogo de relações de forma determinada, estabelecida pela prática discursiva. Cabe aqui deixar as palavras do próprio autor para melhor explicitar o funcionamento do sistema de formação que pode caracterizar um dado discurso:

Por sistema de formação é preciso, pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. [...] o sistema de formação não é estranho ao tempo. Não reúne tudo que pode aparecer, através de uma série secular de enunciados, em um ponto inicial que seria, ao mesmo tempo, começo, origem, fundamento [...]. Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos (FOUCAULT [1969]2012, p. 88).

Observamos que as noções de *feixe de relações* e *regularidades* são pontos-chave na construção do conceito de formação discursiva de Foucault. Ao tratar do sistema de formação dos objetos, por exemplo, o autor mostra que o objeto do discurso não preexiste a si mesmo, mas vem à tona num “feixe complexo de relações”, sendo estas estabelecidas “entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas,

técnicas, tipos de classificações, modos de caracterização; e essas relações não estão presentes no objeto” (FOUCAULT, ([1969] 2012, p. 55). Nessa visão, portanto, as práticas discursivas de um dado domínio discursivo são determinadas no funcionamento do jogo de relações dos elementos dos sistemas de dispersão, a partir dos quais pode-se discernir as regularidades de uma formação discursiva. Importa salientar que Foucault não considera a ideologia em seus pressupostos sobre a FD.

A noção de formação discursiva também foi teorizada por Pêcheux ([1969, 1975] 2010, 2009), como também por Courtine ([1981] 2009).

No texto escrito por Pêcheux e Fuchs ([1969] 2010), encontramos o conceito de FD, pensado a partir da teoria foucaultiana, mas ressignificado pelo viés da teoria *não-subjetiva do sujeito* e da *ideologia* althusseriana, articulada à noção de *condições de produção*. Segundo Pêcheux e Fuchs, as formações ideológicas comportam várias formações discursivas que funcionam interligadamente. São, portanto, as FDs que:

determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. Diremos, então, que toda *formação discursiva* deriva de *condições de produção específicas* (PÊCHEUX e FUCHS, [1969] 2010, p. 164, grifos do original).

Para os autores, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas. Nessa visão, as FDs também se constituem num jogo de relações, mas *relações ideológicas, relações de classe*. Em obra posterior, Pêcheux ([1975]2009) ratifica sua visão de formação discursiva e acrescenta que as palavras, as proposições recebem seu sentido das formações discursivas onde são produzidas.

Posteriormente, Courtine ([1981] 2009) apresenta uma releitura da noção de FD a partir do pensamento de Foucault e Pêcheux. Entretanto, para um maior aprofundamento do conceito de formação discursiva formulado por Pêcheux e para um maior entendimento da releitura proposta por Courtine, é necessário considerarmos a teoria não-subjetiva do sujeito, pois a FD na visão desses autores é imbricada ao conceito de sujeito. Sendo assim, discorreremos a seguir sobre este importante tema da AD pecheutiana.

2.3 A concepção não-subjetivista da subjetividade

De início, esclarecemos que, neste estudo, o nosso olhar para a questão da subjetividade²⁵ limita-se ao campo específico dos estudos discursivos postulados por Pêcheux (1969,1975).

A concepção de sujeito do discurso – noção central no arcabouço teórico da AD construída por Pêcheux – é atravessada pela teoria marxista da ideologia e pela teoria psicanalítica do inconsciente. Trata-se da visão não-subjetivista da subjetividade, segundo a qual a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos. A constituição ideológica do sujeito, segundo Pêcheux ([1975]2009) está intrinsecamente ligada à constituição dos sentidos. O sujeito é considerado um “efeito ideológico” por meio do qual se configura como fonte ou origem do dizer (PÊCHEUX, [1975]2009).

Nesta ótica, a interpelação dos indivíduos em sujeitos se dá por meio das formações discursivas “que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 147). A *formação discursiva* (FD), como já vimos, é conceituada pelo autor como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 147, grifos do autor). E, assim, é produzido o efeito de liberdade, da ilusão do dizer do sujeito empírico, portanto, uma evidência de autonomia do sujeito, através da estrutura discursiva da *forma-sujeito*, por meio da qual se dá a identificação do sujeito do discurso em uma formação discursiva dada (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 151).

Cabe destacar que, segundo Pêcheux ([1975]2009), o interdiscurso é o todo complexo com dominante. Ou seja, é um conjunto de FDs em que uma é a dominante. E a forma-sujeito é o que regula o que “pode/deve” entrar na FD. Conforme esclarece Malidier (2003, p. 51): “o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico, no qual se desdobram as formações discursivas em função das relações de dominação, subordinação, contradição”. Assim, a forma-sujeito “*simula o interdiscurso no intradiscurso*, de modo que o interdiscurso aparece como puro “já dito” do intra-discurso, no qual ele se articula por “co-referência” (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 154, grifos do autor). O autor ainda acrescenta que a forma-sujeito incorpora e

²⁵ Tal delimitação se justifica tendo em vista a complexidade teórica da questão da subjetividade e a vastidão de estudos e reflexões que esta noção tem suscitado ao longo da história, não somente no campo da Linguística, mas em várias áreas e disciplinas científicas.

dissimula os elementos do interdiscurso, como por exemplo a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade, dando origem ao *efeito-sujeito*. A interpelação supõe um desdobramento do sujeito em *sujeito da enunciação* (locutor) e *sujeito universal*, sendo que esse desdobramento pode assumir, segundo Pêcheux (2009), três modalidades de tomadas de posição. A primeira diz respeito a uma superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, e caracteriza o “bom sujeito”, que é o que produz a unicidade imaginária do sujeito. Grigoletto (2005b, p. 62) esclarece que essa primeira modalidade ocorre somente “pelo viés da reprodução dos saberes que dominam a forma-sujeito”.

A segunda modalidade caracteriza o “mau sujeito”, que é aquele que mantém uma relação de dúvida, questionamento e contestação com o sujeito universal, e faz com que ocorra uma *contra-identificação* com a formação discursiva dominante, processo que se dá pelo viés do contradiscurso, conforme Pêcheux ([1975]2009). A terceira modalidade é a da *desidentificação* ou ruptura do sujeito com os saberes de uma dada formação discursiva. Conforme Indursky (2011b), é a partir da segunda modalidade de tomada de posição ou contra-identificação que será possível pensar sobre as divergências no interior de uma FD, o que leva à relativização da forma-sujeito e abala a homogeneidade da FD, o que resulta na produção de distintas posições-sujeito no discurso. Ou seja, há, possibilidades de transformação e deslocamento da forma-sujeito, embora isto não signifique uma ruptura com a interpelação ideológica, pois esta mantém seu funcionamento de modo avesso, “através do “desarranjo-rearranjo” do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo)” (PÊCHEUX, 2009, p. 202).

A partir dos pressupostos de Pêcheux sobre o desdobramento da Forma-Sujeito e da releitura da obra *Arqueologia do Saber* de Foucault (1971), Courtine ([1981]2009) postula a heterogeneidade de uma FD pelo viés da fragmentação do sujeito em diversas posições-sujeito. Conforme essa visão, o sujeito pode movimentar-se de uma FD para outra, como também pode fragmentar-se e assumir posições diferenciadas em uma mesma FD. Nas palavras do autor:

Concebemos, portanto, uma *posição de sujeito* como uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma dada FD. Essa relação é uma relação de identificação cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso. A descrição das diferentes posições de sujeito no interior de uma FD e dos efeitos que estão ligados a ela é o domínio de descrição da forma-sujeito. (COURTINE, [1981]2009, p. 88, grifos do autor).

O autor também argumenta que é pelo viés das condições de produção que a noção de formação discursiva deve ser definida, pois é o interdiscurso que domina uma FD que vai determinar as condições de produção de uma sequência discursiva, já que “[...] toda sequência discursiva deve ser apreendida enquanto objeto tomado num processo discursivo de reprodução/transformação dos enunciados no interior de uma dada FD: *o estudo do intradiscurso que tal sequência manifesta é indissociável da consideração do interdiscurso da FD*” (COURTINE, [1981] 2009, p. 84, grifos do autor).

Desse modo, o conceito de FD deve levar em conta a correlação – contraditória – de dois níveis distintos constitutivos de duas formas de existência do discurso enquanto objeto, o *nível do enunciado* e o *nível da formulação*, e, desse modo, na análise das FDs, é de fundamental importância estabelecer a distinção entre esses dois níveis, assim como proceder sua articulação, na qual se constituem sujeito e discurso (COURTINE, [1981]2009). Conforme o autor, o enunciado se situa em uma posição *vertical* ou interdiscursiva, enquanto as formulações se situam numa rede *horizontal* ou intradiscursiva. De acordo o pensamento do autor:

[...] a inscrição de um enunciado num conjunto de formulações – como “um nó em uma rede” – deverá ser caracterizada a partir de uma pluralidade de pontos, constituindo, ao redor de sequências discursivas tomadas como ponto de referência, uma rede de formulações extraídas de sequências discursivas, cujas condições de produção serão, ao mesmo tempo, *homogêneas e heterogêneas* em relação à sequência discursiva de referência (COURTINE, [1981]2009, p. 90).

A heterogeneidade é, portanto, constitutiva tanto da forma-sujeito quanto da formação discursiva. E se o interdiscurso é que determina uma FD, a reconfiguração de uma FD também se dá pelo viés do interdiscurso (INDURSKY, 2011b). Ou seja,

saberes que não fazem parte de uma determinada FD, em um determinado momento e em uma da conjuntura, passam a integrá-la, aí introduzindo a diferença e a divergência, o que está na origem da constituição heterogênea de qualquer FD. E é aí que as diferentes modalidades de tomada de posição assumem seu papel, produzindo o entrelaçamento entre o mesmo e o diferente, vindo de outro lugar, de outro discurso, de outra FD (INDURSKY, 2011b, p. 84).

Assim, as fronteiras das FDs são instáveis, há “falhas do ritual”, segundo observou Pêcheux. Logo, a falha e o equívoco vislumbram a possibilidade de movimento do sujeito do discurso, que “não é totalmente livre, nem totalmente assujeitado, movendo-se entre o espaço

discursivo do um e do outro, entre a incompletude e o desejo de ser completo.” (GRIGOLETTO, 2008, p. 50, grifos da autora). Contudo, deve-se ressaltar que, nesse processo, o sujeito do discurso não escapa do ideológico. E, embora exista um certo espaço de liberdade, o sujeito sempre estará identificado por alguma ideologia.

É também pelo viés das *falhas do ritual* que Indursky (2011b) entende a instabilidade da formação discursiva. Para a autora, a falha no ritual ocorre no momento do encontro do sujeito do discurso com a linguagem e a história. E assim, em decorrência desse encontro, podem instaurar-se alguns tipos de falhas; o primeiro tipo permite a entrada de novos saberes anteriormente alheios a um certo domínio do saber, o que resulta na reconfiguração de uma FD. A segunda falha, além de resultar na transformação/reconfiguração da FD, permite também a fragmentação da própria forma-sujeito. Já a terceira falha pode resultar não somente na fragmentação da forma-sujeito, mas também abre *brechas* para uma nova posição-sujeito que introduz novos saberes, até aqueles anteriormente não permitidos no interior de uma FD, rompendo com a estabilidade dos sentidos. Ao momento exato de instauração de uma nova posição-sujeito, a autora denomina *acontecimento enunciativo*. E, desse modo:

O acontecimento enunciativo produz tensão nas fronteiras internas da FD, pois faz balançar a unidade imaginária do sujeito, ao introduzir e situar saberes na tênue fronteira de uma FD, o que torna difícil determinar o seu exato pertencimento. [...] É precisamente sobre o que estou chamando de falhas do ritual que penso ser necessário colocar o foco: no meu entendimento, a falha no ritual remete para uma falha na interpelação do sujeito, ou seja: é porque o ritual é sujeito a falhas que o sujeito pode se contra-identificar com os saberes de sua formação discursiva e passar a questioná-los, fragmentando a forma-sujeito e produzindo diferentes posições-sujeito. Da mesma forma, é porque o ritual está sujeito a falhas que o sujeito do discurso pode desidentificar-se com a FD em que estava inscrito para identificar-se com outra FD (INDURSKY, 2011b, p. 88).

Destarte, o funcionamento de uma formação discursiva é imbricado à questão do sujeito, e não se pode discutir essas noções separadamente. Com base em tais considerações e levando em conta o nosso corpus discursivo, podemos identificar e compreender o funcionamento de uma formação discursiva (FD) dominante na blogosfera ScienceBlogs.com.br, que é a **FD de divulgação científica**. Entretanto, esta funciona em relações de atravessamentos e tensões com saberes de outras FDs, a exemplo da FD da ciência, a FD do discurso acadêmico, a FD das novas tecnologias – neste caso, representada pela internet – a FD empresarial da instituição/empresa ScienceBlogs.com, a FD do discurso

publicitário, a FD do discurso pedagógico, além de outros que podem vir à tona no desenrolar das análises. A partir da visão heterogênea da noção de FD, temos mais clareza para compreender o funcionamento da forma-sujeito, como também o jogo de relações dos lugares sociais e discursivos, além das distintas posições que esse sujeito pode assumir no discurso. Tendo em vista a relevância dos conceitos de *interdiscurso* e *memória discursiva* no quadro teórico da AD, discorreremos, a seguir sobre essas noções, a fim de buscarmos um entendimento mais aprofundado da questão do discurso como efeito de sentidos.

2.4 Interdiscurso e Memória discursiva

Segundo Pêcheux ([1983] 2010a), a noção de interdiscurso designa o exterior específico de uma formação discursiva (FD), e enquanto este exterior irrompe na FD, ela se torna um lugar de evidência discursiva. O autor explica também que o interdiscurso é um princípio da discursividade:

O interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos de uma sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (PÊCHEUX, [1984] 2011a, p. 158).

O interdiscurso se manifesta de duas formas, sendo a primeira o *pré-construído*, que aponta para o fato de que “algo fala, sempre antes, em outro lugar” (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 149). A outra forma é o *discurso transverso*: “o interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 154). Desse modo, os elementos do interdiscurso de uma dada FD são reinscritos no discurso do sujeito, sujeito este ideologicamente interpelado, por isso não é “dono” do seu discurso. O interdiscurso, enquanto pré-construído, determina o intradiscurso (textualização do discurso) e, assim, o sujeito constituído pela formação discursiva com a qual se identifica, “tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso” (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 154), de modo que o intradiscurso funciona como efeito do interdiscurso, sendo este também uma condição da

produção e da interpretação dos discursos (PÊCHEUX, [1984]2011a). Na esteira desse pensamento, Courtine ([1981]2009) esclarece que o interdiscurso é a dimensão vertical do discurso que determina a sua dimensão horizontal, a saber, o intradiscurso - formulação e textualização do discurso, sendo que esta se dá em condições de produção e circunstâncias enunciativas específicas.

Quanto à noção de *memória discursiva*²⁶, é teorizada por Courtine ([1981] 2009) a partir dos estudos de Foucault (1971). Segundo Courtine, a memória discursiva designa:

a existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos [...] os objetos que chamamos “enunciados”, na formação dos quais se constitui o saber próprio a uma FD, existem *no tempo longo de uma memória*, ao passo que as “formulações” são tomadas no *tempo curso da atualidade de uma enunciação*. É então, exatamente, a relação entre interdiscurso e intradiscurso que se representa neste particular efeito discursivo, por ocasião do qual uma formulação-origem retorna na atualidade de uma “conjuntura discursiva”, e que designamos como efeito de memória (COURTINE [1981] 2009, p. 106, grifos do autor).

Assim, Courtine não trata o interdiscurso e memória como noções sinônimas, mas destaca o *efeito de memória* advindo da relação do interdiscurso com o intradiscurso.

Pêcheux ([1983] 2010c) também discorreu sobre o importante papel da memória nos estudos discursivos. Para o autor, a memória mantém uma tensa relação contraditória com o *acontecimento* histórico, já que este pode vir a inscrever-se no espaço potencial da memória, em determinadas condições ou pode vir a não se inscrever ou ser absorvido pela memória como se não tivesse ocorrido. Conforme o autor, a memória discursiva, em face do processo de leitura, exerce o papel de restabelecer os *implícitos* ou os pré-construídos e discursos transversos, e, desse modo, a questão que se coloca para a AD é buscar esses implícitos “ausentes por sua presença”. Segundo ele, sob o choque do acontecimento funciona, na memória, um jogo de forças que pode instituir tanto a estabilização parafrástica, quanto a *desregulação* que traz perturbação à rede dos implícitos. Assim, nesse jogo de forças, “sob o mesmo” da recorrência, da repetibilidade, pode irromper o jogo metafórico como outra possibilidade discursiva. Conforme explica o autor: “Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase”

²⁶ Convém ressaltar que a memória conforme tratada na AD não diz respeito à memória cognitiva nem à psicologizante.

(PÊCHEUX, [1983] 2010c, p. 53). O autor preconiza, pois, a memória como espaço dinâmico, heterogêneo, de tensão contínua:

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX [1983] 2010c, p. 56).

Logo, na perspectiva da AD pecheuxtiana, a memória jamais é concebida enquanto depósito ou reservatório, mas como espaço dinâmico e de contínuo movimento, como também o é a própria história. Em momento posterior, ao discorrer sobre a relação entre leitura e memória, o autor argumenta que o funcionamento discursivo da memória deve ser apreendido sob a perspectiva de um conjunto complexo de traços sócio-históricos, como um *corpo/corpus de traços* interdiscursivos. Todavia, o autor adverte que:

A memória se reporta não aos traços²⁷ corticais *dentro* de um organismo, nem aos traços cicatriciais *sobre* este organismo, nem mesmo aos traços comportamentais depositados *por ela* no mundo exterior ao organismo, mas sim a um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries *de tecidos de índices legíveis*, constituindo um corpo sócio-histórico de traços (PÊCHEUX, [1982] 2011a, p. 142, grifos do autor).

Para refletir sobre a memória discursiva, Pêcheux toma a noção de *traços* do pensamento de Ginzburg (1980, apud Pêcheux [1982] 2011), como também faz menção à noção de memória postulada por Foucault, na obra *Arqueologia do Saber* (1969). Desse modo, esse conjunto complexo de traços e indícios sócio-históricos, ao mesmo tempo em que alimenta e constitui a própria memória, é também por ela produzido, numa relação caracterizada pela contínua instabilidade e tensão. Pêcheux assinala que a condição *essencial* de produção e interpretação de uma sequência discursiva reside somente na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, que também, ao mesmo tempo, constitui o espaço de memória de uma sequência. Sendo assim, esse corpo sócio-histórico de traços não se inscreve na esfera individual do sujeito psicológico. Nessa ótica, o processo de leitura consiste em estabelecer relações da materialidade linguística com esse corpo sócio-histórico de traços interdiscursivos, ideológicos, que constitui o próprio objeto da AD, como esclarece o autor:

²⁷ Esses traços, segundo Pêcheux (2011a), dizem respeito a uma rede de “signos, traços e pistas”, conforme o paradigma indiciário postulado por C. Ginzburg (1980, apud Pêcheux, [1982]2011).

“É esse corpo de traços que a análise de discurso se dá como objeto” (PÊCHEUX, [1982] 2011a, p. 146).

Tal pensamento é bastante coerente com a concepção não subjetivista do sujeito, pois uma dada sequência não é produto do sujeito psicológico, antes, ela é produzida – e também deve ser interpretada – a partir do que lhe já é pré-existente, qual seja, o *interdiscurso*, constituído por esse complexo conjunto de traços sócio-históricos. Logo, uma dada sequência, ao mesmo tempo em que carrega traços e efeitos da memória, torna-se também um espaço de inscrição da memória, como uma peça de uma grande engrenagem ou jogo discursivo.

Na esteira desse pensamento, Indursky (2011a), ao refletir sobre a noção pecheutiana de *discurso transverso*, distingue o “encaixe do pré-construído” e a “linearização do discurso transverso”. Segundo a autora, na primeira situação se dá uma apropriação do pré-construído que é encaixado no discurso do sujeito, sob o efeito de que ali é construído; na segunda situação, o discurso é retomado pelo sujeito, do qual se apropria, mas esse pré-construído ressoa metonimicamente, como um implícito. Para Indursky (2011a), é sob a *repetibilidade* que a noção de memória pode ser convocada em AD: “o sujeito, ao produzir seu discurso, o realiza sob o regime da repetibilidade, mas o faz afetado pelo esquecimento, na crença de ser a origem daquele saber”. A repetibilidade pode acontecer sob a forma de deslizamentos de sentidos que podem atravessar as fronteiras de uma FD e deslizarem para outra FD, sendo aí afetados pelas relações com a ideologia, produzindo, assim, uma ressignificação. Nas palavras da autora: “Os sentidos, à força de se repetirem, podem acabar por se modificar, de modo que as redes discursivas de formulação, formadas a partir de um regime de repetibilidade, vão recebendo novas formulações que, ao mesmo tempo em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória” (INDURSKY, 2011a, p. 76).

Entretanto, tais formulações tanto podem produzir o mesmo sentido – a exemplo de uma relação metafórica, em que uma palavra é tomada pela outra instituindo uma voz parafraseadora – como pode também produzir uma *ressignificação*, quando o discurso fundador é questionado, denunciado. Todavia, para que esta ressignificação ocorra, é necessário que “o sentido primeiro ressoe junto com os novos sentidos, funcionando como uma presença-ausente. É o memorável que aí ressoa. Não dá para interpretar uma atualidade sem a sua memória.” (INDURSKY, 2011a, p. 86). Desse modo, a autora declara que a memória discursiva é esburacada, lacunar, enquanto o interdiscurso é saturado, comporta

todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, enquanto que a memória discursiva diz respeito apenas àqueles sentidos autorizados pela Forma-Sujeito de uma dada FD.

Ademais, a memória discursiva também se reporta aos sentidos que devem ser refutados ou lembrados em uma FD. E, assim, segundo a autora, os sentidos de uma FD são regulados pela memória discursiva, na qual ecoa a memória coletiva e social. Porém, a memória social não se confunde com a memória discursiva, porquanto esta representa uma FD, é afetada pelo ideológico que confere à memória discursiva a natureza lacunar. Indursky (2011a) defende, portanto, a memória discursiva e o interdiscurso como noções distintas, embora ambos estejam ligados à memória social. A autora esclarece que: “A memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e, por essa razão, é esburacada, lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD. Ou seja, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada” (INDURSKY, 2011a, p. 87-88).

A partir das colocações dos autores supracitados sobre interdiscurso e memória discursiva (COURTINE [1981], 2009; PÊCHEUX [1982] 2011; INDURSKY, 2011a), entendemos que o *interdiscurso* abrange a memória discursiva ampla construída ao longo da história, como afirma Indursky (2011a, p. 87-88) “abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FDs”, enquanto a memória discursiva reporta-se mais especificamente aos saberes de uma dada FD.

Tal pensamento, a nosso ver, se coaduna com as reflexões de Pêcheux acerca do interdiscurso e da memória. Conforme esse autor, é possível compreender o *interdiscurso* como um conjunto complexo ou “corpo de traços sócio-históricos” pré-existente à construção de uma sequência discursiva; já a memória discursiva, embora também seja constituída e também se constitua por/em traços ou indícios sócio-históricos, não comporta o corpo ou conjunto complexo de traços em sua totalidade, sendo isto reservado ao interdiscurso. Vejamos o seguinte trecho da fala de Pêcheux ([1982] 2011, p. 147): “O termo *interdiscurso* caracteriza esse corpo de traços como materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma sequência dada, na medida em que esta materialidade intervém para constituir tal sequência”. Por outro lado, Pêcheux estabelece que a condição do funcionamento discursivo da memória é a relação com o conjunto complexo e pré-existente e exterior ao organismo, que constitui o corpo sócio-histórico de traços: “a memória se reporta [...] a um conjunto complexo, pré-existente e exterior ao organismo, constituído por séries de *tecidos de índices*

legíveis, constituindo um corpus sócio-histórico de traços” ([1982] 2011, p. 142, grifos do autor). Logo, compreende-se que o conjunto complexo pré-existente e exterior ao organismo diz respeito ao interdiscurso ao qual a memória se reporta, sendo que esta funciona como um recorte do interdiscurso, e, ao mesmo tempo, também se constitui em um corpo sócio-histórico de traços, não no sentido amplo do interdiscurso – o longo tempo da memória – mas em um curto tempo de memória, efeito da relação do interdiscurso com a atualidade de uma enunciação (Courtine ([1981] 2009). As noções de interdiscurso e memória são, portanto, fundamentais na análise discursiva, posto que, como vimos, a condição essencial de produção e interpretação de uma dada sequência é a sua relação com um corpo sócio-histórico de traços discursivos, sendo este o próprio objeto da AD (PÊCHEUX [1982], 2011).

Neste estudo, analisamos o DDC que se inscreve e funciona em materialidades significantes virtuais, que institui novos efeitos na relação com a memória, por essa razão, torna-se necessário pensar sobre o funcionamento da memória em tempos de modernidade líquida (BAUMAN, 2001).

2.4.1 A Memória discursiva e as discursividades líquidas

Neste estudo, reportamo-nos ao ciberespaço, ao hipertexto, à blogosfera e aos blogs de divulgação científica, como esse corpo sócio-histórico de traços interdiscursivos, como espaço da memória, no qual as materialidades funcionam como “nós” na grande rede ou *Web*. Todavia, esses traços e indícios da memória não se encontram nas evidências, na transparência da linguagem. Como afirma Pêcheux ([1982], 2011, p. 146) “O não-dito da sequência não é, assim, reconstruído sobre a base de operações lógicas internas, ele remete aqui a um já-dito, ao dito em outro lugar [...]”. Desse modo, é nos furos, nos equívocos da língua, onde a memória se esburaca, como postula Pêcheux, que buscaremos os efeitos de sentidos produzidos a partir do funcionamento do corpo interdiscursivo de traços sócio-históricos inscritos e constitutivos nas/das distintas materialidades dos blogs de DC.

Como já assinalado, as materialidades significantes da internet e dos blogs são produzidas em condições específicas de um momento histórico denominado por Bauman de modernidade líquida, vida líquida (BAUMAN, 2001, 2007). Nesse contexto, Courtine (2008), com base nas reflexões de Bauman, declara que a memória que funciona nas discursividades líquidas é uma memória também em estado líquido:

A noção de memória foi e permanece ainda aqui um investimento interpretativo de grande alcance, tanto no que concerne às palavras quanto às imagens: *seu funcionamento no estado líquido* se fundamenta na volatilidade, na efemeridade, na descontinuidade e no esquecimento. Tudo isso evidencia a necessidade de manutenção de um quadro de reflexão histórica. Não há memória sem história. O investimento consiste, portanto, em compreender as formas inéditas de dominação que se elaboram neste momento de discursividades líquidas e em apreender os seus efeitos, ao mesmo tempo políticos e psicológicos, sobre os sujeitos que somos (COURTINE, 2008, p. 17, grifos meus).

Considerando que a divulgação científica dos blogs é produzida em condições de modernidade líquida (BAUMAN, 2001, 2007), podemos dizer que a ciência, ao ser discursivizada para a divulgação no *ScienceBlogs Brasil*, pode também ser um espaço de inscrição da memória que funciona em estado líquido, uma vez que as materialidades significantes dos blogs se caracterizam pela efemeridade e volatilidades, as quais produzem discursividades líquidas. É, pois, nesse cenário discursivo que buscaremos analisar o funcionamento da leitura e dos efeitos-leitores instituídos no DDC inscrito no Sb.br. Na busca desse objetivo, é também relevante uma discussão sobre a *leitura* do ponto de vista discursivo.

2.5 A concepção discursiva de leitura

Segundo Pêcheux (2010b), a Análise de Discurso se constitui como uma nova forma de ler as materialidades escritas e orais, e assim, deve buscar estabelecer as relações, conjunções, dissociações, entrecruzamento entre os textos e as materialidades, no intuito de reconstruir o espaço da memória de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, sendo tal corpo atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e contradições. Nesse percurso de leitura, segundo o autor, a AD busca compreender o modo pelo qual esse “corpo interdiscursivo de traços” se inscreve na/pela língua. É o sujeito, interpelado ideologicamente, afetado pela história e pelo inconsciente que se inscreve na língua, sendo esta afetada pelo real da história. Por isso a língua, melhor dizendo, o real da língua é constituído da falha, do equívoco.

É pelo viés do simbólico que se apreende o real da língua, que consiste, segundo Cazarin (2006, p. 300) como “aquilo que não pode ser dito pela língua (pelo sistema), mas é apreendido pela discursividade, isto é, pela ordem do simbólico; esta é a representação do real

da língua pela linguagem; o real se opõe ao simbólico e vice-versa”. Isto significa que a leitura discursiva não busca os sentidos na literalidade, já que eles nunca estão prontos e, embora materializados na língua verbal ou não-verbal, são constituídos juntamente com os sujeitos, sendo estes sujeitos sócio-históricos que se relacionam com o interdiscurso. Desse modo, a leitura discursiva consiste em “multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de colocar-se em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (PÊCHEUX, 2008, p. 44). Nessa visão, a prática leitora se distancia da descrição hermenêutica, mas segundo Pêcheux, é um “trabalho do sentido sobre o sentido”, pois “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” PÊCHEUX, 2008, p. 53). A língua é constituída do equívoco, os enunciados são potencialmente pontos de deriva que oferecem espaços de interpretação, de leitura.

Para Indursky (2003), a leitura na perspectiva da AD deve ser pensada articuladamente à teoria não-subjetiva da subjetividade, a partir da qual se chega à teoria não-subjetiva da leitura. Nesse constructo teórico de leitura, mobilizam-se as noções de posições-sujeito, formações discursivas, produção de sentido e paráfrase discursiva. Conforme a autora, o complexo de formações discursivas, inscritas em uma formação social como a nossa, funcionam interligadamente e, assim, o sujeito, a partir da identificação com uma determinada posição-sujeito, inscreve-se em uma dada FD, com a qual estabelece, ao mesmo tempo, tanto uma relação identitária como também antagônica, ou seja, travam-se oposições com as demais posições-sujeito, próprias a outras FDs.

Por seu turno, uma formação discursiva inscreve-se em uma dada matriz de sentido, constituída de uma dada família parafrástica que se forma a partir das sequências discursivas com as quais se relacionam. Mas, como esclarece Indursky, não há uma única matriz de sentido, há várias matrizes de sentido, nas quais se inscrevem o complexo de FDs que funcionam em nossa formação social. É a partir dessa ótica que a teoria não subjetiva da leitura é explicitada pela autora:

Da pluralidade de formações discursivas existentes em nossa formação social resulta uma variedade de sujeitos sociais, daí decorrendo a diversidade de leituras possíveis. É desse ponto de vista que estou tratando a *pluralidade de leituras* no presente trabalho e, dentro desses parâmetros, interessa-me examinar a questão da *leitura* que leva em conta *efeitos-leitores em*

confronto. [...] A mudança de domínio de saber implica a emergência de um *efeito de sentido* diferente, mobilizado por um *efeito-leitor* igualmente diverso. Ou seja, uma sequência discursiva pode produzir diferentes efeitos de sentido, em virtude das diferentes subjetividades não-subjetivas que ela pode mobilizar [...] Por conseguinte, a *prática da leitura não-subjetiva* é o processo que leva em conta não apenas um efeito de sentido, mas os possíveis efeitos de sentido antagônicos decorrentes dos movimentos de leitura, contrastando diferentes visadas não-subjetivas que atravessam o sujeito-leitor, colocando-o como efeito-leitor (INDURSKY, 2003, p. 191, 198, grifos da autora).

Assim, a teoria não-subjetiva da leitura está ancorada na principal tese da AD pecheuxtiana, segundo a qual os sentidos e os sujeitos se constituem mutuamente. Nesta ótica, não há uma única leitura, embora haja essa evidência, como apontam Pêcheux e Fuchs:

A evidência de leitura subjetiva segundo a qual um texto é biunivocamente associado a seu sentido (com ambiguidades sintáticas e/ou semânticas) é uma ilusão constitutiva do efeito-sujeito em relação à linguagem e que contribui, neste domínio específico, para produzir o efeito de assujeitamento. [...] o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente a esta ou aquela formação discursiva (o que explica de passagem que ela possa ter vários sentidos) (PÊCHEUX e FUCHS, [1969] 2010, p. 167).

Há certamente leituras já-instauradas pelos saberes das FDs, materializadas nos distintos significantes, mas, como lembra Pêcheux, essas materialidades também são lugares de deriva, são espaços de memória, portanto podem instaurar o confronto dos sentidos, logo, diversidade e movimentos de leitura. Esse movimento diz respeito ao funcionamento da forma-sujeito e dos distintos lugares e posições do sujeito, pois o sujeito-leitor em pauta não é o empírico, mas o discursivo.

Graças a essa possibilidade da falha, do equívoco constitutivo da língua, os “textos”, os hipertextos, os blogs, as materialidades, os arquivos, embora construam uma evidência de sentido cristalizado, são opacos e podem ser desarrumados, destrinchados, como afirma Pêcheux: “toda leitura destrinça o texto, privilegia certos elementos para ocultar outros, reaproxima o que dispersou, dispersa o que estava unido.” (PÊCHEUX, et al x 2010, p. 278). Este processo diz respeito a um trabalho de *leitura de arquivo*, (PÊCHEUX, 2010d). E o que vai nos interessar nessa leitura, segundo o autor, são as discursividades do arquivo inscritas nas materialidades da língua: “É esta relação entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos

materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo.” (PÊCHEUX, 2010d, p. 58). Segundo o autor, a leitura literal é apenas a apreensão do documento, que deve ser mergulhada na leitura interpretativa, que já consiste em uma escritura.

O trabalho interpretativo do arquivo consiste em estabelecer relações com a exterioridade, com o simbólico, em confrontar as tensões e a heterogeneidade do arquivo com “a memória da história que atravessa o arquivo não escrito dos discursos subterrâneos” (MALDIDIER, 2011). O arquivo não escrito nos remete ao silêncio e, segundo Orlandi (2004), há uma relação entre o silêncio, a incompletude e o ato de interpretar. Para a autora, “o gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história” (ORLANDI, 2004a, p. 18).

Tal reflexão nos retorna à teoria da leitura não-subjetiva, conforme vimos com Indursky (2003), o que também nos retorna à própria constituição da Análise do Discurso enquanto disciplina, qual seja, uma disciplina interpretativa, que se oferece como uma nova forma de ler as materialidades, como diz Pêcheux. Uma nova forma de ler porque tal leitura não considera o efeito de evidência dos sentidos, mas busca estabelecer as relações múltiplas e interdiscursivas dos sujeitos com a história. Essa prática leitora é discursiva porque cria relações de confrontos: do dito com o não dito, do dizível com o indizível, do legítimo e legitimado com o não legítimo e não legitimado, conforme o funcionamento das FDs e o movimento de identificação e contra-identificação dos sujeitos e posições-sujeito com as FDs.

A leitura é, pois, uma provocação: “A análise de discurso não será mais uma prótese da leitura, mas uma provocação à leitura” (PÊCHEUX, *et al*, 2010). Uma provocação ao confronto de efeitos de sentidos, ao confronto de efeitos-leitores.

O efeito-leitor é uma noção central na concepção de leitura discursiva (PÊCHEUX, 2009), como também é uma noção central neste trabalho. Sendo assim, discorreremos sobre a constituição do efeito-leitor intrinsecamente ao jogo de relações de lugares sociais e discursivos e das posições-sujeito.

2.6 Lugares sociais e discursivos dos sujeitos na movência do discurso

Conforme Pêcheux ([1973]2011c), pensar a questão do lugar do sujeito no discurso

requer também pensar sobre as condições nas quais o discurso é produzido, posto que as condições são “propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso” (PÊCHEUX, 2011c, p. 214). Para o autor, a natureza dos lugares ocupados pelos sujeitos é atribuída pelas condições de produção do discurso, e seus respectivos efeitos, pois:

Atribuir as condições de produção de um discurso é atribuir a natureza dos lugares que são sustentados por A e B em relação a “R”. Convém precisar que essas propriedades não devem ser entendidas como as propriedades individuais de um locutor individual (por exemplo, o passado do locutor, suas aprendizagens ou suas emoções). Trata-se da posição que é atribuída ao emissor, produtor do discurso, no interior de uma estrutura social suscetível de ser descrita cientificamente como devendo comportar os lugares A e B e o referente R (PÊCHEUX, 2011c, p. 216).

Para refletir sobre a questão do lugar e das CP do discurso, o autor recorre a elementos do esquema das formações imaginárias²⁸ inerentes ao processo discursivo: os lugares que são sustentados por A (emissor) e B (receptor) em relação a R, que diz respeito ao *referente* ou contexto e situação em que ocorre o processo discursivo. Pêcheux distingue as noções de *lugar* e *posição* e deixa claro que os lugares estão estreitamente relacionados à formação social-econômica na qual se inscrevem os sujeitos:

Podemos compreender a partir do que precede, a distinção entre lugar e posição. Dada uma formação social-econômica resultante da combinação de vários modos de produção, com um modo de produção dominante (no caso, o modo de produção capitalista), diremos que o modo de produção capitalista reparte-distribui os agentes humanos em um número de *lugares*, entre os quais em particular aquele da reconstituição e da manutenção da força de trabalho. Em relação a esse lugar, diferentes *posições* podem ser tomadas, em função de conjunturas institucionais das quais acabo de fornecer um exemplo (PÊCHEUX, 2011c, p. 216,217, grifos do autor).

O exemplo dado pelo autor diz respeito aos discursos de médicos²⁹, os quais quando estavam em posição de médico hospitalar, tratavam o paciente pelo determinante *esse*: “*esse* paciente, *esse* doente”; e quando estavam na posição de médico do serviço privado, usavam o designador *meu*, “meu paciente”. Porém, quando havia um caso cientificamente interessante

²⁸ A noção e funcionamento do jogo de projeções imaginárias, conforme teorizado por Pêcheux ([1975] 2009) será melhor elucidada em nosso momento de análise, no capítulo IV, desta tese.

²⁹ Segundo Pêcheux ([1973] 2011), o exemplo dado integra o material de pesquisas de Cl. Herzlich sobre o discurso dos médicos e diz respeito à etnologia aplicada às instituições francesas.

que poderia render-lhe uma promoção, mesmo o paciente sendo tratado pela medicina hospitalar, ocorria uma inversão e o suposto médico passava também a referir-se ao paciente pelo determinante *meu*: “*meu* paciente, *meu* doente”.

Pêcheux(2011c) esclarece que é a formação social capitalista que determina/reparte os lugares sociais na “manutenção da força de trabalho” “em função de conjunturas institucionais”, ou seja, esses lugares ocupados pelos sujeitos na conjuntura social são determinados pelas conjunturas ideológicas da forma-sujeito capitalista. As formações sociais imbricadas às formações ideológicas determinam os lugares sociais a partir dos quais os sujeitos enunciam os discursos. Tal processo traz mais clareza para o nosso entendimento sobre as relações de mediação da ciência com a administração e a tecnologia (ORLANDI, 2001a). Entretanto, a fim de verificar a constituição do efeito-leitor no DDC, a partir da inscrição do sujeito nesse discurso, faz-se necessário uma discussão sobre o intrincamento dos lugares sociais e lugares discursivos. Já fizemos menção, anteriormente, sobre a noção de **lugar discursivo**,³⁰ porém, essa discussão requer um aprofundamento no intuito de melhor explicitarmos a questão do efeito-leitor que se produz a partir do lugar discursivo do sujeito. Grigoletto (2005/2008) propõe o *lugar discursivo* enquanto uma categoria de análise que se instaura entre a forma e a posição-sujeito:

O lugar discursivo é determinado não só pelo lugar social, mas também pela estrutura da língua, materializada no intradiscurso. Assim, tanto o lugar discursivo é efeito do lugar social, quanto o lugar social não é construído senão pela prática discursiva, ou seja, pelo efeito do lugar discursivo. [...] devemos tomar o lugar discursivo como um espaço constitutivamente heterogêneo, onde se materializam as diferentes imagens projetadas pelos interlocutores de um discurso. [...]. O sujeito do discurso, através de sua inscrição em um determinado lugar discursivo, vai se relacionar tanto com a forma-sujeito histórica e os saberes que ela abriga quanto com a posição-sujeito. Logo, o lugar discursivo situa-se no entremeio do lugar social, da forma e da posição sujeito (GRIGOLETTO, 2008, p. 56-57).

A autora acrescenta ainda que nem sempre há coincidência simétrica entre lugar social e lugar discursivo, já que este representa distintas formas de relação não somente com a forma-sujeito, mas com as distintas posições-sujeito, portanto, uma categoria bastante heterogênea. Desse modo, tal processo não se desenvolve separadamente, mas de forma

³⁰ Ver o capítulo I, item 1.3.

intrincada, de maneira que lugar social e lugar discursivo produzem e sofrem efeitos um do outro. A autora aponta os seguintes esclarecimentos sobre esse funcionamento discursivo:

a formação social compreende o espaço empírico que, por sua vez, abriga as diferentes formações ideológicas, as quais interagem com as relações de poder (neste caso, a mídia e a ciência), determinando o lugar social que o sujeito ocupa na sociedade. É a práxis social. Já, a formação discursiva compreende o espaço discursivo, que, por sua vez, abriga o lugar discursivo que se relaciona tanto com a forma-sujeito quanto com as diferentes posições-sujeito que operam no discurso a partir dele. É a prática discursiva (GRIGOLETTO, 2008, p. 58).

Assim, fica claro que lugar social e lugar discursivo são constituídos mutuamente e um produz efeito no outro. Mainguenu (2006) destaca que o *sistema de lugares* já está instituído na topografia social e, assim, preexiste à enunciação, ou seja, os lugares sociais e discursivos, nos quais os sujeitos do discurso se inscrevem, já estão dados pelas formações sociais e discursivas. Como preconiza Flahaut (1978, *apud* Mainguenu, 2006), a questão do *lugar* em AD deve ser discutida pelo viés da *relação de lugares* ocupados pelos sujeitos do discurso. Logo, entendemos que a determinação dos lugares sociais e discursivos se dá no movimento discursivo, institui-se no jogo de *relações*, pois assim como a formação social determina e reparte os lugares sociais na conjuntura do modo de produção capitalista, são as formações discursivas, afetadas pela formação social, que constituem o espaço discursivo que também determina os lugares discursivos dos sujeitos, os quais podem assumir distintas posições no discurso, considerando o caráter também heterogêneo das FDs e dos lugares discursivos.

Pêcheux (2010a), em seu texto *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) também nos chama a atenção para o fato de que o jogo de relações de lugares não funciona de forma justaposta, mas seus elementos podem variar de acordo com a natureza de cada um, sendo que um dos elementos pode tornar-se dominante, conforme o estado das condições de produção, como também esse mesmo elemento dominante pode sofrer deslocamentos. Assim, a noção de CP do discurso é fundamental para a compreensão desse processo.

A compreensão do funcionamento das relações de lugares sociais, lugares discursivos e posições-sujeito será de fundamental importância para pensarmos a questão do efeito-leitor constituído no discurso de divulgação científica do Sb.br, nosso objeto de estudo. Por essa razão, discorreremos a seguir sobre a constituição do efeito-leitor nesse jogo discursivo.

2.7 A constituição do efeito-leitor na trama das relações de lugares e posições dos sujeitos

A noção de *efeito-leitor* deve também ser pensada a partir dos aportes teóricos da subjetividade conforme os estudos de Pêcheux, ([1975] 2009). Segundo o autor, o efeito-leitor – noção central na teoria discursiva da leitura – é constitutivo da subjetividade e se caracteriza pelo fato de que, “para que ele se realize, é necessário que as condições de existência deste efeito estejam dissimuladas para o próprio sujeito” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 60). Assim, a constituição do efeito-leitor se dá pelo viés do esquecimento de nº 1³¹, ou seja, pela ilusão necessária do sujeito como fonte de seu dizer e dos sentidos.

No processo de dissimulação necessária e constitutiva do sujeito é que se institui o efeito-leitor, mas como se dá esse funcionamento discursivo? Segundo Orlandi (1988), a identidade de leitura do leitor é configurada pelo seu lugar no social e é em relação a esse “seu” lugar que “sua” leitura se define. A autora defende, assim, que o efeito leitor se institui relativamente à posição sujeito. Todavia, às considerações de Orlandi (1988), acrescentamos, neste estudo, que o efeito-leitor funciona não somente em relação ao lugar social e à posição do sujeito autor e leitor, mas consideramos que este efeito também funciona de modo intrincado ao lugar discursivo, uma noção teorizada por Grigoletto (2005a 2008).

O mecanismo imaginário tem relevante participação no funcionamento desse efeito, já que é também pelo viés das projeções imaginárias que os sujeitos passam das situações empíricas para as posições discursivas, como esclarece Orlandi (2012a):

[...] não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições do sujeito no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição (ORLANDI, 2012a, p. 40).

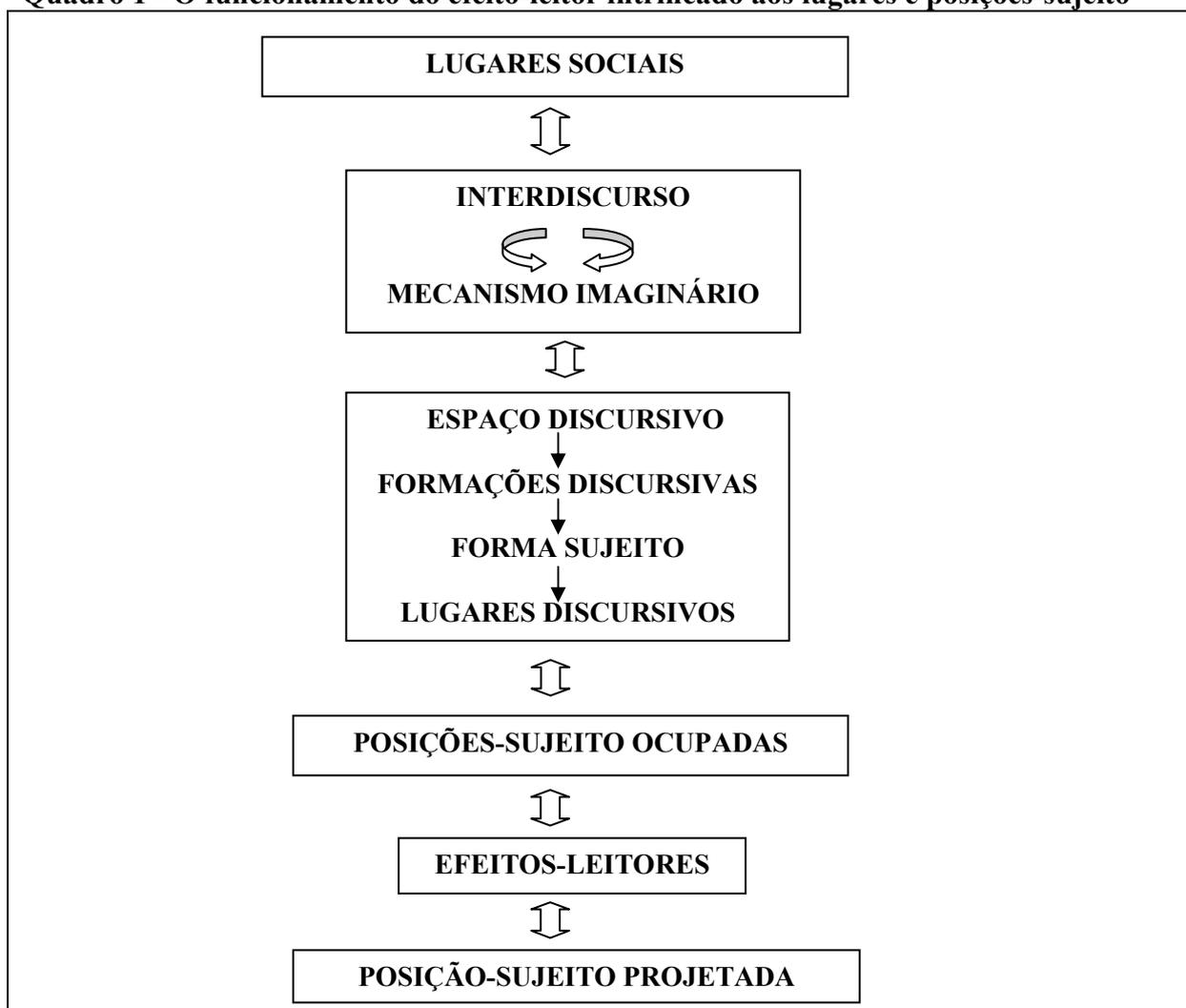
A autora distingue lugar e posição, mas toma a noção de lugar apenas no sentido de lugar social. Entretanto, neste estudo, como já afirmamos, além das noções de lugar social e posição-sujeito, mobilizamos também a noção de *lugar discursivo* preconizada por Grigoletto

³¹ Já abordamos a teoria dos dois esquecimentos, conforme pensada por Pêcheux e Fuchs ([1975] 2010d), neste mesmo capítulo.

(2005, 2008) para ampliar a compreensão conceitual da noção do efeito-leitor, como também para a análise da instituição e funcionamento deste efeito em nosso corpus.

Dessa forma, com base no que precede, diríamos que as projeções imaginárias possibilitam a passagem dos lugares sociais (situações empíricas) para os lugares discursivos, a partir dos quais os sujeitos podem assumir distintas posições discursivas, sendo que, a partir destas, projeta-se o efeito-leitor constitutivo da leitura. Nessa trama, o efeito-leitor não somente é produzido a partir de um lugar, melhor dizendo, das relações estabelecidas entre lugar – social e discursivo – e posições-sujeito, como também pode projetar posições-sujeito para o sujeito leitor. Logo, o efeito-leitor se constitui e funciona num movimento intrincado de relações de lugares e posições dos sujeitos discursivos. O **quadro 1** pode trazer mais clareza para a compreensão desse processo:

Quadro 1 - O funcionamento do efeito-leitor intrincado aos lugares e posições-sujeito



Todo esse movimento discursivo tem seu efeito-início quando o sujeito, a partir de um lugar social se inscreve em um lugar discursivo, afetado pela ideologia e pela formação discursiva à qual se filia, e assume uma dada posição-sujeito realizando gestos interpretativos em sua produção textual, os quais enredam o leitor. Um efeito-leitor que também é um efeito-sujeito e, ao mesmo tempo, um efeito de sentido, projetado como uma unidade imaginária.

O efeito-leitor é, pois, construído na formulação do discurso, sendo que o sujeito do discurso, pelo viés da função autor, é afetado pelo imaginário de seu próprio lugar, como também é afetado pelo imaginário do lugar do leitor, um leitor potencial que já é inscrito no discurso. Ou seja, o imaginário desse leitor será construído por elementos fornecidos pelo interdiscurso e pela memória discursiva; e esta imagem de leitor e de sua leitura, afetada pelo já dito, será delineada no intradiscurso, resultando no efeito-leitor.

Dessa forma, a inscrição do outro e do seu lugar já se realiza na textualização do discurso, pelo mecanismo da antecipação imaginária, visto que o sujeito-autor projeta-se imaginariamente nesse lugar e também projeta a imagem do lugar do outro, como um duplo de si mesmo, como pontua Orlandi:

Se temos, de um lado, a função-autor como unidade de sentido formulado, em função de uma imagem de leitor virtual, temos, de outro, o efeito-leitor como unidade (imaginária) de um sentido lido. Tanto a função-autor como o efeito-leitor atestam que no discurso o que existem são efeitos de sentidos variados, dispersos, descontínuos, sendo sua unidade construção imaginária (onde intervêm a ideologia e o inconsciente). Vale assim dizer que o *efeito-leitor é uma função do sujeito* como uma função-autor (ORLANDI, 2001b, p. 66, grifo meu).

Logo, o efeito-leitor enreda-se à questão da (não)subjetividade, que também o constitui. Imbrica-se ao lugar discursivo e às posições-sujeito ocupadas pelo sujeito do discurso. Ademais, o efeito-leitor, a partir dessa relação de lugares discursivos e posições-sujeito, também projeta um lugar e uma posição discursiva para o sujeito-leitor no processo de leitura. No entanto, ao instituir-se o confronto de relações de lugares e posições do sujeito autor e sujeito leitor no processo de leitura, o efeito-leitor projetado pode ser ratificado ou desconstruído.

A partir do que precede, a noção de efeito-leitor pode ser entendida como unidade imaginária do sujeito e do sentido lido (ORLANDI, 2001b), logo, um efeito-sujeito, um

efeito-leitura, que se institui e funciona no jogo de relações de lugares sociais, lugares discursivos e posições-sujeito, ao mesmo tempo em que também é efeito desse jogo de relações, um jogo mobilizado pelas antecipações imaginárias, afetadas pelo interdiscurso e pela memória.

O efeito-leitor se entremeia na trama da textualização discursiva, sendo esta *guiada* e regulada pelo mecanismo imaginário, afetado pela memória, determinado pelas relações históricas e sociais. Segundo Orlandi (2001a), à escrita ou formulação de um dado discurso, corresponde o efeito-leitor que o institui e o caracteriza. Desse modo, a projeção ou antecipação imaginária do lugar do leitor, coloca o sujeito-autor no lugar de *escuta*, o que lhe permite também antecipar uma dada leitura ao texto. Como o nosso corpus é constituído do hipertexto, estas considerações são igualmente válidas, pois tanto o texto como o hipertexto, são produzidos pelos fios do já-dito, na ilusão do dizer do sujeito, pois todas as materialidades significantes são recortes descontínuos do interdiscurso, são peças simbólicas de unidade imaginária, conforme já discutido neste trabalho.

E, desse modo, instauram-se os efeitos-sentidos, efeitos-leitores no jogo discursivo, instituindo a cumplicidade ou o confronto, conforme a movimentação dos sujeitos e dos sentidos que se filiam às distintas formações discursivas.

Acreditamos que, nos momentos analíticos, o funcionamento do efeito-leitor intrincado aos lugares (sociais e discursivos) e posições-sujeito será melhor explicitado e elucidado.

CAPÍTULO 3 - PERCURSOS METODOLÓGICOS: O ARQUIVO, O CORPUS, O OBJETO DISCURSIVO

O percurso metodológico para a Análise do Discurso é uma construção contínua, de “idas e vindas”, como aponta Orlandi (2012a). A autora também ressalta que, em AD, é o critério teórico que guia a delimitação do corpus e não o dado empírico. Assim, o corpus que nos interessa é o discursivo, por isso cabe salientar a distinção existente entre corpus experimental (empírico) e corpus discursivo. A fim de compreender a constituição do corpus discursivo, mobilizaremos a noção de arquivo, em seu aspecto metodológico (GUILHAMOU e MALDIDIER, 2010), como também a noção de condições de produção.

3.1 As condições de produção: o DDC inscrito no virtual e o cruzamento de diversas ordens discursivas

No intuito de compor o corpus a partir do qual será realizada esta leitura discursiva, serão fundamentais os recortes teóricos, procedimentos que, em AD, já são considerados um adentramento inicial no percurso de leitura, um primeiro gesto da “escuta discursiva” do analista, pois “decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas”, postula Orlandi (2012a). Desse modo, nesse primeiro momento, para a constituição do corpus discursivo desta pesquisa, buscaremos compreender as *condições de produção* do discurso de divulgação científica inscrito nos blogs.

Segundo Pêcheux e Fuchs (2010), a construção do corpus se dá em função das condições de produção dominantes do discurso. Para melhor explicitarem esta noção, os autores propõem a distinção teórica entre *superfície linguística*, *objeto discursivo* e *processo discursivo*. A superfície linguística é definida como sequência linguística oral ou escrita de dimensão variável, também denominada de objeto empírico, afetado pelos esquecimentos nº 1 e nº 2³², ou seja, pela dupla ilusão necessária à constituição do sujeito do discurso. Observar a superfície linguística é, portanto, uma das etapas da análise, denominada de-superficialização linguística e visa, segundo os autores, a anular o esquecimento nº 2 (dimensão enunciativa)

³² Segundo Pêcheux e Fuchs (2010), o esquecimento nº 1 consiste na ilusão do sujeito de ser a origem do seu dizer; já o esquecimento nº 2 diz respeito ao esquecimento enunciativo ou “efeito de ocultação parcial”, que produz a ilusão referencial da relação entre realidade e pensamento.

que resultará na construção do *objeto discursivo*, o qual permitirá ao analista chegar ao processo discursivo.

Na primeira etapa, conforme Orlandi (2012a), o analista busca ver no texto sua discursividade por meio de uma análise de natureza linguístico-enunciativa e, assim, constrói um objeto discursivo, que resultará em uma desnaturalização da relação palavra-coisa. Ao analista, cabe proceder a um trabalho de transformar o corpus bruto, empírico, em um objeto teórico, ou seja, em um “objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de “realidade” do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas” (ORLANDI, 2012a, p. 66). De acordo com a autora, esta etapa visa chegar-se à configuração das formações discursivas dominantes e à análise das relações das distintas formações discursivas com as formações ideológicas que regem essas relações. Trata-se do *processo discursivo*, entendido por Pêcheux e Fuchs (2010, p. 181), “como o resultado da relação regulada dos objetos discursivos correspondentes a superfícies linguísticas que derivam, elas mesmas, de condições de produção estáveis e homogêneas”. Esse processo diz respeito à compreensão do funcionamento do processo discursivo e resulta no desnudamento do trabalho da ideologia que produz as evidências de sentidos.

Nesse percurso, mobilizaremos também a noção de *arquivo*³³ (PÊCHEUX (2010c). Gallo, Schmitt e Souza (2005, p. 251), ao refletirem sobre a internet enquanto arquivo, no sentido pensado por Pêcheux, parafraseiam a formulação do autor sobre o arquivo, acrescentando a palavra *rede*. Segundo os autores, tal noção, na atualidade, deve ser lida a partir de um certo recorte denominado ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis na **rede**, sobre uma questão’ (grifo dos autores). Em nosso corpus, poderíamos ainda especificar que esta rede é o ScienceBlogs Brasil, o arquivo de discursividades da divulgação científica,

Na esteira desse pensamento, Romão (2007), ao considerar o processo de costura dos “nós e fios do discurso eletrônico”, argumenta que a formulação de Pêcheux sobre o arquivo apresenta contribuições para a compreensão da discursividade eletrônica³⁴, já que “a internet é uma cadeia globalizada de arquivos digitalizados, interconectados e dispostos em links organizados em endereços fixos, cuja permanência online não é eterna, aliás, tem uma duração volátil e efeito de movências” (ROMÃO, 2007, p. 2). Tais propriedades nos remetem

³³ A noção de *arquivo* já foi abordada no Capítulo 2, ao discutirmos a concepção discursiva de leitura.

³⁴ Expressão usada pela autora.

ao formato e funcionamento dos blogs, cujas materialidades apresentam esse efeito de movência e volatilidade de forma bastante acentuada.

Não existe, portanto, passividade no arquivo, como nos mostram Guilhamou e Maldidier (2010, p. 162): “o arquivo não é o reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, de dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social. O arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes”. É justamente este o nosso propósito neste trabalho, procedermos a uma leitura discursiva da divulgação científica dos blogs do *ScienceBlogsBrasil*, considerando-a como um *arquivo*.

Já vimos que é necessário considerar a *World Wide Web* ou internet em suas determinações históricas e sociais, pois ela nasce e se desenvolve imbricada nesse processo sócio-histórico para defender os interesses capitalistas. É, pois, no espaço virtual da internet que se territorializa a blogosfera de divulgação científica ScienceBlogs Brasil (*Sb.br*), em um site/território maior, denominado **ScienceBlogs: Ciência, Cultura, Política**, conforme a **Figura 1**³⁵:



Figura 1: página inicial do *ScienceBlogs.com*

³⁵ Disponível em: <<http://scienceblogs.com/>>. Acesso em 07/03/2012.

O **ScienceBlogs.com** apresenta-se como um espaço de popularização da ciência, conforme é possível verificar no próprio site: “ O ScienceBlogs é a maior rede de blogs de Ciências do mundo. Lançado em janeiro de 2006, seu objetivo é criar um espaço onde seja possível discutir Ciência de forma aberta e inspiradora [...]” (ScienceBlogs Brasil, 2013).

O critério usado para a escolha da blogosfera foi guiado, principalmente, pela grande representatividade da divulgação científica *online*, especificamente de blogs.

O *ScienceBlogs Brasil*, segundo informações contidas no site, foi criado em agosto de 2008 com o nome de *Lablogatórios*, um projeto pessoal de dois cientistas que ganhou proporções internacionais, sendo posteriormente incorporado à rede do *ScienceBlogs.com*.

Vejamos a página inicial do site na **Figura 2**³⁶:



Figura 2: página inicial do *ScienceBlogs Brasil* (Sb.br)

Em 2013, o *ScienceBlogs Brasil* entra com mais de 40 blogs, os quais se distribuem em 06 (seis) grupos ou categorias, assim denominados: 1. **ScienceBlogs** (04 blogs); 2. **Universo** (08 blogs); 3. **Terra** (09 blogs); 4. **Vida** (10 blogs); 5. **Humanidade** (09 blogs); 6. **Tudo mais** (05 blogs). Portanto, ao todo, o *ScienceBlogs Brasil* abriga 45 blogs³⁷.

³⁶ Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/>>. Acesso em 20/08/2012.

³⁷ Número de Blogs constatado em outubro de 2013, mas esse número pode variar, visto que alguns blogs são desativados, enquanto outros são integrados à blogosfera.

Entretanto, 03 (três) blogs não são atualizados há mais de dois anos e, por isso, foram considerados por nós como blogs inativos.

Na categoria denominada *ScienceBlogs* temos 04 blogs, a saber: 1. *Raio X* – busca divulgar os assuntos gerais abordados no conjunto de blogs hospedados no site: “Este é o blog que revela os bastidores do ScienceBlogs Brasil. Dos administradores da comunidade ScienceBlogs Brasil, Atila Iamarino e Kentaro Mori” (*SCIENCE BLOGS BRASIL*, 2012); 2. *Tubo de ensaios* – “Tubo de ensaios é uma coleção de ensaios escritos por blogueiros e não-blogueiros que procuram um espaço para textos sobre Ciências.”; 3. *Dispersando* – considerado o *pood cast* oficial do *ScienceBlogs* Brasil; 4. *Brazillion Thought*, cujo objetivo é divulgar os melhores posts do *ScienceBlogs* Brasil em inglês, no intuito de divulgar a voz do povo brasileiro, segundo eles: “*This blog brings the best posts published in ScienceBlogs Brazil translated to English. May our Brazilian voices be read by brazillion people*” (*SCIENCE BLOGS BRASIL*, 2012).

Já vimos que o espaço também é um elemento estruturante das condições de produção do discurso (ORLANDI, 2010c). Assim, o espaço virtual emerge como uma nova ordem discursiva, um discurso próprio, que é o discurso eletrônico (ORLANDI, 2010c). E o sujeito que se inscreve nesse espaço é também afetado pelas novas tecnologias digitais, é um sujeito “determinado pela exterioridade, mas, na forma-sujeito histórica que é a do capitalismo, ele se constitui por esta ambiguidade de, ao mesmo tempo, determinar o que diz. A formulação é o lugar em que esta contradição se realiza.” (ORLANDI, 2001b, p. 10).

Desse modo, vamos refletir sobre o funcionamento do efeito-leitor intrincado ao movimento do sujeito administrador e do sujeito divulgador de ciência nesse espaço para enunciar seu discurso. Esse sujeito, por sua vez, além de estar inscrito no espaço virtual, também se inscreve em um espaço institucional: o *ScienceBlogs.com*, que representa não somente a voz da divulgação científica, mas, sendo uma empresa multinacional, representa os interesses capitalistas, que exercem domínio e controle sobre a grande mídia, como nos mostra Mittman (2010, p. 91): “a grande mídia serve ao poder político-econômico como instrumento de controle da circulação dos discursos, e, portanto, controle da interpretação para perpetuação desse poder.” Desse modo, a divulgação científica é discursivizada em uma nova relação estabelecida entre a ciência e a administração, mediada e ressignificada pelas novas tecnologias, vez que estas, segundo Orlandi (2003), representam uma possibilidade de reorganizar o trabalho intelectual e o trabalho da interpretação.

Trazendo a reflexão da autora para pensar as condições de produção do DDC nos blogs do ScienceBlogs Brasil, podemos visualizar uma interrelação, um cruzamento de várias ordens discursivas inscritas nesse espaço, a saber: a ordem do discurso eletrônico, do discurso da ciência, da divulgação científica, do discurso jornalístico, do discurso acadêmico, do discurso didático, do discurso empresarial/publicitário, do discurso do cotidiano, do discurso institucional e administrativo, além de outras, o que nos remete à reflexão sobre o funcionamento das formações discursivas³⁸, que certamente será explicitado nos momentos de análise. Entretanto, retomando a questão do *corpus*, descreveremos a seguir a forma pela qual se dará a constituição do corpus empírico desta pesquisa, a partir do qual será constituído o corpus discursivo.

3.2 A construção do arquivo: do corpus empírico ao corpus discursivo

Como já assinalado, buscamos realizar uma leitura discursiva da divulgação científica inscrita em blogs, sendo a blogosfera aqui considerada como arquivo, com vistas à compreensão da constituição e funcionamento do **efeito-leitor** no DDC inscrito no Sb.br. Todavia, não visamos buscar meras referências nesse arquivo, e sim uma leitura inicial no sentido de trazer à tona o que for significativo para a nossa análise. É um primeiro movimento analítico a partir do corpus bruto, para, então, efetuarmos a montagem dos blocos e recortes para se chegar ao corpus discursivo.

Segundo Courtine (2009), o corpus discursivo é bem distinto de um corpus linguístico, vez que o discurso considera a exterioridade da língua. Para o autor, a constituição do corpus discursivo é uma operação que consiste em extrair ou delimitar um campo discursivo de referência do “universal de discurso” ou conjunto potencial dos discursos para análise. Nesse trajeto, o autor salienta a importância de se definir as condições de produção (CP) do discurso:

A definição das CP do discurso age, portanto, no que se refere às sequências discursivas que compõem o corpus discursivo à maneira de um funil, ou melhor, de um filtro que opera por extrações sucessivas: extração de um campo discursivo determinado de um “universal de discurso”, extração ou isolamento de sequências discursivas determinadas, uma vez delimitado o campo discursivo de referência (COURTINE, [1981]2009, p. 54-55).

³⁸ Estaremos explicitando o funcionamento das formações discursivas nos capítulos posteriores, no trabalho analítico.

Com base nas colocações do autor, entendemos que a constituição do corpus, nesse trabalho de afunilamento ou filtragem, deve partir de um universo de discursos para a restrição de um campo discursivo específico, de onde serão extraídas as sequências discursivas, a partir dos domínios discursivos. Portanto, a fim de efetuarmos esse necessário afunilamento e chegarmos à composição do nosso corpus discursivo, partimos do universo de um conjunto potencial de discursos da rede mundial de computadores ou internet para o nosso campo discursivo de referência, o *ScienceBlogs Brasil.com.br*, que abriga blogs de divulgação científica.

Desse modo, um dos primeiros passos dados na tentativa de se construir o nosso corpus, levando em conta os recortes teóricos já mencionados, constituiu-se da realização de uma pré-análise com vistas à “dessuperficialização do corpus” – um olhar sobre a superfície da blogosfera *ScienceBlogs.Brasil* e sobre a arquitetura hipertextual dos blogs: os artigos, os posts (dos blogueiros e leitores), as imagens, os vídeos, as redes de links, os sujeitos, as circunstâncias enunciativas e discursivas, com vistas à construção do objeto discursivo.

A blogosfera, como já dito, abriga um conjunto de 45 blogs, em sua totalidade. Como há 03 blogs inativos, ficamos com um conjunto de 42 blogs. Para fins de representação das áreas científicas do CNPq, não contamos os primeiros quatro blogs da categoria *ScienceBlogs Brasil*, visto que funcionam como anunciante da própria blogosfera, buscando levar aos leitores e internautas uma amostra dos conteúdos abordados nos blogs seguintes. Assim, os 38 blogs representam as seguintes áreas científicas constantes da Tabela do CNPq: 1. Ciências Exatas e da Terra: 06 Blogs; 2. Ciências Biológicas: 18 Blogs; 3. Ciências da Saúde (Medicina/ Farmácia/Nanobiotecnologia): 03 Blogs; 4. Ciências Agrárias/Ambientais: 03 Blogs; 5. Arqueologia: 01 Blog; 6. Ciências Humanas (Psicologia): 03 Blogs; 7. Multidisciplinar³⁹: 04 Blogs.

Quanto aos conteúdos e materialidades significantes presentes nos blogs ativos do *ScienceBlogs Brasil*, foi possível verificar, por meio de uma leitura da superfície linguística – portanto, já entramos na etapa da de-superficialização do corpus – que os *posts* abordados nesse espaço, apresentam o predomínio das seguintes características: 1. Posts denominados *Sobre*, que apresentam os objetivos do blog e os perfis dos blogueiros; 2. Posts mais específicos da Divulgação Científica; 3. Posts centrados na escrita de si, voltados para fatos

³⁹ Embora sejam denominados como Multidisciplinar, o que predomina nesses Blogs são Posts e materialidades voltadas para a área das Ciências denominadas “duras” ou *hard*.

da vida pessoal do blogueiro; 5. Posts de blogagem coletiva⁴⁰; 6. Posts que abordam diversidades, tais como artes, humor, culinária, curiosidades, comentários de fatos divulgados na mídia etc.; 7. Posts dos comentários dos leitores, que também incluem as respostas/interloquções dos sujeitos-autores dos blogs.

Mas é importante ressaltar que o número dos blogs e de suas respectivas materialidades não interessa na composição do nosso arquivo de leitura. Essa definição não será aqui considerada, já que, no quadro teórico da AD, não há preocupações com a representatividade numérica. Nessa perspectiva, a construção do arquivo já é um gesto de leitura, pois “o arquivo nunca é dado *a priori*, e em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco” (GUILHAMOU e MALDIDIER, 2010, p. 162). A construção do corpus discursivo não é, pois, estática, e sim:

um conjunto aberto de articulações cuja construção não é efetuada de uma vez por todas no início do procedimento de análise: conceberemos aqui um procedimento de AD como um procedimento de interrogação regulado por dados discursivos, que prevê as etapas sucessivas de um trabalho sobre o corpus ao longo do próprio procedimento. Isso implica que a construção de um corpus discursivo só possa estar perfeitamente acabada no final do procedimento (COURTINE, [1981]2009, p. 115, grifos do autor).

É, portanto, esse conceito de corpus discursivo que adotamos nesta pesquisa. Isto significa que o nosso corpus será constituído de forma dinâmica, ao longo do processo e, apesar de seguir um planejamento das sucessivas etapas, só estará pronto ao final das análises, já que é necessário estabelecer interrelações com os diversos fios discursivos para melhor entendermos o funcionamento do DDC do *Sb.br*.

Segundo Leon e Pêcheux ([1982] 2011, p. 165), um corpus discursivo não é estático, nem homogêneo: “um corpus é um sistema diversificado, estratificado, disjunto, laminado, internamente contraditório, e não um reservatório homogêneo de informações ou uma justaposição de homogeneidades contrastadas. Em suma, um corpus de arquivo textual não é um banco de dados.” O corpus discursivo, portanto, não pode ser pensado enquanto depósito, reservatório ou banco de dados, por essa razão, o nosso olhar para a blogosfera e para os blogs do *ScienceBlogsBrasil* não estará centrado na literalidade das materialidades significantes, mas nas discursividades ali inscritas. Nesse percurso, não elegeremos um ou alguns blogs

⁴⁰ *Blogagem coletiva* consiste no funcionamento simultâneo de um conjunto de *posts* sobre um mesmo assunto ou tema, em um período de tempo determinado, havendo também o espaço para a interlocação dos leitores.

específicos para efetuar os recortes das sequências discursivas, mas, tendo como base os recortes teóricos que nortearão a pesquisa, mobilizamos a questão do funcionamento discursivo do efeito-leitor no DDC dos blogs, imbricadamente ao jogo de relações de lugares sociais, lugares discursivos e posições- sujeito, considerando as condições de produção desse discurso.

Todavia, Courtine (2009) também mostra que o trabalho de composição do corpus discursivo se desenvolve em etapas. Desse modo, apenas como *efeito de início* do planejamento metodológico, tomamos os quarenta e dois blogs mencionados e a vasta extensão das materialidades contidas neles – nosso corpus empírico – como nosso *campo discursivo de referência*, a partir do qual serão extraídos **três domínios discursivos**, a saber: **Domínio 1.** Posts denominados *Sobre* (Sobre a blogosfera⁴¹, Sobre o blog e Sobre o perfil do blogador); **Domínio 2.** Posts específicos sobre divulgação científica; **Domínio 3.** Posts da seção de comentários. Feito esse primeiro gesto de afinamento, ainda há uma gama vastíssima de materiais.

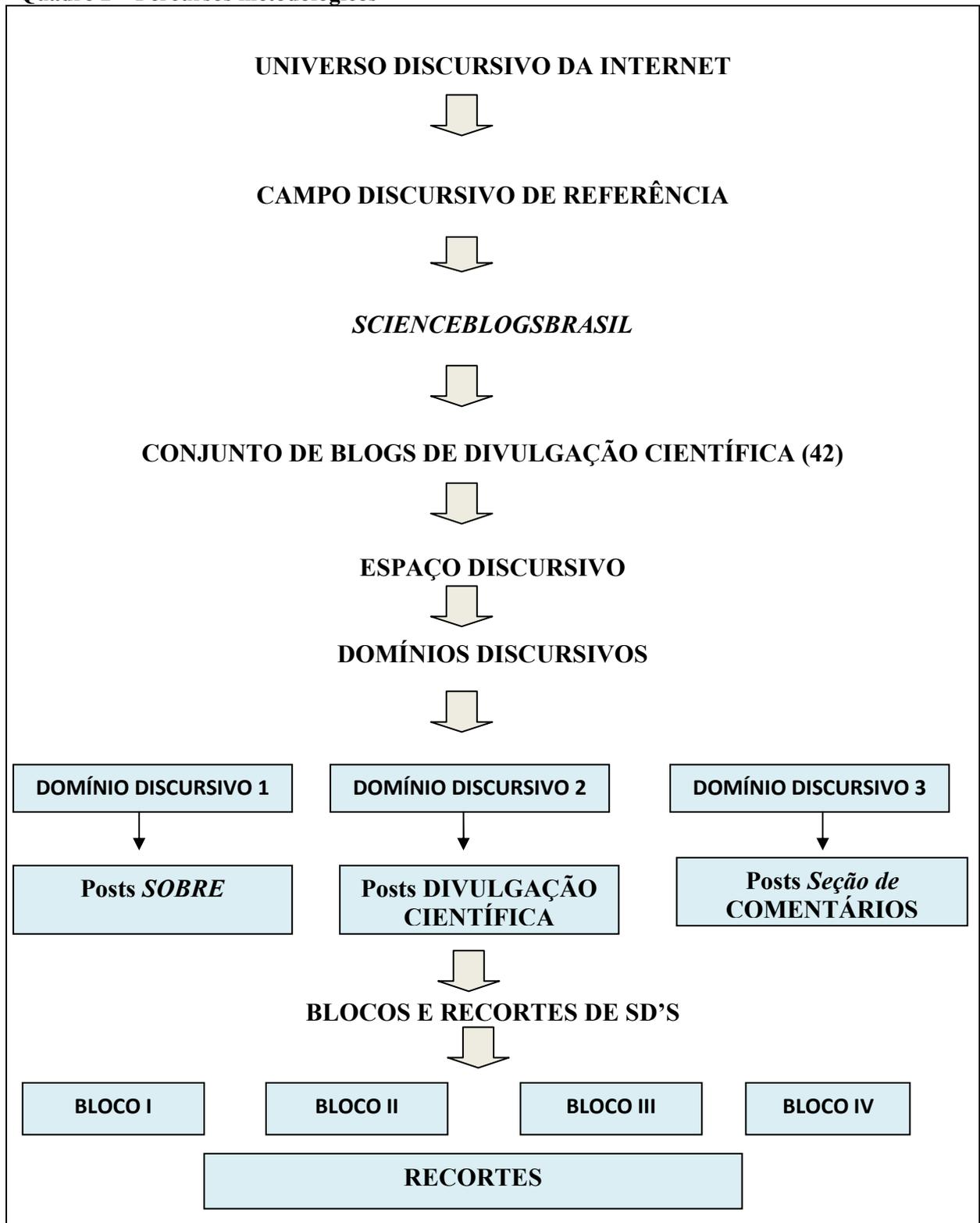
Assim, destes três domínios, efetuaremos os recortes discursivos para cada domínio, os quais serão subdivididos em blocos de sequências discursivas. Trata-se de um procedimento não-linear, orientado pelos recortes teóricos a partir dos objetivos traçados para a pesquisa.

Isto posto, apresentamos o **Quadro nº 2**⁴², para uma melhor visualização dos percursos metodológicos da pesquisa:

⁴¹ Nesta categoria, incluímos também os quatro blogs divulgadores do Science Blogs Brasil.

⁴² Este quadro foi construído com base em diagrama metodológico apresentado por Grigoletto (2005a).

Quadro 2 – Percursos metodológicos



Nesse percurso, sempre haverá um novo olhar, novas idas e vindas na busca dos fios que tecem a trama discursiva, pois “É a possibilidade do novo que nos faz perceber que o

percurso metodológico não é linear. Não há uma passagem natural da dispersão do arquivo à seleção de textos de nosso corpus empírico e deste à organização das sequências discursivas que formam nosso corpus discursivo” (MITTMAN, 2005, p. 2). A linearidade não existe nesse processo, como também o início e o fechamento é apenas um efeito.

É dessa forma não linear que também se dará a análise dos dados, seguindo os princípios teórico-metodológicos da AD, que buscam não compartimentar teoria e prática, mas reconhecer uma dialética entre ambas. A análise interfere na teoria, redefinindo-a em muitos aspectos. Por sua vez, a teoria fornece pistas e sinaliza caminhos ao analista em sua prática, levando-o a discernir os melhores percursos a serem aplicados em cada situação.

4. O EFEITO-LEITOR NA MOVÊNCIA DO SUJEITO DO DDC DO SCIENCEBLOGS BRASIL

A constituição e funcionamento do efeito-leitor no discurso de divulgação científica (DDC) dos blogs do ScienceBlogs Brasil (Sb.br) devem ser compreendidos a partir da análise das relações de sentidos e de forças que se estabelecem nesse discurso, o que necessariamente envolve uma reflexão acerca de suas condições de produção e circulação⁴³. Para Orlandi (2012a), as condições de produção (CP) de um discurso implicam no que é *material* – a língua sujeita a equívocos e à historicidade –, no que é *institucional* (a formação social, em sua ordem), além do *mecanismo imaginário*. Tais aspectos, logicamente, não podem ser visualizados de modo estanque, mas num jogo de relações discursivas.

A constituição do DDC do *Sb.br* envolve distintas ordens discursivas, a saber: a ordem do discurso científico, a do discurso jornalístico, a do discurso pedagógico, a do discurso do cotidiano, a do discurso publicitário, a do discurso eletrônico, além de outras. Orlandi (2001a) considera o DDC como uma “versão” do texto científico, sendo que, nesta versão, segundo a autora, é usada não mais a metalinguagem, mas a terminologia ou nomenclatura científica. A autora também distingue *ordem e organização* do discurso: “Na diferença entre ordem e organização (cf. Orlandi, 1996), o discurso de divulgação científica parte de um texto que é da ordem do discurso científico e, pela textualização jornalística organiza os sentidos de modo a manter um efeito-ciência” (ORLANDI, 2001a, p. 27).

No DDC convencional⁴⁴, o texto da ordem do discurso científico é organizado, textualizado na ordem do discurso jornalístico. Entretanto, conforme já assinalamos, o DDC virtual inscrito nos blogs é constituído de forma distinta: é tomado do discurso científico e organizado pelo discurso eletrônico, mais especificamente, pelo discurso da blogagem, uma linguagem multimidiática, tecida pelos fios do cotidiano, além do humor, publicidade e variedades, sendo que tudo ali é interconectado pela rede de links⁴⁵.

Essa nova forma de (hiper)textualização e circulação do DDC apresenta alguns aspectos diferenciados nas condições de produção, o que é relevante para a nossa análise.

⁴³ No Capítulo 3, ao discutirmos o percurso metodológico desta pesquisa, abordamos alguns aspectos das CP do discurso de divulgação científica dos blogs.

⁴⁴ Denominamos DDC convencional o que é praticado tradicionalmente em mídias convencionais, como a impressa, para estabelecer uma distinção com o DDC virtual.

⁴⁵ O discurso da blogagem é abordado no capítulo I.

Conforme já discutido anteriormente⁴⁶, a escrita hipertextual é diferenciada em diversos aspectos e os blogs também apresentam uma estrutura ainda mais peculiar, a exemplo da interlocução com o *leitor* que é *online*. No espaço virtual dos blogs, a textualização do DDC é atravessada pelo discurso jornalístico, mas um jornalismo igualmente afetado pela cultura midiática da internet e dos blogs. Como veremos no decorrer das análises, a textualização do DDC inscrito nos blogs é mais híbrida, visto que os blogs se constituem de múltiplas materialidades significantes, afetada pela enunciação digital (XAVIER, 2009).

O DDC inscreve-se no discurso eletrônico – uma nova ordem discursiva – um discurso organizado, textualizado eletronicamente, pelas tecnologias digitais e virtuais, mas que, como todo discurso, é tecido por recortes do interdiscurso, pelo viés da memória discursiva das diversas FDs envolvidas nesse processo. É, portanto, o retorno do velho inscrito nas novas tecnologias, pois as discursividades da divulgação científica já foram ditas, mas agora produzem novos efeitos no mundo virtual, particularmente, nos blogs, dadas as novas relações estabelecidas com outros fios discursivos que constituem o discurso da blogagem. Entretanto, mesmo apresentando alguns aspectos diferenciados, o DDC virtual não se caracteriza como outro discurso específico. E embora constituído pela escrita hipertextual, eletrônica, *blogada*, o elemento material predominante no DDC continua sendo a *língua*, marcada pela falha e pela historicidade.

O *mecanismo imaginário*, parte fundamental das CP do discurso, nos auxiliará na compreensão da constituição e funcionamento do *efeito-leitor*, que se enreda ao jogo de projeções imaginárias na tensão do movimento das relações dos lugares discursivos e posições-sujeito que se instauram na trama discursiva.

4.1 O mecanismo imaginário, as relações de lugares e a constituição do efeito-leitor

Para elucidar o funcionamento do efeito-leitor no discurso e seu intrincamento aos lugares discursivos e às posições-sujeito, recorreremos ao esquema das formações imaginárias elaborado por Pêcheux ([1969]2010a). Segundo o autor, todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias, noção pensada para elucidar as condições de produção do discurso, uma vez que os lugares sociais dos sujeitos se encontram representados (presentes, mas transformados) no processo discursivo, como em um jogo de imagens.

⁴⁶ No capítulo I apresentamos uma discussão sobre a constituição do discurso eletrônico, hipertexto e blogs.

Conforme o autor, “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que **A** e **B** se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” (PÊCHEUX, [1969] 2010d, p. 81, grifos do autor).

Desse modo, o processo discursivo supõe o jogo de projeção de imagens não somente dos sujeitos envolvidos no discurso, como também dos lugares que lhes são projetados, isto é, diz respeito aos sujeitos e lugares imaginários. Convém lembrar uma importante observação de Pêcheux, segundo a qual as formações imaginárias resultam de processos discursivos anteriores, isto é, são atravessadas pelo “já ouvido” e pelo “já dito”, pela memória. Não é, portanto, um processo estanque, pronto, mas diz respeito a um dinâmico *jogo* de relações discursivas, marcado por tensões, afetado pela exterioridade.

Vejamos, pois, o esquema elaborado por Pêcheux ([1969] 2010d) para explicitar o jogo das formações imaginárias no processo discursivo (**Figura 3**):

Figura 3 - Esquema das Formações Imaginárias⁴⁷

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da Expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente	
A	I (A) A	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	I (B) A	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	I (B) B	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para ele me fale assim?”
	I (A) B	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

Como assinala Pêcheux (2010d), essas posições apresentadas nos esquemas expostos dizem respeito a um objeto imaginário e foram pensadas com vistas à compreensão de que o processo discursivo supõe uma antecipação das representações imaginárias do receptor

⁴⁷ Fonte: (PÊCHEUX, [1969] 2010d, p. 82)

(leitor) por parte do emissor (autor). Como já assinalado, tais posições não são fixas, mas se movimentam e funcionam num jogo de relações.

Em momento posterior, a teoria do imaginário explicitada no esquema citado – como também outros conceitos teóricos da AD 1969 – são revisados por Pêcheux e Fuchs ([1975] 2010), tendo em vista o reconhecimento de algumas ambiguidades, sobretudo no que se refere às condições de produção, que designavam tanto o efeito das relações de lugar de inscrição do sujeito, como as situações concretas e empíricas. De acordo com os autores, tal ambiguidade encontrava-se no fato de que as relações de lugar poderiam ser confundidas com o jogo de espelhos de papéis institucionais do sujeito empírico. Em nota explicativa⁴⁸, encontramos o seguinte esclarecimento dos autores: “As expressões pelas quais tentamos caracterizar as relações entre ‘formações imaginárias’ (Pêcheux, 1969, pp.19-21), do tipo: Ia(A); Ia(B) etc. deixam amplamente aberta a possibilidade de uma interpretação ‘interpessoal’ do sistema das condições de produção. (PÊCHEUX e FUCHS, ([1975] 2010).” Assim, fica bastante claro que as imagens dos sujeitos e dos lugares – que funcionam no jogo das relações que elucidam as condições de produção do discurso – não se originam no sujeito, embora se realizem nele.

Cabe observar que empregaremos aqui a noção de leitor *potencial* para designar o que Orlandi denomina como leitor virtual⁴⁹. Importa também esclarecer que não se pode confundir a noção de *leitor imaginário* com a questão do *imaginário de leitor*. Por leitor imaginário, entendemos o mesmo que leitor potencial ou leitor virtual (ORLANDI, 1988, 2001). Já o termo imaginário de leitor diz respeito aos diversos sentidos construídos e sedimentados historicamente no interdiscurso e na memória discursiva para um determinado leitor, em uma dada época. Com base em tais pressupostos, passaremos à análise do funcionamento do efeito-leitor intrinsecamente ao jogo de relações imaginárias de lugares discursivos e posições- sujeito envolvidos na trama discursiva do DDC do *ScienceBlogs Brasil*.

4.1.1 Os lugares dos sujeitos do DDC no ScienceBlogs Brasil

O estudo de Grigoletto (2005a) aponta que os lugares no discurso de divulgação científica são representados pela ciência, pela mídia e pelo senso comum, e são ocupados pelo

⁴⁸ Nota nº 18.

⁴⁹ Não adotamos o termo leitor *virtual* empregado por Orlandi (1988, 2001b), tendo em vista a possibilidade de confusão com o termo virtual para designar o leitor *online*.

cientista, pelo jornalista e pelo leitor. Entretanto, no DDC do Sb.br, os blogs, os blogadores e o leitor *online* também adquirem representação e passam a ocupar lugares neste discurso.

Tais observações são relevantes, já que a mídia virtual, a partir do imaginário de seu próprio lugar, tanto afeta a construção imaginária dos sujeitos do discurso, quanto produz seu próprio imaginário de ciência, de divulgação e de leitor. Conforme já discutido, a blogosfera e os blogs se constituem em um lugar *(re)territorializado* discursivamente, onde se institui a jurisdição, um lugar de embates ideológicos, no qual se inscrevem sujeitos do discurso. Trata-se de um lugar institucional e institucionalizado, territorializado, instituído, como também tem o poder de instituir valores, normas, normalizações, padrões, comportamentos, sentidos, um poder determinado historicamente, pelas formações ideológicas que determinam as formações discursivas reguladas pela forma-sujeito capitalista. Logo, o imaginário do lugar do sujeito do discurso da divulgação científica, como também o imaginário da ciência, do leitor e do seu lugar, já estão afetados pela mídia eletrônica.

Neste estudo, mobilizaremos quatro categorias de análise para tratarmos do funcionamento do DDC inscrito no *Sb.br*: **efeito-leitor, lugar social, lugar discursivo e posição-sujeito**⁵⁰. Por meio do mecanismo das antecipações imaginárias, os sujeitos, afetados pela mídia eletrônica, se constituem na movência dos lugares sociais e lugares discursivos, de onde podem ocupar distintas posições-sujeito no discurso. Nesse movimento de lugares e posições-sujeito é que se institui o efeito-leitor, que tanto afeta, quanto é afetado por esses lugares, inclusive pelo lugar da mídia eletrônica e dos blogs.

Como já assinalado, as projeções imaginárias são atravessadas pelo interdiscurso e pela memória e, desse modo, tais imaginários buscam estabilizar um sentido para determinados lugares sociais e discursivos. Esses lugares não podem ser vistos de forma isolada, uma vez que o funcionamento se dá em jogo. Todavia, apenas para facilitar a nossa compreensão desse processo, iniciaremos esse percurso analítico pensando na constituição e funcionamento do efeito-leitor a partir do movimento do **sujeito administrador** do ScienceBlogsBrasil entre o lugar-social, lugar discursivo e posições-sujeito – ocupadas e projetadas – no discurso.

⁵⁰ Apresentamos uma discussão acerca dessas noções teóricas no capítulo II desta Tese.

4.2 Efeito-leitor intrincado ao movimento do sujeito administrador no DDC do *Sb.br*

Conforme já mencionado, em nossa formação social capitalista, qualquer discussão sobre ciência e divulgação científica deve levar em conta a indissociabilidade entre ciência, tecnologia e administração (ou Governo) (ORLANDI, 2001a). No que se refere ao DDC do *ScienceBlogs Brasil*, as relações desse tripé ciência/tecnologia/administração funcionam em um jogo de forças que visa à (re)territorialização do espaço virtual, instituindo a administração e o controle dos sentidos da ciência, como também regulando o seu acesso, como apontam as nossas análises, a seguir.

Para analisar o efeito-leitor projetado pelo discurso do sujeito-administrador do *Sb.br*, é preciso compreender o jogo de relações imaginárias de sujeitos e lugares que se instaura no processo discursivo em pauta. Para tanto, vamos considerar alguns recortes de sequências discursivas (SDs) do **domínio discursivo nº 1**, constituído de posts denominados *Sobre*⁵¹.

Conforme mostramos no Capítulo III, o *ScienceBlogs.Brasil* é abrigado em um site maior, uma blogosfera internacional denominada ***ScienceBlogs: Ciência, Cultura, Política***, e se apresenta como a maior rede de blogs de ciências do mundo, conforme é possível verificar no próprio site:

BLOCO I - Recorte I - Domínio 1 (*Sobre*) Sequências discursivas - SDs 1 a 11

SD1 *Sobre o ScienceBlogs*

O ScienceBlogs é a maior rede de blogs de Ciências do mundo. Lançado em janeiro de 2006, seu objetivo é criar um espaço onde seja possível discutir Ciência de forma aberta e inspiradora. As redes escritas em alemão e português são uma forma de tornar vozes locais em vozes globais (grifo nosso).

Quem apresenta um espaço para divulgar a ciência é a instituição *ScienceBlogs Brasil*, que também representa o *ScienceBlogs.com*, a blogosfera internacional. O surgimento do *ScienceBlogs Brasil*, se deu em agosto de 2008, a partir de outra blogosfera já existente, denominada **Lablogatórios**, como aponta o link *Sobre*:

⁵¹ Diz respeito às postagens *sobre* o Scienceblogs Brasil, *sobre* os blogs e *sobre* o blogueiro.

SD2 *Sobre*⁵² (31/08/2011)

O *ScienceBlogs Brasil* nasceu em agosto de 2008 com um outro nome: *Lablogatórios*, um projeto pessoal de dois cientistas, **A. I.** e **C. H.**, que ganhou proporções internacionais, unindo e potencializando uma comunidade de divulgadores científicos. Três anos depois, C.H. passou o bastão a **K. M.**, que em conjunto com I. expandiu a rede de blogs também a uma empresa de comunicação especializada em divulgação científica. Em uma época onde temas como mudanças climáticas, biocombustíveis, AIDS, doenças tropicais, células-tronco e tantos outros temas crucialmente relevantes à sociedade são discutidos diariamente, a divulgação científica se faz cada vez mais necessária. *ScienceBlogs Brasil* tem o desafio adicional de discutir e popularizar Ciência em um país em desenvolvimento no qual o analfabetismo científico predomina. Trabalhamos para que a comunidade formada em torno do *ScienceBlogs Brasil* atue na dispersão do pensamento científico, e ficamos à disposição para levar à frente projetos e iniciativas quebrando as barreiras que afastam nossa sociedade da Ciência. (*ScienceBlogs Brasil*, 2013, grifos do original e grifos nossos⁵³).



Figura 4 - Sobre o *ScienceBlogs Brasil*⁵⁴

A imagem do sujeito-administrador do *Sb.br* – que também fala do lugar social de cientista – é tecida de forma emaranhada à imagem da empresa. Esse sujeito representa a empresa, ao mesmo tempo em que se confunde com ela. Conforme a **SD2**, é possível vislumbrar o atravessamento de diversos saberes discursivos no DDC inscrito no *ScienceBlogs Brasil*, a exemplo de saberes do discurso jornalístico – o grupo “expandiu a rede

⁵² Os nomes que aparecem na citação foram preservados por questões éticas, apenas preservamos as respectivas iniciais. Foi necessário efetuarmos um recorte do post, já que este é de grande extensão.

⁵³ Para efetuar a distinção entre os grifos dos autores e dos nossos, optamos pelo uso do sublinhado duplo, visto que os grifos dos blogueiros frequentemente são efetuados pelos recursos do **negrito**, sublinha ou *itálico*.

⁵⁴ Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/sobre>>. Acesso em 10/04/2012.

de blogs também a uma **empresa de comunicação** especializada em divulgação científica” – além de saberes do discurso eletrônico, do discurso empresarial, publicitário, pedagógico, além de outros. É também o que nos mostra o Post sobre *Termos e condições* de acesso ao site (SD3):



Figura 5: *Termos e Condições* do ScienceBlos Brasil⁵⁵

SD3 Termos e Condições

Introdução

Este Site, seu conteúdo e serviços são de responsabilidade do Lablogatários em conjunto com a Seed Media Group, LLC ('ScienceBlogs Brasil' ou 'nós'). O ScienceBlogs Brasil provê o Site e seus serviços para você sujeito aos seguintes Termos de Serviço (os Termos). Ao utilizar o site, você concorda em se submeter aos Termos. O ScienceBlogs Brasil poderá, a seu exclusivo critério, modificar os termos sem aviso prévio. Dessa forma, sempre reveja os Termos quando utilizar o site. A data de “Modificado pela última vez” no topo dos Termos irá indicar quando as últimas mudanças foram feitas. Ao continuar a acessar e utilizar o Site após os Termos terem sido alterados, você concorda com essas modificações. Além disso, ao usar determinados serviços ou funcionalidades ou fazer compras no site, você estará sujeito a todas as orientações descritas ou regras aplicáveis a esses serviços, características ou compras que podem ser descritas de tempos em tempos. Todas essas orientações ou regras são incorporadas por referência nos Termos. [...]

Submissões

Quaisquer Submissões enviadas por você ao Site através da Sedes ou de outra forma será considerado como não-proprietário e não-confidencial e pode ser utilizado pelo ScienceBlogs Brasil sem restrição. Sem limitar o precedente, ao oferecer qualquer Submissão através do Site, você concede ao ScienceBlogs Brasil em todo o mundo, direito não exclusivo permanente, a título gratuito, irrevogável, e licença para reproduzir, modificar, editar, publicar, exibir, executar, adaptar, distribuir, sublicenciar e de outra forma utilizar e explorar tais Submissões (e todos e quaisquer direitos proprietários que você possa ter), em qualquer e todas as formas e

⁵⁵ Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/termos>>. Acesso em 02/06/2012.

meios de comunicação, agora ou futuramente descoberto, sem compensação ou atribuição para você.

Mostramos na **SD3** apenas um trecho da *Introdução* do post *Termos e Condições*, no entanto, o documento inclui ainda muitos outros itens, tais como: *Descrição do serviço/ Aquisição de produtos/ Informações que você fornecer/ Materiais do Site/ Uso proprietário/ Submissões* (do qual extraímos o trecho acima) */Links e conteúdos de terceiros/Notícias e Informações; Questões financeiras*.

No post “Renúncia de Garantias”, o site se apresenta explicitamente como uma empresa que representa um grupo empresarial:

SD4 Renúncia de Garantias

VOCÊ EXPRESSAMENTE ENTENDE E CONCORDA QUE:

SEU USO DO SERVIÇO É DA SUA CONTA E RISCO. O SERVIÇO É FORNECIDO “COMO ESTÁ” E “CONFORME A DISPONIBILIDADE”. SALVO SE EXPRESSAMENTE PREVISTO NOS TERMOS, O SCIENCEBLOGS BRASIL, **SUA MATRIZ, FILIAL E OUTRAS EMPRESAS COLIGADAS** E SEUS REPECTIVOS REPRESENTANTES, DIRETORES, FUNCIONÁRIOS E OUTROS REPRESENTANTES (COLETIVAMENTE “GRUPO SCIENCEBLOGS BRASIL”) EXCLUEM EXPRESSAMENTE TODAS AS GARANTIAS DE QUALQUER ESPÉCIE, SEJAM EXPRESSAS OU IMPLÍCITAS, INCLUINDO, MAS NÃO LIMITADA ÀS GARANTIAS IMPLÍCITAS DE COMERCIALIZAÇÃO, ADEQUAÇÃO PARA UM DETERMINADO FIM E NÃO INFRACÇÃO.

SALVO SE EXPRESSAMENTE PREVISTA PELOS TERMOS, O GRUPO SCIENCEBLOGS BRASIL NÃO GARANTE QUE (i) O SERVIÇO ATENDERÁ ÀS SUAS NECESSIDADES (ii) O SERVIÇO SERÁ ININTERRUPTO, OPORTUNO, SEGURO OU SEM ERROS, (iii) OS RESULTADOS QUE PODEM SER OBTIDOS DO USO DO SERVIÇO SERÃO PRECISOS OU CONFIÁVEIS, (iv) A QUALIDADE DE QUAISQUER PRODUTOS, SERVIÇOS, INFORMAÇÕES OU OUTROS MATERIAIS OBTIDOS POR VOCÊ ATRAVÉS DO SERVIÇO ATENDERÁ ÀS SUAS EXPECTATIVAS, E (V) QUAISQUER ERROS NO SERVIÇO SERÃO CORRIGIDOS. QUALQUER MATERIAL BAIXADO OU OBTIDO ATRAVÉS DO USO DO SERVIÇO É FEITO EM SEU PRÓPRIO CRITÉRIO E RISCO E VOCÊ SERÁ EXCLUSIVAMENTE RESPONSÁVEL POR QUALQUER DANO AO SEU SISTEMA DE COMPUTADOR OU PERDA DE DADOS QUE RESULTADOS DO DOWNLOAD DE QUALQUER MATERIAL DESSE TIPO. NENHUM CONSELHO OU INFORMAÇÃO, SEJA ORAL OU ESCRITO, OBTIDO PELO USUÁRIO DO SEED MEDIA PARTIDO DE OU ATRAVÉS DO SERVIÇO CRIARÁ QUALQUER GARANTIA QUE NÃO SERÁ EXPRESSAMENTE DECLARADA NOS TERMOS.

Pode-se notar nas **SDs 3 e 4** – que trazem um recorte desses documentos – um atravessamento de saberes do discurso jurídico que se aliam ao discurso empresarial/administrativo no funcionamento do DDC inscrito no *Sb.br*. E isto nos faz pensar no território virtual enquanto jurisdição, conforme postula Zambrano (2001), um território demarcado juridicamente, para atender interesses comerciais. Para ter um blog hospedado na

blogosfera, o blogueiro terá de submeter-se às condições já estabelecidas pela empresa ScienceBlogs Brasil, que detém todo o controle do espaço territorializado pelo site, e assim pode também controlar e administrar os conteúdos e as discursividades ali inscritas, exercendo o controle dos sentidos.

Logo, sob o efeito de sentido de hospedagem, a blogosfera segue a lógica do **ciberespaço**, que carrega uma memória discursiva de controle e governo (SOJA, 2000). Os sujeitos desse discurso, interpelados pela ideologia hegemônica da formação social capitalista, se inscrevem na mídia virtual para atender aos interesses comerciais do *Sb.br* que hospeda os blogs.

Essa ideia de hospedagem e condomínio nos reporta às reflexões de Derrida (2003) sobre a *hospitalidade*. Para o autor, a lei da hospitalidade incondicional permite, *a priori*, acolher incondicionalmente todo o recém-chegado, mas, paradoxalmente, inscreve-se de forma imediata na condicionalidade – na mediação instituída, na lei da hospitalidade e, segundo ele, “a lei formal que governa o conceito geral de hospitalidade, aparece como uma lei paradoxal, pervertível e perversora” (DERRIDA, 2003, p. 40). Essa hospedagem ou hospitalidade torna-se, segundo o filósofo, imediatamente em *hos-ti-pitalidade* - neologismo criado por ele para referir-se à hospitalidade incondicional interrompida e contaminada, pervertida pela hostilidade. Ou seja, não existe a hospitalidade incondicional, desprovida de interesses.

Tal pensamento nos leva a ratificar a visão do ciberespaço e do hipertexto enquanto território e (re)territorialização, na medida em que a “hospedagem” dos blogs se dá num processo de (des)apropriação do território virtual, portanto, uma nova forma de territorialização. E, como todo processo de territorialização, tem caráter político e ideológico. Há confrontos que se instauram na “terra do virtual”, o qual, embora se declare como um espaço aberto, é demarcado por fronteiras, sejam administrativas, políticas, sociais, culturais etc, portanto, um espaço de controle, de colonização eletrônica (MOUNIER, 2006). Cabe salientar que o *ScienceBlogs Brasil* já é hóspede de outra blogosfera, o *SicenceBlogs.com*, que é hóspede do ciberespaço.

Assim, as condições de hospedagem dos blogs impostas pelo discurso empresarial da blogosfera também fazem parte das condições de produção do discurso de divulgação científica, e as CP afetam a construção do efeito-leitor. Se os blogs e os sujeitos divulgadores

são hóspedes da blogosfera, o leitor internauta é hospede dos blogs, pois todos devem submeter-se às condições oferecidas, que incluem as renúncias de suas garantias.

E, para que o divulgador e o leitor não venham a se esquecer de que eles têm que renunciar suas garantias, a fonte do texto está em **maiúsculas**. É, portanto, um discurso autoritário, assimétrico, que não oferece a possibilidade de reversibilidade ao interlocutor (ORLANDI, 2011b), restando aos sujeitos, tanto os divulgadores quanto os leitores a submissão às regras estabelecidas, renunciando as suas garantias por supostas perdas ou danos. E, dessa forma, começa também a funcionar a administração dos sentidos.

Isto pode ser verificado na **SD4**, por exemplo, ao atentarmos para as palavras e expressões grifadas, que produzem efeitos de sentidos de *controle*: “O SERVIÇO É FORNECIDO “COMO ESTÁ” E “CONFORME A DISPONIBILIDADE”. SALVO SE EXPRESSAMENTE PREVISTO NOS TERMOS [...], EXCLUEM EXPRESSAMENTE TODAS AS GARANTIAS DE QUALQUER ESPÉCIE, SEJAM EXPRESSAS OU IMPLÍCITAS, INCLUINDO, MAS NÃO LIMITADA ÀS GARANTIAS IMPLÍCITAS DE COMERCIALIZAÇÃO, ADEQUAÇÃO PARA UM DETERMINADO FIM E NÃO INFRACÇÃO.” Logo, as condições de funcionamento dos blogs e da divulgação já estão postas, *previstas*, “o serviço é fornecido como está”, “deve seguir a adequação para um determinado fim”. Tudo já está demarcado, são as condições da hospedagem, é a lei da territorialização.

Dessa forma, sob a ideologia da colonização eletrônica (MOUNIER, 2006), a divulgação científica é discursivizada nas relações estabelecidas entre a ciência, a tecnologia e a administração, o que supõe uma necessidade de se repensar a própria noção de ciência:

Trata-se de se repensar a própria noção de ciência, pega na interrelação com a tecnologia e a administração tendo a linguagem como sustentação. Nesse caso, elabora-se a própria noção de ciência e de organização do trabalho intelectual (novas tecnologias de linguagem) em seu alcance (onde incluem certamente as formas de se praticar o jornalismo científico, na distribuição do trabalho da ciência na sua presença na sociedade). Há, nessa perspectiva em que estamos refletindo, então, um recobrimento dessas três instâncias de maneira que é impossível não se transitar de uma para outra e não necessariamente nessa mesma ordem: ciência, tecnologia, administração (ORLANDI, 2003, p.6).

No *Sb.br*, temos uma tecnologia resignificada pela multimídia da *Web*, e isto pode afetar a organização do trabalho intelectual, da interpretação, do processo de leitura. Sob essas

condições de produção, a imagem do sujeito administrador imbrica-se à imagem do cientista e transita para lugares discursivos e posições-sujeito, instituindo o efeito-leitor, que também projetará posições-sujeito para o leitor.

Para a compreensão desse processo discursivo, retornemos à (SD2) já mencionada, além de outras sequências discursivas do recorte do **domínio discursivo nº 1 (Sobre)**.

SD2 *Sobre*

O *ScienceBlogs Brasil* nasceu em agosto de 2008 com um outro nome: Lablogatórios, um projeto pessoal de dois cientistas, A. I. e C. H., que ganhou proporções internacionais, unindo e potencializando uma [comunidade de divulgadores científicos]. Três anos depois, C.H. passou o bastão a **K. M.**, que em conjunto com **I.** expandiu a rede de blogs também a uma empresa de comunicação especializada em divulgação científica. Em uma época onde temas como mudanças climáticas, biocombustíveis, AIDS, doenças tropicais, células-tronco e tantos outros temas crucialmente relevantes à sociedade são discutidos diariamente, a divulgação científica se faz cada vez mais necessária. O *ScienceBlogs Brasil* tem o desafio adicional de discutir e popularizar Ciência em um país em desenvolvimento no qual o analfabetismo científico predomina. Trabalhamos para que a comunidade formada em torno do *ScienceBlogs Brasil* atue na dispersão do pensamento científico, e ficamos à disposição para levar à frente projetos e iniciativas quebrando as barreiras que afastam nossa sociedade da Ciência (apenas os grifos em sublinhado duplo são nossos).

SD5 *Conheça os administradores do ScienceBlogs Brasil:*

A. I. é biólogo, formado pela Universidade de São Paulo. Fez doutorado em Microbiologia na Universidade de São Paulo. Deu aulas de biologia para Cursos Pré-Vestibular durante anos e [edita o blog Rainha Vermelha].

K. M. é profissional de marketing digital, responsável pelo projeto *CeticismoAberto*, consultor do quadro “*Detetive Virtual*” do programa *Fantástico*, Rede Globo e [edita o blog 100nexus]. **R. S.** é biólogo, formado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. [Fez doutorado] em Biotecnologia na Universidade de São Paulo. É coordenador de produção de conteúdo pedagógico na EDUMOBI, uma empresa Abril Educação e [edita o blog RNA Mensageiro].

Anuncie no ScienceBlogs Brasil

O site *ScienceBlogs Brasil* é um empreendimento do *Seed Media Group*. Procuramos marcas avançadas que queiram divulgar suas inovações para a nossa crescente audiência de formadores de opinião. Visite Anuncie no ScienceBlogs Brasil para aprender mais.

Blogue conosco

Se você já tem um blog de Ciência, entre em contato conosco. Estamos sempre buscando contribuições relevantes. Se você não tem um, pode criar usando um dos diversos serviços de weblogs grátis, como Blogger e WordPress ou enviar textos para serem publicados em nosso blog Tubo de Ensaio. (*ScienceBlogs Brasil*, 2013, apenas os grifos em sublinhado duplo são nossos).

Como podemos verificar nas **SD’s 2 e 5**, no *ScienceBlogs Brasil* os sujeitos falam a partir dos lugares sociais de *cientistas* e de *administradores*: “Conheça os administradores do ScienceBlogs Brasil”/O *ScienceBlogs Brasil* nasceu em agosto de 2008 com um outro

nome: *Lablogatórios*, um projeto pessoal de dois cientistas, **A. I.** e **C. H.** / “**A. I.** é biólogo, formado pela Universidade de São Paulo. Fez doutorado em Microbiologia na Universidade de São Paulo./ **K. M.** é profissional de marketing digital/ **R. S.** é biólogo, formado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Fez doutorado em Biotecnologia na Universidade de São Paulo.” Logo, além de cientistas, eles também representam a administração da empresa e falam em nome dela. Há momentos que a voz que enuncia é a voz da empresa: “O site *ScienceBlogs Brasil* é um empreendimento do *Seed Media Group*”.

O sujeito administrador do *Sb.br* se dirige a **três leitores potenciais**, sendo o **primeiro** o candidato a **blogueiro-divulgador**: “**Blogue conosco** /Se você já tem um blog de Ciência, entre em contato conosco. Estamos sempre buscando contribuições relevantes. Se você não tem um, pode criar usando um dos diversos serviços de weblogs grátis” [...]; o **segundo** é o leitor **empresário** e **anunciante**: “**Anuncie no ScienceBlogs Brasil** /O site *ScienceBlogs Brasil* é um empreendimento do *Seed Media Group*. Procuramos marcas avançadas que queiram divulgar suas inovações para a nossa crescente audiência de formadores de opinião. Logo, o sujeito administrador também estabelece relações **comerciais** com o leitor *anunciante* do *Sb.br*. E ainda há o **terceiro** leitor potencial que é o **leigo em ciência**, que precisa ser alfabetizado cientificamente: “O *ScienceBlogs Brasil* tem o desafio adicional de discutir e popularizar Ciência em um país em desenvolvimento no qual o analfabetismo científico predomina”.

Sendo assim, o DDC do *Sb.br* funciona num jogo de relações de forças estabelecidas entre o discurso científico, o discurso empresarial, o discurso eletrônico da mídia *web* e da blogagem, o discurso publicitário e o discurso pedagógico. Afetado pelo *duplo lugar social* de **cientista** e **administrador**, o sujeito do discurso se inscreve no *lugar discursivo* de **publicitário** da blogosfera, sendo este mais afetado pelo lugar social de administrador.

A blogosfera se torna também um espaço de publicidade dirigido a empresários anunciantes: “**Anuncie no ScienceBlogs Brasil**/O site *ScienceBlogs Brasil* é um empreendimento do *Seed Media Group*. Procuramos marcas avançadas que queiram divulgar suas inovações para a nossa crescente audiência de formadores de opinião. Visite Anuncie no ScienceBlogs Brasil para aprender mais”. Mas a publicidade também visa agregar novos blogueiros de ciência: “**Blogue conosco**” [...].

A **mídia** eletrônica da web e dos blogs funciona como mediadora entre a ciência, o cientista e o leitor. Essa mídia, afetada pelo discurso publicitário, também integra as

condições de produção do DDC, visto que o *Sb.br* é o espaço discursivo que institui a prática discursiva do DDC. Vemos aí funcionando a inter-relação estabelecida entre ciência, tecnologia e administração, e como já mencionado, Orlandi (2012) sugere que, nessa inter-relação, deve-se repensar a própria noção de ciência. De fato, nesse jogo de relações, a noção de ciência sofre um deslocamento, pois se torna uma ciência-mercadoria, um produto “vendido” nos blogs, cujos temas são *patrocinados* pelos anunciantes, tendo os leitores leigos como consumidores-alvo. Esse funcionamento mercadológico da divulgação científica pode ser conferido no link indicado “**Anuncie no ScienceBlogs Brasil**”, o qual traz a publicidade do conteúdo da própria blogosfera, as marcas de empresas que já anunciam no site, como também os custos e as condições necessárias para que o sujeito tenha um blog abrigado na empresa ScienceBlogs Brasil.

Dividimos o conteúdo disponível no link *Anuncie no ScienceBlogs Brasil* em seis seqüências discursivas (SD’s 6 a 11), que mostramos a seguir:

SD6 *Anuncie no ScienceBlogs Brasil*⁵⁶

CONTEÚDO E AUDIÊNCIA

- 43** blogs de divulgação científica
- +10.000** páginas de conteúdo
- +250.000** pageviews por mês
- +4.000** visitantes únicos ao dia
- +5.700** pessoas na Fanpage
- +5.190** seguidores no Twitter

Conteúdo original atualizado diariamente

scienceblogs.com.br



⁵⁶ Estas SD’s estão em formato de figuras, pois somente assim foi possível copiar os posts.

SD7

ANUNCIANTES



scienceblogs.com.br



SD8

FORMATOS DE MÍDIA DISPLAY

| Superbanner Topo |
728x90px – Rich Media
CPM: R\$15

| Retângulo Médio |
300x250px – Rich Media
CPM: R\$15

| Superbanner Rodapé |
728x90px – Rich Media
CPM: R\$8

Consulte valores para
patrocínios fixos por mês



scienceblogs.com.br



SD9

PUBLIEDITORIAL

Promova seu conteúdo em formato de texto ou imagem em um de nossos blogs. Nossos autores também podem produzir ou adaptar conteúdo de acordo com tema.

Custo: de R\$500 a R\$1.500

scienceblogs.com.br



SD10

PATROCÍNIO DE BLOGS E ARTIGOS

O SB.br oferece a possibilidade do patrocínio de blogs especiais sobre temas de interesse do anunciante. Um exemplo foi a *Shell*, no *ScienceBlogs* principal, que patrocinou um blog sobre novas tecnologias na produção de energias.

Custo: Fale conosco.

scienceblogs.com.br



SD11

CONSULTORIA CIENTÍFICA

O ScienceBlogs Brasil é uma comunidade de autores altamente qualificados, muitos dos quais participam ativamente em pesquisa. Contamos com mestres, doutores, pesquisadores e jornalistas aptos a tratar de assuntos em todas as áreas do conhecimento. Podemos gerenciar este expertise para um serviço de consultoria científica único.

Custo: Fale conosco.

scienceblogs.com.br



Nas **SDs 6 a 11**, o sujeito cientista-administrador se inscreve no **lugar discursivo de publicitário** tanto da blogosfera, quanto da ciência e das empresas que patrocinam o *Sb.br*. Ao propor aos blogueiros a hospedagem de um blog de ciência, também já está determinado que essa divulgação tanto é afetada pelo imaginário da alfabetização – um saber que vem da FD pedagógica – quanto pelo imaginário do lucro financeiro, já que o *Sb.br* constitui-se em uma empresa de fins lucrativos.

Já está também determinado que o tema do blog pode ser escolhido pelo anunciante. Desse modo, não se pode separar esse duplo lugar social – cientista e administrador, que afetará o lugar discursivo de publicitário, visto que lugar social e lugar discursivo se constituem mutuamente (GRIGOLETTO, 2005a). Tais lugares se mesclam, produzindo o efeito de unidade, como se fosse apenas *um lugar* de divulgação científica. Assim, a questão do lugar é também uma questão de condições de produção e circulação do discurso, como veremos no decorrer da análise.

A **SD10** deixa claro que os interesses comerciais ditam as regras da divulgação científica: “O *SB.br* oferece a possibilidade do patrocínio de blogs especiais sobre temas de

interesse do anunciante”. Tal fato aponta para a reterritorialização do espaço virtual, em que se travam conflitos de interesses capitalistas, é a corrida para a colonização eletrônica, como denuncia Mounier (2006). Nessa corrida, instaura-se o processo do agendamento⁵⁷ de temas, conforme os interesses comerciais. O agendamento ou *Teoria da Agenda*, segundo McCombs (2009), surgiu nos anos 1970 e evoluiu mediante a observação da influência da comunicação de massa sobre a opinião pública. Segundo o autor:

o agendamento é uma teoria sobre a transferência da saliência das imagens da mídia sobre o mundo às imagens de nossas cabeças. A ideia teórica central é que os elementos proeminentes na imagem da mídia tornam-se proeminentes na imagem da audiência. Aqueles elementos enfatizados na agenda da mídia acabam tornando-se igualmente importantes para o público. [...] estas agendas podem ser compostas por qualquer conjunto de elementos, um conjunto de tópicos, candidatos políticos, instituições em disputa, ou outra coisa qualquer. (McCOMBS, 2009, p. 111).

O agendamento é determinado pelas relações de poder que estão em jogo no processo sócio-histórico do sistema capitalista e assim, também sofre uma determinação econômica. A mídia, portanto, não é uma simples mediadora do discurso de divulgação científica, embora o imaginário de neutralidade esteja sedimentado na memória social e discursiva. Ou seja, é a ideologia que fornece essa evidência de neutralidade (PÊCHEUX, 2009). E quando a mídia recorta, edita e agenda os tópicos, temas – como vimos na **SD10** – os sentidos estão direcionados, as posições ideológicas e os sentidos aí agendados pela mídia são determinados pelas FDs da ciência, da divulgação científica, como também pela própria FD da mídia virtual e empresarial.

Graças ao efeito de transparência da linguagem, o blog apresenta-se ao leitor, sobretudo ao leitor não especialista, como um “doador do bem”, sendo esse bem a *alfabetização científica*. E, assim, outros sentidos são dissimulados e apagados. Desse modo, o patrocínio da divulgação científica nos blogs pelo setor empresarial, torna-se, na verdade, o patrocínio dos sentidos já estabelecidos.

Retornemos, porém, a um fragmento da **SD2 (domínio 1 – Sobre)** o ScienceBlogs Brasil:

⁵⁷ A Teoria da Agenda, representada principalmente pelos estudos de McCOMBS (2009), insere-se no campo dos estudos da Comunicação e do Jornalismo, e busca analisar a influência da mídia na construção da opinião pública.

[...] Em uma época onde temas como mudanças climáticas, biocombustíveis, AIDS, doenças tropicais, células-tronco e tantos outros temas crucialmente relevantes à sociedade são discutidos diariamente, a divulgação científica se faz cada vez mais necessária. *ScienceBlogs Brasil* tem o desafio adicional de discutir e popularizar Ciência em um país em desenvolvimento no qual o analfabetismo científico predomina. Trabalhamos para que a comunidade formada em torno do *ScienceBlogs Brasil* atue na dispersão do pensamento científico, e ficamos à disposição para levar à frente projetos e iniciativas quebrando as barreiras que afastam a nossa sociedade da Ciência [...]. (ScienceBlogs Brasil, 2013, grifos nossos).

O ScienceBlogs Brasil apresenta-se como uma instituição empresarial que detém o conhecimento científico e, por conseguinte tem um triplo desafio: de popularizar a ciência, de *alfabetizar cientificamente* o país (Brasil) e, assim, levá-lo ao desenvolvimento, conforme aponta a **SD2**: “*ScienceBlogs Brasil* tem o desafio adicional de discutir e popularizar Ciência em um país em desenvolvimento no qual o analfabetismo científico predomina”. Calcado, pois, em um imaginário de ciência da verdade salvacionista, o DDC do Sb.br apresenta-se como a resposta, a solução para o atraso do “desenvolvimento” do país, supostamente provocado pelo analfabetismo científico.

Tal posicionamento ideológico de ciência promotora do desenvolvimento e de progresso institui-se a partir do enfraquecimento da hegemonia religiosa, e assim, os sujeitos do discurso científico, como também do DDC, consideram-se como “os verdadeiros portadores do conhecimento científico e, segundo eles, é desse conhecimento que depende o bom ou o mau funcionamento de todo o mundo” (ALBADA, 1979, p. 138). E ainda conforme o pensamento de Dias de Deus (1979, p. 15), sob esta ideologia, a ciência apresenta-se como “uma entidade etérea de valor indiscutível, útil a gregos e troianos, uma bênção milagrosa do céu ou da razão”. Historicamente, esta ciência busca substituir a dominação religiosa, por isso o *céu* científico passa a ser a *razão*, principalmente a partir do racionalismo cartesiano. Arelada a esse imaginário de ciência que detém o poder e a autoridade e que, portanto, pode tirar o país da condição de não-desenvolvido, constrói-se também o imaginário do leitor que, segundo esse discurso, predomina em nossa população e que também será, a priori, o leitor dos blogs: um integrante da massa de ignorantes que precisam ser alfabetizados em ciência, a fim de atingir a melhoria de vida.

A alfabetização científica do DDC do *Sb.br* é oferecida como uma *doação* que pode promover o desenvolvimento aos supostamente incapazes. Nesse discurso, se inscreve uma

repetibilidade do discurso pedagógico, que é a *educação bancária* denunciada por Freire (1987):

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma *doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber*. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a *absolutização da ignorância*, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p. 33, grifos meus).

Freire (1987) denuncia a ideologia da opressão que funciona no discurso pedagógico, e se manifesta na absolutização da ignorância, um saber da FD pedagógica que retorna aqui na FD da divulgação científica virtual. Assim, do **lugar discursivo de publicitário**, o sujeito cientista-administrador ocupa tanto a posição-sujeito de **gestor da alfabetização científica** – a alfabetização da *ciência bancária* –, como também a posição-sujeito de **promotor do desenvolvimento** do país e do povo: “*ScienceBlogs Brasil* tem o desafio adicional de discutir e popularizar Ciência em um país em desenvolvimento no qual o analfabetismo científico predomina” (SD2). Tal desenvolvimento, segundo esse discurso, resulta da suposta “doação” da ciência a um leitor imaginariamente incapaz, e assim se institui o **efeito-leitor analfabeto em ciência**.

Logo, a memória da FD pedagógica ressoa no discurso de divulgação científica, ao associar *subdesenvolvimento* a um suposto analfabetismo científico. Por sua vez, esse processo de ignorância e subdesenvolvimento encontra “solução” na ciência, na sua divulgação/popularização que é *doada* aos leitores em forma de alfabetização científica. Todavia, a *doação* é apenas um efeito produzido pelo trabalho da ideologia e da linguagem que se constituem mutuamente. Na verdade essa ciência-bancária constitui-se em uma mercadoria ou produto ofertado, sob o efeito de divulgação-alfabetização científica que deverá levar o país ao desenvolvimento.

Nas malhas dessa trama discursiva, o mecanismo imaginário exerce uma função relevante. Convém lembrar que o imaginário é afetado pelo interdiscurso, ele “não brota do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, pelas relações de poder” (ORLANDI, 2012a). Historicamente, as relações do cientista com o leitor não-cientista são tecidas pelo imaginário da ciência enquanto verdade; do cientista, enquanto detentor dessa verdade; e do leitor, imaginariamente

ignorante. É, pois, sob esse imaginário de poder do saber (do cientista) x ignorância (do leitor) que se institui o *efeito-leitor analfabeto em ciência*.

Nessa lógica da divulgação científica empresarial, as regras já estão postas: o blogueiro deve conhecer bem e aceitar as condições apresentadas pela empresa antes de ter um blog hospedado na blogosfera, conforme mostram as **SDs 2 e 4**, que apontam os *Termos e condições* de uso dos serviços da blogosfera, além da *Renúncia das garantias*. E, ao aceitar as condições impostas, o sujeito divulgador, que também já ocupa o lugar de cientista (ou jornalista de ciência), tornar-se-á **blogador**⁵⁸ de ciência, como também uma *marca* da empresa ScienceBlogs Brasil, de quem se torna servo. Vejamos novamente alguns trechos da SD 7: “Procuramos marcas avançadas que queiram divulgar suas inovações para a nossa crescente audiência de *formadores de opinião*. Visite Anuncie no ScienceBlogs Brasil para aprender mais.” A palavra *marca* evoca uma memória do discurso publicitário. Segundo Carvalho (1996, p. 42), “ao ser nomeado como uma marca que o distingue, o objeto é retirado do anonimato”. A marca é construída discursivamente e busca cristalizar sentidos.

No DDC do *Sb.br* há, portanto, um forte atravessamento do discurso empresarial e publicitário, e assim cria-se um efeito de *marca* comercial à própria ciência, a qual, ao tornar-se mercadoria, passa a ser uma propriedade da empresa. Nesse processo, busca-se administrar não somente a ciência como uma marca, mas também as pessoas envolvidas na trama da ciência mercantilizada. Pêcheux (2008), ao refletir sobre as relações entre ciência, estrutura e escolástica, preconiza que, ao domínio da técnica se associam as técnicas de **gestão social dos indivíduos** que buscam imprimir-lhes uma **marca**:

Um grande número de técnicas materiais [...] têm que ver com o real: trata-se de encontrar, com ou sem a ajuda das ciências da natureza, os meios de obter um resultado que tire partido da forma a mais eficaz possível (isto é, levando em conta a esgotabilidade da natureza) dos processos naturais, para instrumentalizá-los, dirigi-los em direção aos efeitos desejados. A esta série vem se juntar a multiplicidade das **‘técnicas’ de gestão social dos indivíduos: marcá-los**, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos, a fim de colocá-los no trabalho, a fim de instruí-los, de fazê-los sonhar ou delirar, de protegê-los e de vigiá-los, de levá-los à guerra e de lhes fazer filhos... **Este espaço administrativo (jurídico, econômico e político)** apresenta ele também as aparências da coerção lógica disjuntiva [...] (PÊCHEUX, 2008, p. 30, grifo nosso).

⁵⁸ No campo da Comunicação, o termo *blogador* aparece como sinônimo de *blogueiro*, mas aqui estamos fazendo a distinção entre o **blogueiro**, como sujeito enunciador, e o **blogador**, (divulgador) como lugar social ocupado no *Sb.br*.

Sendo assim, a ciência, a técnica, as tecnologias como a internet e os blogs de divulgação científica estão vinculadas ao espaço administrativo, ao jurídico, ao econômico e ao político. A blogosfera é um espaço discursivo onde se confrontam as forças ideológicas do poder vigente. Nesse espaço se instauram processos contínuos de (re)territorializações e de colonização, um processo construído por meio de relações estabelecidas – entre os saberes da ciência, da administração, do direito, da economia e da política. Um espaço logicamente estabilizado que visa a gestão da divulgação científica, da leitura e da interpretação. Pêcheux (2008) também acrescenta que, em tais espaços, se estabelecem os sujeitos que se julgam “detentores do saber, especialistas e responsáveis de diversas ordens – repousam, em seu funcionamento discursivo interno, sobre uma proibição de interpretação, implicando o uso regulado de proposições lógicas (Verdadeiro ou Falso) com interrogações disjuntivas” (PÊCHEUX, 2008, p. 31).

Pelo viés do efeito-leitor *analfabeto-científico*, institui-se, no DDC, um efeito de sentido de *benfeitor social* para o ScienceBlogs Brasil. No entanto, esse discurso é um já dito do discurso pedagógico da *alfabetização-salvadora*, um discurso produzido na história que a ideologia busca naturalizar.

Historicamente, o discurso pedagógico, em especial, o discurso dos programas de alfabetização de adultos em massa/para as massas, projetava o sujeito analfabeto como um incapaz, ao qual também era imputada a culpa pelo subdesenvolvimento. Paulo Freire⁵⁹, em suas obras sobre educação opressora *versus* educação libertadora denuncia essa ideologia da incapacidade e da culpa do analfabeto. O autor, referindo-se aos agentes da “educação opressora”, declara que:

Qualquer que seja a especialidade que tenham e que os ponha em relação com o povo, sua convicção quase inabalável é a de que lhes cabe “transferir” ou “levar”, ou “entregar” ao povo os seus conhecimentos, as suas técnicas. Vêm-se, a si mesmos, como os promotores do povo. Os programas da sua ação, como qualquer bom teórico da ação opressora indicaria, involucram as suas finalidades, as suas convicções, os seus anseios. Não há que ouvir o povo para nada, pois que, incapaz e inculto, precisa ser educado por eles para sair da indolência que provoca o subdesenvolvimento (FREIRE, 1987, p. 88, grifos do autor)

⁵⁹ Paulo Freire foi um educador brasileiro que dedicou profundas reflexões sobre a Educação libertadora.

Das palavras de Freire (1987), destacamos as seguintes: “Vêm-se, a si mesmos, como os promotores do povo” e “Não há que ouvir o povo para nada, pois que, incapaz e inculto, precisa ser educado por eles para sair da indolência que provoca o subdesenvolvimento”. Observemos que o imaginário do *ensinador* no discurso pedagógico (DP) é o de “promotor do povo”, aquele que tem o poder de tirar o povo da condição de subdesenvolvido, enquanto que o povo, a grande massa de analfabetos, seja na ordem do DP, seja na ordem do DDC, é imaginado como o “incapaz e inculto” que precisa ser “salvo” pela alfabetização.

É assim que funciona o efeito-leitor de analfabeto científico no DDC virtual, cujos sujeitos se identificam com a formação discursiva da divulgação científica, constituída a partir do discurso da ciência, mas que também sofre atravessamento dos saberes das FDs pedagógica, empresarial, jornalística, publicitária e da mídia eletrônica.

Ademais, esta mídia, como já dito, é espaço de constituição e funcionamento do blog, o qual mobiliza saberes tanto do senso comum, pelo viés do diário, como também se constitui por materialidades significantes específicas da internet. O blog, como já assinalado, pode ser considerado um dos ícones da modernidade líquida (BAUMAN, 2001, 2007), pela fluidez e volatividade de suas materialidades.

O efeito-leitor analfabeto em ciência determina a formulação do discurso, tecido pelo formato da blogagem, que *simula* também uma conversação eletrônica sobre ciência com o leitor. Nessas condições de produção, *simula-se* a interlocução do conhecimento científico pelo viés do efeito-leitor analfabeto em ciência. No entanto, sendo esta uma ciência-mercadoria que oferece ao leitor apenas as informações e notícias da ciência, como veremos no decorrer dessa análise, a interlocução⁶⁰ com o leitor não-cientista não se concretiza de fato, é apenas simulada.

Sendo assim, a relação da ciência com a sociedade restringe-se apenas a um efeito de cientificidade, já que se oferece apenas a terminologia da ciência ao leitor (ORLANDI, 2001a). Os blogs, como já assinalado⁶¹, constituem o cenário da simulação da divulgação científica, onde funciona um aparato tecnológico bastante diversificado, e isto contribui para que a construção de um efeito de sentido de ciência-líquida, em vista das discursividades líquidas ali inscritas, como os *slogans*, notícias rápidas, anúncios diversos, breves relatos do cotidiano acadêmico, resenhas de livros, vídeos, artigos, filmes etc.

⁶⁰ A interlocução discursiva é o nosso objeto de análise no V capítulo desta Tese.

⁶¹ Vide discussão sobre blogs e blogagem no Capítulo I desta Tese.

A partir do intrincamento do lugar social e lugar discursivo já mencionados, o sujeito ocupa as posições ora de **gestor da alfabetização científica**, ora de **promotor do desenvolvimento do país**, como sinalizam as **SD 2 e 5**: “O *ScienceBlogs Brasil* tem o desafio adicional de discutir e popularizar Ciência em um país em desenvolvimento no qual o analfabetismo científico predomina”. [...].

O efeito-leitor **analfabeto em ciência** é um efeito determinante na constituição do DDC virtual, e se estabelece na relação projetada para o **leitor internauta**, imaginariamente **leigo**. Entretanto, como o sujeito administrador do *Sb.br* também se dirige a outros leitores potenciais ou imaginários, temos também outros efeitos-leitores funcionando nesse discurso, a saber: o efeito-leitor **patrocinador** do *Sb.br*, na relação já estabelecida para o **leitor-anunciante**, e o efeito-leitor **especialista**, na relação previamente estabelecida com o sujeito divulgador, que também ocupa o lugar de cientista.

Tais efeitos-leitores também *projetarão* algumas posições-sujeitos para os leitores imaginários do DDC, quais sejam: a posição-sujeito de **agendador de temas** para o sujeito **anunciante**; a posição-sujeito de **alfabetizador de ciência** para o **divulgador**; a posição-sujeito de **consumidor de informações científicas** para o **leitor leigo** em ciência⁶².

Mas se temos por um lado, os efeitos-leitores projetados pelo discurso do **sujeito-administrador** do *Sb.br*, temos, por outro, os efeitos-leitores projetados pelo discurso do **sujeito-divulgador**, o qual também se movimenta no discurso, entre lugares sociais, lugares discursivos e posições-sujeito.

4.3 Efeito-leitor intrincado ao movimento discursivo do sujeito-divulgador do *ScienceBlogs Brasil*

Para aprofundar a nossa compreensão acerca da trama do lugar social e discursivo do sujeito-divulgador, a partir dos quais se tece o efeito-leitor intrincadamente às posições-sujeito, mostramos a seguir, o **Quadro 3**, que nos remete aos lugares sociais ocupados pelos sujeitos divulgadores do *ScienceBlogs Brasil*. Essa visualização também nos ajudará na caracterização desse discurso, pois mostra alguns aspectos em que ele se aproxima/distancia da DC tradicional.⁶³

⁶² Ao final deste capítulo, apresentamos um quadro elucidativo para uma maior compreensão deste funcionamento discursivo.

⁶³ Por DC (divulgação científica) tradicional, entendemos a DC veiculada na mídia jornalística impressa.

Quadro 3 - Formação acadêmica e área de atuação social do blogador

LUGAR SOCIAL DO SUJEITO BLOGADOR DE DC	NÚMERO ⁶⁴	%
PESQUISADOR/CIENTISTA (Graduandos, Graduados, Mestres, Doutores, Pós-Doutores)	26	68,4
PESQUISADOR E JORNALISTA DE CIÊNCIA ⁶⁵	06	15,8
JORNALISTA	04	10,5
OUTROS (formação não-identificada, demais interessados em divulgação científica)	02	5,3

No quadro teórico da AD não importam os quantitativos nem os lugares e sujeitos empíricos, e sim o funcionamento discursivo. Todavia, o lugar social afeta o lugar discursivo, como também afeta o sujeito e intervém na produção de sentidos, já que o lugar social é determinado pelo modo de produção dominante, portanto, faz parte das condições de produção do discurso (PÊCHEUX, 2011c).

Assim, o sujeito enunciativo do ScienceBlogs Brasil se movimenta entre lugares empíricos e sociais – no interior da formação social – mas também enuncia de um lugar virtual, no espaço digital e eletrônico da web e dos blogs, que tanto afeta o lugar social e discursivo como é afetado por estes. É pelo viés do mecanismo imaginário e também pela prática discursiva que o sujeito se institui em um lugar discursivo (**LD**) – que é abrigado pelo espaço discursivo – e também se inscreve em uma dada formação discursiva (**FD**), nesse caso, diz respeito à **FD** da divulgação científica, a qual, como já vimos, sofre atravessamentos de outras **FDs**. Ao se inscrever em um **lugar discursivo**, o sujeito pode ocupar distintas posições-sujeito. É nessa trama discursiva que também se institui o efeito-leitor no DDC do *Sb.br*, que por sua vez, projetará distintas posições-sujeito para os leitores.

A partir do quadro, podemos verificar que a divulgação científica do ScienceBlogs Brasil é realizada predominantemente por sujeitos que ocupam os **lugares sociais de cientistas** e pesquisadores, além de uma minoria de jornalistas e de outros profissionais. Considerando a representatividade, levamos em conta o lugar social de **cientista** para o sujeito divulgador do *Sb.br*. Mas, além de cientista, esse sujeito também ocupa o lugar social de **divulgador de ciência em blog**, por essa razão vamos denominar esse segundo lugar social de **blogador** de divulgação científica (**DC**).

⁶⁴ Não consideramos aqui os 4 blogs da categoria ScienceBlogs Brasil (que divulgam a blogosfera), mas os 38 blogs de divulgação científica, ativos até outubro de 2013.

⁶⁵ Nesta categoria, incluímos aqueles profissionais que não possuem formação em Jornalismo, mas realizaram cursos de Especialização em Jornalismo Científico e, além de exercer a função de pesquisadores, também atuam em jornalismo científico.

O blog, enquanto lugar de produção e circulação do DDC do Sb.br, também institui o lugar social de **blogador**, embora não haja um rompimento com o lugar social de cientista, um lugar mais estabilizado empiricamente. Afinal, é o imaginário do lugar de cientista que confere autoridade ao sujeito para divulgar a ciência no blog; mas esse lugar social sofre deslocamentos e também produz novos efeitos ao se relacionar com o blog, e assim institui-se no DDC do Sb.br o duplo lugar social de **cientista-blogador**. A prática discursiva tanto determina quanto é determinada pela movimentação do sujeito entre distintos lugares sociais, conforme esclarecem as reflexões de Grigoletto & De Nardi:

[...] Os diferentes lugares sociais que todos nós podemos ocupar, enquanto sujeitos, ao mesmo tempo determinam e são determinados pelas práticas discursivas. [...] os lugares sociais ocupados pelos sujeitos em uma formação social já são moldados em função de condições histórico-ideológicas específicas. Ao dizer, inscrever-se num determinado discurso, o sujeito carrega traços desse lugar que ocupa socialmente. No entanto, esses lugares, embora mais estáveis quando se situam no espaço empírico, podem sofrer deslocamentos/atualizações ao serem discursivizados. (GRIGOLETTO & DE NARDI, 2013, p. 198-199)

Acreditamos que tais considerações são pertinentes para explicitar o funcionamento do que estamos aqui denominando como o lugar social de **cientista-blogador** para o sujeito divulgador do Sb.br. Esse lugar se institui na tensão das fronteiras do lugar social de cientista – um lugar mais estabilizado pela prática social – e do lugar social de blogador – um lugar mais cambiante, mas que também é constitutivo desse discurso. O lugar social de *cientista-blogador* é também efeito da tensão instaurada entre o espaço empírico, espaço discursivo e *espaço virtual*, sendo que este:

emerge no entremeio do empírico e do discursivo, já que carrega traços tanto do primeiro, quanto do segundo. [...] o espaço virtual ao mesmo tempo em que abriga diferentes discursividades, ele próprio se constitui num espaço de discursividades, mas não sem a determinação da prática social. [...]. O virtual está afetado pelo discursivo que, por sua vez, está afetado pelo empírico. Além disso, há, por um lado, *dizeres que só são materializados no virtual, o qual também pode ser entendido, nesse caso, também como um lugar empírico que abriga esses dizeres*. Por outro lado, esses discursos que podem se materializar tanto no discursivo quanto no virtual possuem características próprias quando inscritos no virtual (GRIGOLETTO, 2011, p. 51,52, grifos meus).

As colocações da autora nos ajudam a entender melhor que, em se tratando do *corpus* desta pesquisa, há dizeres da divulgação científica que são materializados *somente no espaço virtual dos blogs*, pelo viés da inscrição do sujeito no lugar social de blogador, o que nos mostra que a prática discursiva e a prática social trabalham juntas, num contínuo jogo de tensão. Por outro lado, esse sujeito já ocupa um lugar na estrutura social, que é o lugar de cientista, o qual tanto afeta o lugar social de blogador, quanto dele vai sofrer efeitos. É, pois, nesse intrincamento que se constituirá o lugar social de cientista-blogador, sob o efeito de um lugar *uno*, mas também um lugar cindido, o que nos leva à compreensão de que o lugar social também se constitui pela heterogeneidade, embora seja afetado pela ilusão constitutiva da unidade imaginária.

Já o lugar discursivo, como já mencionado, se constitui a partir da dupla determinação da prática social e da prática discursiva, de forma que lugar social e lugar discursivo se constituem mutuamente e também são duplamente determinados (GRIGOLETTO, 2005a, 2008).

Assim, o lugar social de cientista-blogador produzirá efeitos diferenciados na formulação e circulação do DDC virtual, ao se comparar com o DDC inscrito na mídia impressa, o qual é considerado a textualização jornalística do discurso científico (ORLANDI, 2001a). Mas não podemos afirmar exatamente o mesmo sobre o DDC virtual, embora haja ressonâncias do discurso jornalístico nesse discurso. A textualização do DDC do *Sb.br*, por exemplo, se dá pelo discurso da blogagem⁶⁶.

Está claro que lidamos com sujeitos discursivos, cujos lugares e posições-sujeito se instauram em um jogo de forças que se travam nas formações ideológicas e discursivas, por isso, esses sujeitos, mesmo sendo pesquisadores/cientistas podem vir a ocupar o lugar discursivo de jornalista, editor, professor, etc, assim como pode se dar o contrário. Porém, não podemos desconsiderar que, nesse novo espaço e nessas novas condições, a ciência é interpretada predominantemente por cientistas, que enunciam tanto do lugar social da academia/universidade, quanto da internet e dos blogs. Portanto, agora há um novo aspecto que deve ser considerado: é a própria ciência interpretando a si mesma a partir de um lugar historicamente constituído – a academia –, mas também a partir de um blog, constituído de

⁶⁶ A caracterização dos blogs e do discurso da blogagem – textualização própria dos blogs – já foi discutida no capítulo I deste trabalho.

novas materialidades significantes, logo, desterritorializado pelo tempo-espço, e, ao mesmo tempo, um lugar de novas territorializações da escrita, dos discursos, dos sentidos.

Por sua vez, o leitor potencial desse discurso também não é o convencional, mas o leitor *internauta*, leitor de blog, que – ao menos potencialmente – é um participante da interlocução da DC por meio dos *posts* dos comentários, nessa nova relação tempo-espço.

Temos afirmado que esse deslocamento geográfico da divulgação científica para a blogosfera e os blogs faz parte de um processo de (re)territorialização midiática, que também pode trazer deslocamentos de sentidos. Isso não significa um rompimento com o já instituído, ao contrário, é afetado por ele; mas a textualização e a leitura da divulgação científica praticada no hipertexto online, especialmente nos blogs, envolvem outros aspectos e possibilidades de funcionamento que se tornaram viáveis apenas nessa mídia, nesse suporte.

Se pensarmos na questão do acesso, por exemplo, considerando a realidade socioeconômica brasileira, apenas uma elite apresenta condições de adquirir periódicos de divulgação científica na modalidade tradicional. Mesmo em bibliotecas, em cujo acervo essas publicações podem ser encontradas, chegaremos à triste conclusão de que elas são escassas, portanto, não há condições de acesso dessas publicações para a grande maioria da população. Por outro lado, embora a inclusão digital em nosso país ainda seja restrita, paradoxalmente, o acesso ao computador e ao telefone celular conectados à internet parece ser mais amplo que o acesso à mídia impressa, pois tais equipamentos estão presentes no cotidiano, seja nas escolas – em sua maioria – além do grande número de *lan houses* espalhadas pelas cidades, as quais também oferecem tal acesso a um custo relativamente baixo.

Ademais, a leitura no hipertexto online parece ser mais fascinante, principalmente ao público mais jovem, tendo em vista os múltiplos recursos midiáticos aí oferecidos. E, como assinala Mittmann (2010), o próprio público leitor internauta é bastante variado, pode ter buscado o site por interesse, mas também pode ter caído na página acidentalmente. Esse leitor que cai na página acidentalmente é denominado segundo o jargão da internet como *paraquedista*, o qual é também considerado na etapa de formulação do discurso, consequentemente, intervém na construção do efeito-leitor, já que, se por um lado existe o leitor paraquedista, do outro lado da tela, encontramos os *caça-paraquedistas*.

É o que nos mostra o post ***Blogagem coletiva: cientista também caça paraquedista***, publicado no Blog ***Raio X***, no dia 26/08/2009 (Figura 6). Na verdade, esse post teve por objetivo, divulgar uma blogagem coletiva sobre o tema do paraquedismo. O *Raio X*, como já

assinhalado anteriormente (capítulo III), é um blog dos administradores do ScienceBlogs Brasil, que visa a divulgação dos posts mais recentes publicados na blogosfera. Mas esse post destina-se, *a priori*, aos sujeitos blogadores, é uma convocação à blogagem coletiva, como podemos verificar na sequência discursiva (SD1), abaixo, extraída do **domínio 1 (Sobre)**, recorte 2:



Figura 6: Blog Raio X – Blogagem coletiva: Cientista também caça paraquedista⁶⁷

BLOCO II - Recorte I - Domínio 1⁶⁸ (SDs 1 a 6)

SD1 Blogagem coletiva: Cientista também caça paraquedista

O ScienceBlogs Brasil inova e lança uma nova blogagem coletiva na semana de 24 a 29 de agosto: **Os posts já estão chegando e sendo linkados aqui. Cientista também tem direito a paraquedista!** A idéia é simples: paraquedista é o visitante que busca algum assunto no Google e acaba caindo no seu blog, em algo que inclusive pode não ter nada a ver. Isso é bem comum em blogs de variedades, que escrevem bastante coisa buscando o povo do Google, em textos como: *Mulher Kiwi posa pelada na Globo Rural, Fulana tirou fotos nua pelada e sem calcinha na Globo Rural de Fevereiro, que logo estará nas quitandas.*

Não precisam nem colocar fotos, quando a revista sai nas bancas, um monte de gente aparece buscando aquilo. Como nós escrevemos sobre ciência, são poucos os termos bem buscados no Google que geram esse tipo de procura. Então a brincadeira é a seguinte, escrever sobre um tema bem procurado no Google para explicitamente atrair paraquedistas. Isso mesmo, escolha um texto bem apelativo, recheado de termos de busca e aproveite. Claro que, para ser algo

⁶⁷ Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/raiox/2009/08/blogagem_coletiva_cientista_ta/>. Acesso em 05/10/2012.

⁶⁸ O **Domínio I** abriga os posts denominados *Sobre*; mas incluímos aqui também também neste Domínio as postagens que se enquadram na categoria de *Diversos*, já que não se caracterizam como postagens de Divulgação científica, especificamente.

produtivo, o autor tem que ser muito criativo, pensar em um bom tema e contextualizá-lo na ciência. Pessoas procurando mulheres peladas já estão com a mão ocupada e não ficam no blog, entram e vão embora rapidinho. Não é o tipo de visitante que você quer atrair. Pense que você deve converter uma porcentagem dos visitantes, que o texto foi um atrativo para apresentá-los à ciência. O grande segredo para essa blogagem dar certo é escolher um bom tema e escrever bem (como qualquer texto, aliás), de forma que um tema apelativo não seja mal recebido. Depois você já sabe, publique um texto no tema entre 24 e 28 de agosto, faça um link no fim do seu texto explicando que ele é parte de uma blogagem coletiva e deixe um comentário aqui que linkaremos o seu blog. Boas idéias!!

O caça-paraquedismo praticado nos blogs é, então, uma estratégia adotada para atrair leitores não especialistas em ciência: “Pense que você deve converter uma porcentagem dos visitantes, que o texto foi um atrativo para apresentá-los à ciência.” Tal recurso é uma exclusividade da divulgação científica online e funciona como *isca* para fisgar, atrair novos visitantes ao blog, leitores que não se relacionam com a ciência, são, portanto, estranhos ao mundo científico, já que serão “apresentados à ciência”. O caça-paraquedismo visa atingir a população em *massa*, resulta, portanto, do efeito-leitor analfabeto em ciência, um efeito construído a partir da construção imaginária do leitor-potencial das postagens dos blogs, ou seja, o imaginário do *leitor de massa*, leigo em ciência, a quem se oferece uma divulgação massificada da ciência.

Mas nem sempre o caça-paraquedismo funciona como um atrativo para “apresentar os leitores à ciência”, essa estratégia de marketing também institui deslocamentos de sentidos. Encontramos no blog **RNA** um post denominado *Efeitos colaterais do fim do mundo*, publicado em 10/02/2012, no qual o blogador narra uma de suas experiências como caça-paraquedista:

SD2 Entrei na blogagem coletiva do Fim do Mundo um pouquinho adiantado, escrevi o texto em 2009! Veja ele aqui. Foi uma memorável caça a paraquedistas, que é nada mais que um estilo malandro de atrair atenção das pessoas pelos buscadores, como o Google, procurando temas que estão na moda. Na época escolhi o fim do mundo, e disse que o mundo não acabaria em 2012 mas em 2019. Não, eu não tive essa revelação em um sonho místico. Foi uma brincadeira, já que três pessoas proeminentes fizeram previsões tecnológicas importantes para dali a 10 anos. Mudanças tão grandes que o mundo que conhecemos acabará, e um novo vai surgir. Ou seja, nada de profecia maia aqui. Este texto teve dois efeitos colaterais: muitos comentários e me levou para o programa SuperPop com Luciana Gimenez. Peço que leia o texto e, principalmente, dê uma olhada nos comentários.

Os “efeitos colaterais” mencionados pelo blogador se constituem em efeitos de sentidos produzidos no discurso⁶⁹. Vejamos o que nos diz a SD3:

SD3 O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019

Interessante como a imensa maioria das pessoas que se dá ao trabalho de comentar mostra que simplesmente não leu o texto. Inclusive o estagiário do Superpop que quando me ligou mostrou que não leu ao me chamar para falar da minha “teoria” da nova data do fim do mundo em 2019. Mas tudo bem, gente, se mesmo depois dessa bula de efeitos colaterais vocês ainda querem fazer essa blogagem coletiva, vão em frente. Ok, confesso que me diverti muito. Boa sorte a todos.



Figura 7: Post *O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019*⁷⁰

A SD3 afirma que algumas pessoas realizam os comentários apenas pelo tópico abordado no post-paraquedista e, desse modo, não são *apresentados à ciência*: “a imensa maioria das pessoas que se dá ao trabalho de comentar mostra que simplesmente não leu o texto”. Mas essa constatação é guiada pelo imaginário do blogador sobre o leitor e evidencia uma tentativa de controle da leitura.

⁶⁹ Retomamos o post “O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019” no capítulo V desta tese, momento analítico em que tratamos da interlocução discursiva que se dá na seção de comentários do blog, onde podemos visualizar os diversos deslocamentos de sentidos que são produzidos no discurso dos leitores do blog.

⁷⁰ Disponível em: < http://scienceblogs.com.br/rnam/2009/08/o_fim_do_mundo_nao_sera_em_201/>. Acesso em 17/05/2012.

Por outro lado, o paraquedismo pode render pontos para o marketing do blog, da blogosfera e do próprio blogueiro: “Este texto teve dois efeitos colaterais: muitos comentários e me levou para o programa SuperPop com Luciana Gimenez.” Afinal, que ciência é esta que o blog pretende apresentar ao leitor por meio do caça-paraquedismo? E por que tal estratégia não funciona para divulgar esta ciência? O fato é que a ciência continua inacessível para a “imensa maioria das pessoas”. Ou seja, a expansão do acesso à internet não significa expansão do acesso aos arquivos da ciência, embora haja a construção ideológica de tal evidência.

Dessa maneira, o DDC virtual dos blogs é atravessado por contradições. No interior do dito de “apresentar a ciência” ao leitor-paraquedista, temos o não-dito da divisão social do trabalho de leitura do arquivo, denunciado por Pêcheux ([1982]2010d). Segundo o autor, essa divisão se inscreve numa relação de dominação política, na qual a alguns é dado o direito de produzir “leituras originais” ou interpretações, enquanto que a outros, esse direito é negado, restando-lhes apenas a tarefa subalterna de sustentar interpretações já dadas. O autor vislumbra a divisão social da leitura como “uma verdadeira reorganização social do trabalho intelectual, cujas consequências repercutirão diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória histórica” (PÊCHEUX, [1982]2010d, p. 54).

Assim, na opacidade do DDC, vislumbramos essa divisão, segundo a qual, temos por um lado, o público-leitor constituído da grande massa de excluídos do mundo científico, a exemplo dos paraquedistas que buscam as últimas “novidades” da internet; e por outro, um público-leitor constituído de um grupo seletivo de cientistas e de sujeitos já familiarizados com o mundo acadêmico-científico.

No entanto, essa divisão foi instituída e determinada historicamente, não surge somente agora, com a emergência das novas tecnologias de linguagem. Diz respeito a um processo de divisão social do trabalho e das forças produtivas, portanto, uma realidade determinada pelas relações sociais de produção e reprodução, inerentes ao modo de produção capitalista. Sendo assim, essas contradições irão produzir efeitos-leitores contrastantes. Para examinar esse efeito-leitor, vamos retomar a discussão sobre o seu intrincamento ao lugar discursivo e posições-sujeito do divulgador do *Sb.br*.

No funcionamento do discurso de divulgação científica dos blogs, como já mencionado, são instituídas outras relações com outros discursos, a exemplo do discurso eletrônico dos blogs, mas o discurso jornalístico continuará ressoando, embora de modo

diferente, pois o discurso jornalístico é também afetado pelo discurso eletrônico e pela blogagem. Uma das ressonâncias do discurso jornalístico no DDC virtual é a forte presença da notícia, por exemplo. Mas agora, no DDC dos blogs, a produção e circulação da notícia e de demais materialidades é construída predominantemente pelo próprio cientista, que, algumas vezes, assume a posição-sujeito de jornalista científico.

No entanto, alguns cientistas apresentam resistências quanto à divulgação científica praticada pelo jornalismo, conforme apontam as **SDs 4 e 5**; a **SD4** foi extraída do post *Ciência e mídia*, publicado pelo blog *Química viva* (27/06/2010):

SD4 Cientistas e mídia

[...]Aparentemente existe uma enorme dificuldade na comunicação entre cientistas e a mídia. Erros sobre resultados científicos divulgados são extremamente comuns (veja por exemplo, aqui). A mídia tem uma pressa exagerada em publicar um assunto porque acha que é “quente”, e acaba escrevendo textos pouco informativos e com bom grau de sensacionalismo, o que não ajuda. Até mesmo na televisão. A impressão que se tem é que o interesse em divulgar ciência aumentou (e muito), mas sem o devido cuidado por parte dos meios de comunicação. Por outro lado, muitos cientistas acham que a mídia deturpa as informações, e por isso não gostam e não querem dar entrevistas. Neste caso, a má vontade só piora o que já está ruim. É necessário que haja uma aproximação dos cientistas junto aos veículos de informação. Isso porque a ciência é a chave para entender muito sobre o mundo à nossa volta. E o telespectador, o leitor leigo, busca informações e conhecimento.

No blog *Você que é Biólogo* também encontramos um post denominado *Band-aid para estancar hemorragia*, publicado em 05/04/2012, que aborda a relação nem sempre amigável entre cientistas e jornalistas de ciência.

SD5 Band-aid para estancar hemorragia

A relação entre jornalistas e cientistas é complexa. Ponha um junto com o outro e, quase obrigatoriamente, um dos dois ficará insatisfeito. Foi o que aconteceu ontem com a reportagem sobre a burocracia na importação de material científico que foi ao ar no Repórter Brasil, telejornal da TV Brasil. [...]Acompanho os blogs de jornalistas que falam de ciência como o R. e a I. N., mas não tem jeito... na hora que você tem que falar com um jornalista... a chance do resultado agradar é muito pequena. Minha experiência mais frustrante foi essa daqui, quando a jornalista da FAPERJ me ouviu por duas horas e depois... disse na reportagem o que eu não disse na entrevista. Tive que ficar me retratando para os meus pares por um tempão até que, eventualmente, a reportagem foi esquecida. E poderia ter sido pior, porque eu poderia ter sido até processado pelo que ela disse que eu disse: que frutos do mar dos restaurantes do Rio estavam contaminados por metais pesados. Talvez não haja solução e teremos simplesmente aprender a lidar com a frustração. (<http://scienceblogs.com.br/vqeb/tag/jornalistas/>).

A partir do que precede, não podemos afirmar que o DDC do *Sb.br* é textualizado predominantemente pelo discurso jornalístico. Mas também não segue a textualização do discurso científico, cuja linguagem segue o padrão da objetividade e do rigor da norma culta da língua. A textualização do DDC virtual é bastante híbrida, pois é atravessado por saberes dos discursos – científico, jornalístico, publicitário, pedagógico e didático, do senso comum, sendo que todos esses fios discursivos são costurados pelo discurso eletrônico e da blogagem.

Já vimos no capítulo I que o discurso científico segue a lógica da ideologia da normalização que “não pode cometer erros”, conseqüentemente, temos esse pré-construído da ideologia normalizadora materializado na **SD5**, em que o cientista teve que se retratar com os pares acerca do suposto *erro* da textualização jornalística de sua entrevista: “Tive que ficar me retratando para os meus pares por um tempão até que, eventualmente, a reportagem foi esquecida.” Assim, há um efeito de verdade no dizer do cientista que busca dar apenas uma direção de sentido ao texto, uma verdade supostamente inapreensível pelo leitor e pelo jornalista de ciência.

O blog *Ciência à Bessa* também traz esse “medo do erro” do jornalismo científico no post *O pesquisador e a mídia*, publicado em 10/05/2009, do qual destacamos o seguinte trecho:

SD6 *O pesquisador e a mídia*

[...] “Divulgar nossas pesquisas nada mais é do que prestar contas aos seus provedores, algo do tipo mostrar o boletim aos pais no final do semestre. Se você morre de vergonha de câmeras e microfones pode aproveitar-se de jornais e revistas. Se gosta de escrever e tem medo dos jornalistas distorcerem suas informações a internet oferece inúmeras formas de comunicar-se com o público.” [...].

O sujeito do discurso também fala da internet e dos blogs, do lugar social de blogador, um *lugar* considerado *ideal* e seguro para a divulgação da ciência, como aponta a SD6: “Se gosta de escrever e tem medo dos jornalistas distorcerem suas informações a internet oferece inúmeras formas de comunicar-se com o público.” [...]. A internet produz o efeito de apagamento da *mediação* instituída entre a ciência e o leitor, de modo que também se instaura o efeito de apagamento do lugar discursivo e das posições assumidas pelo sujeito na trama discursiva do DDC, visto que a internet é também construída como um *lugar de unidade imaginária*, uma ilusão constitutiva do sujeito e dos sentidos. É nessa trama discursiva que se

institui o efeito-leitor analfabeto em ciência, um efeito de unidade imaginária de sujeito e de sentidos.

A fim de melhor elucidar essa trama discursiva, apresentamos, a seguir, mais um recorte de sequências discursivas (SDs).

BLOCO II - Recorte II – Domínio 2⁷¹ – SDs 1 a 6

Iniciemos pelo post denominado *Aproximando os cientistas da sociedade*, publicado no blog *Você que é Biólogo* (03/09/2012):



Figura 8: Post Aproximando os cientistas da sociedade⁷²

SD1 Aproximando os cientistas da sociedade

O mundo hoje é diferente do que era há 5000 anos. Do que era há 500 anos. Do que era há 50 anos. Até mesmo do que era há 5 anos. Por causa da ciência. [...]Podemos transmitir texto, sons, imagens, dados de um canto a outro do planeta imediatamente através de cabos de fibra ótica no fundo dos oceanos e satélites em órbita no espaço. Ainda assim, o que observamos nesse começo de século é uma sociedade cada vez mais distante da ciência. (veja ‘O que os brasileiros pensam da ciência?’) Porque?!

A resposta para essa pergunta é complexa e o melhor que eu deveria fazer é ficar quieto, ao invés de arriscar uma resposta. “*Mantenha-se discreto e nada de mau te acontecerá*” dizia o saudoso prof. Tito Eneas Leme Lopes. Mas eu sou atrevido e vou dar o meu palpite. Para

⁷¹ Conforme mostramos no capítulo II deste trabalho, que discorre sobre a metodologia empregada neste estudo, o **Domínio 2** refere-se aos recortes de posts de divulgação científica propriamente dita.

⁷² Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/vqeb/2012/09/aproximar_cientistas_sociedade/>. Acesso em 17/01/2013.

mim, a velocidade de produção de informação e, principalmente, de transmissão da informação, superaram, em muito, a velocidade de educação da população. O processo educacional, há séculos, está focalizado em uma pessoa: o professor. [...] aumentamos o número de professores e escolas, mas um professor continua ensinando ainda um número bastante limitado de alunos. Isso indica, para mim, que alcançamos o limite e não há como superar esse número com a escola tradicional. (pausa para os professores na sala atirarem pedras no cientista) A consequência dessa deficiência no ensino é que, de certa forma, **os cientistas modernos, apesar de todos os nossos meios de comunicação, estão mais isolados do que os cientistas estavam no renascimento. Isso porque a sociedade, em geral, hoje em dia é tão incapaz de entender o que os cientistas fazem como era há 500 anos.** (Veja ‘A universidade é o carrasco da ilusão da sociedade’) E assim criamos um paradoxo: **as pessoas nunca usaram tanto a ciência (e a tecnologia), nunca foram tão dependentes da ciência e, ao mesmo tempo, nunca estiveram tão distantes dela.** É como se os computadores, os tecidos, as viagens, os remédios, as comidas, os livros... como se tudo isso viesse de algo que não foi, em um passado recente, uma idéia de um pesquisador em um laboratório.

Parte da culpa é dos cientistas. Eles nunca se esforçaram muito para traduzir seus achados para a população, apesar da população pagar pela produção desse conhecimento científico. “*Nos dêem financiamento e nos deixem trabalhar em paz. Afinal, vocês não entenderiam mesmo o que estamos fazendo*” escreveu o biólogo Stephen J. Gould sobre essa ‘atitude arrogante’ do cientista em ‘Seta do tempo, Ciclo do tempo’. Essa postura arrogante não contribuiu para aumentar o diálogo com a população. Mas é verdade que não foi só com arrogância que se construiu essa falta de diálogo. Uma certa timidez de muitos cientistas e um tanto de excentricidade de outros, ajudaram a criar um esteriótipo pouco atraente para a sociedade. Em nossa defesa, tenho que dizer, mesmo sob o risco de alimentar a imagem arrogante, que não podemos ignorar o fato da ciência ser difícil (sem tirar o mérito de ser Loira do Tchan, que eu também acho difícil), e que o público leigo tem mesmo dificuldade de entender, e que não podemos fazer muito com relação a isso. **Trabalhamos com coisas pouco intuitivas, intangíveis e altamente especulativas.** A indústria do entretenimento, por exemplo, trabalha justamente com o oposto: nossa sensibilidade inata para a fofoca (veja ‘Ti-ti-ti! A fofoca como instrumento de ensino’), a beleza (veja ‘A beleza nas letras’) e o medo (veja ‘Por que as pessoas sentem medo?’). Por isso Big Brother, Paris Hilton e Crepúsculo fazem tanto sucesso. Em uma sociedade sem mentes preparadas pela educação para entender a ciência, os cientistas continuarão isolados.[...] A pesquisa científica precisa, urgentemente, deixar de ser chata. Precisamos, todos nós cidadãos, e especialmente nós cientistas, enfrentarmos esse problema para aproximarmos a sociedade da ciência. A Internet mudou a forma de fazer entretenimento, jornalismo, negócios e política. Está na hora de usarmos todo esse potencial dessa WEB 2.0 para educar e incluir cientificamente a população. Os blogs são parte importante desse mecanismo. **Antigamente o conhecimento produzido por um cientista no laboratório percorria um longo caminho até chegar ao estudante na sala de aula.** Os artigos científicos eram publicados em revistas especializadas, que depois eram reunidos em revisões, livros texto e eventualmente chegavam ao livro didático, que com sorte o professor utilizaria em sala de aula. **Hoje ele pode, ele próprio, em 3 passos, criar um blog e comunicar-se não apenas com estudantes, mas com TODO MUNDO! No mundo todo!** Essa é uma tarefa de todos mas principalmente do cientista, porque apenas ele pode traduzir o conhecimento complexo que está sendo produzido dentro dos laboratórios para a população leiga. Se fizermos isso, mais do que cumprir o nosso papel e a nossa responsabilidade social, estaremos capitaneando uma revolução na educação.

O DDC materializado no post da **SD1 (Bloco II/Recorte II/Domínio 2)** reforça o sentido de *incapaz* para o leitor não especialista, um sentido cristalizado na memória do

discurso pedagógico. Daí institui-se aqui a repetibilidade do *efeito-leitor analfabeto em ciência*: “a sociedade, em geral, hoje em dia é tão incapaz de entender o que os cientistas fazem como era há 500 anos.”/ “não podemos ignorar o fato da ciência ser difícil (sem tirar o mérito de ser Loira do Tchan, que eu também acho difícil), e que o público leigo tem mesmo dificuldade de entender”. E, em consequência da suposta falha da escola e do professor na missão de *educar*, somente a ciência pode agora cumpri-la.

Lembramos que o discurso do sujeito administrador do *Sb.br* projeta a posição-sujeito de **alfabetizador científico** para o cientista-blogador, e assim a adesão a esta posição é estabelecida aqui no discurso do sujeito divulgador. O alfabetizador de ciência é também uma espécie de “educador” de ciência, um inculcador (PÊCHEUX, 2009), como aponta a **SD1**: “Precisamos, todos nós cidadãos, e especialmente nós cientistas, enfrentarmos esse problema para aproximarmos a sociedade da ciência. A Internet mudou a forma de fazer entretenimento, jornalismo, negócios e política. Está na hora de usarmos todo esse potencial dessa WEB 2.0 para educar e incluir cientificamente a população. Os blogs são parte importante desse mecanismo.” Os blogs são também parte importante nas CP desse discurso, porque o espaço dos blogs – um espaço virtual, de reterritorializações, afetado pelo lugar empírico – é também o espaço discursivo da divulgação científica proposta.

Enquanto espaço discursivo, os blogs abrigam também um **lugar discursivo (LD)** no qual o sujeito do discurso se inscreve. Preconizamos que este LD é o de **porta-voz da ciência**, um lugar que, no discurso do *Sb.br*, deverá ser ocupado *somente* pelo sujeito *cientista*, como sinaliza a **SD1**: “Essa é uma tarefa de todos mas principalmente do cientista, porque apenas ele pode traduzir o conhecimento complexo que está sendo produzido dentro dos laboratórios para a população leiga”. Na **SD1**, o verbo *traduzir* é utilizado em referência à divulgação científica, mas lembramos com Orlandi (2001a) que o DDC não é constituído pela *tradução* do conhecimento, mas envolve gestos de *interpretação*. Logo, para realizar os gestos de interpretação da ciência para a divulgação, o sujeito divulgador se inscreve no lugar discursivo de **porta-voz** ou *intérprete* da ciência para a população leiga.

Segundo Latour (2000), há caixas-pretas nos laboratórios científicos, caixas que não são abertas a quem está do lado de fora da ciência: “poucas pessoas de fora já penetraram nas atividades internas da ciência e da tecnologia e depois saíram para explicar, a quem continua do lado de fora, de que modo tudo aquilo funciona” (LATOURE, 2000, p. 33). E assim a ciência não fala para quem está fora do seu domínio discursivo, há um confinamento e

silenciamento dos seus saberes que são partilhados apenas aos seus pares. Entra, pois, em cena o divulgador do *Sb.br* que se inscreve no lugar de porta-voz da ciência para interpretá-la, constituindo, assim, a divulgação científica, cujo público-alvo é o leitor considerado leigo em ciência.

Entretanto, é necessário esclarecer que a noção de porta-voz como um lugar discursivo é aqui empregada com deslocamentos. Ou seja, a função de porta-voz no DDC do *Sb.br* é distinta do porta-voz que funciona no discurso político, por exemplo. No campo teórico da AD, alguns estudiosos têm se debruçado sobre a noção de *porta-voz*, a qual também foi usada nas reflexões de Pêcheux (1990), em sua análise do discurso político da França. O autor, com base nos estudos de Conein sobre o porta-voz na Revolução francesa, afirma que esta função surge no discurso político em momento de um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição. Segundo Pêcheux:

É neste momento que surge o porta-voz, ao mesmo tempo ator visível e testemunha ocular do acontecimento: o efeito que ele exerce falando “em nome de...” é antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior (PÊCHEUX, [1982]1990, p. 17).

Pêcheux ainda acrescenta que, a partir de 1792, os agentes políticos não se reportam mais ao povo, e sim ao porta-voz. Conein, citado por Pêcheux (1990), observa que o dizer do povo nunca aparece no enunciado do porta-voz, dando-se assim o apagamento, pois, nesse processo, como afirma Rosário (2008) “o povo não mais fala, mas é falado” pelo porta-voz.

Conforme vimos nas considerações de Pêcheux (1990) sobre o discurso político da França, o porta-voz “fala diante dos seus e parlamenta com o adversário”. Todavia, em nossa análise, conforme já assinalamos, efetuamos um deslocamento da função de porta-voz para pensá-la enquanto **lugar discursivo** ocupado pelo sujeito divulgador de ciência no discurso do *Sb.br*. No DDC virtual, o funcionamento do lugar discursivo de porta-voz não institui uma relação de negociação, e sim uma relação de **interpretação** da ciência para um leitor construído como um efeito, pela antecipação imaginária do leitor leigo em ciência,

considerado incapaz de produzir sentidos no discurso da ciência e, por essa razão, requer um intérprete, um porta-voz.

Indursky (2000), ao analisar a função enunciativa do *porta-voz* no discurso jornalístico sobre o MST, declara que, para ocupar a função de porta-voz de um determinado grupo social, é necessário que o sujeito seja investido de um estatuto jurídico que lhe confira esse direito:

[...] há grande diferença entre o estatuto jurídico do *sujeito político* que, de direito, institui-se como *porta-voz* do grupo que representa e ao qual pertence e o locutor que assume a palavra para falar de seus problemas e anseios familiares. É esse estatuto jurídico que distingue o sujeito político *sem-terra* do locutor *sem-terra* e ao mesmo tempo torna possível o surgimento do porta-voz como representante legítimo do MST.[...] Já a função enunciativa do sujeito jornalístico, mesmo quando faz referência ao discurso do MST, não produz esse discurso, pois não tem legitimidade para falar desse lugar (INDURSKY, 2000, p. 24,25, grifos da autora).

Entretanto, em se tratando do *corpus* da nossa análise, deslocamos a noção de porta-voz para pensá-la com um funcionamento distinto, ou seja, como um lugar discursivo do sujeito do DDC do ScienceBlogs Brasil. O lugar discursivo de *porta-voz* é legitimado pelo imaginário social de *autoridade* conferida pelo lugar social de *cientista*, pois lugar social e lugar discursivo se constituem mutuamente e sofrem efeitos um do outro (GRIGOLETTO, 2005a, 2008). Ademais, o LD de porta-voz também se institui pela prática discursiva da divulgação no *ScienceBlogs Brasil*, no qual o sujeito divulgador também se inscreve no lugar social de **blogador**. Desse modo, o sujeito do DDC – respaldado pela autoridade do lugar social de cientista – se inscreve no lugar discursivo de porta-voz para interpretar a ciência e levá-la ao leitor leigo, constituindo, dessa forma, o discurso de divulgação científica. Nesse processo, produz-se tanto um efeito de distanciamento do cientista da academia, como também um efeito de sua aproximação com a população leiga, pelo viés do blog e da blogagem; são efeitos produzidos pelo duplo lugar social de **cientista-blogador**, que tanto determina como é determinado pelo lugar discursivo de porta-voz ou intérprete da ciência.

Logo, o sujeito cientista não “recebeu” um estatuto legítimo da ciência para exercer a função de porta-voz, mas se apropriou desse estatuto, ao ocupar esse **lugar discursivo**, pelo viés do lugar social de cientista, que o legitima. É o que mostra, por exemplo, a **SD1**: “[...] **Antigamente o conhecimento produzido por um cientista no laboratório percorria um longo caminho até chegar ao estudante na sala de aula. [...] Hoje ele pode, ele**

próprio, em 3 passos, criar um blog e comunicar-se não apenas com estudantes, mas com TODO MUNDO! No mundo todo! Essa é uma tarefa de todos mas principalmente do cientista, porque apenas ele pode traduzir o conhecimento complexo que está sendo produzido dentro dos laboratórios para a população leiga.” (grifos em negrito do original).

Latour (2000), ao reportar-se às explicações e comentários dos fatos científicos aos leitores, declara que o cientista comporta-se *como se fosse* um porta-voz dos instrumentos e objetos científicos:

O autor se comporta como se fosse porta-voz do que está inscrito no mostrador do instrumento. O porta-voz é alguém que fala **em lugar do que não fala**. [...] **é muito importante não limitar essa noção de porta-voz e não impor de antemão distinções nítidas entre “coisas” e “pessoas”**. [...] na prática, não há muita diferença entre pessoas e coisas: ambas precisam de alguém para falar em seu lugar. Do ponto de vista do porta-voz, portanto, não há por que fazer distinção entre representar pessoas e representar coisas. Em cada caso, **o porta-voz literalmente fala em lugar de quem ou do que não pode ou não sabe falar**. O Professor, no laboratório, fala pela endorfina, assim como Davis fala pelo neutrinos” [...] (LATOUR, 2000, p. 119-120, grifos meus).

Concordamos com o autor quando ele afirma que não devemos limitar a noção de porta-voz entre “coisas” e “pessoas”, até mesmo porque, em se tratando do nosso corpus, não se trata de coisas, mas de discursos e de sujeitos discursivos. Orlandi (2004b, p. 134), ao discorrer sobre o discurso de divulgação científica, afirma o seguinte: “o divulgador – seja ele quem for – que está operando com uma máquina, com uma tecnologia de linguagem, com o jornal, com a mídia etc. – lê algo em um discurso e diz em outro, isto é, produz um duplo movimento de interpretação.” Já é consenso no quadro teórico da AD que a divulgação científica é constituída por gestos interpretativos.

O estudo de Grigoletto (2005a) acrescenta a esta discussão que os gestos de interpretação da ciência para o DDC se realizam a partir da inscrição do sujeito em um **lugar discursivo**:

Ora inscrever-se discursivamente no espaço discursivo de Divulgação científica implica a tomada de um lugar discursivo que está interpelado/determinado por diferentes ordens de saberes. *Ao se inscrever em tal lugar discursivo, o sujeito é duplamente determinado: pela ciência e pela mídia*. Tais instituições, através de suas práticas discursivas, as quais são permeadas pelas relações de poder, sustentam o imaginário de verdade e saber. [...] O lugar discursivo funciona, então, como um modo do sujeito se relacionar com a forma-sujeito histórica dos diferentes saberes que intervêm na FD do discurso midiático de Divulgação Científica, extremamente heterogênea, onde o discurso de Divulgação Científica, tomado como espaço

intervalar, se inscreve. Ao mesmo tempo, ele também funciona como um modo do sujeito se relacionar com as diferentes posições-sujeito, o que significa que, *a partir de um mesmo lugar discursivo, o sujeito pode ocupar diferentes posições*. Quando temos o movimento do sujeito com a forma-sujeito, *através da categoria do lugar discursivo, estamos na ordem da constituição do discurso* e, no movimento do sujeito com as posições, estamos na ordem da formulação (GRIGOLETTO, 2005a, p. 164, grifos meus).

Observemos que, de acordo o pensamento da autora, o sujeito do DDC se relaciona com a forma-sujeito através da categoria do *lugar discursivo*, cujo funcionamento se dá na ordem da *constituição do discurso*, ou seja, nos movimentos de interpretação da ciência para a constituição do DDC. Assim, o que argumentamos nesta análise é que o sujeito do DDC do Sb.br, ao interpretar o discurso da ordem da ciência e produzir outra interpretação na ordem do discurso da divulgação científica, o faz sob a determinação do efeito-leitor *analfabeto científico*, se inscreve no lugar discursivo de **porta-voz da ciência** e, a partir desse lugar, ocupa distintas posições-sujeito, ora a de *alfabetizador de ciência*, ora a de *controlador da leitura*, ora a de *guardião da ciência*. Vamos mostrar esse funcionamento discursivo ao longo das análises.

No DDC do ScienceBlogs Brasil, o lugar discursivo de porta-voz é determinado (e legitimado) pelo lugar social de **cientista**, mas também pelo lugar social de **blogador**. Eis aí a dupla determinação da ciência e da mídia na instituição do lugar discursivo do sujeito do DDC, conforme preconiza Grigoletto (2005a).

O LD de porta-voz no DDC do Sb.br se estabelece pela relação de apropriação dos saberes da ciência pelo cientista-blogador. Indursky (2013) mostra, em sua análise sobre o discurso da ditadura militar⁷³, que a apropriação ilegítima da voz do outro para exercer a função enunciativa de porta-voz se estabelece da seguinte forma: “O discurso produzido em nome de POVO 2 [Classes trabalhadoras] não institui o sujeito de D1[sujeito do discurso presidencial] como seu *porta-voz*. Este se apropria da voz do povo, proclamando-se seu intérprete (INDURSKY, 2013, p. 130)”.

No DDC do Sb.br, o LD de porta-voz é legitimado pelo lugar social de cientista. No entanto, conforme mostra a **SD1(Bloco II/Recorte II/Domínio 2)**, o sujeito cientista-blogador se autoproclama como **único intérprete da ciência** para o povo, excluindo, por exemplo, o jornalista científico: “Essa é uma tarefa de todos mas principalmente do cientista, porque

⁷³ Diz respeito à ditadura militar vigente no país no período de 1964-1985.

apenas ele pode traduzir o conhecimento complexo que está sendo produzido dentro dos laboratórios para a população leiga”.

Dessa forma, conforme a **SD1**, a apropriação do lugar discursivo de porta-voz pelo cientista-blogador também institui, no DDC do Sb.br, a posição-sujeito de **controlador da leitura** da população leiga, já que supostamente “apenas ele” pode ocupar esse LD. E isto significa um posicionamento de *tutela* da leitura, e assim também projeta-se, nesta trama discursiva, a posição-sujeito de *tutelado* para o leitor, considerado incapaz.

Segundo Indursky (2013), no discurso presidencial do poder vigente da ditadura militar também funcionou esta posição-sujeito, que tutelava o sujeito das classes trabalhadoras: [...] “o povo é tutelado pelo sujeito do discurso. Sabe igualmente, o que o povo precisa: *o remédio ao alcance da bolsa* (M); *o mal do nosso povo é a falta de instrução* [...] Esse sujeito constrói-se como aquele que tudo sabe e, ao povo, como o que nada sabe – não podendo acenar-lhe a imagem fantasiosa da esperança vã” [...] (INDURSKY, 2013, p. 131, grifos da autora). Assim, a história mostra esse posicionamento ideológico da **tutela** funcionando, não somente no discurso político, mas também no discurso religioso, no discurso pedagógico e agora retorna no discurso de divulgação científica. Nesta perspectiva, o povo, as massas são sempre vistas como *doentes* que precisam do remédio que é a *instrução*, o saber, a leitura oferecida, a qual deve curar a sociedade da *patologia* da ignorância, como denuncia Freire:

Os oprimidos, como casos individuais, são **patologia da sociedade sã**, que precisa, por isto mesmo, ajustá-los a ela, mudando-lhes a mentalidade de homens ineptos e preguiçosos. Como marginalizados, “seres fora de” ou “à margem de”, a solução para eles estaria em que fossem “integrados”, “incorporados” à sociedade sã de onde um dia “partiram”, renunciando, como trãnsfugas, a uma vida feliz... Sua solução estaria em deixarem a condição de ser “seres fora de” e assumirem a de “seres dentro de”. Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram *fora de*. Sempre estiveram *dentro de*. Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integrar-se”, em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si”. Este não pode ser, obviamente, o objetivo dos opressores. Dai que a “educação bancária”, que a eles serve, jamais possa orientar-se no sentido da conscientização dos educandos (FREIRE, 1987, p. 40, grifos do autor)

Na educação bancária, assim como na Divulgação Científica bancária, cria-se um efeito de *inclusão*, uma *inclusão excludente* (KUENZER, 2005), a qual impõe a dominação do sujeito no sistema opressor que institui a divisão social da leitura de arquivo (PÊCHEUX

[1982] 2010c). É assim que a *tutela* funciona também no DDC virtual, num processo em que a interlocução é substituída pelo silenciamento, pela imposição de saberes, via *depósito*, instituindo, assim, o efeito-leitor analfabeto em ciência, que nega ao leitor o lugar da leitura da ciência, de sujeito que pode estabelecer uma relação crítica com o lugar do conhecimento.

A partir de um mesmo lugar discursivo, o sujeito pode ocupar distintas posições, como afirma Grigoletto (2005a). Em nosso corpus, observamos o funcionamento de diferentes posições-sujeito, a partir da inscrição do sujeito no LD de porta-voz. Assim, o sujeito movimenta-se ocupando, ora a posição de *controlador* ou *tutelador da leitura*, ora a de *alfabetizador/educador de ciência*, como vimos na **SD1**: “Está na hora de usarmos todo esse potencial dessa WEB 2.0 para educar e incluir cientificamente a população”, ora a posição-sujeito de *guardião da ciência*, como veremos adiante, além de outras.

O *efeito-leitor* analfabeto-científico, afetado pelo discurso científico e pela mídia eletrônica da Web e dos blogs, determina e formata os sentidos, de maneira que o tipo de ciência divulgada, a forma da divulgação e a leitura dessa ciência já vêm “*pronta*”, uma leitura *já-lida*. A antecipação da leitura e dos sentidos opera-se tendo em vista o imaginário do leitor *incapaz*, que não pode compreender a ciência, a qual é também construída imaginariamente como algo “difícil” para a população “incapaz”, como vimos na **SD1(Bloco II/Recorte II/Domínio 2)**: “a sociedade, em geral, hoje em dia é tão incapaz de entender o que os cientistas fazem como era há 500 anos. [...] não podemos ignorar o fato da ciência ser difícil”. Assim, o efeito-leitor analfabeto científico determina a *interpretação*, que é enredada na textualização do discurso.

Podemos também verificar esse funcionamento nas **SDs 2 e 3 (Bloco II/Recorte II/domínio 2)** nas quais se institui a antecipação das possíveis *objeções* ou questionamentos dos leitores, numa simulação de diálogo com o efeito-leitor:

SD2 **Tudo que você precisa saber sobre meteoros hoje** (Blog *Nightfall in Magrathea*, 15/02/2013)

Aparentemente, na madrugada de hoje (horário do Brasil) um meteorito caiu na região de Chelyabinsk, Rússia, cerca de 1500 km distante de Moscou. Há relatos de ferimentos causados principalmente por cacos de vidros das janelas quebradas por causa da onda de choque.

Esse é um tipo de evento em que uma onda de desinformação é ~~uma merda~~ um problema. Então, aqui está uma lista de respostas para perguntas que possivelmente alguém deve estar se fazendo agora.

Ainda há risco?

Para ter relação com o evento russo seria necessário algumas condições, como esse meteorito estar acompanhado de outros fragmentos. [...]

Vi que um asteroide passará perto da Terra nessa sexta. Tem algo a ver com o meteorito russo?

É possível estimar uma possibilidade de órbita do meteorito russo baseado nas posições que as filmagens mostram. [...]

Qual a diferença entre asteroide, meteorito e meteoro?

Semântica. Asteroide é uma *pedra* vagando pelo espaço. Meteoro é o efeito visual causado pelo contato dessa *pedra* com a atmosfera terrestre [...]~~Não são pedras, são aerólitos. E cometas?~~ Cometas são parecidos com asteroides, mas compostos basicamente de gelo, o que faz com que ganhem a famosa cauda ao se aproximar do sol.

Qual era o tamanho dessa pedra? ~~Desculpe, aerólito...~~

Isso ainda precisa ser calculado. Baseado em alguma possível cratera ou mesmo restos do meteorito. **Do que ela é feita?** Não dá pra saber sem ver ele primeiro. Mas asteroides em geral são divididos em grupos de composição, sendo a maior parte do tipo condrito. Rochas de silicatos.

Por que ninguém avisou que ele iria cair?

Asteroides são pequenos. Existem dois problemas para achar esse tipo de objeto. [...]

Mas avisaram do asteroide...

O asteroide é provavelmente maior que o meteorito russo. [...]

Quem busca esse tipo de coisa?

Existem alguns programas ao redor do mundo que fazem a varredura do céu e mapeiam objetos próximos da Terra. [...]

E o Brasil?

O Brasil também possui um programa de varredura de asteroides. É o IMPACTON.

Você pode garantir que o asteroide não cairá?

Eu, particularmente, não. Mas os cálculos mostram isso, e podemos confiar neles.

Qual a frequência desse tipo de evento?

Asteroides pequenos caem todos os dias. [...]

Você pode me falar de algum caso recente?

Um caso recente e interessante é o meteorito 2008 TC3 que caiu no Sudão em 2008 [...]

Governos escondem informações a respeito de eventos astronômicos que podem por em risco a população?

Não que eu tenha como saber. Mas a maior parte desses dados são públicos, além de astrônomos amadores ao redor do mundo. [...]

Esse evento tem algo a ver com a renúncia do Papa?

Não.

Esse evento tem algo a ver com alguma mensagem divina?

Não.

Esse evento tem algo a ver com Aliens?

Err...

SD3 A verdade sobre Homens e Mulheres (Blog *Você que é Biólogo*, 13/12/2012).

Uma das coisas que aprendemos em biologia é que as pessoas são diferentes, mas são iguais.

Todos dividimos características, físicas e psicológicas, que nos permitem nos identificarmos como humanos.[...] **Todos temos, mais ou menos, as mesmas coisas, aquelas que nos fazem iguais, mas em graus e quantidades diversas, o que nos tornam diferentes.**

“Ah... Mas isso é óbvio!” Você pode dizer. E é. Mas as diferenças, biológicas, entre homens e mulheres vão mulher vão muito, muito além do óbvio. [...]

“Ah... Mas isso não me interessa” você pode dizer. [...] deveria te importar, porque é importante. [...]

. **A invenção foi a colaboração, que cria um paradoxo com a nossa necessidade vital de competir pelos recursos escassos da natureza. A verdade verdadeira é que não inventamos a colaboração:**

Como apareceu a colaboração? Nós conseguimos superioridade com relação aos outros macacos porque começamos a consumir muita carne. [...] A única coisa que é realmente sustentável é o egoísmo. (pausa para vocês tacarem pedras no cientista).

Para entender esse argumento sem querer tacar pedras no cientista, é preciso ver o mundo como a ciência vê. [...] “A vida como ela é”, como o cientista vê que ela é, não é uma opinião: é uma decorrência direta das leis da física, que são as únicas verdades inquestionáveis do universo. [...]

Uma diz que nada se cria e nada se perde, tudo se transforma. Parece bom, não é?! Não morremos... nos tornamos anjinhos ou demônios. Mas não é bem assim [...]

Ei... vocês ficaram deprimidos? É justamente por isso que as pessoas não querem ouvir os cientistas? Mas veja, ainda que as razões sejam estapafúrdias leis da física e as motivações egocêntricas não sejam exatamente nobres, elas permitem que façamos coisas maravilhosas[...] Da moral, ética ou dos bons costumes. Dependem de genes, instintos e hormônios. E por isso que um biólogo pode vir aqui falar pra vocês sobre isso [...]

Nas **SDs 2 e 3**, simula-se um diálogo, uma interlocução com o leitor, mas isto é somente um efeito de sentido que também resulta do efeito-leitor analfabeto em ciência. As perguntas já foram feitas e as respostas já foram dadas, o que resta, pois, ao leitor senão deglutir a leitura já *mastigada*? Nesse discurso, o leitor é *cercado* de todos os lados até ficar sem voz, sem fala, nada mais lhe resta senão aceitar as verdades do grande sábio.

Já nos títulos dos posts se inscrevem a ideologia do discurso da verdade, que *tudo* sabe e domina e que sempre tem a última palavra: “**Tudo que você precisa saber sobre meteoros hoje**” (SD2) e “**A verdade sobre homens e mulheres**” (SD3). Desse modo, vai se tecendo uma relação polarizada entre o sujeito do discurso e o efeito-leitor, uma relação que produz efeitos de sentidos do **tudo versus o nada**; do **conhecimento verdadeiro versus o sem-conhecimento**. O DDC do Sb.br *enquadra*, assim, **tudo** o que o **leitor precisa saber**.” Eis aí o efeito do lugar discursivo do porta-voz, que ao mesmo tempo o constitui, o efeito analfabeto científico, construído a partir do imaginário de leitor despossuído de razão, incapaz de compreender a ciência.

Observemos, mais uma vez, como se tece no discurso a **simulação de um diálogo com o efeito-leitor**:

SD2

[...] **“Vi que um asteroide passará perto da Terra nessa sexta. Tem algo a ver com o meteorito russo?**

É possível estimar uma possibilidade de órbita do meteorito russo baseado nas posições que as filmagens mostram. [...]

Qual a diferença entre asteroide, meteorito e meteoro?

Semântica. Asteroide é uma *pedra* vagando pelo espaço. Meteoro é o efeito visual causado pelo contato dessa *pedra* com a atmosfera terrestre [...]

~~são pedras, são aerolitos.—E cometas?~~ Cometas são parecidos com asteroides, mas compostos basicamente de gelo, o que faz com que ganhem a famosa cauda ao se aproximar do sol. **Qual era o tamanho dessa pedra?** ~~Desculpe, aerolito...~~ Isso ainda precisa ser calculado. Baseado em alguma possível cratera ou mesmo restos dometeorito. **Do que ela é feita?** Não dá pra saber sem ver ele primeiro [...]

Tal simulação também se repete na (SD3): “Ah... Mas isso é obvio!” Você pode dizer. E é.” [...] “Ah... Mas isso não me interessa” você pode dizer. [...] deveria te importar, porque é importante. [...] “A verdade verdadeira é que não inventamos a colaboração: Como apareceu a colaboração? Nós conseguimos superioridade com relação aos outros macacos” [...]. Entretanto, o diálogo não se institui de fato, o que é instituído é apenas um *efeito de diálogo*, pois o leitor não está autorizado a falar e a interpretar nesse discurso autoritário.

Assim, o cientista não apenas fala *para* os leitores, mas também fala *pelos* leitores e os silenciam, como apontam as SDs 2 e 3 (Bloco II/Recorte II): “É por isso que um biólogo pode vir aqui falar pra vocês sobre isso” [...]. O DDC reproduz aqui a mesma ideologia do discurso verdadeiro da FD da ciência, uma verdade inquestionável, absoluta: “Para entender esse argumento sem querer tacar pedras no cientista, é preciso ver o mundo como a ciência vê. [...] “A vida como ela é”, como o cientista vê que ela é, não é uma opinião: é uma decorrência direta das leis da física, que são as únicas verdades inquestionáveis do universo.” [...]. Logo, além de calar a voz já silenciada do leitor que “nada” sabe, a ciência, sob a evidência da divulgação, também se transforma nos **olhos do leitor** que também é supostamente cego e **deve ver pelos olhos do cientista**, o qual se inscreve no *lugar discursivo* de *porta-voz* e ocupa várias posições-sujeito, dentre as quais a **de controlador/tutelador da leitura** do sujeito leitor, supostamente ignorante, que precisa de tutela.

A *tutela* ou controle da leitura funciona no DDC do *Sb.br* como uma posição-sujeito. O dicionário Houaiss (2001) traz os seguintes sentidos para a palavra *tutor*: “aquele que ampara, protege, defende; quem ou o que supervisiona, dirige, governa. Assim, a evidência da linguagem produz somente os efeitos de sentidos de *amparo*, *proteção* e *defesa* para a alfabetização científica proposta no DDC, a fim de livrar o leitor leigo da sua condição de incapaz e de subdesenvolvido. Mas no interior desse dito está o não-dito da *tutela*: controle, governo, dominação. E assim o leitor não estabelece uma relação com o lugar da ciência (ORLANDI, 2001a), já que o DDC não permite reversibilidade, mas se trata de um discurso autoritário.

Instaura-se aqui o regime da repetibilidade do controle da leitura, através do qual se institui a dominação, conforme nos mostra a história. Conforme Pêcheux (2009, p. 85): “as diversas formações resultam, elas mesmas, de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção) que deixaram de funcionar mas que deram nascimento a “tomadas de posição” implícitas que asseguraram a possibilidade do processo discursivo em foco”. Logo, a posição-sujeito que visa o controle da leitura é um velho funcionamento parafrástico inscrito no discurso de divulgação científica virtual, um discurso que mais promove a exclusão e o apagamento do que divulgação e “educação” científica.

À posição-sujeito de *tutela* corresponde a posição de *tutelado*, projetada ao sujeito leitor. Assim, o leitor *tutelado* não questiona, pois o cientista já questionou e respondeu por ele; e também não enxerga, vez que o cientista-blogador torna-se a sua voz e os seus olhos. Esse discurso nos remete à memória do discurso pedagógico, no qual o sujeito professor era também visto como *lente* ou *legente*. Conforme o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, encontramos o seguinte sentido para o verbete *Lente*: “(professor) – do lat. *legente*, o que lê. Os professores antigamente, *liam* suas lições em aulas” (NASCENTES, 1955, p. 294). O que vale dizer, lia suas lições para os alunos que *não liam*.

Isto nos remete também à história da(s) leitura(s) e à história dos leitores (ORLANDI, 1988). Segundo esta história, tanto no discurso pedagógico, quanto no discurso religioso e científico, somente alguns sujeitos estavam *autorizados* a ler, somente alguns eram *guardiões* dos livros, dos saberes e dos arquivos, da interpretação. Para os outros, excluídos por sua incapacidade e não investidos de autoridade, restavam aceitar a leitura lida, deglutida e mastigada. Eis o funcionamento do efeito-leitor analfabeto-científico, um efeito construído e sustentado pela divisão social do trabalho de leitura de arquivo, ao mesmo tempo em que visa sedimentar ainda mais esta divisão, que também é efeito da divisão de classes sociais. Desse modo, o efeito-leitor analfabeto em ciência é uma repetibilidade do discurso pedagógico que se inscreve no DDC do ScienceBlogs Brasil.

Vejamos mais um post que traz a inscrição dessa repetibilidade. Trata-se da **SD4 (Bloco II/Recorte II/Domínio 2)**, um fragmento do *post* intitulado: *Em 2013, não seja um analfabeto científico*, publicado no Blog **Cognando**, em 31/12/2012.

SD4 Em 2013, não seja um analfabeto científico!

Dezembro é o mês das promessas e do planejamento. [...] Para aproveitar então o clima de promessas, eu tenho uma sugestão: em 2013, não seja um analfabeto científico. Não! Não estou pedindo que seja um cientista, estudioso e ganhador do prêmio Nobel. Não é isso. Não é preciso

ser um cientista para entender um pouco (e criticamente) sobre o mundo que nos cerca. Abra o jornal e vai logo ver alguma notícia sobre aquecimento global, ou sobre algum fóssil encontrado em algum lugar, ou sobre uma tal partícula de Higgs descoberta por físicos na Suíça. Não é preciso ser cientista para entender que grande parte dos avanços da sociedade moderna são frutos *diretos* da ciência que produzimos o tempo todo. Não é preciso ganhar o Nobel da Ciência para entender que você só consegue assistir à novela das 8 todos os dias por causa dos avanços de uma tal de física quântica; e que o remédio que você vai tomar para curar a sua ressaca de final de ano só funciona por causa das pesquisas da indústria médico-farmacêutica.

Deixar de ser analfabeto científico é começar a entender (e ser capaz de criticar de maneira informada) os principais avanços tecnológicos e científicos que nos bombardeiam o tempo todo. Do mesmo jeito que a gente é capaz de opinar sobre a conquista do título do Campeonato Brasileiro pelo Fluminense apesar da boa campanha do Atlético Mineiro, a gente deve ser capaz de opinar sobre a real possibilidade de um pesquisador brasileiro fazer um paraplégico andar e chutar uma bola na abertura da Copa do Mundo em 2014. Ser alfabetizado em ciência é saber como ela está presente no nosso dia-a-dia e como podemos contribuir para o avanço dela. Infelizmente, a realidade é outra. Um artigo publicado recentemente pelo pesquisador *Robert M. Hazen* nos Estados Unidos relata que a maior parte dos americanos não conseguem, por exemplo, explicar por que o inverno é mais frio que o verão. Mas isso não é só a população leiga não. Ele mostrou ainda que até mesmo estudantes de doutorado não sabem a diferença básica entre RNA e DNA, conceitos fundamentais na discussão dos avanços na área de engenharia genética.

Mas como deixar de ser analfabeto científico? A resposta é simples: *seja curioso!* Procure saber o porquê das coisas: por que o Canadá é mais frio que o Brasil? Por que tomar vacina *não* causa autismo? Por que ninguém inventou ainda uma máquina do tempo? Leia mais sobre os avanços da ciência no Brasil e no mundo. A internet está cheia de sites de divulgação científica, escritos por profissionais de várias áreas. O ScienceBlogs, por exemplo, tem profissionais da física, geologia, biologia, psicologia, medicina, etc. Esses profissionais escrevem diariamente sobre vários assuntos pertinentes aos avanços científicos que estão acontecendo por aí. Mantenha-se informado da ciência ao seu redor.

Por que é importante ser alfabetizado em termos científicos? Simples: para dar a sua opinião sobre qualquer coisa, é preciso entender pelo menos um pouco sobre o assunto. Várias políticas públicas, que têm como objetivo principal a melhoria na nossa qualidade de vida, se baseiam em resultados de pesquisas científicas. É nosso papel como cidadãos, opinar e avaliar essas políticas públicas (afinal de contas, somos nós que financiamos a maioria delas). Imagine, por exemplo, que o Governo Federal tenha verba para investir em apenas *uma* política de combate ao vício de drogas. Que tipo de investimento você apoiaria: uma vacina que promete acabar com o vício ou uma política de educação sobre os efeitos da droga? Ser alfabetizado em ciência é se tornar um cidadão melhor e mais consciente, capaz de opinar e lutar pelo bem-estar da sociedade onde vive. A minha sugestão para 2013 é: ao invés de poluir sua linha do tempo do Facebook com memes de gatinho mal-humorado, piadinhas sobre a morte do Niemeyer ou vídeos de pegadinha no elevador, divulgue mais sobre ciência. Entenda e apoie os avanços científicos do nosso tempo. Visite mais o site do ScienceBlogs e outros sites de ciência na Internet. Pergunte! Seja curioso! Descubra como ciência é divertida e como essa resolução para 2013 vai ser boa para 2013, 2014, 2015... e por aí vai! Um ótimo 2013!!!

O sujeito do discurso fala do lugar social de cientista-blogador, inscreve-se no DDC virtual no lugar discursivo de **porta-voz da ciência** e, afetado pelo imaginário de possuidor legítimo do saber científico, ocupa a posição-sujeito de alfabetizador desta ciência ao leitor, afetado pelo imaginário de leigo. Do LD de porta-voz, o sujeito do discurso também se

movimenta em direção a outras posições-sujeito, como a posição de sujeito **promotor da cidadania**, por exemplo. **SD4**: “[...] Ser alfabetizado em ciência é se tornar um cidadão melhor e mais consciente, capaz de opinar e lutar pelo bem-estar da sociedade onde vive.” No dito da alfabetização científica que promove a cidadania e pode tirar o analfabeto em ciência da sua condição de *incapaz*, se inscreve o não-dito, segundo o qual o leitor leigo em ciência não é capaz de pensar, de emitir opiniões, não é um bom cidadão. Esse processo discursivo apoia-se no imaginário do cientista possuidor da verdade, por um lado, e no imaginário do leitor inculto e incapaz, por outro, fazendo ecoar uma voz parafraseadora, fazendo valer e ratificar o mesmo *efeito-leitor* já produzido pelo sujeito que fala do lugar discursivo de *publicitário* do Sb.br, qual seja, o efeito-leitor *analfabeto científico*, a partir do qual será projetada a posição-sujeito de mero **consumidor de informações científicas** para o leitor internauta.

O que se apresenta na **SD4 (Bloco II/Recorte II/Domínio 2)** como *sugestão* para 2013 – “*Não seja um analfabeto científico*” – busca ocultar um imperativo, uma ordem, a qual, pelo mecanismo da repetição, soa como um *slogan*, trazendo um efeito de memória dos slogans das campanhas de alfabetização dirigidas a sujeitos adultos, fazendo ressoar novamente aqui o pré-construído do discurso pedagógico.

Para melhor explicar o funcionamento dessa memória, necessário se faz recuar na história, visando à compreensão desse retorno discursivo. O post do Blog *Cognando* faz rememorar as campanhas massivas sobre alfabetização de adultos, a exemplo do MOBREAL⁷⁴, Programa de Alfabetização Solidária (PAS), entre outros. No texto da lei nº 5.379⁷⁵, de 15/12/1967, em pleno vigor da ditadura militar, destacamos o seguinte trecho, que é um dos objetivos do MOBREAL, a saber a promoção da:

Alfabetização **funcional** e educação continuada para os analfabetos de 15 ou mais anos, por meio de **cursos especiais, básicos e diretos**, dotados de todos os recursos possíveis, inclusive audiovisuais, com a duração prevista de **nove meses**. Será assegurada assistência técnica e financeira para a ministração desses cursos (SENADO FEDERAL, 2013, *online*, grifos meus).

⁷⁴ Programa instituído no período da ditadura (1967) denominado Movimento Brasileiro de Alfabetização.

⁷⁵ A lei 5.379, de 15/12/1967, que institui o MOBREAL, traz como epígrafe: “*Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada a adolescentes e adultos.*”

O texto do MOBREAL (e movimentos similares) busca ocultar as desigualdades sociais e apresenta-se como a suposta *solução, salvação* para o analfabetismo, considerado uma doença social. Surgem fórmulas milagrosas para uma alfabetização *funcional*: “**curso especiais, básicos e diretos**”, rápidos (9 meses) e baratos!!!. Tal fato aponta para um esvaziamento ideológico da seriedade da questão do analfabetismo, fruto e, ao mesmo tempo instrumento de uma dominação histórica, que é ocultada pelo mecanismo do “faz de conta”, da caricatura de educação, e não poderíamos esperar outra coisa de um contexto histórico de ditadura militar.

Entretanto, em outro contexto da história brasileira – o da Nova República⁷⁶, instituiu-se o Programa de Alfabetização Solidária⁷⁷ – (PAS), cujo *slogan* não é menos perverso: “Debite um analfabeto por R\$17,00 no seu cartão”⁷⁸. Nesse discurso, o analfabeto se transforma em uma mercadoria pobre e, dessa maneira, pode ser adotado pelo preço de *dezesete reais* mensais no cartão de crédito, um dos ícones do discurso capitalista. O discurso que circula nesses programas, pelo mecanismo da ideologia, evidencia-se como “uma luta contra o analfabetismo”, como suposta *salvação* ou *cura* das massas, as quais se encontram *doentes* e precisam ser *normalizadas*:

Fala-se da “luta contra o analfabetismo” e caracterizam-se, às vezes, as campanhas como “batalhas contra o analfabetismo” (...). A maior parte dos documentos e declarações de governos e órgãos internacionais emprega reiteradamente, ao referir-se ao analfabetismo, expressões tais como praga, cicatriz, flagelo, enfermidade, vergonha nacional, assim como o termo erradicação, tomando-o também, analogicamente, da terminologia medicopatológica (FERREIRO,1992,p.56).

A ideologia do analfabeto como doença social, por um lado, e da classe dominante oferecendo a suposta cura, por outro, funciona também no DDC do ScienceBlogs Brasil, (SD4). Sob nova roupagem, uma velha ideologia: a alfabetização científica, constituída pela informação sobre ciência, é oferecida como o remédio que deve promover a *cura* da ignorância e trazer a cidadania. Na opacidade dessa linguagem, os sentidos não ditos escapam pelos furos da língua, fazendo ecoar uma memória do discurso pedagógico mobilizado pelo viés da *alfabetização científica*.

⁷⁶ A Nova República compreende o período da História Brasileira que vai de 1985 até os dias atuais.

⁷⁷ Programa instituído durante o Governo Fernando Henrique Cardoso, no ano de 1997.

⁷⁸ Boletim de Alfabetização Solidária, n. 1, 1997.

Observa-se o funcionamento da ideologia da *normalidade*, inscrita no pré-construído da alfabetização, agora uma alfabetização científica, que resulta num conjunto de informações vagas sobre a ciência, e, assim, produz uma evidência de um bem social: a promoção da “melhoria na nossa qualidade de vida”, uma suposta *salvação/solução* para os males sociais. Logo, esse atravessamento do discurso médico da *normalização* perpassa também o discurso pedagógico e ressoa aqui no DDC: o suposto analfabetismo – retomado aqui sob o nome de científico – deve ser erradicado como se erradica uma doença (FERREIRO, 1992), visando à *normalidade* que se contrapõe ao patológico. E como já salientado, a ideologia da *norma* e do *normal* tem seu funcionamento associado ao discurso médico e ao pedagógico a partir do século XIX (CANGUILHEM, 2000).

São noções que convocam sentidos de linearização, dominação, recortes do interdiscurso inscritos no intradiscurso do DDC que propaga a *erradicação do mal da ignorância científica*. Instaure-se uma contradição nesse discurso, na medida em que a alfabetização científica que promete melhorar a qualidade de vida das pessoas, provoca uma exclusão ainda maior do leitor não-especialista em ciência – alargando ainda mais o fosso da divisão social do trabalho de leitura do arquivo (PÊCHEUX, 2010c).

Henry (1992) explica essa relação da ciência com a escolarização da seguinte maneira: enquanto nas sociedades feudais a prática científica foi iniciada e controlada pela Igreja, “nas sociedades capitalistas o desenvolvimento das ciências está estreitamente ligado ao da escolarização e às formas específicas que estas tomaram. Essa é uma constatação” (HENRY, 1992, p. 26). Assim, pela memória do termo *alfabetização*, os saberes da FD pedagógica se inscrevem na FD da divulgação científica dos blogs do ScienceBlogs Brasil, produzindo o efeito da não-ciência, do mesmo modo que, no discurso do MOBREAL, a “chaga” era resolvida apenas com a alfabetização, uma alfabetização bastante rudimentar com fins utilitaristas voltados para o trabalho.

No DDC do *Sb.br*, dá-se este efeito de repetibilidade, já que para ser alfabetizado em ciência, é suficiente apenas a *notícia* da ciência e a informação acerca dos fatos científicos: “Abra o jornal e vai logo ver alguma notícia sobre aquecimento global, ou sobre algum fóssil encontrado em algum lugar, ou sobre uma tal partícula de Higgs descoberta por físicos na Suíça”. / “Mantenha-se informado da ciência ao seu redor”. Todavia, a ciência ao ser transformada em notícia, por meio da divulgação, perde a sua historicidade, já que se divulga apenas o resultado das pesquisas e oculta-se o seu processo (GALLO, 2009).

Ademais, é a própria mídia – nesse caso a blogosfera-empresa – que decide e recorta que notícias devem ser divulgadas, conforme os interesses comerciais dos anunciantes e patrocinadores que ditam os temas a serem abordados nos blogs, como vimos na **SD10 (Bloco I/Recorte I/Domínio 1)**. Vale ressaltar as considerações de Marcondes Filho sobre a notícia e sua relação com o modo de produção capitalista:

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. Ela pertence, portanto, ao jogo de forças da sociedade e só é compreensível por meio de sua lógica (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13).

As reflexões do autor dizem respeito à notícia enquanto gênero da imprensa convencional, mas são perfeitamente válidas para pensarmos sobre uma das práticas comuns do DDC, que é a notícia acerca dos bastidores da ciência. O autor aborda o tratamento que a informação sofre, conforme interesses mercadológicos para transformar-se em notícia-mercadoria. Nos blogs de DC a notícia é agora oferecida sob o sentido de alfabetização em ciência, porém com apelos e recursos mais sofisticados da era eletrônica, e dessa forma, a notícia eletrônica dos fatos científicos instauram sentidos homogeneizados, caricaturizados, uma mercadoria para as massas. A notícia torna-se um efeito do presente e da intenção da mídia, produzindo também o “efeito da memória-zero” (GUIMARÃES, 2001, p. 20), que também é um efeito de *memória líquida* (COURTINE, 2008) e, assim, o leitor que tem acesso apenas à alfabetização científica continua alijado do processo de conhecimento.

Para se alfabetizar cientificamente, o sujeito divulgador também recomenda a divulgação científica dos blogs (trecho da **SD4**): “A internet está cheia de sites de divulgação científica, escritos por profissionais de várias áreas. O ScienceBlogs, por exemplo, tem profissionais da física, geologia, biologia, psicologia, medicina, etc.” Esta é mais uma *receita* para o combate ao analfabetismo científico: a internet e os blogs. Entretanto, na internet produz-se um efeito de liberdade e de *emancipação* do leitor, um efeito de posse e de livre apropriação dos saberes, um efeito de acesso ao conhecimento, à leitura e à interpretação. Mas são apenas efeitos de sentidos que são produzidos pelo trabalho da ideologia e da ilusão de transparência da linguagem.

O efeito-leitor analfabeto em ciência também produz determinações para a natureza da alfabetização científica oferecida nos blogs. A **SD4 (Bloco II/Recorte II/Domínio 2)** traz um atravessamento dos saberes do futebol, e assim, na apologia à alfabetização científica, compara-se o entendimento do processo da prática científica à compreensão sobre o futebol:

Do mesmo jeito que a gente é capaz de opinar sobre a conquista do título do Campeonato Brasileiro pelo Fluminense apesar da boa campanha do Atlético Mineiro, a gente deve ser capaz de opinar sobre a real possibilidade de um pesquisador brasileiro fazer um paraplégico andar e chutar uma bola na abertura da Copa do Mundo em 2014. (ScienceBlogs Brasil – Blog Cognando).

Nesse discurso, o conhecimento científico e o futebol são apresentados como se fossem o mesmo processo, produzido nas mesmas condições, com as mesmas finalidades, mas nós sabemos que não é assim que se dá esse funcionamento. São processos altamente distintos, e a compreensão e a possibilidade de estabelecer a crítica do processo científico não se equiparam ao comentário de um campeonato de futebol.

Esta é mais uma sutileza que gera a exclusão do leitor, que dificilmente chegará à compreensão dos processos científicos conforme prometido no texto da **SD4**:

Não é preciso ser cientista para entender que grande parte dos avanços da sociedade moderna são frutos diretos da ciência que produzimos o tempo todo. Não é preciso ganhar o Nobel da Ciência para entender que você só consegue assistir à novela das 8 todos os dias por causa dos avanços de uma tal de física quântica; e que o remédio que você vai tomar para curar a sua ressaca de final de ano só funciona por causa das pesquisas da indústria médico-farmacêutica.

Está certo que o leitor de ciência não precisa ocupar o lugar do cientista, mas o “alfabetismo funcional” que fica apenas nos comentários dos fatos científicos não é suficiente para compreender criticamente o processo social e histórico de construção da ciência, como o texto diz e contradiz o texto da **SD4**: “Deixar de ser analfabeto científico é começar a entender (e ser capaz de criticar de maneira informada) os principais avanços tecnológicos e científicos que nos bombardeiam o tempo todo.” Entretanto, como afirma Orlandi (2001, p. 28): “O que o leitor de ciência precisa não é o lugar do cientista mas de poder se relacionar com esse lugar. *Poder ser crítico* no processo de produção de ciência, já que a sociedade capitalista é definida pela sua capacidade de produzir ciência” (grifos meus). No entanto, não

se pode “ser crítico” do processo de construção da ciência, apenas pelos comentários, recortes de notícias, manchetes e informações relativas à ciência.

O efeito-leitor analfabeto científico guia e determina esses recortes efetuados pelo sujeito do discurso, um sujeito interpelado ideologicamente, já afetado pelo lugar social que ocupa e pelos saberes das FDs da divulgação científica e da mídia eletrônica. Logo, o efeito-leitor analfabeto científico também se desdobra e produz o **efeito de cientificidade**, como aponta Orlandi (2001a):

Na ideologia da formação social como a nossa, há o “próprio”, o “puro”, o “valorizado”, o que tem “prestígio” e há o “aproximado”, o “diferente”, o “falso”, “o que tem a menos”, o “que imita” etc. O **saber** (o conhecimento) faz um uso abusivo da terminologia para produzir o **efeito de cientificidade** carregando-se dessas oposições entre o “próprio” e o “aproximativo”, o “original” e a “imitação”, o texto do “autor” e o comentário do vulgo. E com isso, **deixa à amostra o que não é** (ORLANDI, 2001a, p. 29, grifos meus).

De fato, a tal alfabetização científica é a sombra da ciência, é o comentário do vulgo, assim como o MOBREAL é o simulacro da leitura e da escrita. Reforça-se, portanto, a divisão social do trabalho de leitura do arquivo da ciência. Conforme Pêcheux (2010), na lógica de tal divisão, alguns são portadores de uma leitura autorizada – nesse caso os cientistas – enquanto ao sujeito-leitor é imposto o seu apagamento atrás da instituição que o emprega, nesse caso o ScienceBlogs Brasil.

Dessa maneira, o efeito-leitor analfabeto em ciência vai se constituindo no discurso pelo viés do mecanismo da antecipação imaginária do lugar social de cientista, do lugar social do leitor, como também do lugar social da mídia dos blogs. Nesse processo, afetada também pelo efeito-leitor, a própria ciência e o cientista passam a ocupar o blog, um lugar afetado pelo imaginário de liberdade de acesso que traz determinações para a ciência a ser divulgada na rede, uma verdadeira rede virtual e discursiva. E o lugar discursivo de **porta-voz da ciência** é constituído nessa trama, na qual se dá a movência do discurso e do sujeito que ocupa distintas posições.

Como já vimos, no DDC virtual do Sb.br, funciona a divisão social do trabalho de leitura de arquivos da ciência. No interior dessa divisão, encontramos também um outro leitor-potencial, que é o *leitor cientista*, um leitor que é um dos pares do cientista. O título do blog *Você que é biólogo* contradiz o título do post da **SD1 (Recorte II – domínio 2) “Aproximando os cientistas da sociedade”**. Ora, como aproximar os cientistas da sociedade, se essa sociedade não é constituída somente de cientistas e de *biólogos*? Portanto, a exclusão

do leitor não-cientista e não-biólogo já se inicia pelo próprio título do blog “*Você que é biólogo*”! Vejamos mais um post (fragmento) dirigido ao leitor cientista, neste mesmo blog, publicado em 14/11/2013:

SD5 Um isopor explosivo (ou como enviar amostras com gelo seco pela transportadora)

Saio do ostracismo involuntário para tratar de um assunto pouco interessante mas, para você que é pesquisador, de qualquer nível, muito importante: como enviar amostras biológicas preservadas em gelo seco, de um lugar para outro do Brasil, por uma transportadora aérea. [...]

Na **SD5 (Bloco II/Recorte II/Domínio 2)** está bem claro que o sujeito cientista-blogador se dirige apenas a *pesquisadores*, já que o assunto em pauta interessa somente a eles: “para você que é pesquisador” [...]. O leitor potencial ou imaginário que se inscreve no discurso é o de um leitor já integrado no circuito da ciência, o que vai projetar outro efeito-leitor no DDC do Sb.br, que é o **efeito-leitor especialista**.

Já vimos que o efeito-leitor tanto determina, quanto é determinado pelo lugar discursivo; e assim, intrinsecamente ao efeito-leitor **especialista**, o sujeito divulgador do DDC irá também ocupar o lugar discursivo de **pesquisador** e a posição-sujeito **interlocutor de ciência**, sendo que esta mesma posição-sujeito será também projetada para o leitor cientista, ou seja, a posição de **interlocutor de ciência**, pois o sujeito passa a se dirigir a outro efeito-sujeito, que é um de seus pares e não mais ao leitor leigo em ciência.

O efeito-leitor **analfabeto em ciência** e o efeito-leitor **especialista** entram, pois, em confronto e determinam a construção das postagens dos blogs, ou seja, a textualização do discurso, na verdade uma *hipertextualização*, cujos links sinalizam, orientam e podem também determinar as leituras. É bastante comum nos blogs de DC a prática de “recortar e colar” trechos de artigos, vídeos, imagens, o que já configura um produto da leitura, um gesto de interpretação realizada pelo sujeito blogador para direcionar o leitor aos links de outros sites que remetem aos artigos e posts completos, escritos frequentemente em inglês.

Essa forma de apresentação de textos fragmentados nos blogs é também outra maneira de excluir o leitor leigo, pois, embora o texto completo possa ser acessado pelo link disponibilizado, nem todos apresentam habilidades de ler em inglês, e por essa razão, dificilmente haverá interesse em prosseguir com a leitura completa do artigo. E, assim, lhe restará somente a escolha de ficar com os comentários do fato científico ou até desistir da leitura. Para exemplificar esse funcionamento discursivo, vejamos um post do Blog *Massa Crítica*, publicado em 09/03/2013 (**Bloco II/Recorte II/Domínio 2**).

SD6 Cor de LED em nitrogênio líquido

“Qual é a explicação para este fenômeno? A luz alaranjada de um led torna-se esverdeada ao ser imerso em nitrogênio líquido. Uma explicação: http://www.ap.smu.ca/demos/index.php?option=com_content&view=article&id=181&Itemid=7 Resumidamente, o ambiente frio do nitrogênio líquido afeta as propriedades do semiconductor – base do funcionamento de um LED – aumentando o gap de energia (banda proibida) fazendo com que o led emita luz em uma faixa mais energética (menor comprimento de onda e maior frequência) resultando em uma cor esverdeada.”



Figura 09: Blog Massa Crítica – Cor de LED em nitrogênio líquido

Ao clicarmos no link indicado para a explicação do fenômeno, nos deparamos com um site também de divulgação científica, cuja escrita se apresenta inteiramente na língua inglesa:

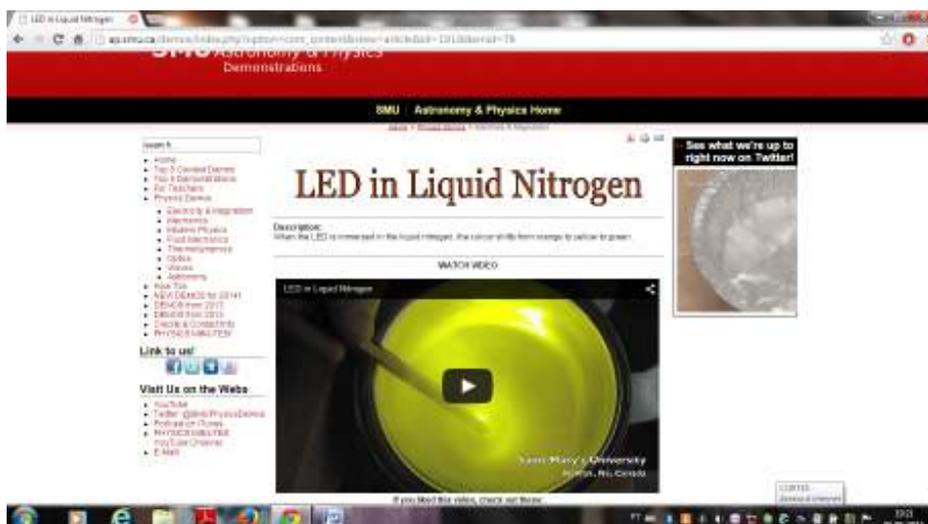


Figura 10: Artigo LED in Liquid Nitrogen

Convém ressaltar que grande parte dos leitores leigos em ciência – como também a maioria dos brasileiros – não apresentam habilidades suficientes para realizar leituras em inglês, sobretudo em textos que abordam fenômenos científicos, logo, ratificamos que funciona, no DDC inscrito nos blogs do ScienceBlogs Brasil, além do efeito-leitor “analfabeto científico”, o efeito-leitor *especialista*, aquele que está habilitado não somente para ler a chamada do artigo, mas também para dar continuidade à leitura no texto original, completo e escrito em inglês, portanto, apto para compreender o fenômeno científico.

Na movência do discurso, o sujeito cientista-blogador, tendo em vista o efeito-leitor, movimenta-se, ora em direção ao lugar discursivo de **porta-voz da ciência**, ora em direção ao lugar discursivo de **pesquisador**, como vimos na **SD6**. Logicamente, essa movimentação de lugares discursivos afeta também as posições-sujeito, que também se movem no discurso. O link que direciona o leitor à leitura da matéria completa, por exemplo, sinaliza que o sujeito assume o LD de *pesquisador* e a posição-sujeito de *interlocutor de ciência*; já o *resumo* da matéria, publicado no próprio blog, em português, sinaliza o lugar discursivo de porta-voz da ciência e a posição-sujeito de alfabetizador científico. Observemos novamente o seguinte fragmento do post (**SD6**):

“Qual é a explicação para este fenômeno? A luz alaranjada de um led torna-se esverdeada ao ser imerso em nitrogênio líquido. Uma explicação: http://www.ap.smu.ca/demos/index.php?option=com_content&view=article&id=181&Itemid=78. Resumidamente,” [...]

Tal prática é recorrente nos blogs, e, assim, os arquivos são *vedados* aos leitores não-especialistas, negando-lhes o acesso à ciência. Instaura-se aí uma contradição, na medida em que a *explicação* do fato científico em pauta ou a ciência “ampla” prometida é acessada somente por meio do link que traz o texto escrito em inglês, cabendo ao leitor leigo – que também não domina suficientemente o inglês para ler um texto científico – apenas a notícia da ciência, resumida, mastigada, ou seja, uma interpretação pronta, pois esse leitor, um efeito-analfabeto, não é apto para interpretar fatos e explicações científicas.

Dessa maneira, instaura-se no DDC virtual uma relação contraditória que denuncia uma divisão discursiva por trás da unidade imaginária da língua, uma divisão da comunicação/não-comunicação, como esclarece Pêcheux:

Comunicação que é, ao mesmo tempo, através da divisão social-técnica do trabalho, uma *não-comunicação* que separa os trabalhadores da organização

da produção e os submete à “retórica” do comando; encontramos essa divisão nas relações de produção capitalistas, e sob sua forma jurídica, que deve tirar os equívocos nos contratos, trocas comerciais etc, (igualdade linguístico-jurídica entre as partes contratantes), e simultaneamente, manter o equívoco fundamental do “contrato de trabalho”, o que se pode resumir dizendo que, no direito burguês, “todos os homens são iguais, mas há alguns que o são mais que outros”! encontramos, enfim, a mesma divisão (igualdade/desigualdade, comunicação/não-comunicação) nas relações sociais políticas e ideológicas: a dependência nas próprias formas da autonomia... (PÊCHEUX, [1975]2009, p. 25, grifos do autor).

Assim, essa mesma divisão “igualdade/desigualdade, comunicação/não-comunicação” institui-se no discurso de divulgação científica do Sb.br, embora haja a evidência de *unidade* discursiva no intradiscorso, no qual se materializa os dizeres de *popularização, democratização e divulgação científica*. Uma falsa divulgação, uma vez que não se institui o acesso aos arquivos da ciência ao leitor não-cientista, que permanece do lado de fora por ser considerado “incapaz” de compreender a ciência, como já vimos.

Portanto, os processos científicos continuam fechados, acessíveis apenas a um grupo seleto que tem acesso às “caixas-pretas” da ciência, como afirma Latour (2000). Logo, desfaz-se também o imaginário do ciberespaço enquanto espaço aberto, pois na verdade, funciona aí a *interdição*, posicionamentos ideológicos de dominação. Ao leitor leigo, restam, portanto, os comentários e notícias, os rumores dos fatos e eventos da ciência. No *ScienceBlogs Brasil* funcionam a comunicação científica e a interlocução *somente* para o leitor-cientista, tendo em vista o efeito-leitor especialista; mas também funciona o efeito-leitor analfabeto científico, que institui a **não-comunicação**, ao mesmo tempo em que dela é efeito.

Na trama do DDC do *Sb.br*, o efeito-leitor tanto determina a prática discursiva da divulgação da ciência, quanto resulta desta prática. Em se tratando do efeito-leitor analfabeto científico, a divulgação consiste de novidades e comentários, informações vagas e rumores *sobre* a ciência, que já vem interpretada, traduzida⁷⁹. E isto significa o apagamento do leitor, uma tentativa de interditar a interpretação, processo que se instaura sob a evidência discursiva de uma generosidade, que é a “alfabetização científica”.

Assim, na teia discursiva da divulgação científica dos blogs do Sb.br, os efeitos-leitores *analfabeto em ciência x especialista* se configuram na tensão estabelecida no jogo de formações imaginárias. Os efeitos-leitores que se instituem e se confrontam nessa trama

⁷⁹ Grande parte dos posts dos blogs são traduzidos de artigos escritos em inglês, publicados em periódicos estrangeiros.

discursiva são afetados não somente pelo imaginário dos lugares sociais e discursivos dos sujeitos, mas também pelo imaginário da mídia virtual e pelo imaginário da própria ciência, sendo tais imaginários afetados pela história, pela memória. Portanto, são efeitos do já-dito, mas, por outro lado, o efeito-leitor também afetará o imaginário da ciência que será divulgada. Por essa razão, é necessário aprofundarmos o nosso olhar sobre o modo pelo qual esse imaginário de ciência é tecido no DDC, imbricado aos efeitos-leitores.

4.4 Efeito-leitor e o imaginário do lugar do Referente: da ciência régia à ciência-mercadoria

Na compreensão do funcionamento do efeito-leitor é também relevante considerar o imaginário do lugar do *Referente*, um dos elementos do jogo das formações imaginárias pensado por Pêcheux (2010), que também integra a constituição do DDC e diz respeito à imagem do lugar da ciência que será divulgada.

Orlandi (2011), na obra *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*, realizou algumas adaptações do esquema realizado por Pêcheux, a fim de caracterizar o discurso pedagógico (DP). Nessa adaptação, a autora acrescenta outro elemento que não consta no esquema das formações imaginárias de Pêcheux (2010a): o elemento **Onde**, o espaço de funcionamento do discurso que, no DP, é representado pela Escola; e no DDC é a blogosfera ScienceBlogs Brasil.

Para Nunes (2001), a constituição do discurso de divulgação científica estabelece as relações imaginárias entre o *cientista*, o *divulgador* e o *público leitor*. Mas, em nosso entendimento, é também relevante levar em conta nesse jogo de relações, tanto o imaginário da ciência (*Referente*), quanto o imaginário do *lugar* de constituição e circulação do discurso, que, em nosso *corpus*, é a mídia virtual da internet e dos blogs. Essa mídia integra as condições de produção desse discurso, logo, intervém no trabalho de interpretação da ciência para o público-leitor.

A mídia-empresa virtual *ScienceBlogs* Brasil constitui, ao mesmo tempo, como o espaço e técnica de mediação do DDC para o público-leitor. Desse modo, tanto os sujeitos divulgadores, quanto os sujeitos leitores, ao se inscrevem no DDC online, ao mesmo tempo se inscrevem no espaço virtual da mídia, o que vai afetá-los enquanto sujeitos, e por sua vez, produzirá efeitos na constituição dos sentidos.

Essa multimídia institui outra forma de escrita, a escrita eletrônica, virtual, multimodal e online, como já discutimos anteriormente. E como o efeito-leitor é constituído a partir da textualização ou formulação do discurso, seu funcionamento no DDC do ScienceBlogs Brasil também será afetado pela escrita eletrônica e hipertextual dos blogs, pois o leitor potencial, previamente amarrado à formulação do discurso, também já está afetado pela escrita eletrônica e online das novas mídias. A própria leitura realizada nesse espaço também sofre e produz efeitos da mídia online dos blogs. Assim, o imaginário do lugar da mídia também afetará a construção do efeito-leitor, sendo que este tanto determina o imaginário do *referente* – a ciência divulgada – como produz outros efeitos sobre esse imaginário.

Passaremos à análise das sequências discursivas (SDs) constituídas pelo **recorte III do Bloco II**, a fim de visualizarmos o funcionamento do efeito-leitor intrincado ao imaginário do *Referente* – a ciência que se divulga no Sb.br. Iniciemos pelo post *Sobre*, do Blog *Caderno de Laboratório* (Figura 11⁸⁰).

BLOCO II - Recorte III – Domínios 1 e 2⁸¹ - SDs 1 a 7



Figura 11: Sobre o Blog *Caderno de Laboratório*

⁸⁰ Disponível em: < <http://scienceblogs.com.br/caderno/>>. Acesso em 03/04/2012.

⁸¹ Para a constituição deste recorte, utilizamos o critério do tema abordado, ou seja, o imaginário do Referente (a ciência divulgada) e, assim, selecionamos SDs tanto do **Domínio 1** (posts *Sobre*), como também do **Domínio 2** (Divulgação científica, especificamente).

SD1 *Sobre o blog e sobre mim*

Bem vindo ao Caderno de Laboratório. Aqui quero escrever sobre ciência e, eventualmente, sobre algum outro assunto que me dê vontade. Mas o foco é ciência, e ciência na sua definição mais ampla, como a atividade humana de descobrir, investigar, saber mais, saber melhor. É claro que, por ser físico, os meus assuntos provavelmente penderão para esse lado mas, de forma alguma, serão monopolizados por ele.

No entanto, a vontade aqui não é apenas escrever sobre ciência pura e limpa, mas também sobre outros aspectos que cercam o ambiente científico. Então, de vez em quando, eu vou tentar abordar também coisas como ensino de ciências, financiamento à pesquisa, o dia-a-dia de um pesquisador, a aplicação da ciência e a ciência por trás das aplicações.

Um pouco sobre mim: Eu sou físico por profissão e por paixão. Trabalho com física fundamental e ainda me surpreendo por ser pago para fazer algo que para mim é mais prazer que trabalho. Aqui neste blog, de fato, escrevo mais o apaixonado que o cientista. Mas eles são a mesma pessoa. Às vezes.

No título do blog já se inscrevem algumas discursividades sobre a imagem do *Referente*: a ciência divulgada, uma ciência que vem diretamente do *laboratório*, mas, ao mesmo tempo, está disponível no blog. Isto produz um efeito de relação direta do cientista com o leitor e também cria-se a ilusão de uma relação direta deste com a ciência, mascarando a mediação: simula-se a voz da ciência, mas quem fala é o cientista – seu *porta-voz*, pelo viés do *lugar discursivo* – se deslocando diretamente do *laboratório* para falar ao leitor, ao mesmo tempo em que também simula-se o deslocamento do leitor do espaço do blog e sua aproximação com o mundo científico, representado pelo laboratório.

O laboratório, historicamente e imaginariamente, representa o lugar “legítimo” da ciência, e, portanto, produz um efeito de legitimidade para a divulgação científica dos blogs. Se voltarmos à **SD2 (Bloco I/Recorte I/ Domínio 1)**, notaremos que o *ScienceBlogs Brasil* teve sua origem na blogosfera **Lablogatórios**, palavra criada a partir da fusão de *laboratório* e *blog*: “O *ScienceBlogs Brasil* nasceu em agosto de 2008 com um outro nome: **Lablogatórios**”. Logo, o discurso do blog *Caderno de Laboratório* apenas repete o que já foi instituído pela blogosfera Sb.br, um discurso que busca simular uma relação direta da ciência com o leitor.

Nesse processo, busca-se apagar a mediação dos blogs. Segundo Orlandi (2004b), isto é próprio do discurso de divulgação científica, que busca encenar uma relação intrínseca com o discurso científico. Na DDC tradicional, isto se dá pelas marcas da textualização jornalística do discurso científico:

Na leitura de textos do jornalismo científico, nossa leitura é marcada por essas formas. Por exemplo, a menção: ‘segundo o cientista x’ ou então, ‘o que eu digo refere ao que a biologia, na fisiologia etc., está sendo estudado como y’, ou, ainda ‘especialistas reunidos em w chegaram à conclusão de

que z”. Todas essas formas *encenam* a fala do próprio cientista para o leitor de divulgação científica (ORLANDI, 2004b, p. 139, grifo meu)

No DDC do Sb.br esta encenação acontece pelo viés do lugar discursivo de *porta-voz*, um lugar que o cientista assume, ao movimentar-se para o lugar social de *blogador*, e, assim, simula-se a própria ciência falando ao leitor do blog. No blog, a textualização do discurso científico não se dá prioritariamente pelo discurso jornalístico, mas é afetada pela linguagem própria dos blogs, que estamos aqui denominando de discurso da *blogagem*⁸²: uma linguagem composta de elementos do discurso do cotidiano que se mesclam a elementos do discurso pedagógico, publicitário, humorístico, além do discurso eletrônico da *Web*. Esses fios discursivos são continuamente (des)costurados através dos múltiplos *hiperlinks* que se movem, se deslocam num contínuo processo de (re)constituição de arquivos.

Ao contrário dos periódicos estritamente científicos e das publicações específicas de divulgação da ciência, constituídas, sobretudo pelo discurso jornalístico, o blog permite essa movimentação de lugares, já que é um espaço “frequentado” não somente pelos leigos em ciência, mas também por outros cientistas, que podem ser outros blogadores de ciência ou não. Logo, o DDC é textualizado tendo em vista dois leitores potenciais ou imaginários, não somente o leigo, mas o sujeito divulgador também se dirige aos seus pares, os demais cientistas. Nesse aspecto, o DDC dos blogs se distingue do DDC da mídia impressa⁸³, cujo leitor potencial é, predominantemente, constituído de leigos em ciência.

Conseqüentemente, no post do blog *Caderno de Laboratório (SD1 – Bloco II/Recorte III/Domínio 1)*, vislumbramos o funcionamento dos dois efeitos-leitores já identificados como *dominantes* no DDC do Sb.br, quais sejam: o efeito-leitor *analfabeto em ciência* e o efeito-leitor *especialista*, que funcionam numa relação de confrontos. Tais efeitos-leitores tanto afetam o imaginário do *Referente* – a ciência divulgada, quanto são afetados por esse imaginário, que também sofre determinações da história e da memória discursiva. Vejamos um fragmento da **SD1**: “No entanto, a vontade aqui não é apenas escrever sobre ciência pura e limpa, mas também sobre outros aspectos que cercam o ambiente científico. Então, de vez em quando, eu vou tentar abordar também coisas como ensino de ciências, financiamento à pesquisa, o dia-a-dia de um pesquisador [...]”. O lugar do *Referente* é construído sob o efeito de unidade imaginária, que é efeito da transparência ilusória da linguagem. Todavia, o efeito-

⁸² Conforme explicitamos no capítulo I.

⁸³ Referimo-nos aqui a periódicos de divulgação científica, a exemplo de revistas como a Superinteressante, Ciência Hoje, etc.

leitor que também é instituído como unidade imaginária do sujeito e do sentido, funciona num jogo de tensões que busca apagar a divisão instituída entre a ciência e o efeito de cientificidade, uma divisão também instituída entre a comunicação científica e o efeito dessa comunicação.

Logo, o *referente*, embora imaginariamente construído enquanto *unidade*, é dividido entre a *ciência pura e limpa* e a *ciência blogada*, que se constitui de “aspectos que cercam o ambiente científico” (SD1 – Bloco II/Recorte III), ou seja, os comentários dos bastidores da ciência. O **efeito-leitor especialista** é atravessado pelo imaginário da ciência legitimada ao longo da história, que o *Sb.br* também busca legitimar. Esse *referente* atravessado pelo interdiscurso, mobiliza o sentido já cristalizado da ciência “de verdade” e “da verdade”, um pré-construído do discurso científico, a “vontade de verdade”, como destaca Foucault ([1970] 2012). Temos aí uma ciência elitizada, cujos arquivos estão “guardados” e reservados apenas ao leitor cientista, e que diz respeito ao imaginário da *ciência régia*, que busca homogeneizar o real e apagar o processo de interpretação (PÊCHEUX, 2008).

Já o **efeito-leitor analfabeto científico**, que funciona em constante tensão com o efeito-leitor especialista, é determinado pelo imaginário do leitor incapaz e, assim, produz efeitos na imagem de outro *referente* delineado no DDC do *Sb.br*, que é a *ciência-informação*, uma *ciência-mercadoria*, constituída de notícias, comentários sobre fatos que “cercam o mundo científico”, recortes diversos do cotidiano acadêmico-científico. Esta é, pois, a imagem da ciência reservada aos imaginariamente “incapazes” de compreendê-la.

Logo, no DDC virtual, a imagem do *Referente* – na verdade dos *Referentes* – sofre determinações e também determinam a constituição e funcionamento dos efeitos-leitores que funcionam nesse discurso. Nessa teia discursiva, o efeito-leitor mobiliza o sujeito do discurso – já afetado pelo lugar social de cientista e de blogador – a inscrever-se ora no lugar discursivo de **porta-voz da ciência**, ora no lugar discursivo de **pesquisador**. Na tensão dessa movência de lugares, o sujeito também ocupará distintas posições-sujeito.

Os efeitos-leitores mencionados também projetarão distintas posições-sujeito para os *leitores internautas*, quais sejam: o **efeito-leitor de analfabeto científico** projetará a posição-sujeito de **consumidor de informações científicas**; e o **efeito-leitor especialista** projetará a mesma posição-sujeito já ocupada pelo cientista-blogador, que é a posição de **interlocutor de ciência**.

Retornemos à **SD1** constituída do post “*Sobre o blog Caderno de Laboratório*” para melhor elucidar esse processo discursivo. O imaginário da ciência régia inscrito no interdiscurso retorna no intradiscurso, no enunciado da ciência “pura e limpa”, uma ciência normalizada pela “higiene pedagógica do pensamento”, que busca manipular e estabilizar os sentidos (PÊCHEUX, 2008, p. 51). Sob o imaginário da ciência régia, o sujeito tem a ilusão de que sabe do que se fala: “O fantasma da ciência régia é justamente o que vem, em todos os níveis, negar o equívoco, dando a ilusão que sempre se pode saber do que se fala, isto é, se me compreendem bem, negando o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece” (PÊCHEUX, 2008, p. 55). Portanto, interpelado pela ideologia da ciência régia, o sujeito considera-se senhor de sua vontade e do seu dizer: “quero escrever sobre ciência...”; ... “e sobre outros assuntos que me dê vontade”, a vontade aqui não é apenas escrever sobre ciência pura e limpa...”. A memória do discurso da “vontade de verdade”, um “já-lá” do discurso científico, perpassa o discurso do DDC inscrito no blog *Caderno de Laboratório*, embora o sujeito tenha a ilusão de que exerce o controle do seu dizer, pois “A ideologia insidiosamente presente na língua, e na linguagem, conduz naturalmente à seguinte ficção: o sujeito pode usar a linguagem como bem entende” (HAROCHE, 1992, p. 71).

O imaginário da ciência se tece, portanto, de forma imbricada aos fios da memória, como também imbricada aos efeitos-leitores constituídos no discurso, que também se sustentam nos imaginários dos sujeitos e nos lugares discursivos nos quais eles se inscrevem. Conforme Grigoletto (2008), tais imagens já são dadas, já foram construídas a partir do lugar social de cada um dos sujeitos envolvidos na constituição discursiva do DDC.

O sujeito cientista-blogador do DDC do ScienceBlogs Brasil é projetado como um sujeito investido de autoridade científica, que detém o conhecimento da “verdadeira ciência” e da “ciência da verdade”. A figura do *laboratório* vai corroborar tanto na formação do imaginário da *ciência verdadeira e legítima*, quanto na formação da imagem do cientista, pela força da memória discursiva que carrega: a memória da prova da verdade científica. Logo, esse sujeito é aquele que está autorizado a falar em nome da ciência, a partir/e diretamente do *laboratório*, lugar que também confere *status* de legitimidade científica a esse sujeito⁸⁴, nesta perspectiva de ciência. Mas o sujeito cientista também é *blogador*, é do blog que ele enuncia o seu discurso, constituído de “aspectos que cercam o ambiente científico”, e, desse modo,

⁸⁴ Essa observação é válida sobretudo em se tratando das ciências exatas e da natureza.

simula-se uma relação direta da ciência com o leitor, produzindo um efeito de apagamento da divisão social do trabalho da leitura de arquivos.

Também observamos um “já dito” sobre a área da ciência e sobre a disciplina científica da qual o sujeito participa, do lugar social de cientista, qual seja a *Física*, representada aqui como ciência *pura e limpa*, conforme a **SD1 (Bloco II/Recorte III/Domínio 1)**: “É claro que, por ser físico, os meus assuntos provavelmente penderão para esse lado (...) Aqui quero escrever sobre ciência [...] Mas o foco é ciência e ciência na sua definição mais ampla, como a atividade humana de descobrir, investigar, saber mais, saber melhor [...] a vontade aqui não é apenas escrever sobre ciência pura e limpa” (...) Tal enunciado traz um outro atravessamento de sentido, um não-dito, mas que também diz, o que nos leva ao questionamento: há ciência não-limpa ou simplesmente **suja**? O nome do blog denominado *Caderno de Laboratório* já aponta para algumas discursividades, já que as ciências que usam frequentemente o laboratório são as ciências denominadas experimentais, logo, as ciências não-experimentais estariam excluídas das ciências “puras e limpas”?

Dá-se pois o funcionamento da ideologia da ciência de *verdade*, de *pureza* científica, o que nos remete a Pêcheux (2010b), que discorre sobre o desígnio neopositivista que visa construir, por meio da lógica, a produção e a interpretação dos enunciados científicos, tecnológicos e administrativos, os quais, segundo ele, pode produzir uma “normalização asséptica” da leitura. Conforme o autor: “Nesta medida, o risco é simplesmente o de um *policimento dos enunciados*, e de uma *normalização asséptica da leitura e do pensamento*, e de um *apagamento seletivo da memória histórica*” (PECHEUX, [1982] 2010d, p. 55, grifos do autor).

Vemos, portanto, a ideologia da leitura *asséptica* funcionando no DDC virtual ao preconizar a existência de uma “ciência pura e limpa”, nesse caso, a Física. Essa visão de ciência, como afirma Pêcheux produz o apagamento da memória histórica, que nos mostra que existem outros conhecimentos e outras formas de produzir ciência, além dos métodos experimentais, por exemplo.

Ao abrigar o laboratório virtualmente no espaço do blog, produz-se um efeito de aproximação da ciência com a sociedade. Corrobora-se na construção desse efeito, a montagem de um cenário “científico” que mobiliza a memória da “prova”, do fato “verdadeiro” criado e experimentado no laboratório. É, pois nesta tensão estabelecida entre o duplo imaginário do *Referente* – o da ciência constituída pela legitimidade e pela austeridade,

representada pelo laboratório, de um lado, e o da ciência constituída pela informalidade e “liberdade” do blog, por outro, que se institui o *efeito de acessibilidade científica*. Tal efeito funciona intrinsecamente ao efeito-leitor analfabeto científico e ao efeito-leitor especialista, já que estes funcionam num jogo de constante tensão.

Todavia, esse *efeito de acessibilidade* construído no DDC do Sb.br, que também é um efeito de *exterioridade científica* (ORLANDI, 2001a, 2004c), busca apagar o processo de territorialização que se instaura na Web; sob tal efeito, apaga-se o funcionamento da divisão de classes que determina a divisão da comunicação/não-comunicação da ciência no DDC que funciona no espaço virtual.

Vislumbramos esse funcionamento discursivo também no blog *100nexus* do *ScienceBlogs Brasil*, no post denominado “*Boaventura dos Santos e a ciência pós-moderna*”, publicado em 20/02/2011, do qual foi constituída a **SD2 (Bloco II/Recorte III/Domínio 2)**:

SD2 *Boaventura dos Santos e a ciência pós-moderna*

Formado por ideogramas milenares, o idioma chinês possui uma riqueza digna de tal história: os ideogramas que formam o termo “*crise*” se constituem daqueles que significam “*perigo*” e “*oportunidade*”. Algo que o sociólogo Boaventura de Souza Santos, em seu “*Um discurso sobre as ciências*” (1987), poderia apreciar ao relativizar tanto do contexto cultural e sociológico da ciência enquanto pretende apontar a crise do “*paradigma dominante*” da ciência moderna. [...] Enquanto Santos anunciava um novo paradigma científico assentado na “sensocomunicação”, a ciência de verdade seguia sendo revolucionada por descobertas empíricas que foram de encontro a crenças difundidas na academia, que se dirá ao senso comum. Poucos anos antes, Santos poderia ter mesmo visto como a teoria de deriva dos continentes passou de ideia absurda a um dos principais fundamentos da geologia, graças a uma acumulação cada vez maior de evidência de múltiplas fontes. Na mesma década de 1980, Santos assistiria como a hipótese de Luis e seu filho Walter Alvarez para a extinção KT como provocada pelo impacto de um asteróide seria gradualmente aceita pela comunidade científica, outra vez de inúmeras linhas de evidência diferentes. [...]

A estes vendedores de pseudociência, explorar e conciliar o senso-comum com a transferência de dinheiro para seus bolsos sim é um paradigma de sucesso. Mas este é um paradigma muito antigo, anterior mesmo a Bacon, Descartes, ou Hume. Este é um paradigma do que não é e não deve ser a ciência. O senso-comum é instável e este sim, arbitrário e quase unicamente sujeito a convenções sócio-culturais. Pode ser algo como a anedota sobre os ideogramas chineses para “*crise*” que iniciam este texto, pois ela é simplesmente falsa. Se você acreditou nela, talvez acredite na forma como Santos expressa suas ideias como fatos e pressupostos indiscutíveis. Devem, no entanto, ser muito discutidos. O conflito com o senso comum quando se descobre que ele é falso é uma questão complexa, mas não é promovendo um entendimento deficiente da ciência que se irá resolvê-lo. [...] é provável que ao final deste século o pós-modernismo tenha passado como a moda que advoga que a ciência é. O que o substituirá, bem, só os designers de moda podem dizer. (<http://scienceblogs.com.br/100nexus/?s=boaventura+dos+santos>⁸⁵)

⁸⁵ Efetuamos um recorte do *Post*, devido a sua extensão, mas a leitura completa poderá ser feita acessando-se o site do blog: <http://scienceblogs.com.br/100nexus/?s=boaventura+dos+santos>.

Nota-se, no recorte do post a inscrição de um dizer – *já dito* – da ideologia da verdade absoluta do discurso científico, a qual busca deslegitimar um dizer diferente, também da FD da ciência, mas de outra posição-sujeito, que se identifica com os saberes das ciências humanas e sociais.

Leiamos novamente um trecho do post: “Enquanto Santos anunciava um novo paradigma científico assentado na “sensocomunização”, a ciência de verdade seguia sendo revolucionada por descobertas empíricas que foram de encontro a crenças difundidas na academia, que se dirá ao senso comum.”. Conforme esse discurso, a ciência de/da verdade é aquela que pode produzir alguma revolução (qual revolução?) por “descobertas empíricas”, ou seja, a ciência experimental. Mas este é um modelo de cientificidade que nega a história (HENRY, 1982).

Vemos, assim, no DDC, o atravessamento do discurso científico que impõe um paradigma de ciência como verdade única, uma ciência homogeneizada, na qual subjaz a ideologia do *rigor positivo* (PÊCHEUX, 2008, p. 36), que intenta “homogeneizar o real, desde a lógica matemática até os espaços administrativos e sociais, através do *método hipotético-dedutivo experimental*, e as técnicas de “administração da prova” (grifo nosso). Desse modo, há uma tentativa de deslegitimar as ciências sociais, representadas no post pelo sociólogo Boaventura dos Santos. Essa deslegitimação se inscreve no gesto de rotular os cientistas sociais como “vendedores de pseudo-ciência”: “A estes vendedores de pseudociência [...]”, logo o referente aqui não é mais um sociólogo, mas a própria Sociologia enquanto ciência, cujos saberes são questionados e negados, tidos como “pseudociência”.

O DDC virtual do *Sb.br* considera como *pseudociência* todo o conhecimento que não se insere no paradigma de ciência neopositivista, que se insere nos “universos discursivos logicamente estabilizados” (PÊCHEUX, 2011d). Tais universos discursivos não consideram a exterioridade, nem a memória histórica e defendem a literalidade dos sentidos. Desse modo, o efeito-leitor *especialista* é tecido juntamente com os fios discursivos da concepção de *ciência pura, limpa e verdadeira*, qual seja, a ciência experimental, denominada *hard* ou as ciências exatas e da natureza. Toda a prática científica que estiver fora desse padrão, dessa *norma*, é “deficiente”, *anormal*, considerada como pseudociência.

O modelo científico que esse discurso impõe visa apagar o processo de interpretação, constituindo-se num discurso autoritário. Esse imaginário do *referente* afetado por efeitos de sentidos da *ciência verdadeira e da verdade* dá sustentação ao efeito-leitor *especialista*, ao

tempo em que também dele resulta. Paradoxalmente, o efeito-leitor *especialista* também corrobora na construção do efeito-leitor analfabeto-científico, pois, como afirma Chauí (2006), a figura do *especialista* funciona sob a ação da ideologia da *competência*, na qual já se inscreve uma *divisão* social de competentes e *incompetentes*, os quais, segundo o DDC do *Sb.br*, carecem da *generosidade* da alfabetização científica *doada* pelos *competentes* aos supostamente incapazes para se transformarem em “cidadãos”. Conforme Chauí (2006):

O discurso competente determina de antemão quem tem o direito de falar e quem deve ouvir, assim como predetermina os lugares e as circunstâncias em que é permitido falar e ouvir, e, finalmente, define previamente, a forma e o conteúdo do que deve ser dito e precisa ser ouvido. Essas distinções têm como fundamento uma distinção principal, aquela que *divide* socialmente os detentores de um saber ou de um conhecimento (científico, técnico, religioso, político, artístico), que podem falar e têm o direito de mandar e comandar, e os desprovidos de saber, que devem ouvir e obedecer. Em uma palavra, a *ideologia da competência institui a divisão social entre os competentes*, que sabem, e *os incompetentes*, que obedecem. (CHAUÍ, 2006, p. 76-77, grifos meus).

No discurso de divulgação científica do *Sb.br*, a ideologia da competência funciona sob a lógica do conhecimento científico *puro e verdadeiro*, cujo detentor desse saber é o cientista-blogador. Desse modo, esse discurso funciona nesta ambiguidade: se propõe a “alfabetizar” cientificamente o leitor imaginariamente leigo, mas também faz com que a ciência retorne para si mesma, visto que, o leitor construído imaginariamente como leigo não dialoga com a ciência “pura e limpa”, pois ainda não foi “alfabetizado em ciência”.

No DDC do *Sb.br* a ciência, ao ser interpretada para a divulgação, desloca-se do rigor de sua “ambiência” científica e se inscreve na ambiência dos blogs, onde a textualização do discurso não está mais sujeita ao rigor da escrita acadêmica, da língua universal da ciência instituída historicamente, embora ainda seja afetada por ela. O ambiente do blog permite não somente a informalidade, mas até mesmo certas “transgressões” linguísticas por meio do uso de gírias e palavras consideradas de “baixo calão”. Entretanto, mesmo nessa ambiência de blog, um lugar que funciona sob o efeito de liberdade plena, inclusive das amarras das convenções da linguagem científica, a ideologia da *ciência de verdade e da verdade* não deixa de funcionar e reforça a divisão social dos *competentes* e *incompetentes* (CHAUÍ, 2006, 2011). Isto pode ser verificado, por exemplo, em um post, intitulado “**A controvérsia de não**

existir controvérsia”, publicado no blog **n-Dimensional**, em 11/05/2010 (**Bloco II/Recorte III/Domínio 2**):

SD3 A controvérsia de não existir controvérsia (11/05/2010)

Nós, divulgadores de ciência – posso me colocar na categoria? Digam que sim! – sejamos blogueiros, jornalistas, escritores, estamos tão imersos na luta contra os agentes auto-iludidos da desinformação que mal ouvimos a palavra controvérsia ser usada contra alguma teoria que pulamos de nossas cadeiras para esbravejar “Não há controvérsia”!

É claro que, na maioria das vezes, o que o mentecapto semi-analfabeto clamará como controvérsia é algo que não o foi, não o é e muito menos o será num futuro próximo. Ainda que as verdadeiras controvérsias científicas sejam muito mais sutis que qualquer afirmação do doido varrido é bastante arriscado dizer que elas não existem ou que não são importantes para o panorama geral. Escondê-las não poderia nos fazer perder o pouco de credibilidade que nos resta com o cidadão comum?

Aliás, esqueçam isso. Pensando melhor, se estamos falando de defensores alucinados do incoerente, tanto esconder como admitir as controvérsias sutis da ciência é pavimentar o caminho para a merda. Não importa o que se diga ou o que se explique. A tática do inimigo é muito mais poderosa. Apela para os sentimentos enquanto apelamos para a razão.

Não importa se o modelo de universo cíclico com *bounce* é uma alternativa para se enfrentar a singularidade que aparece no modelo clássico do Big Bang. Se dissermos que há essa teoria científica alternativa para o início do Universo logo virão aqueles que dirão que essa teoria devolve o Criador ao seu lugar (nem a pau). Se dissermos que não há teoria alternativa viável (ainda) virão dizer que não se pode pesquisar fora dos “dogmas” científicos.

E se nesses quatro parágrafos não fiz muito sentido ou discorri sobre uma opinião muito clara, é porque às vezes penso que somos grandes masoquistas que damos o mote e batemos palma pros doidos lançarem nos comentários, nas revistas de variedade, nas cartas dos leitores, nos livros de misticóides aleatórios...

É possível observar que na **SD3 (Bloco II/Recorte III/Domínio 2)**, o sujeito do discurso não se dirige ao leitor leigo, embora faça referências constantes a esse leitor por meio de diversas expressões, como: “**agentes auto-iludidos da desinformação**”, “**mentecaptos semi-analfabetos**”, “**doido varrido**”, “**defensores alucinados do incoerente**”, “**inimigos que usam táticas poderosas e apela para os sentimentos**”. Estas são algumas imagens construídas para o leitor leigo na **SD3**, as quais tanto determinam o efeito-leitor analfabeto-científico, quanto são determinadas por esse efeito. Ora, é assim que o DDC do Sb.br pretende “quebrar as barreiras que afastam a ciência da sociedade”⁸⁶ combatendo esse leitor – considerado um inimigo – que está do outro lado da ciência?

Mas é exatamente isto o que vemos na **SD3**: o sujeito divulgador se dirige, não ao leitor leigo, mas aos demais cientistas e divulgadores de ciência que são aí *convocados* ao combate de um suposto inimigo, o “ignorante” que se constitui em ameaça para a “verdade” científica que não admite *controvérsias*. Nesse combate, ele ocupa a posição-sujeito de

⁸⁶ Conforme o post “Sobre o ScienceBlogs Brasil”, **SD2** mostrada no início desse capítulo.

guardião da ciência para guerrear contra as possíveis *controvérsias* dos *ignorantes* não-cientistas: “estamos tão imersos na luta contra os agentes auto-iludidos da desinformação que mal ouvimos a palavra controvérsia ser usada contra alguma teoria que pulamos de nossas cadeiras para esbravejar “Não há controvérsia”!

Sendo assim, a divulgação não se institui no blog, é uma evidência de sentido produzida na transparência da linguagem. E assim, o blog, em vez de funcionar como um espaço de interlocução com o leitor leigo em ciência, torna-se um lugar de *combate* a esse leitor, considerado um *inimigo* da verdade científica, que nada sabe e, portanto, não pode se atrever a questionar a ciência verdadeira, não pode apontar qualquer controvérsia nesse discurso: “É claro que, na maioria das vezes, o que o mentecapto semi-analfabeto clamará como controvérsia é algo que não o foi, não o é e muito menos o será num futuro próximo. Ainda que as verdadeiras controvérsias científicas sejam muito mais sutis que qualquer afirmação do doido varrido”

Dessa forma, o **efeito-leitor analfabeto** chega também ao efeito-doença, pois o leitor leigo é imaginariamente um doente mental: “doido varrido”, “mentecapto”, “irracional” um perigoso inimigo da ciência: “A tática do inimigo é muito mais poderosa. Apelam para os sentimentos enquanto apelamos para a razão.” Segundo esse discurso, somente os cientistas são capazes de raciocinar, enquanto que o leitor não-cientista é um “despossuído de razão”.

Já vimos aqui que a ideologia da alfabetização científica funciona sob o imaginário do “analfabetismo”, um dito do discurso pedagógico (DP), também atravessado pelo discurso médico. No DP, a imagem do analfabeto é construída como *chaga*, doença e flagelo social, tendo por um lado, os “doadores do saber” – que devem combater e erradicar a *enfermidade* – e do outro lado, os incapazes, os despossuídos que sofrem do flagelo e precisam ser alfabetizados (FREIRE, 1987, FERREIRO, 1992). Sendo assim, a liberdade do blog é apenas um imaginário construído e sedimentado ideologicamente pela mídia virtual, sendo esta um instrumento de dominação.

A **SD3** faz reverberar um discurso historicamente instituído que é o *discurso competente*, cujas FDs – nesse caso, as FDs da ciência, da divulgação e da mídia virtual – determinam quem pode e quem não pode falar, interpretar; o que pode e o que não pode ou não deve ser dito, lido ou interpretado (CHAUÍ, 2006). Dá-se assim uma relação de contradição no espaço do blog, pois, na evidência de um dizer segundo o qual o blog é um *lugar* de livre acesso ao conhecimento científico, onde se realiza uma divulgação de forma

ampla, inscreve-se outro dizer que perversamente exclui de vez esse leitor do circuito da ciência, já que ele é visto como um *inimigo* que usa “táticas poderosas”, um doente, um incapaz, que, por sua loucura, pode “perturbar a paz” do mundo científico, e portanto, deve ser banido desse ambiente.

O blog, de espaço de ampla divulgação da ciência, torna-se, contraditoriamente, uma *fortaleza* de combate ao leitor leigo, o inimigo do saber. Essa divulgação científica é um lugar onde *não cabem as controvérsias*, portanto, um discurso homogeneizado, que interdita a leitura e a interpretação, sendo esta considerada também como inimiga da ciência absolutamente “pura e verdadeira”: “[..] estamos tão imersos na luta contra os agentes auto-iludidos da desinformação que mal ouvimos a palavra controvérsia ser usada contra alguma teoria que pulamos de nossas cadeiras para esbravejar “Não há controvérsia!” Sendo assim, o que é mesmo que se divulga nos blogs? A relação aí instituída com o leitor leigo é uma relação de exclusão, de *segregação*, pois os “bravos *soldados*” da verdadeira ciência se colocam na posição de *defensores do território científico*, onde os *analfabetos, mentecaptos, despossuídos de razão*, não podem e não devem sequer se aproximar. E isto significa uma prática de *territorialização* do espaço virtual, cuja desterritorialidade é apenas da ordem técnica. Por isso temos defendido aqui que o virtual e os blogs se constituem em um lugar de disputa territorial, um lugar de domínio e jurisdição (ZAMBRANO, 2001).

Assim, a liberdade linguística do blog é uma armadilha do discurso, já que, mesmo havendo o deslocamento do rigor da língua científica, os efeitos de sentidos de controle e autoritarismo do discurso científico permanecem em pleno funcionamento no DDC inscrito no Sb.br. Todavia, o sentido do *controle* e dominação adquire um efeito de apagamento no DDC, através do funcionamento de outro efeito de sentido no blog, que é o efeito de *novidade*. O blog, além de carregar efeitos da memória discursiva do diário, constitui-se de arquivos digitais conectados e ao mesmo tempo fragmentados, E assim, o blog se constitui num processo que reclama atualização constante e provoca uma avidez pela apresentação/leitura das últimas *novidades*, marcas típicas da modernidade líquida (BAUMAN, 2001), na qual “vive-se na urgência angustiante da novidade, de dominá-la, de saber o novo e dele se fazer senhor” (DE NARDI, 2011, p. 236).

A prática discursiva da blogagem constitui-se e alimenta-se de *novidades*, de informações que envelhecem rapidamente, como afirma Souza (2011, p. 476): “Tudo isso tem de vir em uma velocidade imediata e, por isso, as informações envelhecem rapidamente:

informação boa é a que chega veloz e que serve para reconfigurar a próxima informação”. Informações novas, “quentes” e velozes, prontas para um rápido consumo, que logo também se descarta: eis o funcionamento da modernidade líquida (BAUMAN, 2001) e porque não dizer, da ciência também líquida. Este é o imaginário da ciência que dá suporte ao efeito-leitor *analfabeto em ciência*, uma não-ciência, constituída de *informações científicas para consumo*, informações curtas e rápidas de *novidades* sobre a ciência, uma *mercadoria-informação* que se desfaz em sua liquidez. A título de ilustração, um dos blogs do ScienceBlogs Brasil, o *Chi Vó non pó*, no Post *Sobre (domínio 1)* apresenta seu blog como “*blog de divulgação de novidades sobre a ciência*”. Vejamos a **SD4 (Bloco II/Recorte III/Domínio 1)**:

SD4 *Sobre*

Chi vó, non pó. Chi pó, non vó. Chi sá, non fá. Chi fá, non sá. E cosi male il mondo vá. Ou, em português claro: Quem quer, não pode. Quem pode, não quer. Quem sabe, não faz. Quem faz, não sabe. E assim o mundo vai mal. Pessimista?... Sem dúvida. A idéia de blogar minhas frustrações acabou por se transformar em um blog de divulgação de novidades sobre a ciência (bem... quase sempre...)

Divulgação de *novidades sobre a ciência*, que também poderia ser denominada panfletagem sobre ciência, um DDC *panfletário*. A emergência das novas tecnologias de comunicação e informação - TIC's, especialmente a internet na qual se inscreve e circula o discurso eletrônico afetou o modo de produção e consumo de informações, produzindo novos efeitos no discurso jornalístico, como também afetou o DDC virtual. As reflexões de Hauptmann (2012) acerca do jornalismo e novas tecnologias são pertinentes para um maior entendimento da presente discussão:

Nesse cenário de profusão de mensagens, os processos de produção e consumo de informações estão em uma importante fase de mudança. Os produtores, especialmente o jornalismo, a **publicidade** e todos que tentam em alguma medida atrair para si a mente de eventuais indecisos, recorrem a discursos **mais curtos, diretos**. E procuram **fixar suas mensagens pela repetição estratégica** nos mais variados canais e formatos. Nesse ambiente, o consumidor também muda. Atualmente, por exemplo, as **informações cada vez mais sintéticas** tendem a ser mais facilmente assimiladas. A sociedade, entendida aqui como massa, parece preferir cada vez mais as mensagens que não exijam esforço maior de análise. Daí pode-se inferir uma provável explicação para o sucesso que fazem no cotidiano social os **jargões, bordões, frases de efeito, alguns refrões e slogans** (HAUPTMANN, 2012, p. 2-3, grifos nossos).

Não esqueçamos de que essas mudanças ocorridas na textualização, ao passar para o suporte digital e virtual, hipertextual, é um efeito produzido pelas transformações do próprio modo de produção capitalista em suas novas formas de produzir dominação, colonização. O intradiscurso apresenta-se como *novo*, de fato um novo formato, mais rápido, mais curto, todavia, os elementos do interdiscurso estão aí reinscritos e, assim, sustentam, reforçam, sedimentam os sentidos das formações discursivas com as quais os sujeitos se identificam e se constituem, interpelados ideologicamente.

Cabe porém ressaltar que discordamos de Hauptmann (2012) quanto à afirmação “A sociedade, entendida aqui como massa, parece preferir cada vez mais as mensagens que não exijam esforço maior de análise”. Ao deslocar essa análise para o campo teórico da AD, entendemos que a sociedade não *prefere* ser tratada como sociedade de massa e o leitor não *prefere* ser um consumidor de informações, essa escolha livre do sujeito é apenas uma evidência ideológica, como afirma Pêcheux (2009, p. 150, grifos do autor): “essa identificação fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob dupla forma, descrita mais acima enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são reinscritos no discurso do próprio sujeito”.

Logo, o indivíduo não é “livre” para efetuar uma escolha, mas é interpelado e constituído ideologicamente em *sujeito consumidor* de informações, e, ao pensarmos no DDC, é interpelado em sujeito consumidor de jargões, terminologias, slogans e comentários científicos - pela identificação com as formações discursivas nas quais esses sentidos são produzidos de forma intrincada às formações ideológicas e, assim, determinam o que pode e deve ser dito. Todavia, graças à heterogeneidade das formações discursivas, e como a língua se constitui pela *falha*, pode haver derivas de sentido e, assim, produzir distintas posições-sujeito.

Assim, notamos uma movimentação dos sentidos das FD’s jornalística, publicitária e da mídia virtual em direção ao discurso de divulgação científica virtual, constituindo discursividades *líquidas* no DDC. Afetado pelo efeito-leitor analfabeto-científico, o DDC do Sb.br é esvaziado pelas novidades, os slogans, os comentários dos bastidores do mundo científico, ou seja, uma ciência para *cosumo*. É um dos efeitos produzidos pela vida líquida (Bauman, 2007), ávida por novidades, é o efeito ideológico da *síndrome consumista*:

a síndrome consumista degradou a duração e promoveu a transitoriedade. **Colocou o valor da novidade acima do valor da permanência.** Abreviou drasticamente o lapso de tempo que separa não apenas o querer do obter (como sugeriam muitos observadores, inspirados ou desorientados pelas agências de crédito), mas também o surgimento do anseio pelo seu desaparecimento, assim como a estreita brecha que separa a utilidade e a conveniência das posses de sua inutilidade e rejeição. Entre os objetos do desejo humano, colocou a apropriação, rapidamente seguida pela remoção de detritos, no lugar de bens e prazeres duradouros (BAUMAN, 2007, p. 110, grifo nosso).

Sob a ideologia do consumo da formação social capitalista, a divulgação científica do ScienceBlos Brasil funciona com um sentido empresarial, cujo produto ofertado no mercado virtual dos blogs, aos leitores supostamente leigos cientificamente, é a *mercadoria-informação* e a terminologia científica. Orlandi (2001a, p. 29) se reporta à *terminologia* como um efeito-leitor do DDC, “pela passagem da metalinguagem para a terminologia, se passa da ciência para o saber representado em seu percurso social”. A autora também defende que o conhecimento, ao tornar-se um saber terminológico adquire um sentido *empresarial* e perde o seu caráter de bem social geral.

A terminologia científica também funciona no DDC virtual pela mediação dos blogs – pelo viés do efeito-leitor analfabeto científico – mas, com um sentido empresarial bem mais forte, que resulta num saber terminológico publicitário, uma *terminologia-marketing* da ciência. O vocábulo *marketing* (originada do verbo *to market*) da língua inglesa, lembremos, tem sua origem etimológica na palavra *mercado*. Nessa lógica empresarial, a ciência, ao se relacionar com a informação, é vista como mercadoria (XAVIER e COSTA, 2010) e, conseqüentemente, projeta-se uma posição-sujeito para o leitor que é a de mero *consumidor* da divulgação científica, um consumidor de informações, terminologias, comentários, *slogans* e publicidade sobre o mundo científico.

Xavier e Costa (2010), ao refletirem sobre ciência e a informação científica, no contexto da mundialização do capital, apresentam uma reflexão sobre a ciência enquanto *mercadoria*:

A Ciência como mercadoria, distingue-se dos demais bens e serviços por suas relações com a informação, com os aspectos políticos, exacerbados pela própria característica intrínseca da informação, e aspectos ligados à tecnologia. Constantemente essa mercadoria cria, modifica ou dissipa consciências, o que a torna extremamente instável e dinâmica tanto às ideias que divulga quanto às inovações tecnológicas que disputam espaço nesse mercado (XAVIER e COSTA, 2010, p.3).

São considerações pertinentes para esta análise, que nos conduz ao entendimento da divulgação científica do *ScienceBlogs Brasil* como divulgação mercadológica. Para Bolaño (2000), a informação “se agrega como mais um insumo ao processo produtivo e que, controlada pelo corpo técnico e burocrático da empresa capitalista, é sempre, efetiva ou potencialmente, mercadoria-informação” (BOLÃNO, 2000, p. 47). Esse é, pois, um termo bastante apropriado para denominar a divulgação científica em pauta, uma *mercadoria-informação*, sendo o blog o suporte publicitário de tal mercadoria.

Na perspectiva de Marx, “A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia.” (MARX, 1975, p. 41, *apud* COAN, 2011). Em se tratando do DDC da mídia virtual, a mercadoria não seria exatamente os fatos e acontecimentos do mundo científico, mas as notícias efêmeras e ao mesmo tempo *heróicas* que buscam causar grande impacto e admiração no leitor-consumidor, pelo efeito do anúncio, produzido pela indumentária do discurso do *marketing*, portanto, uma mercadoria para satisfazer a *fantasia* científica.

Vejamos alguns exemplos de posts de blogs de DC, que trazem atravessamentos do discurso publicitário. Primeiramente, um post do blog *RNA* (**Bloco II/Recorte III/Domínio 2**⁸⁷).

SD5 Para uma ideia diluída, o remédio é conhecimento concentrado.

Tudo que você sempre quis saber sobre homeopatia mas tinha vergonha de perguntar

A homeopatia se tornou uma grande indústria e é propagandeada como um tratamento seguro, natural e holístico para várias doenças como artrite, asma, depressão, diarreia, dores de cabeça, insônia etc. Apesar disso, a evidência científica mostra que a homeopatia atua somente como um placebo (fármaco ou procedimento inerte que apresenta efeitos terapêuticos devido aos efeitos fisiológicos da crença do paciente que está a ser tratado) e não há explicação dentro da ciência de como isso poderia ser diferente.⁸⁸ [...]

No texto reproduzido, parcialmente, (SD5), a ciência é anunciada como um produto, a saber o remédio que é representado como “*conhecimento concentrado*” que servirá para a suposta cura da homeopatia, representada como uma doença, “*uma ideia diluída*”. Assim, dá-se o movimento de um saber próprio do universo discursivo da publicidade para o universo do discurso de divulgação científica. Convém lembrar que o discurso publicitário se caracteriza

⁸⁷ O Domínio discursivo nº 2 consiste de posts de divulgação científica propriamente dita.

⁸⁸ O Post pode ser lido na íntegra, ao acessar o link: <<http://scienceblogs.com.br/rnam/category/pseudo-ciencia/>>

pelo jogo de sedução (CARVALHO, 1996), artifício usado também no DDC para dissimular um elemento do interdiscurso que é o autoritarismo do discurso científico, que busca impor a ideologia da *verdade absoluta*, ao tentar deslegitimar a homeopatia pelo rótulo de *pseudociência*⁸⁹. O DDC funciona, pois, sob a ideologia do discurso competente, que opera, segundo Chauí (2006), pela figura do *especialista*:

Enquanto discurso do conhecimento, essa ideologia opera com a figura do **especialista**. Os meios de comunicação não só se alimentam dessa figura, mas não cessam de instituí-la como sujeito da comunicação. O especialista competente é aquele que, no rádio, na TV, na revista, no jornal ou na multimídia, **divulga saberes, falando das últimas descobertas da ciência** ou nos ensinando, por exemplo, à **maneira do resenhista**, como escrever um livro, um artigo (CHAUÍ, 2006, p. 77, grifos meus).

Em momento posterior, a autora retoma a discussão sobre o *discurso competente* enquanto discurso do conhecimento:

O que é o discurso competente enquanto discurso do conhecimento? Sabemos que é o discurso do *especialista*, proferido de um ponto determinado da hierarquia organizacional. Sabemos também *que haverá tantos discursos competentes quantos lugares hierárquicos autorizados a falar e a transmitir ordens aos degraus inferiores e aos demais pontos de hierarquia que lhe forem paritários. [...] Enfim, também sabemos que se trata de um discurso instituído ou da ciência institucionalizada e não de um saber instituinte e inaugural e que, como conhecimento instituído, tem o papel de dissimular sob a capa da cientificidade a existência real da dominação* (CHAUÍ, 2011, p. 23, grifos meus).

Assim, o DDC do Sb.br, pelo viés do lugar discursivo de porta-voz da ciência, institui-se como esse *lugar hierárquico autorizado a falar* em nome da ciência aos sujeitos “inferiores” – os leitores leigos, como afirma a autora. A ciência divulgada no Sb.br é, portanto, não instituinte, porque chega ao leitor leigo apenas como objeto de *consumo*, negando-lhe o direito de estabelecer uma relação crítica com o lugar do conhecimento (ORLANDI, 2001a), e assim, ao mesmo tempo, institui uma relação de dominação.

Outro exemplo de ciência-consumo no DDC é o *saber-anúncio* também pode ser visto no blog *Discutindo Ecologia*, onde encontramos um *infográfico* sobre o tema aquecimento global (publicado em 20/05/2013). O infográfico é considerado uma das mais poderosas ferramentas de marketing, graças à possibilidade de convergir linguagem verbal e imagética,

⁸⁹ O Post está elencado no rol de blogs classificados como *pseudociência*.

e, assim, agregar informações de forma curta, rápida, objetiva e focada no visual, logo um típico exemplo de suporte para as discursividades líquidas, pautadas na efemeridade.

Eis a SD6 (Bloco II/Recorte III/Domínio 2):

SD6 Aquecimento global em números



O DDC, ao inscrever-se nessa materialidade, produz também um efeito de sentido de liquidez, um infográfico-anúncio de informação científica: “Aquecimento global em *números*”, que traz um atravessamento do discurso publicitário.

No infográfico de DC, os sentidos da ciência, melhor dizendo, as informações sobre a ciência são *organizados em números*, o que faz ressoar a memória do mito idealista que concebe a lógica como o princípio de toda ciência e produz um efeito de verdade ao discurso. Nesta materialidade, a textualização e organização do discurso são afetadas pelo discurso do *marketing*, uma materialidade de forma sintética para uma leitura rápida, direcionada ao consumo, às massas, mensagens que não exigem um maior esforço de análise.

Desse modo, o efeito-leitor *analfabeto científico* tanto afeta a textualização do discurso de divulgação científica do *Sb.br*, como também é afetado pelas novas linguagens tecnológicas. Segundo Orlandi (2004b, p. 133): “as novas tecnologias de linguagem trazem em si um efeito-leitor que “formata”, vamos dizer, um sujeito, que elas vão constituindo na medida mesmo em que vão se fazendo. Portanto, está aí constituído esse sujeito: um efeito-leitor particular”. O *infográfico* é, pois, um típico exemplo da ciência divulgada para consumo, uma discursividade da era líquida contemporânea, constituída de informações científicas condensadas.

Esta é portanto, a *posição-sujeito* aí *projetada para o leitor*: a de *consumidor* de informações e de anúncios científicos. Vale ressaltar que as discursividades líquidas se pautam na efemeridade e na volatibilidade (BAUMAN, 2001; COURTINE, 2008) visando atender à lógica consumista da forma social capitalista. No entanto, esse estado líquido das discursividades é um efeito da ideologia que trabalha para *solidificar* ainda mais a dominação, cujo funcionamento se inscreve na duração e solidez da memória histórica.

É possível vislumbrar um atravessamento ideológico da *economia da informação* (CASTELLS, 1992, LASTRES & FERRAZ, 1999) no DDC virtual que se pauta no consumo, cujo maior suporte é a internet, a qual constitui-se no próprio capitalismo em rede. Vejamos:

Como a informação para ser comunicada não pode prescindir de um *suporte material*, tratar-se-ia, então, de congelar toda a informação de interesse mercantil em algum tipo de suporte comercializando-a, não mais como a informação em si, mas como o *meio* que a contém e a transmite. [...] O capitalismo começaria a evoluir para organizar-se em rede (DANTAS, 1999, p. 240).

Segundo Dantas (1999), o desenvolvimento da microeletrônica impulsionou as forças produtivas e as relações de produção para uma nova etapa histórica, a do *capital-informação*, sendo que:

Na base dessa nova etapa está o generalizado descolamento entre o transporte de mercadorias e pessoas e o transporte da informação propriamente dita, ao longo de todos os três ciclos do capital - capital-dinheiro, capital-mercadoria e capital-produtivo -, viabilizado pela microeletrônica e pelo conjunto de tecnologias postas a serviço da *digitalização da informação* (DANTAS, 1999, p. 246, grifos do autor).

Assim, a tecnologia é colocada a serviço da digitalização da informação que funciona nessa estrutura de dominação enquanto *capital-informação*, e é nessa conjuntura capitalista que se inserem também os blogs de DC, pois, como vimos, a blogosfera integra um grupo empresarial. É vendida a ilusão de que, nos blogs de divulgação científica, o leitor terá acesso amplo à ciência, mas, na prática, vemos que se trata apenas de um engodo, um anúncio enganoso, pois a ciência – em sua forma mais *ampla*, obrigatoriamente deveria abranger a divulgação dos saberes das ciências humanas e sociais, como também propiciar ao leitor a compreensão dos aspectos históricos, sociais e políticos que envolvem o processo de construção do conhecimento. No entanto, não há ciência ampla, há sim um efeito-ciência, constituído de saberes efêmeros, sem profundidade, com informações curtas e provisórias. Ao mesmo tempo, se estabelece uma relação mercadológica: vendem-se os comentários, os rótulos, os anúncios, o que também denuncia o funcionamento ideológico da *economia da informação*. Castells conceitua a *economia informacional* como:

uma economia caracterizada pelo peso crescente da ciência, da tecnologia e da informação na produção, pela flexibilização e reorganização da produção em relação à demanda e por uma globalidade sistêmica onde os elementos se organizam em fluxos supranacionais; uma *economia informacional é tão global como desigual, implicando em nova divisão internacional do trabalho*. (CASTELLS, 1992, p. 5, grifos meus).

Assim é a divulgação científica do Sb.br, tão global e ampla quanto desigual, afetada pela economia informacional e pelo discurso competente. Nesse discurso, funciona a divisão e a hierarquia social e discursiva, como pontua Haroche (1992, p. 75) “A lógica permite trazer à luz a existência de uma hierarquia ou ainda de um escalonamento da verdade ligado à competência desigual dos sujeitos leitores, ou dos sujeitos autores.” Tal hierarquia e divisão entre competentes e incompetentes, no DDC, é mediado pela multimídia dos blogs, que também reforça esse sentido, ainda que sob nova forma de funcionamento. E, desse modo, a ciência continua circunscrita aos seus próprios muros, um discurso do especialista para o especialista, da ciência para a ciência, enquanto que se reforça o efeito-leitor analfabeto em ciência.

A partir do que precede, ratificamos que o imaginário do *Referente*, qual seja, a ciência que é divulgada no ScienceBlogs Brasil, tanto afeta a constituição dos efeitos-leitores que funcionam no DDC, quanto são afetados por tais efeitos. Mas, cabe assinalar que o **efeito-leitor especialista** é mais afetado pelo imaginário da *ciência régia*, enquanto o **efeito-leitor analfabeto-científico** é mais afetado pelo imaginário do *ciência-mercadoria*. Ao mesmo tempo, os efeitos-leitores também afetam essas formações imaginárias, pois esse funcionamento se dá em uma trama de fios discursivos que se intrincam, de forma que institui-se uma dupla determinação entre efeito-leitor e formações imaginárias, não somente do lugar do Referente, como também dos lugares do sujeitos e do lugar da mídia.

Ademais, esses efeitos-leitores se instituem e funcionam no DDC do ScienceBlogs Brasil intrinsecamente aos lugares discursivos e posições-sujeito, como também projetam distintas posições-sujeito para os sujeitos leitores. Os efeitos-leitores se instituem em vista da construção imaginária dos leitores potenciais para o DDC do Sb.br, a saber: no discurso do **sujeito administrador**, temos o leitor divulgador (*blogador*), o leitor *anunciante* do site e o *leigo* em ciência. Desse modo, teremos, respectivamente, o efeito-leitor *especialista*, o *patrocinador* e o *analfabeto-científico*.

O sujeito administrador enuncia a partir do lugar discursivo de **publicitário** e ocupa ora a posição-sujeito de **gestor da alfabetização-científica**, ora a posição de **promotor do desenvolvimento**. E, pelo viés do efeito-leitor, projeta-se nesse discurso, uma posição-sujeito para cada leitor: a posição-sujeito de **alfabetizador de ciência** para o blogueiro; a posição-sujeito de **agendador de temas** para o anunciante; e a posição-sujeito de **consumidor de informações científicas** para o leitor leigo.

Já o sujeito **divulgador**, enuncia a partir de dois lugares discursivos, o LD de **porta-voz da ciência**, na relação com o efeito-leitor *analfabeto-científico*, e o LD de **pesquisador**, na relação com o efeito-leitor *especialista*.

Constatamos uma heterogeneidade de posições-sujeito no discurso do divulgador, na relação estabelecida com o efeito-leitor *analfabeto-científico*, a saber: ele ocupa ora a posição-sujeito de **alfabetizador de ciência** – num gesto de adesão à posição-sujeito já projetada para ele no discurso do sujeito administrador do Sb.br – ora a posição de **controlador da leitura**, ora a posição de **promotor da cidadania** e ainda, a posição-sujeito de **guardião da ciência**. Na relação estabelecida com o efeito-leitor *especialista*, o sujeito divulgador ocupa sempre a posição-sujeito de **interlocutor de ciência**, portanto, uma posição

mais estabilizada. Nesse discurso, projeta-se também para o leitor *leigo*, as posições-sujeito ora de **consumidor de informações científicas** – uma posição já projetada para esse leitor no discurso do sujeito administrador – ora a posição de **tutelado**; enquanto que, na relação estabelecida com o leitor *cientista*, projeta-se apenas a posição-sujeito de **interlocutor de ciência**, a mesma posição já ocupada pelo sujeito divulgador na relação com o efeito-leitor *especialista*.

De forma intrincada aos efeitos-leitores temos o funcionamento de um duplo imaginário de ciência no DDC, o imaginário da *ciência-mercadoria* e o imaginário da *ciência-régia* (PÊCHEUX, 2008), o que denuncia a divisão do trabalho social da leitura de arquivos (PÊCHEUX, [1982]2010d), instaurando um jogo de relações contraditórias entre a ciência, a divulgação e os leitores. Essa contradição é determinada historicamente, já que é na história que se desenvolve o processo de divisão social técnica do trabalho, instituído no confronto de lutas de classes.

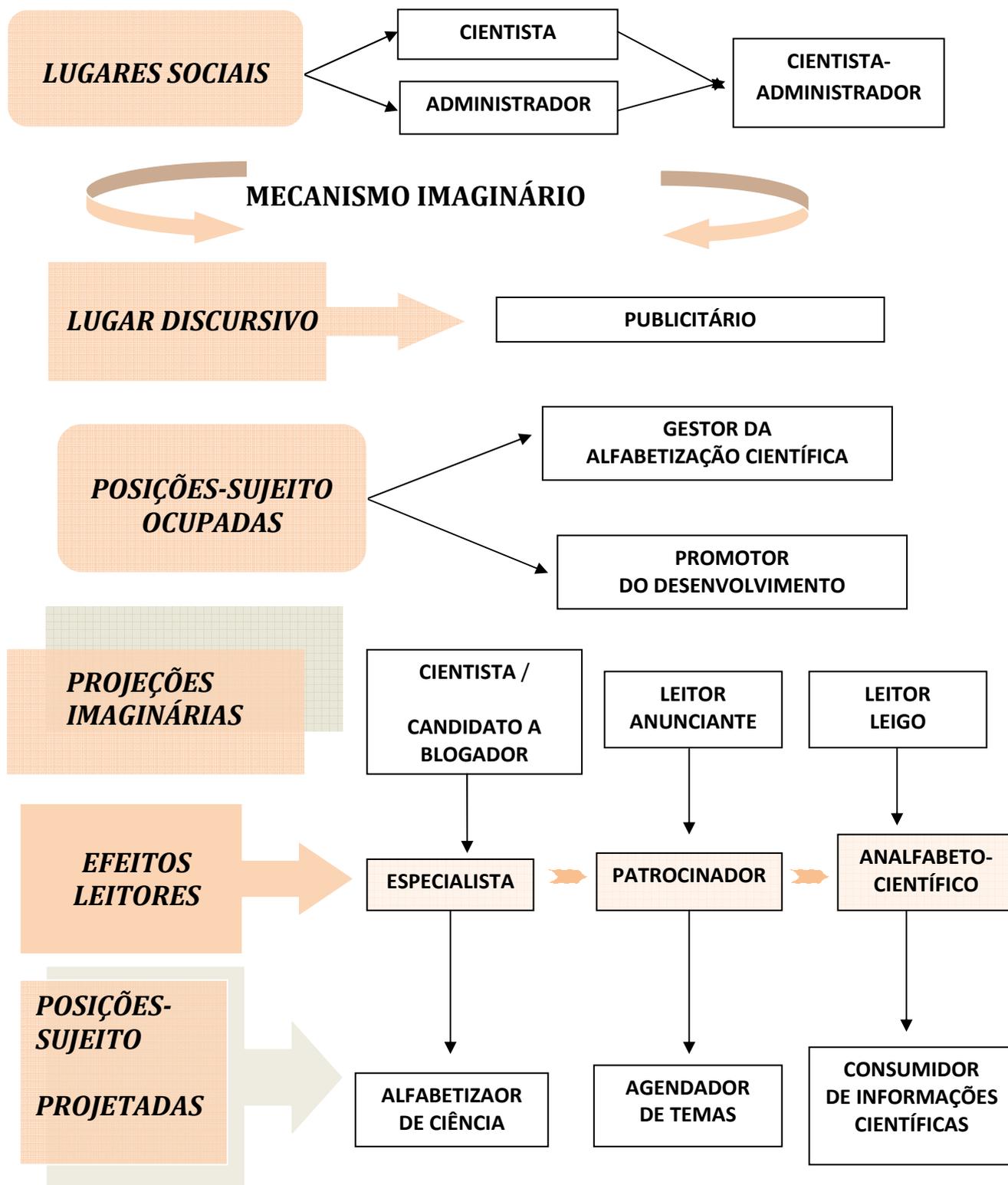
Conforme essa lógica, as barreiras que afastam a ciência da sociedade jamais serão rompidas. Como vimos na **SD2 (Bloco I – Recorte I – Domínio 1)**, o *ScienceBlogs Brasil* se propõe a “discutir ciência de forma ampla e inspiradora”, como também a trabalhar “para que a comunidade formada em torno do *ScienceBlogs Brasil* atue na dispersão do pensamento científico”. Porém, esta é apenas uma evidência construída ideologicamente, já que o DDC virtual reforça a divisão do acesso aos arquivos da ciência, instituída historicamente, ao propor a alfabetização científica ao grande público não-cientista, a qual não institui o leitor leigo como interlocutor desse discurso.

O efeito-leitor “incapaz”, **analfabeto** é um efeito-sujeito e um efeito de sentido que nega o espaço da interpretação no discurso de divulgação científica, ao oferecer uma ciência para consumo uma mercadoria-informação científica. Por outro lado, do lado de dentro da própria ciência, encontramos o efeito-leitor *especialista* que se projeta e se assenta sob o imaginário da ciência régia, que busca impedir a polissemia e apagar os sentidos destoadores desse discurso, suprimindo as “controvérsias”.

Para uma maior elucidação desse funcionamento discursivo, elaboramos os **quadros 4 e 5**, que mostram os efeitos-leitores intrincados à movimentação do sujeito administrador e do sujeito divulgador do DDC do *ScienceBlogs Brasil* na trama de lugares sociais e discursivos e posições-sujeito.

Quadro 4 – Efeitos-Leitores projetados pelo sujeito-administrador do *Sb.br*⁹⁰

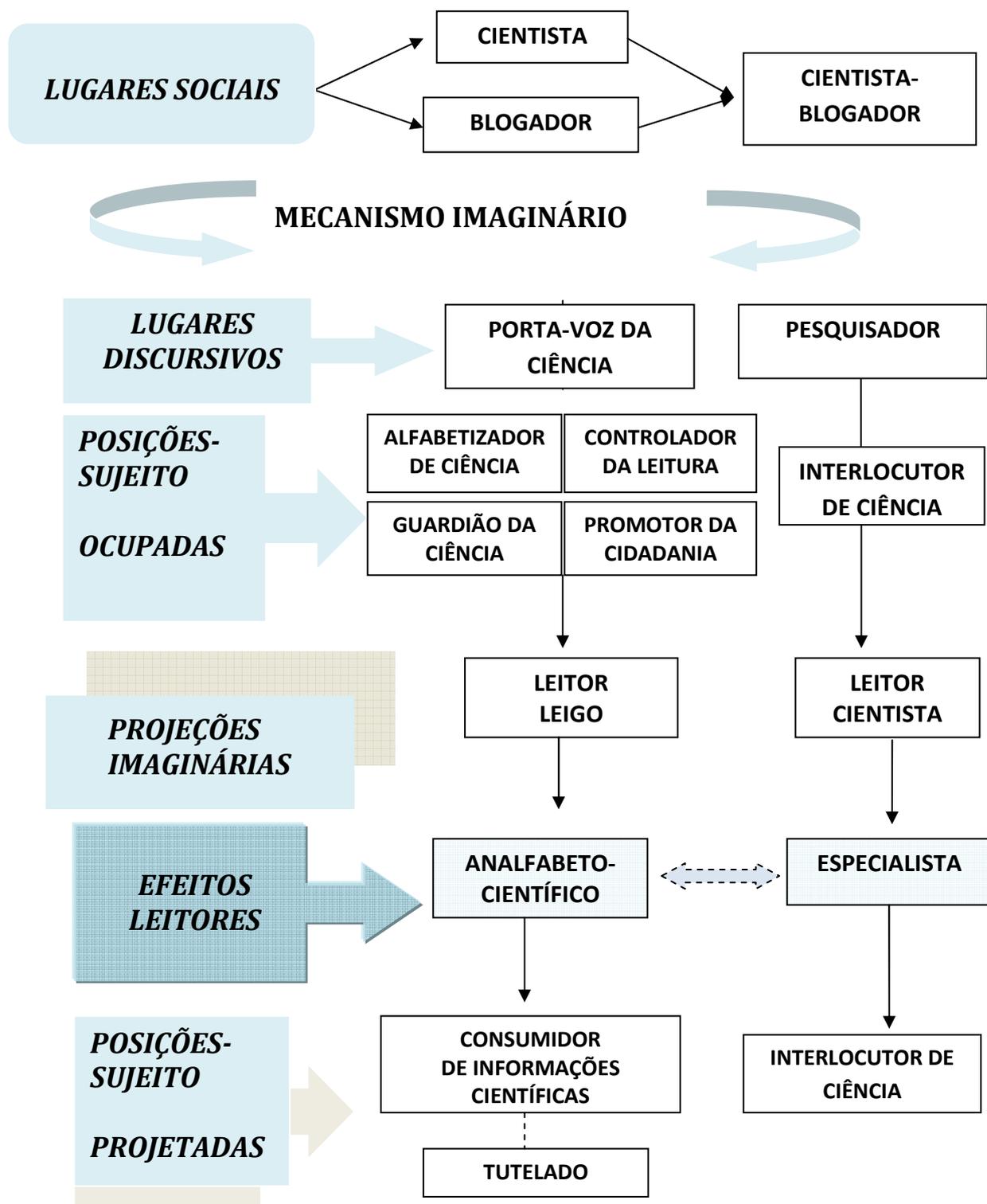
EFEITOS-LEITORES PROJETADOS PELO SUJEITO-ADMINISTRADOR DO SB.BR



⁹⁰ Agradeço as contribuições da Professora Doutora Solange Mittmann (UFRS) pelas sugestões dadas para a elaboração dos Quadros (4, 5 e 6).

Quadro 5 – Efeitos-Leitores projetados pelo sujeito-divulgador do *Sb.br*

EFEITOS-LEITORES PROJETADOS PELO SUJEITO-DIVULGADOR DO *SB.BR*



Os **Quadros 4 e 5** nos permitem visualizar que os **efeitos-leitores** funcionam no discurso de divulgação científica dos blogs hospedados no ScienceBlogs Brasil, de forma intrincada aos lugares sociais e discursivos e às posições-sujeito, ao mesmo tempo em que projeta uma posição-sujeito para o leitor.

Nesse processo também se instaura a movimentação dos sentidos e a desconstrução dos efeitos do já dito, tendo em vista que a língua, mesmo funcionando na rede eletrônica, constitui-se de furos e falhas, e, assim, tanto controla como permite o escape. Por essa razão, o sujeito pode movimentar-se e inscrever em novas filiações de sentidos, instituindo a polissemia nesse discurso que é tecido de outras vozes que falam, mesmo no silêncio.

Vamos ouvir essas vozes outras na interlocução discursiva, objeto da nossa reflexão no próximo capítulo.

CAPÍTULO V - A INTERLOCUÇÃO DISCURSIVA E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DOS LEITORES NO *SCIENCEBLOGS BRASIL*

“Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente mas agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreverem, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. [...]A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido” (Michel de Certeau, 1990, p. 264).

Neste último capítulo, o nosso interesse se volta para a participação dos leitores internautas, que também são interpelados em sujeitos do discurso, ao se inscreverem na seção de comentários dos blogs do *ScienceBlogs Brasil (Sb.br)*. Nosso objetivo é analisar o processo de subjetivação dos leitores comentaristas no discurso de divulgação científica inscrito nos blogs, e o modo pelo qual esse leitor vai se relacionar com o efeito-leitor instituído no discurso.

Para esta análise, mobilizamos, além dos pressupostos da AD sobre a leitura, a noção de *interlocução discursiva* teorizada por Indursky ([1992] 2013)⁹¹ e retomada por Grigoletto (2011), como também a teoria da *enunciação digital* preconizada por Xavier (2009). Entretanto, antes da análise do processo de interlocução discursiva, faz-se necessário uma discussão acerca das condições de produção da leitura no *ScienceBlogs Brasil (Sb.br)* – nosso espaço discursivo.

5.1 As condições de produção da leitura no *ScienceBlogs Brasil* e a interlocução discursiva

A escrita e a leitura, empiricamente, se constituem em processos distintos, mas, na perspectiva da AD, considera-se não somente as condições de produção do discurso, como

⁹¹ A *interlocução discursiva* é uma noção desenvolvida pela autora para analisar o discurso dos presidenciais instituídos durante o período da ditadura militar brasileira (1964-1985). Posteriormente, Grigoletto (2011) retomou essa noção para analisar o discurso pedagógico inscrito em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

também as suas condições de circulação. Melhor dizendo, a leitura também se processa em condições de produção e circulação determinadas historicamente, dadas as relações de poder instituídas na formação social, nas formações ideológicas e formações discursivas. Toda leitura tem sua história, e esta envolve tanto a história dos textos como a história das leituras dos leitores (ORLANDI, 1988). A história das leituras atrela-se também à história da sua legitimação, das censuras, como também à história dos movimentos de resistência aos sentidos já ditos, já instituídos na história e na memória.

Há, portanto, condições sociais, históricas, ideológicas que determinam as práticas leitoras e o modo pelo qual se realizam tais práticas. Há leituras prestigiadas e outras renegadas, como há leituras autorizadas e outras silenciadas. E, ao falarmos da leitura praticada no ciberespaço e nos blogs, devemos levar em conta não apenas as mudanças tecnológicas que afetam o modo de ler, mas também as determinações históricas das leituras e ao mesmo tempo a história de tais determinações. Isto implica considerar o funcionamento contínuo da ideologia e da memória no espaço/tempo da *web*; há de se considerar a historicidade, a exterioridade inscrita nos dizeres, no confronto com dizeres já ditos ou não ditos, já lidos, bem como rememorar outros também já esquecidos.

Historicamente, a administração do acesso às leituras tem se instituído pelas forças hegemônicas, cujas FDs determinam o que pode e deve ser lido ou não, e quem pode e deve ter acesso às leituras. Assim, nem todas as classes sociais tiveram/têm acesso aos bens culturais e intelectuais, nem todos tiveram/têm as mesmas oportunidades de leituras. Mas também, como ressalta Orlandi (1988), no jogo de leituras previstas, também é possível haver a imprevisibilidade, é sempre possível outras leituras, outros leitores, outras descobertas, afinal a língua é o lugar do equívoco.

E, ao pensarmos na leitura da ciência divulgada nos blogs, temos que estabelecer as relações de tais materialidades com a história, com a memória, com o exterior. As relações que se instituem entre os interlocutores é, segundo Orlandi (2011b), um dos importantes elementos de constituição da produção da leitura, visto que é no confronto de interlocuções que se instaura o processo da discursividade.

O texto, por seu turno, sempre remete a outros textos já ditos, já escritos, por isso, o início e o fim de uma construção textual⁹² é apenas um efeito (INDURSKY, 2009. 2010a). Por conseguinte, no processo discursivo, a autoria é considerada uma **função**, um princípio de

⁹² A noção de texto já foi discutida neste trabalho, no Capítulo 1, articuladamente à noção de hipertexto.

agrupamento do discurso que afeta também a unidade do texto, sendo este considerado como “efeito discursivo que deriva do princípio de autoria” (ORLANDI, 1988, p. 77). Pode-se vislumbrar o gesto da *costura* dos recortes da memória (INDURSKY, 2010a) como o gesto em que se instaura o funcionamento da autoria, mas o fechamento dessa costura é apenas um efeito discursivo.

O efeito-início e o efeito-fecho produzem a unidade imaginária de um texto que teve origem no sujeito autor e foi por ele fechado, uma ilusão necessária e constitutiva do sujeito. Assim, a unidade e *uniformidade*, a *lisura* do texto são também efeitos construídos pelo apagamento das linhas e marcas da costura dos recortes do interdiscurso e da memória, tal como os gestos de raspagens da escrita e reinscrição que se operavam no *palimpsesto*. Todavia, como já mencionado no capítulo anterior, agora com o hipertexto e os blogs, temos um grande *palimpsesto eletrônico*, no qual e por meio do qual muitos efeitos de sentidos são produzidos, inclusive o *efeito-leitor*.

Tal costura não para, mas continua nas mãos do sujeito leitor. Este também assume o lugar de autor – afetado pela história, pela memória, pelo inconsciente – num percurso inverso. Realiza, assim, uma costura ao avesso, visto que, para instaurar o gesto de interpretação, ele terá que desfazer as linhas, nós e pontos dessa costura e efetuar novas tessituras. Tal processo implica um gesto de desarrumar, *destrinçar* cada fio, peça e retalho desse texto para (des)construir efeitos de sentidos. Logo, o texto é tecido por muitas mãos, sendo estas afetadas pelo já-dito, tendo uma rota já instituída, mas uma rota que permite o escape, graças ao equívoco da língua, possibilitando a (re)inscrição das discursividades e a movimentação dos sentidos.

Ainda conforme Orlandi (1988), considerando-se a ordem hierárquica das funções *locutor* (o eu do discurso), *enunciador* (perspectiva assumida pelo eu) e *autor*, esta última é a mais determinada pela exterioridade, determinada pelas regras institucionais ou, nas palavras de Foucault (2006), mais ligada ao sistema jurídico e institucional. Desse modo, não basta falar ou dizer para ser autor, faz-se necessário um processo de “assunção, por parte do sujeito, de seu papel de autor” (ORLANDI, 1988, p. 79), o que implica assumir uma responsabilidade social por meio da relação com a linguagem. Desse modo, o autor é “preso” em sua responsabilidade do dizer, sendo a representação da unidade textual considerada como efeito da relação com o texto, o que corresponde à unidade da leitura resultante do efeito-leitor

(ORLANDI, 1988). Mas essa unidade não significa homogeneidade, pois o texto é uma dispersão do sujeito, e o discurso uma dispersão de textos.

A função-autor tem o seu duplo no efeito-leitor, um efeito já inscrito na formulação do discurso (ORLANDI, 2001b). E, ao se inscrever como sujeito do discurso, o leitor pode se identificar ou não com o efeito-leitor projetado no discurso. O leitor é também um sujeito descentrado, já inscrito em um lugar social, a partir do qual pode ocupar distintos lugares discursivos e distintas posições-sujeito para interpretar e produzir sentidos. Logo, o ato de leitura também é realizado sob as condições de produção do leitor, e “Se as condições de produção do texto e da leitura não coincidem, abre-se espaço para que o texto produza não um e mesmo sentido, mas diferentes efeitos de sentido” (INDURSKY, 2010b, p. 171). Em vista disso, no quadro de uma teoria não-subjetiva da leitura, o leitor se constitui em sua relação com o exterior, com o interdiscurso, o leitor interpreta, enquanto sujeito histórico.

Ao considerar, portanto, as condições de produção da leitura do DDC virtual, convém ressaltar que os sujeitos interlocutores também são afetados pelas novas tecnologias digitais, pelo discurso eletrônico e online dos blogs, sendo que estes, inseridos no ciberespaço, se constituem em um espaço de contradição, onde circulam e se embatem discursos diferenciados, marcados pela incompletude. Nesta ótica, a leitura é também um ritual aberto a falhas e brechas, que supõe, não um sentido único, cristalizado, mas permite deslizamentos e diversos efeitos de sentidos.

Cabe lembrar que a tecnologia *Web 2.0*⁹³, integrante da segunda geração de serviços online, veio alargar as possibilidades de participação síncrona ou assíncrona dos sujeitos leitores internautas com os sujeitos blogadores, revolucionando, portanto, o que é denominado como *comunicação mediada por computador (CMC), interação, interatividade*⁹⁴. Todavia, no âmbito da análise discursiva – que ultrapassa os aspectos tecnológicos e empíricos e considera a linguagem em suas relações com a memória, com a história, com a exterioridade – esse processo não é visto simplesmente como *interação*, mas como uma **interlocução discursiva**,

⁹³ Já tecemos algumas considerações sobre a Web 2.0 no capítulo 1 desta tese, no item que trata dos blogs e da blogosfera.

⁹⁴ Estas são expressões frequentemente empregadas tanto na Linguística - sobretudo a partir da teoria da *Análise da Conversação* - ao tratar do fenômeno da troca e do diálogo entre interlocutores, como também passaram a ser largamente utilizados na área da Comunicação e outros campos teóricos em referência à participação/postagens dos leitores em blogs, redes sociais, fóruns virtuais, etc, graças ao advento da tecnologia da Web 2.0, incorporada à navegação da internet.

noção trabalhada por Indursky (2013) para analisar o discurso dos militares brasileiros, no período da ditadura (1964-1984).

A autora esclarece que a interlocução discursiva é um processo que se desdobra em dois níveis: a **interlocução enunciativa** e a **interlocução discursiva**. Enquanto esta é representada pelo sujeito do discurso, que mobiliza a cena discursiva, aquela é representada pelos locutores, de forma intersubjetiva, na cena enunciativa. Porém, esses dois níveis de interlocução, dos quais decorre o processo de interlocução discursiva, trabalham de forma simultânea e articulada, de forma que a interlocução discursiva depende da enunciativa. Nas palavras da autora:

Quando o sujeito presidencial toma a palavra na qualidade de *locutor*, na instância de *interlocução enunciativa*, mobiliza também a figura do *sujeito do discurso* que não se dirige exclusivamente àqueles que presenciam/ouvem a alocução presidencial: por seu intermédio, um *outro* frequentemente ausente é interpelado. Nesta segunda instância de interlocução, o sujeito do discurso, ao interpelar o *outro*, pouco definido e até ausente, instaura a *cena discursiva* que *não é espacialmente determinada pelo espaço físico* em que a alocução está ocorrendo, nem pela presença física do interlocutor. A *cena discursiva* remete para o *cenário discursivo* que não possui materialidade física e que é mobilizado pelo imaginário social do sujeito do discurso (INDURSKY, 2013, p. 168, grifos da autora).

A partir das colocações da autora, convém destacar que a *passagem* da cena enunciativa para a cena discursiva se dá pelo viés do *imaginário* social do sujeito do discurso, afetado pelo inconsciente. E, conforme já salientado, é também pelo imaginário, afetado pelo interdiscurso, que se dá a *passagem do lugar social para o lugar discursivo* e posições-sujeito. Logo, a noção de imaginário é de fundamental importância para o entendimento do processo de interlocução discursiva. A **cena enunciativa**, marcada por circunstâncias físicas e espaciais concretas, constitui-se de lugares sociais, enquanto que a **cena discursiva** – mobilizada simultaneamente pela cena enunciativa – constitui-se de lugares discursivos e faz emergir a interlocução discursiva, realizada por sujeitos discursivos.

Grigoletto (2011), ao analisar o discurso dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), traz a noção de interlocução discursiva para a análise desse processo no espaço virtual, mas mantém o termo *interação* para nomear apenas a relação homem/máquina, e, desse modo, as duas noções são mobilizadas com sentidos distintos. Nas palavras da autora: “Tomadas, não como noções opostas, a interação e a interlocução se complementam, trabalham intrincadas no funcionamento discursivo dos Ambientes Virtuais de

Aprendizagem” (GRIGOLETTO, 2011, p. 76). O movimento de interação se processa, segundo a autora, a cada *click* do mouse, a fim de atender a um comando da máquina, enquanto que a interlocução se instaura no momento em que os sujeitos passam a subjetivar-se, a assumir posições no processo discursivo.

O estudo mostra que a interação e a interlocução discursiva, mesmo operando de forma intrincada ao funcionamento do discurso virtual dos AVAs, não são noções opostas, mas se distinguem, porque dizem respeito a processos distintos, embora interligados e interdependentes. De fato, a interação se restringe apenas aos aspectos tecnológicos do processo de troca e não dá conta do processo discursivo, embora ambos funcionem intrinsecamente.

Mas, retornando à questão da interlocução discursiva, o corpus desta análise é tomado do espaço virtual online. Para Grigoletto (2011), o espaço virtual situa-se no entremeio do empírico e do discursivo, sendo que estes também afetam e determinam o virtual. Não podemos negar que o mundo virtual afetou o processo de interlocução, na medida em que a língua passa a funcionar em uma nova materialidade, que é a digital (DIAS, 2009). Por essa razão, concordamos com Xavier (2009) que, a partir do advento do hipertexto online, instaura-se uma nova forma de enunciação, que é a *digital*. Entra, pois, nesse cenário, um novo modo de enunciar que, embora construído a partir dos modos convencionais⁹⁵ de enunciação e afetado por eles, adquire características próprias e específicas viabilizadas pelas novas tecnologias, das quais destacamos o hipertexto online. Conforme Xavier (2009, p. 133): “o modo de enunciação digital só se realiza na tela do computador ou de outro equipamento hipermídia. Aparelhos com tecnologia digital possibilitam o encontro entre todos os modos de enunciação no hipertexto”. Para este autor, os modos de enunciação já instituídos, a exemplo dos modos de enunciação verbal, visual e auditiva “são amalgamados no digital, todos se fundem nele” (XAVIER, 2009, p. 111). Na enunciação digital, passa a funcionar uma textualidade eletrônica⁹⁶, que, segundo Chartier (2002), veio transformar a ordem dos discursos:

É essa ordem dos discursos que se transforma profundamente com a textualidade eletrônica. É agora um único aparelho, o computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos, tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer

⁹⁵ Os modos convencionais de enunciar aos quais me refiro aqui dizem respeito aos processos de enunciação verbal ou não verbal, que não envolvem a tecnologia digital e hipertextual online, embora também sejam constituídos por outras tecnologias da escrita, que também afetam a tecnologia digital.

⁹⁶ Esta noção já foi aqui discutida, no Capítulo 1 desta Tese.

gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua materialidade (CHARTIER, 2002, p. 22-23).

A textualidade eletrônica instituída pelas novas tecnologias, sobretudo a partir do hipertexto online, também estabeleceu uma nova ordem discursiva, o discurso eletrônico (ORLANDI, 2010b). Portanto, a nosso ver, esse novo modo digital e hipertextual de enunciar é distinto da interlocução enunciativa que se dá em circunstâncias empíricas, fora do espaço virtual, embora este seja fortemente afetado pelo espaço empírico que o determina, como afirma Grigoletto (2011). Também concordamos com a autora, quando ela afirma que o virtual não rompe o vínculo com o espaço empírico, pois esse espaço produz determinações na constituição dos lugares sociais dos sujeitos. Mas o virtual, constituindo-se em uma formação discursiva – a FD da mídia virtual – tanto afeta a formação social, como também é afetada por ela e, assim, também produz determinações para o lugar social, a exemplo do nosso *corpus*, constituído do DDC inscrito no *ScienceBlogs Brasil*, cujo sujeito divulgador já ocupa o lugar social de cientista, mas, ao deslocar-se para o blog, passa também a ocupar o lugar social de *blogador*. Por isso, esse lugar social ressignificado é aqui denominado de cientista-blogador⁹⁷.

Voltando, porém, à interlocução discursiva, seu primeiro nível, que é a *interlocução enunciativa*, ocorre “num espaço e num tempo definidos, em uma situação específica, estando seus dois polos interlocutivos claramente determinados” (INDURSKY, 2013, p. 169). Já o espaço virtual, do ponto de vista da técnica, caracteriza-se por ser desterritorializado no espaço e tempo (LEVY, 1996), portanto, a enunciação nesse espaço se dá em circunstâncias de produção específicas, ou seja, é uma *enunciação digital*, já que a materialidade significativa digital torna-se uma nova instância no processo da interlocução discursiva que se dá no espaço virtual. A enunciação digital dos sistemas *online* é complexa e apresenta um funcionamento peculiar que afeta tanto o processo de escrita, como o de leitura, como sinaliza Rasia (2011):

O adentramento do sujeito de leitura e de escrita nos sistemas *on line* pode marcar a inauguração, sim, de uma nova ordem de discursos. Primeiramente, porque ler e escrever no ciberespaço desloca algumas questões, a começar pelo fato de que leitor e escritor jogam com a possibilidade de deslocamento identitário, a exemplo dos chats e blogs; também pela condição de responsividade direta, via postagens e comentários. E, acima de tudo, pela

⁹⁷ Já discutimos a questão do lugar social de cientista-blogador no capítulo anterior.

inscrição de uma ordem de movência, a partir do trânsito do sujeito entre o singular e o universal, não submetido a relações espaciais e/ou temporais.[...] A partir disso, pode-se pensar nos objetos de leitura e de escrita produzidos nos meios cibernéticos constituídos pelos sujeitos, mas também constitutivos desses (RASIA, 2011, p. 88).

Assim, ao pensar as colocações da autora na relação com nosso corpus, vale dizer que os sujeitos interlocutores constituem e são ao mesmo tempo constituídos pelo cenário de interlocução que se desenvolve no hipertexto online dos blogs. Ou seja, o sistema online dos blogs hospedados no *Sb.br* também se caracteriza pelo jogo da movência que se institui na responsividade de postagens e comentários, logo, pode construir novos efeitos no processo da interlocução discursiva, já que afeta o cenário enunciativo digital, como também o cenário discursivo, dois níveis interdependentes desse mesmo processo que se instauram simultaneamente.

Assim, em nosso corpus, vamos considerar esse *primeiro nível* da interlocução discursiva como uma **interlocução enunciativa digital**, que emerge do cenário enunciativo digital e envolve o locutor (representado pelo sujeito cientista-blogador), além do interlocutor coletivo (representado pelos leitores dos blogs); ao mesmo tempo, entra em cena a instância discursiva pelo cenário discursivo, mobilizado através do imaginário do sujeito do discurso, e assim se estabelece a **interlocução discursiva**, que constitui o segundo nível do processo (INDURSKY, 2013). Importa lembrar também que, entre esses dois níveis de interlocução – o enunciativo e o discursivo – funciona a *interação* do sujeito com a máquina, como sinaliza Grigoletto (2011).

Indursky (2013) esclarece que o nível da interlocução enunciativa opera com relações de caráter interpessoal, enquanto que, na segunda dimensão ou interlocução discursiva, a representação do sujeito discursivo chega a ser indeterminada, o que conduz à impessoalidade, pois a interlocução discursiva não implica a presença do interlocutor, nem sua representação clara e objetiva, mas mobiliza o sujeito do discurso. Tal indeterminação é, para a autora, um efeito construído no processo discursivo.

A interlocução enunciativa digital não se dá face a face, mas é mediada pelo computador e pode ser síncrona ou assíncrona, em uma nova relação espaço/tempo, o que afeta, por exemplo, a própria ideia de arquivo: [...] “a postagem faz o texto permanecer em arquivo, podendo ser acessado em qualquer tempo, como se o fato fosse simultâneo à leitura, e quando é costurado a outras postagens, provoca outros efeitos de sentido” (MITTMANN,

2010, p. 94). Isto pode ser verificado nos blogs, por exemplo, em que alguns posts permanecem disponíveis para acesso dos leitores por algum tempo, após sua publicação. Mas também se dá o contrário, alguns arquivos, como também os posts dos leitores, podem desaparecer do site repentinamente e o leitor perder a oportunidade da leitura, caso não salve o texto em seu computador ou imprima o material. Sobre esse aspecto, é oportuno ouvir Pernisa Júnior (2010, p. 42):

Não há uma certeza de que o que foi publicado vai perdurar por algum tempo.[...]Algo publicado em livro, revista, jornal, vídeo ou mesmo num meio digital como CD-ROM, terá uma duração que não é semelhante ao que está na rede. A possibilidade do suporte prevê o armazenamento e o resgate, enquanto que o que está na rede não necessariamente vai ser guardado e consultado posteriormente. Mesmo que isso seja feito, a natureza desse armazenamento é diferente daquela do suporte.

Ou seja, o suporte⁹⁸ no hipertexto online é cambiante, e isto afeta também o processo da interlocução. Por isso mesmo, conforme já salientado, pensamos o hipertexto como um **palimpsesto eletrônico**⁹⁹, um lugar de constantes tensões que se instauram pelos constantes movimentos de inscrição, apagamento e (re)inscrição de discursividades. Logo, é também um **palimpsesto discursivo**, já que o hipertexto tanto é um espaço onde se dá a cena enunciativa digital como também se torna o espaço da cena discursiva da interlocução.

Cabe, porém, ressaltar outros aspectos das condições de produção e circulação da *seção de comentários* do blog, onde ocorre a *conversação* online. O locutor-blogador se dirige a um interlocutor coletivo, que é o leitor internauta, especialmente ao leigo em ciência, que também ocupa um lugar específico na sociedade, e tem de se inscrever no espaço virtual para enunciar. Temos, portanto, **a cena enunciativa digital** instituída no espaço virtual dos blogs, em uma dimensão desterritorializada¹⁰⁰ no tempo/espaço, que é o cenário enunciativo digital, mas também definida, de certo modo, pelo endereço do site na internet e pela data das postagens.

Após cada postagem publicada no blog, aparece, no final, o link para a seção de **Discussão**, da qual o leitor poderá participar através de seus comentários, desde que registre

⁹⁸ Já discutimos a questão do suporte no hipertexto online, como também sobre outras características específicas do seu funcionamento.

⁹⁹ Discutimos o hipertexto como *palimpsesto eletrônico* no capítulo I desta tese.

¹⁰⁰ A desterritorialização de que falamos é a que se opera apenas do ponto de vista da técnica, pois assumimos o espaço virtual como um lugar de novas reterritorializações, como postulamos no capítulo I desta tese.

ali seu nome¹⁰¹ e email. No entanto, esse comentário poderá ser publicado ou não, como também pode ser editado ou até excluído após a publicação. Ou seja, funciona aí o que é denominado tecnicamente como *moderação*, que consiste em uma *filtragem* – tanto dos sujeitos, como dos seus respectivos comentários – do que *pode* e *deve* ser publicado no blog, além de possibilitar a *edição* desse material recebido. Logicamente, a moderação dos comentários já implica um gesto de interpretação e pode determinar posicionamentos diversos, inclusive o de silenciar os sentidos. Para efetuar a moderação, há uma ferramenta no blog que permite a configuração da recepção e filtragem dos comentários, além da possibilidade de edição, como mostram as **Figuras 12 e 13**¹⁰²:

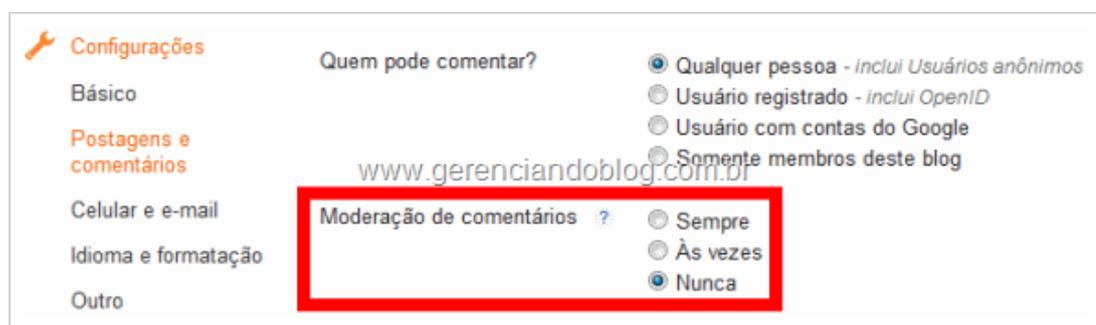


Figura 12 – Ferramenta para configurar a moderação de comentários



Figura 13 - Configuração da moderação de comentários

¹⁰¹ Esse nome pode ser um pseudônimo, mas ainda assim o nome deve ser registrado no blog para fins de publicação do respectivo comentário.

¹⁰² Disponível em: < <http://www.gerencianodoblog.com.br>>. Acesso em 10/07/2014.

Conforme apontam as **Figuras 12 e 13**, os comentários sofrem um gerenciamento técnico, mas, sobretudo, um *gerenciamento discursivo*, visto que a leitura pode ser *interditada*, pois os comentários aguardam moderação antes da publicação, sendo que esta nem sempre acontece. Por essa razão, consideramos neste estudo a *moderação* também como um **lugar discursivo**, a partir do qual o sujeito cientista-blogador pode ocupar distintas posições-sujeito. Sendo assim, a moderação dos comentários nos leva a ratificar, mais uma vez, a visão do ciberespaço e dos blogs, em nosso caso o *ScienceBlogs Brasil*, como um lugar de (re)territorializações do virtual, um lugar gerenciado e controlado pelas relações de poder instituídas nesse território.

O sujeito blogador – pelo viés do lugar discursivo de **moderador da leitura** – se inscreve também na seção de comentários para fazer considerações acerca das colocações do leitor, no intuito de prestar esclarecimentos adicionais sobre o conteúdo do post, responder questionamentos ou ignorá-los; sinalizar concordância ou não com os posicionamentos do leitor, além de editar, não publicar ou deletar comentários já publicados.

Mas, além do leitor leigo, o blog é ainda frequentado por leitores cientistas, sejam eles blogadores ou não. Temos observado que, em algumas postagens, a interlocução se estabelece apenas entre os próprios cientistas e blogadores do Sb.br, além de pesquisadores e leitores do círculo acadêmico, e isto configura o DDC do Sb.br como um espaço de segregação.

Por outro lado, frequentemente instaura-se uma interlocução *paralela* e concomitante – de maneira muito forte – entre os próprios leitores que se “encontram” casualmente na seção de comentários dos blogs, leem os comentários uns dos outros, comentam e também escrevem novos comentários. A interlocução instituída apenas entre os leitores tem raríssima participação do blogador, o que já aponta para um deslocamento, já que, *a priori*, a seção de comentários destina-se a uma interlocução do leitor internauta – especialmente o leitor leigo em ciência – com o blogador. São, pois, muitos os fios e nós que se enredam nessa trama discursiva.

Apresentamos, a seguir, as figuras **14 e 15**¹⁰³, no intuito de elucidar o funcionamento da **interlocução discursiva** no DDC do *ScienceBlogs Brasil*:

¹⁰³ Elaboradas pela autora.

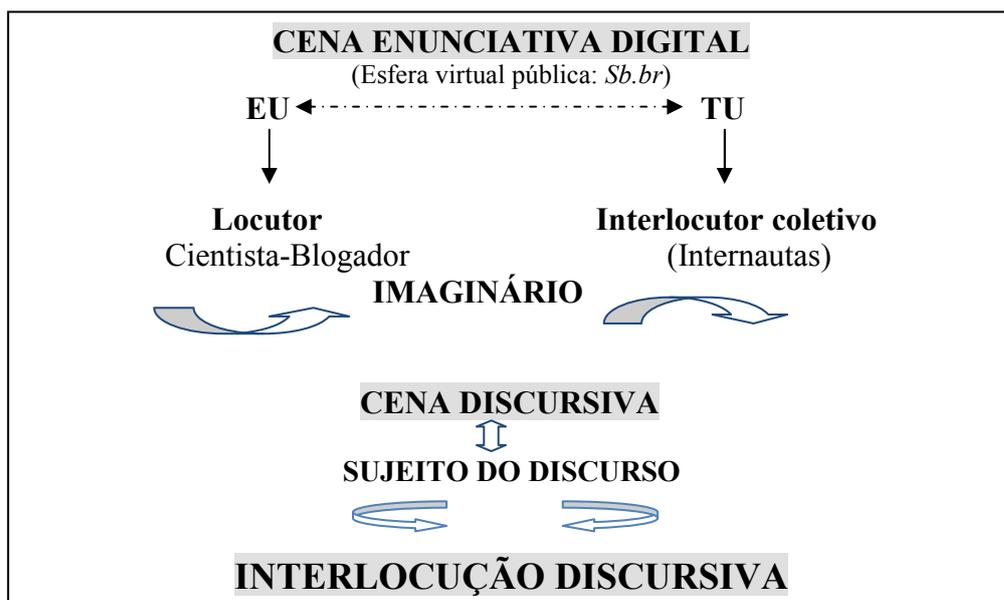


Figura 14 – Processo de Interlocação discursiva no *ScienceBlogs Brasil*

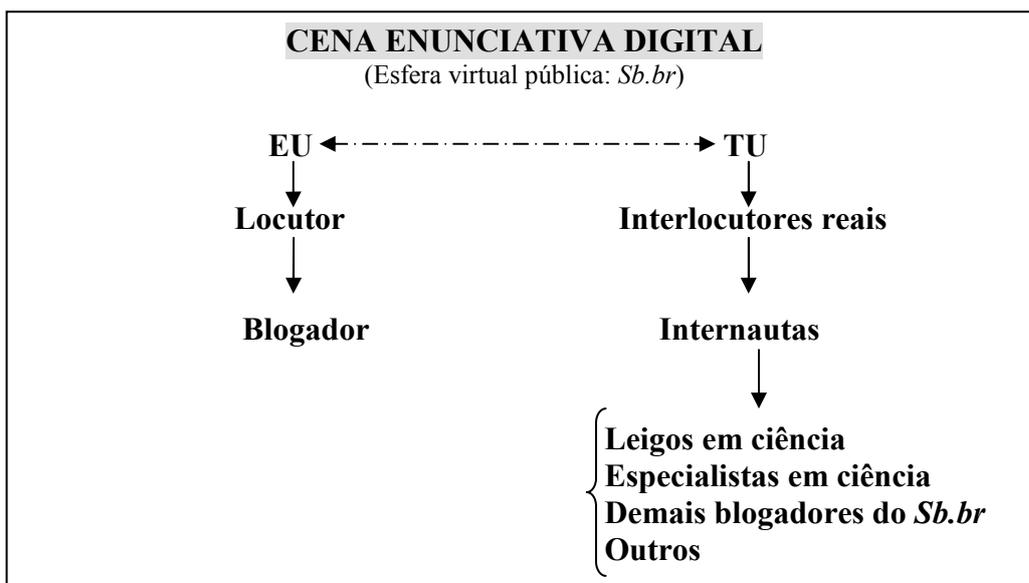


Figura 15 – Cena Enunciativa Digital (primeiro nível da *interlocação discursiva*)

5.2 A interlocação discursiva e a subjetivação dos leitores no DDC do *ScienceBlogs Brasil*

Buscamos compreender a relação do sujeito leitor com o efeito-leitor constituído no discurso, bem como verificar as diversas posições-sujeito assumidas pelo sujeito leitor no

discurso do *Sb.br*, intrinsecamente ao lugar discursivo de **autor** que este assume na trama da interlocução discursiva.

Para iniciar a análise do processo de interlocução discursiva, antes de apresentar os recortes dos comentários dos leitores, mostramos um dos posts comentados, cujo título é: *O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019*, publicado no blog **RNA**, em 28/08/2009.

O post integra a *blogagem coletiva* denominada “*O fim do mundo*”, fruto de um caça-paraquedismo¹⁰⁴ realizado pelos blogadores do *ScienceBlogs Brasil*. O post constitui a sequência discursiva nº 1 (SD1) que integra o **Bloco III - Recorte I - domínio discursivo 2**, constituído de posts de divulgação científica propriamente dita.

BLOCO III - RECORTE I – DOMÍNIO 2 – POSTS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (SDs 1 a 7¹⁰⁵)

SD1 O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019.

Nada de fim do mundo Maia em 2012, ou na virada do século novamente. Nada de Nostradamus ou São Malaquias. Nada de borra de café, tarot ou Oráculo de Delphi. Nada de pólos da Terra se invertendo ou meteoros e planetas assassinos como o Hercólobus. Isso é coisa do passado. O novo futuro é 2019. Aqui o mundo como conhecemos irá acabar. Em uma revelação feita a mim cheguei a este ano cabalístico. Mas o profeta não sou eu, sou apenas um mensageiro. Os verdadeiros profetas são os gurus científicos de nosso tempo. Eu apenas percebi os padrões e o significado de suas previsões. Tudo se encaixa perfeitamente. Todos eles prevêem que suas idéias terão aplicação prática para daqui o mesmo tempo: 10 anos! **O guru criador de vidas - Craig Venter**, o paladino solitário da biologia atual, do alto de suas empresas ele vislumbra o futuro da biologia sintética: criar vida e editá-la como bem entender. Com seu cajado, em dez anos fará brotar combustível refinado de algas em biorreatores e que capturam o carbono do ar. Pode ser o fim dos problemas energéticos. Um admirável mundo novo.

Levanta-te e anda – Miguel Nicolelis, o Antônio Conselheiro de Natal, traz consigo o conhecimento de terras estrangeiras para desenvolver a interação mente-máquina, e assim, permitir que membros paralisados possuam próteses que entendam os comandos do cérebro para se movimentar. É um milagre.

De 2019 não passarás – Gordon Moore, o verdadeiro profeta. Previu, com boa precisão, toda revolução tecnológica gerada pela computação ao nos dar a Lei. A Lei de Moore diz “a cada ano, a capacidade de processamento do microprocessador – o chip – irá dobrar, e também os preços despencarão. Palavra de Moore”. Dito e feito. Mas o limite chegará em 2019. Moore fez nova previsão: que em dez anos atingir-se-á o limite atômico da miniaturização. Mas nem tudo está perdido, pois poderemos desenvolver maneiras mais otimizadas e criativas de usar os miniprocessadores do futuro.

¹⁰⁴ Remetemos o leitor ao capítulo IV desta Tese, no qual já discorremos sobre a blogagem coletiva e sobre a atividade do caça-paraquedismo, sendo que usamos esse mesmo post na análise.

¹⁰⁵ A fim de analisar a interlocução discursiva neste capítulo, selecionamos sete posts comentados que constituem o Recorte I do Bloco III, do Domínio 2, ou seja, posts de Divulgação Científica propriamente dita.

Pode não ser o fim, e os maias têm que estar errados para passarmos de 2012 e chegarmos lá em 2019. Mas uma coisa é certa: cada vez que damos um passo o mundo sai do lugar, e um novo mundo é o fim do mundo velho.

A **SD1** institui o processo de interlocução discursiva, que se desdobra em dois níveis que entram em operação simultânea: a *interlocução enunciativa digital* e a *interlocução discursiva*. Na primeira instância, o locutor (blogador) do blog **RNA**m se dirige a um interlocutor coletivo, constituído pelos internautas. Na verdade, ele se dirige ao internauta paraquedista, aquele que é *caçado* pelo caça-paraquedista, como mostra a **SD2 (Bloco III – Recorte I – Domínio 2)**:

SD2 Entrei na blogagem coletiva do Fim do Mundo um pouquinho adiantado, escrevi o texto em 2009! [Veja ele aqui](#). Foi uma memorável caça a paraquedistas, que é nada mais que um estilo malandro de atrair a atenção das pessoas pelos buscadores, como o Google, procurando temas que estão na moda.

Em se tratando do **nível de interlocução enunciativa digital**, a função de *locutor* é assumida tanto pelo blogador ao postar seu texto, quanto pelos leitores internautas, através de seus comentários no blog, momento em que se opera a interação homem/máquina. Nesse nível, a seção de comentários dos blogs torna-se *potencialmente* um lugar de revezamento de papéis entre os interlocutores. Na *cena enunciativa digital*, tanto o locutor quanto o interlocutor ocupam lugares sociais distintos e, do ponto de vista empírico, podem ser representados de maneira mais determinada, embora desterritorializados no espaço/tempo, já que se trata de uma interlocução enunciativa digital, portanto, em uma ambiência *ciberespacial*, que é o blog do *Sb.br*.

No entanto, na **interlocução discursiva**, o sujeito do discurso e o *outro* interpelado podem apresentar-se de modo indeterminado, pois a interlocução não é determinada pelo espaço/tempo nem mobiliza a presença física – ou mesmo virtual – dos interlocutores, mas “remete para o *cenário discursivo* que não possui materialidade física e que é mobilizado pelo imaginário social do sujeito do discurso” (INDURSKY, 2013, p. 168, grifos da autora). Assim, apesar de termos muitos blogadores na cena enunciativa, na cena discursiva temos apenas *um sujeito do discurso*, posto que “o locutor exerce individualmente a palavra, enquanto o sujeito do discurso o faz como sujeito social, pelo viés da prática discursiva” (INDURSKY, 2013, p. 170).

O sujeito do discurso é afetado por uma ou mais FDs, considerando que, na interlocução discursiva, o que funciona é “uma *interlocução entre sujeitos de discursos dispersos em espaços discursivos diferentes, possivelmente podendo ser afetados por FD igualmente diversas*” (INDURSKY, 2013, p. 170, grifos da autora). Dessa maneira, o sujeito do discurso do Sb.br é afetado pela FD da ciência, pela FD da divulgação científica e pela FD da mídia virtual, as quais são reguladas pela forma-sujeito da formação social capitalista.

Na dimensão discursiva, a interlocução é opacificada e não é espacialmente determinada, já que o cenário discursivo não se materializa fisicamente, mas é mobilizado pelo imaginário social do sujeito do discurso (INDURSKY, 2013). O interlocutor, que diz respeito ao TU em nível da interlocução enunciativa digital, é mobilizado na interlocução discursiva – apenas “como *mediador* para interpelar o *outro* que se institui como seu destinatário na cena discursiva” (INDURSKY, 2013, p. 171). Segundo Indursky (2013), a análise do processo de interlocução discursiva mobiliza a análise dos modos de representação do sujeito do discurso e do outro.

Ao instaurar a cena discursiva, o sujeito do discurso do Sb.br busca interpelar o *outro* como seu destinatário, o qual, imaginariamente não é um cientista, não está familiarizado com as questões e assuntos científicos, logo é necessário utilizar um artifício para atraí-lo ao blog de DC. Nesse processo, o sujeito do DDC produz um efeito de distanciamento do discurso científico, ao mesmo tempo em que produz um efeito de aproximação ao lugar do seu destinatário, como afirma Orlandi (2004b, p. 135) “a ciência sai de si, sai do seu próprio meio para ocupar um lugar social e histórico no cotidiano do sujeito”. No *Sb.br*, este efeito simultâneo de distanciamento da ciência e de aproximação do leitor se realiza pelo viés do blog – que carrega traços históricos de diário pessoal e se caracteriza pela informalidade da linguagem e pelo uso de elementos do discurso do cotidiano.

Na **SD1 (Bloco III – Recorte I – Domínio 2)**, por exemplo, o sujeito mobiliza elementos do imaginário religioso e místico que se inscrevem no enunciado sobre o “*Fim do mundo*”, a fim de trazer o leitor ao blog de DC. Convém ressaltar que a noção de *enunciado* ao qual nos reportamos diz respeito ao enunciado discursivo, resultante da releitura de Courtine ([1981] 2009) sobre as noções foucaultiana de *enunciado* e *formulação*. Courtine, citando Foucault (1969), afirma que o enunciado se inscreve numa rede de formulações como “um nó em uma rede”. Para Courtine, os enunciados (E) constituem “os elementos do saber próprio a uma FD. Conceberemos o enunciado como uma forma ou um esquema geral que

governa a repetibilidade no seio de uma rede de formulações (R[e])” (COURTINE, [1981]2009, p. 100). De acordo com o pensamento do autor, o enunciado [E] é da ordem do repetível, do nível vertical interdiscursivo, enquanto que a formulação [e] é uma reformulação possível do enunciado [E] e marca a presença do enunciado no intradiscurso da sequência discursiva do domínio de uma FD, na qual o enunciado é um elemento do saber.

A partir das colocações de Courtine ([1981] 2009), concluímos que o enunciado sobre o *Fim do mundo* é um elemento do saber da FD religiosa cristã, porém sua repetibilidade se institui primeiramente na FD da religião Maia, havendo aí um deslocamento de sentidos: “O fim do mundo será em 2012”; no DDC do Sb.br, essa repetibilidade se estabelece com alguns deslizamentos de sentidos, já que o “fim do mundo” na perspectiva científica não tem o sentido do “julgamento final” da humanidade, e também tem uma data específica para acontecer, que é o ano 2019, uma data que também não coincide com aquela prevista na suposta profecia Maia (ano 2012). E, conforme a FD religiosa cristã, o fim virá, mas nenhum ser humano está autorizado a marcar uma data, sendo que esta se restringe absolutamente à autoridade divina. E assim, a memória do enunciado sobre o *Fim do mundo* da FD religiosa cristã vai reverberar no discurso da religião Maia e no DDC do Sb.br com distintos efeitos de sentidos. É uma repetibilidade que se instaura com reformulações, ressignificando os sentidos já ditos. Segundo Indurky (2011a):

Se tais deslizamentos são da ordem do discursivo, já não é mais suficiente pretender encontrar o sentido comportadamente circunscrito ao interior de uma matriz de sentido. Faz-se necessário perceber que os sentidos, pelo trabalho que se instaura sobre a Forma-Sujeito, podem atravessar as fronteiras da FD onde se encontram, e deslizarem para outra FD, inscrevendo-se, por conseguinte, em outra matriz de sentido. Ao migrarem, esses sentidos passam a ser determinados por outras relações com a ideologia. Essa movimentação nas filiações de sentidos só é possível porque, ao migrarem, esses sentidos se ressignificam (INDURKY, 2011a, p. 70, grifo da autora).

Isto é o que ocorre na **SD1**: um processo de ressignificação do enunciado sobre o *Fim do mundo*. Convém lembrar que os ecos da memória inscrita neste enunciado já estavam ressoando no discurso da mídia em geral e no discurso do cotidiano, graças à suposta “profecia maia¹⁰⁶”, segundo a qual o mundo teria seu fim no ano de 2012.

¹⁰⁶ Os povos Maias - antiga civilização pré-colombiana - habitaram as [florestas](#) tropicais, atualmente localizadas nas regiões da Guatemala, Honduras e [Península de Yucatán](#) (México).

No enunciado sobre o *fim do mundo* se inscreve um sentido de *medo*, um sentido historicamente determinado, um já-dito do discurso religioso, que é reinscrito no discurso de divulgação científica virtual, mas agora, sob outro efeito de sentido. Tal funcionamento discursivo atesta a tese de Pêcheux, segundo a qual:

As palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.[...] Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. [...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva (PÊCHEUX, 2009, p. 146, 147, 148, grifos do autor).

Assim, o *medo* do fim do mundo, ao movimentar-se para a FD da divulgação científica, adquire um sentido *comercial*, na medida em que é explorado como *gancho* na busca pelo crescimento da audiência, isto é, por mais acessos dos leitores aos blogs. E, como já vimos na discussão sobre blogs, o maior número de acessos dos leitores rende mais lucros aos administradores dos blogs.¹⁰⁷

O confronto de sentidos que se instaura em relação ao discurso sobre o *fim do mundo* é um confronto de posições ideológicas sustentadas pelas distintas FDs, onde se instituem os discursos. Na FD religiosa, o discurso do *fim do mundo* produz um efeito de sentido de *medo* do julgamento final, porém, na FD do DDC do Sb.br, esse *medo* se transforma em estratégia de marketing, produzindo o efeito de espetáculo, regido pela ideologia da dominação. Baierl (2004) aborda o medo social como um constructo de dominação:

O medo social é um medo construído socialmente, com o fim último de submeter pessoas e coletividades inteiras a interesses próprios e de grupos, e tem sua gênese na própria dinâmica da sociedade. Medo produzido e constituído em determinados contextos sociais e individuais, por determinados grupos ou pessoas, com vistas a atingir determinados grupos ou pessoas, com vistas a atingir determinados *objetivos de subjugar, dominar e controlar o outro*, e grupos através da *intimidação e coerção*. Esse medo leva determinadas coletividades territorializadas e determinados

¹⁰⁷ Vide capítulo I desta tese, no item que trata de blogs e blogosfera.

espaços a temer tal ameaça advinda desses grupos (BAIERL, 2004, p. 48, grifos meus).

Na perspectiva da AD, o medo pode ser considerado como uma construção discursiva, na qual subjaz a ideologia da dominação.

Há, portanto, um jogo de interesses comerciais funcionando na opacidade desse discurso, pois o leitor é *caçado* para cair de paraquedas no blog, não para ter mais acesso aos arquivos da ciência, e sim para contar pontos na audiência dos blogs, com vistas ao lucro financeiro, e a ciência que aí se oferece é apenas uma ciência-mercadoria. Marcondes Filho (1989, p. 78), ao ponderar sobre o aspecto mercadológico da notícia, a considera como “o grau mais radical da mercantilização da informação: tudo o que se vende é *aparência* e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver” (grifo meu). Da mesma forma, sob a evidência de se divulgar a ciência, o DDC do Sb.br, conforme vislumbramos na **SD1 (Bloco III – Recorte I – Domínio 2)**, produz um **efeito de espetáculo**, na divulgação da ciência, a qual se funda na aparência, na caricatura.

De acordo com Debord (2003), a mercadoria é considerada um importante elemento no cenário do espetáculo:

Neste movimento essencial do espetáculo, que consiste em ingerir tudo o que existe na atividade humana em *estado fluido* para depois vomitá-lo em estado coagulado, para que as coisas assumam seu valor exclusivamente pela formulação em negativo do valor vivido, nós reconhecemos a nossa velha inimiga que embora pareça trivial à primeira vista é intensamente complexa e cheia de sutilezas metafísicas, a *mercadoria*. É pelo *princípio do fetichismo da mercadoria*, que a sociedade sendo dominada por “coisas supra-sensíveis embora sensíveis”, que o *espetáculo se realiza* absolutamente.[...]O mundo ao mesmo tempo presente e ausente que o espetáculo apresenta é o mundo da *mercadoria dominando tudo o que é vivido*. [...] (DEBORD, 2003, p. 28-29, grifos meus).

Sendo assim, a mercadoria no DDC do Sb.br é a própria ciência divulgada, ou melhor, comercializada. E o efeito-espetáculo do *caça-paraquedismo* nada mais é do que a técnica conhecida como *gancho-frio*¹⁰⁸, bastante utilizada no jornalismo e na publicidade como estratégia de marketing para atrair e “agarrar” o leitor. Conforme essa técnica, a mensagem deve ter **mais atração** e exigir **menos esforço** cognitivo do destinatário, colocando, assim, o *meio* em maior proeminência em relação ao conteúdo, ou seja, “o meio é a mensagem”

¹⁰⁸ A estratégia do *gancho-frio* é citada por M. McLuhan (1964, apud CASTELLS, 2005), em sua teoria sobre a “temperatura” da comunicação.

(McLUHAN, 1964, apud CASTELLS, 2005). Esta é a lógica da cultura midiática do espetáculo, que, segundo Kelner (2001), é um modelo cultural de produção em massa e para as massas:

A cultura da mídia é industrial; organiza-se com base no modelo de produção em massa e é produzida para a massa de acordo com tipos (gêneros), segundo fórmulas, códigos e normas convencionais. É, portanto, uma forma de cultura comercial, e seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital. *A cultura da mídia almeja grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais [...]* (KELNER, 2001, p. 9, grifos meus)

A textualização do DDC do Sb.br é, portanto, guiada pelo efeito-leitor analfabeto em ciência, um efeito que representa as massas da população, por isso a ciência que lhe é oferecida tem um efeito de ciência-massificada, espetacularizada, mercadológica. A partir desse efeito-leitor, projeta-se também para o leitor a posição-sujeito de *consumidor* da ciência-mercadoria, apenas um expectador passivo da ciência massificada que consiste apenas em informações atrativas e espetaculosas para as massas, que continuam excluídas do processo de construção da ciência.

No entanto, o nosso foco agora se volta para o leitor, importa ouvir a sua voz no processo de interlocução discursiva a fim de verificar em que medida se instaura (ou não) a adesão ao efeito-leitor analfabeto-científico e à posição-sujeito projetada para ele nesse discurso, que, como vimos no capítulo IV, é a posição-sujeito de consumidor de informações científicas.

Vejamos então essa primeira seção de comentários no conjunto de sequências discursivas que segue:

BLOCO IV¹⁰⁹ - RECORTE I – DOMÍNIO 3 - SEÇÃO DE COMENTÁRIOS¹¹⁰ (SDs 1 a 10)

SD1 E.7 de agosto de 2010 às 8:55 – “a quem inventou essa farsa vai aki meu aviso... nem o filho de Deus sabera qd o mundo ira acabar ,mais vou deixar uma frase bem otimista... vijiai e orai pq nao saberas nem o dia nem a hora que ele vira para nos buscar , portanto , cre somente em Deus , homens de pouca feh!!!!!!”

¹⁰⁹ O Bloco IV foi constituído de sete recortes de posts da Seção de Comentários dos posts apresentados no Bloco III.

¹¹⁰ Em vista do elevado número de comentários desse post (225), elegemos apenas alguns que consideramos mais relevantes para os propósitos desta análise.

- SD2** GTB 31 de agosto de 2009 às 19:08 –“Não aguento mais, estão sempre criando uma data para o mundo acabar.Primeiro em 2000, Depois 2006, depois 2012 e agora 2019? aff, não aguento mais isso, só criam essas datas para dar medo as pessoas.”
- SD3** L.22 de outubro de 2009 às 17:47 –“Sinceramente .. aff Uma matéria exibida no programa “Fantástico” revelou que o mundo não ia acabar em 2012,nem em 2019 nem nada, seria daqui a muito tempo, maio ou menos, uns 5 bilhões de anos...”
- SD4** C. 24 de novembro de 2009 às 23:11-“Creio eu que o fim do mundo e a extinção da raça humana só Deus o todo poderoso sabe ,por que esta escrito que nem mesmo Jesus Cristo que esta a destra do pai sabe o dia do grande juizo final,também esta escrito que dia como aquele nunca houve e nunca havera na face da terra.”
- SD5** S. 19 de dezembro de 2009 às 0:09- “fico imaginando se um cidadão desses que considera esses cientistas algo comparavel ou melhor que os profetas pode ter alguma ideia propria, rsrs a ciencia e isso ai , armas radiação nenhuma moral e sempre a serviço dos donos do mundo que nos obrigam a ter essa coisa chamada ciencia como o deus e o diabo e nada mais,lamentável”
- SD6** A. 28 de dezembro de 2009 às 13:40-“não sei se vai acabar em 2012 mais este cara só colocou 2019 porque a população estava entrando em pânico algumas pessoas bancaram suicídio por isso que colocaram 2019 mais prestem atenção se acabar em 2012 aproveitem mais a sua vida suas familias e amigos e se não acabar voce vai ver que as pessoas que voce ama é importante pra voce!
- SD7** R. 27 de janeiro de 2010 às 13:54
quem es tu para prever nada nem o seu tal profeta e sim só apenas um Jesus o Rei dos reis o Senhor dos senhores vc não sabe se estára vivo depois de apenas uma letra que sai da sua boca vc não sabe quanto tempo podeis viver mas o criador saber até qui hora deve durar o seu folego portanto meu querido naõ sonha com o amanhã porque ninguem saberá o que trazeirá a luz olhai em sua volta o que ver sonhos ou realidades existe um pai celestial criador de todas as coisas inclusive vc não pense que seu conhecimento e tudo porque o mesmo foi Deus que limitou ler as escritura e veras como de fato e profecias que realmente estamos perto do fim orai e vigiai porque não saberá o dia da volta do filho do homem.
- SD8** F.C. 20 de setembro de 2011 às 15:33
Meus caros amigos chamo-me fabio e sou padre, em 2012 nao haverá nada e em 2019 tambem nao, o que voçes estao lendo é apenas um texto de um impostor que pensa saber tudo, primeiro, novo mundo nao é este é o ceu chamado de nova cidade de jerusalem, 2 so Deus pai sabe. Deixo aqui bem claro todo aquele que dizer o momento do fim ou mudança do mundo é trata so Deus pai sabe nem o filho do homem nem os anjos do ceu tudo o que voçes estao lendo sobre 2012 e 2019 é MENTIRA, nao acreditem em o que leem na net é tretas e o novo mundo como disse é o ceu onde todos nos nos iremos conhecer e onde nao haverá oceanos a nos separar

[RESPOSTA DO BLOGUEIRO À SD8]¹¹¹

Padre, que tal ler o post antes de comentar.

Perceberam que eu não estou falando do fim do mundo de fato?

Repito: LEIAM O POST ANTES DE COMENTAR!!!

¹¹¹ Usaremos sempre os colchetes na réplica do blogueiro para estabelecer uma distinção com a fala dos leitores comentaristas.

SD9 Anônimo com orgulho - 17 de outubro de 2011 às 11:31 [editado por **Rafael_RNA**m] Cara vocês não sabe de nada, fala que é pra acabar 2012 e agora 2019? Vocês tá fazendo isso pra botar medo nas pessoas né? tomara que você fica no inferno seus mentiroso do [carvalho], ainda essa [flôr] é um Blogs se fosse um site eu até acreditaria mais blog sempre tem [coisas fantásticas], só entrei aqui mesmo pra xingar mesmo ficar mentindo

[RESPOSTA DO BLOGUEIRO À SD9] - 18 de outubro de 2011 às 14:20
Anônimo com orgulho: além de mal educado vc é analfabeto funcional? Leia o texto antes de comentar.

SD10 A.K.M.- 10 de maio de 2010 às 12:50

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1023119-15605,00.html>

aqui diz tudo, e diz inclusive que não tem como o mundo acabar em 2012 e não tem data marcada, o mundo não vai acabar assim, ele vai acabar com o sol que vai inchar e virar uma gigante bola vermelha que vai comer todos os planetas próximos inclusive o nosso, isso será daqui 5 bilhões de anos e da tempo de fazer um bucado de coisas...

Em termos de **interlocução enunciativa digital**, notamos que o leitor também assume a função de locutor, portanto, institui-se o revezamento entre os papéis de locutor (EU)/interlocutor/(TU), mas convém assinalar que a locução do leitor é controlada, pode sofrer cortes, ser editada pelo sujeito blogador, como podemos conferir na **SD9**.

Quanto à interlocução discursiva, que se articula e depende diretamente da cena enunciativa digital, se instaura pelo viés da cena discursiva, cujo cenário não possui materialidade física, mas é mobilizado pelo imaginário social do sujeito do discurso. Nas sequências discursivas das postagens dos leitores, pode-se constatar uma interlocução constituída de sujeitos discursivos dispersos, que ocupam distintos lugares sociais e discursivos, afetados por distintas FDs que se confrontam no próprio discurso dos leitores, como também com os saberes da FD da divulgação científica virtual.

Podemos dividir as SDs constituídas pelos comentários dos leitores (**Bloco IV/Recorte I/Domínio 3**) em *três famílias parafrásticas* de sentidos, a saber:

- a) **família parafrástica 1** – *o fim do mundo pela perspectiva cristã;*
- b) **família parafrástica 2** – *o fim do mundo pela perspectiva da mídia televisiva;*
- c) **família parafrástica 3** – *o fim do mundo não existe, é uma construção social do medo.*

Vamos caracterizar essas famílias parafrásticas em *três cenas* distintas, mas que compõem juntamente a interlocução discursiva instaurada pelo **recorte I do Bloco IV, do**

domínio 3¹¹². Conforme as filiações de sentidos, podemos identificar os lugares discursivos, as posições-sujeito e a adesão ou não do leitor comentarista ao efeito-leitor instituído no discurso do ScienceBlogs Brasil.

Nas três **famílias parafrásticas** identificadas no discurso dos leitores sobre o *fim do mundo*, o sujeito do discurso ocupa o lugar discursivo de *autor*, ao inscrever seu dizer nos comentários sobre o DDC.

A atualização do enunciado sobre o *fim do mundo*, no post reproduzido na **SD1 (Bloco III – Recorte I - Domínio 2)**, produziu um forte efeito de memória da FD religiosa, uma FD hegemônica no discurso dos leitores, conforme podemos conferir nos fragmentos das seguintes sequências discursivas:

Cena I (*família parafrástica 1*)

Identificação com os saberes da FD religiosa cristã

SD1: “a quem inventou essa farsa vai aki meu aviso... nem o filho de Deus sabera qd o mundo ira acabar [...]”;

SD4 “Creio eu que o fim do mundo e a extinção da raça humana só Deus o todo poderoso sabe [...]”;

SD5 “fico imaginando se um cidadão desses que considera esses cientistas algo comparável ou melhor que os profetas pode ter alguma ideia própria [...]”;

SD7 “quem es tu para prever nada nem o seu tal profeta e sim só apenas um Jesus o Rei dos reis o Senhor dos senhores [...]”;

SD8 “Meus caros amigos chamo-me fabio e sou padre, em 2012 nao haverá nada e em 2019 tambem nao, o que voçes estao lendo é apenas um texto de um impostor que pensa saber tudo[...]Deixo aqui bem claro todo aquele que dizer o momento do fim ou mudança do mundo é trata so Deus pai sabe nem o filho do homem nem os anjos do ceu tudo o que voces estao lendo sobre 2012 e 2019 é MENTIRA”;

Na **cena I**, as **SDs** se alinham em uma mesma **família parafrástica**, que se identifica com os saberes da FD religiosa cristã. Como já salientado, o sujeito leitor, nesta cena discursiva, assume o lugar discursivo de autor pelo viés dos comentários, e interpelado pela FD religiosa cristã, mobiliza gestos de adesão aos saberes desta FD, segundo os quais o *fim do mundo* é um assunto da exclusiva autoridade divina e, sendo assim, nenhum mortal pode marcar a data para esse evento.

¹¹² O *Domínio 3* consiste dos comentários dos leitores dos blogs.

Observa-se que o sujeito-leitor, ao antecipar as imagens da ciência e do cientista-divulgador, blogador, não reconhece o discurso científico como um lugar legítimo para se falar sobre o *fim do mundo*, como também não reconhece o discurso sobre o fim do mundo como um dizer da ciência, apesar dos esforços do blogador em usar elementos do discurso religioso para textualizar o DDC, como aponta a **SD1**:

Mas o profeta não sou eu, sou apenas um mensageiro. Os verdadeiros profetas são os gurus científicos de nosso tempo. Eu apenas percebi os os padrões e o significado de suas previsões. Tudo se encaixa perfeitamente. Todos eles prevêem que suas idéias terão aplicação prática para daqui o mesmo tempo: 10 anos! (trechos da SD1 – **O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019.**)

Dessa forma, o sujeito leitor (*família parafrástica 1*), afetado pelo interdiscurso e pela memória, interpelado pela FD religiosa cristã, restringe esse dizer apenas a esta FD. Isto é bastante claro, por exemplo, na **SD7**: “quem es tu para prever nada nem o seu tal profeta e sim só apenas um Jesus o Rei dos reis o Senhor dos senhores [...]”;= Dá-se, pois, um confronto de sentidos das formações discursivas da ciência e da religião cristã.

Assim, o sujeito leitor ocupa uma posição-sujeito de **identificação com os saberes da FD religiosa** e, portanto, não adere à posição-sujeito projetada pelo discurso do blog. Dá-se pois um confronto entre o efeito-leitor instituído no discurso e o leitor do discurso dos comentários, o qual não reconhece a autoridade do cientista para tratar do tema do *fim do mundo* e, por essa razão, institui-se uma desidentificação com o discurso de divulgação científica do Sb.br.

O sujeito-leitor (*família parafrástica 1*), afetado pelo interdiscurso, produz outros efeitos de sentidos ao realizar a leitura do post, como o sentido de *heresia*. Dessa forma, o sentido científico atribuído ao enunciado sobre o “*fim do mundo*” passa a ser duramente combatido, como também o próprio blogador, que não é reconhecido como portador de uma autoridade para tratar do tema, tendo em vista que, historicamente, o *fim do mundo* é um dizer estritamente *limitado* ao domínio do discurso religioso, como fica claro na **SD7** e em todas as SDs da *família parafrástica 1*. Na verdade, o que funciona no discurso é a disputa dos saberes da FD religiosa e dos saberes da FD da *divulgação científica*.

Entretanto, a **SD8** nos chamou mais a atenção, visto que o sujeito leitor – que fala do lugar social de *Padre* – se reporta, na cena enunciativa digital, somente aos leitores

comentaristas do blog, mas, na cena discursiva, interpela o sujeito blogueiro pela mediação dos leitores comentaristas. Nesta cena discursiva, é possível vislumbrar que o discurso do leitor (**SD8**) é afetado pelo lugar social que ele ocupa, que é o de *Padre*. O gesto de publicizar esse lugar social já instaura algumas determinações para o discurso, tendo em vista que é um lugar investido de um imaginário social e de uma memória histórica que afeta também os sentidos. Vejamos então novamente a **SD8 (Bloco IV/Recorte I/Domínio 3)**:

“Meus caros amigos chamo-me fabio e sou padre, em 2012 nao haverá nada e em 2019 tambem nao, o que voces estao lendo é apenas um texto de um impostor que pensa saber tudo[...]Deixo aqui bem claro todo aquele que dizer o momento do fim ou mudança do mundo é trata so Deus pai sabe nem o filho do homem nem os anjos do ceu tudo o que voces estao lendo sobre 2012 e 2019 é MENTIRA [...]”.

Como podemos verificar, na **SD8**, o locutor se reporta, na cena enunciativa digital, apenas aos leitores comentaristas enquanto interlocutores, os quais imaginariamente são constituídos de fiéis da Igreja Católica: “Meus caros amigos” [...]; todavia, na cena discursiva, que se institui pelo viés do imaginário do lugar social ocupado pelo sujeito – lugar de padre, sacerdote católico, portanto, uma autoridade religiosa, um representante da FD religiosa católica –, o sujeito do discurso, pela mediação do sujeito leitor comentarista, também interpela o sujeito blogador do Sb.br como destinatário.

E assim, do lugar discursivo de autor, ocupa posições-sujeito contrastantes: na relação com o sujeito do discurso dos leitores comentaristas, sob a evidência de proteger o leitor, ele assume a posição-sujeito de **controlador da leitura**, conforme podemos conferir no seguinte trecho da **SD8**: “Meus caros amigos chamo-me fabio e **sou padre**, em 2012 nao haverá nada e em 2019 também não, o que voces estão lendo é apenas um texto de um **impostor** que pensa saber tudo[...]**Deixo aqui bem claro [...] tudo** o que voces estão lendo sobre 2012 e 2019 é **MENTIRA [..]**”. Pela memória discursiva, esse lugar social do sujeito está associado a um direito historicamente determinado de assumir a posição-sujeito de *controlador da leitura* dos fiéis no discurso religioso, e assim, esse mesmo posicionamento se repete agora no DDC.

Contudo, na relação estabelecida com o sujeito cientista-blogador – ausente na cena enunciativa digital dos comentários –, mas interpelado pela mediação do sujeito comentarista, o sujeito do discurso da **SD8** ocupa a posição-sujeito de desidentificação com os saberes da FD da divulgação científica, como também a posição-sujeito de detentor da verdade: “o que

voces estão lendo é apenas um texto de um **impostor** que pensa saber tudo[...]Deixo aqui bem claro [...] **tudo o que voces estão lendo sobre 2012 e 2019 é MENTIRA [...]**”.

Assim, o lugar social de padre confere ao sujeito a autoridade para falar como um autêntico representante da FD religiosa católica, ou seja, confere legitimação às posições-sujeito assumidas no discurso, como também reforça o efeito-leitor analfabeto. Segundo Pêcheux ([1973] 2011), o imaginário do lugar social determina distintas posições-sujeito. E, conforme Grigoletto (2005), o lugar social se constitui intrinsecamente ao lugar discursivo, que, nesse caso, é o de autor. Pelo viés da posição-sujeito de controlador da leitura, impõe-se a *leitura competente* que busca fixar um sentido pronto e único para a leitura, sob a evidência de “proteger” os leitores, construídos imaginariamente como incautos.

Portanto, no discurso dos leitores dos blogs do Sb.br, a tentativa de *interditar a leitura* pode ser feita não somente pelo blogador, mas também pelos próprios comentaristas do blog. Tal prática discursiva faz reverberar outros momentos históricos nos quais a leitura era bastante censurada, proibida, desautorizada.

Convém assinalar que o sujeito blogador também se institui na interlocução discursiva pelo viés dos comentários, não somente como interlocutor e destinatário, mas também como locutor – na instância da cena enunciativa – e como sujeito do discurso, na cena discursiva. Vejamos as ocorrências da participação do blogador na seção de comentários (**Cena I**):

Resposta do Blogador à SD8:

Padre, que tal ler o post antes de comentar. Perceberam que eu não estou falando do fim do mundo de fato? Repito: LEIAM O POST ANTES DE COMENTAR!!!

Resposta do Blogador à SD9 - 18 de outubro de 2011 às 14:20

Anônimo com orgulho: além de mal educado vc é analfabeto funcional? Leia o texto antes de comentar.

Ratificamos que o imaginário do lugar social determina as posições-sujeito e produz variados efeitos de sentidos na interlocução discursiva. Assim, o discurso do blogador (respostas às SDs 8 e 9) é afetado pelo imaginário dos lugares sociais de seus interlocutores, quais sejam, o lugar de *Padre* – sacerdote católico, religião hegemônica no Brasil (**SD8**); e o lugar de sem-nome – *Anônimo com orgulho* (**SD9**).

Mesmo tendo sido alvo de agressões verbais pelos dois interlocutores, o sujeito blogador, afetado pelo imaginário de seu próprio lugar social e pelo imaginário dos lugares

sociais de seus interlocutores, assume lugares discursivos e posições-sujeito diferenciadas, quais sejam: na relação com o sujeito da **SD8**, que ocupa o lugar social de **padre**, o sujeito blogueiro, do lugar discursivo de *moderador da leitura*, assume a posição-sujeito de *interlocutor* e se dirige ao sujeito padre para adverti-lo, mas o faz de maneira respeitável, atenuada: “Padre, que tal ler o post antes de comentar [...].”

Contudo, ao dirigir-se ao interlocutor denominado *Anônimo com orgulho (SD9)*, encontramos outras discursividades, outros efeitos produzidos pelo imaginário do não-lugar social do interlocutor, cujo texto foi editado pelo sujeito-blogueiro. Vejamos novamente a resposta do sujeito blogueiro à **SD9**: “Anônimo com orgulho: além de mal educado vc é analfabeto funcional? Leia o texto antes de comentar.” Na relação com o leitor *anônimo com orgulho*, o sujeito blogador também fala do lugar discursivo de *moderador da leitura*, mas, afetado pelo efeito-leitor analfabeto-científico, ocupa a posição-sujeito de *controlador da leitura*. Observemos que tanto na **SD8** quanto na **SD9** se inscreve um posicionamento de *desidentificação* com os sentidos do discurso do DDC, sendo que o blogador é agredido verbalmente pelo sujeito *Padre (SD8)* e pelo sujeito *Anônimo com orgulho (SD9)*. Todavia, o imaginário do lugar social dos interlocutores – lugar de Padre e lugar de Anônimo – interfere na produção dos sentidos do discurso do blogador, instituindo os efeitos de sentidos – respectivamente – *de atenuação e respeitabilidade* e o efeito de *desrespeito e desdém*.

Notemos que os dois interlocutores são interpelados a ler o texto antes de comentá-lo. Todavia, o imaginário dos lugares sociais dos sujeitos afeta o discurso, interferindo na produção dos sentidos. O lugar social de padre, historicamente, um lugar associado a sentidos de *poder e verdade*, produz um efeito de sentido de **autoridade** ao sujeito do discurso, enquanto que o imaginário do lugar social do *sem-nome* (anônimo) mobiliza um imaginário de “sem-prestígio”, sentidos historicamente associados aos sem-identidade, aos *analfabetos e mal-educados* ou sem-educação, sem-leituras. E assim o leitor *sem-nome* é excluído do DDC do blog e tem sua leitura *interditada*.

Retomando, porém, os comentários da **SD1**, vejamos como se institui a *cena II*, cujas **SDs** formam a **família parafrástica 2** e se alinham aos saberes da *FD da mídia televisiva*. Logo, essa família parafrástica, além de estabelecer confrontos com os saberes da *FD da divulgação científica*, não se filiam aos sentidos estabelecidos pela *FD religiosa*.

Cena II (família parafrástica 2)
Identificação com os saberes da FD da mídia televisiva

SD3 “Sinceramente .. aff Uma matéria exibida no programa “Fantástico” revelou que o mundo não ia acabar em 2012,nem em 2019 nem nada, seria daqui a muito tempo, mais ou menos, uns 5 bilhões de anos...

SD10 “<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,MUL1023119-15605,00.html> aqui diz tudo, e diz inclusive que não tem como o mundo acabar em 2012 e não tem data marcada, o mundo não vai acabar assim”.

Nas **SDs 3 e 10**, o sujeito do discurso é interpelado pela FD da mídia televisiva, com a qual se identifica. Nesse discurso, o sujeito não nega o fenômeno do fim do mundo, mas também não se identifica com os sentidos da FD da divulgação científica dos blogs, nem tampouco com os sentidos da FD religiosa acerca do fenômeno do *fim do mundo*. Aqui também o sujeito leitor assume o lugar discursivo de *autor* na cena discursiva e, pela mediação do blogueiro, interpela outro destinatário – ausente na cena enunciativa digital – que é a mídia televisiva, especificamente a TV Globo.

Nessa trama discursiva, o sujeito projeta uma imagem de legitimidade, não à mídia virtual dos blogs, mas à mídia televisiva, que também é um lugar de produção e circulação do discurso de divulgação científica¹¹³. Assim, não é somente o enunciado do *fim do mundo* que se inscreve na história e na memória discursiva, mas também o *lugar* de produção e circulação desse enunciado é igualmente afetado pela história, pela memória e isto interfere na construção dos efeitos de sentidos.

O leitor, ao produzir o gesto de interpretação, já está afetado pelas suas próprias condições de leitura, como também pelos *arquivos* com os quais tem acesso (ou não); é afetado, ainda, pela história de suas leituras e não-leituras, pelo imaginário social da mídia, da ciência, do cientista e dos blogs e, desse modo – nas **SDs 3 e 10** – atribui autoridade científica à voz da mídia televisiva, uma voz que ele já conhece muito bem e que já lhe dita regras, ao contrário da voz da ciência que lhe soa como estranha, mesmo via divulgação, mesmo via blogs.

Vejamos novamente a **SD10**:

“<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,MUL1023119-15605,00.html> aqui diz tudo e diz inclusive que não tem como o mundo acabar em 2012 e não tem data marcada, o mundo não vai acabar assim”. Ressaltemos ainda que a mídia televisiva citada no discurso da **SD10** detém a hegemonia na TV brasileira, logo, uma voz legítima e verdadeira formatada

¹¹³ Frequentemente o programa *Fantástico* da rede globo, citado no comentário dos leitores (SDs 3 e 10), exhibe matérias sobre divulgação científica.

nesse imaginário, uma voz que “diz tudo”, e se diz tudo, as outras vozes têm de se calar. O sujeito leitor, interpelado pela ideologia do supremo poder midiático, não tem consciência de que sua voz também é calada pela voz da mídia. Ademais, a própria mídia funciona como organizadora do imaginário social, como aponta Fonseca-Silva (2007):

Na rede interdiscursiva constitutiva da mídia, os sujeitos são produzidos pelas diversas práticas historicamente instituídas e apresentadas na descontinuidade entre o presente construído, pelos recortes que realiza; e pelo conjunto de enunciados dispersos, no sentido de Foucault(1969) e retomado por Courtine (1981), que forma o saber histórico de uma sociedade sobre aquilo que a constitui e a diferencia de outras. Se tomarmos, nos seus vários contextos de produção e de consumo, as imagens que circulam na sociedade, no que tange às representações sociais e às representações visuais, entendidas como *organizadoras de todo um imaginário*, veremos que elas são, ao mesmo tempo, reflexo e resultado dos modos de pensar das sociedades (FONSECA-SILVA, 2007, p. 24-25, grifos meus).

Esse funcionamento pode também ser visualizado no discurso inscrito nos comentários dos leitores dos blogs do *Sb.br* (**SDs 3 e 10**), no qual vemos uma leitura também formatada, determinada, organizada pelos saberes da mídia, pelo viés de um imaginário que produz efeitos de verdade, de legitimidade atribuídos a essa mídia. Logo, esse leitor, do *lugar discursivo de autor*, afetado pela ideologia da mídia televisiva, assume a posição-sujeito de **consumidor dessa mídia**, pois ele não questiona esses saberes, apenas os consome, num duplo movimento concomitante de deslegitimação do blog do *Sb.br* e legitimação da mídia da TV como o autêntico lugar da produção e circulação do DDC.

A legitimidade do blog enquanto lugar de circulação do DDC é também questionada no discurso inscrito na **SD9**: “Cara vocês não sabe de nada, fala que é pra acabar 2012 e agora 2019? VocÊs tá fazendo isso pra botar medo nas pessoas né? [...] ainda essa [flôr] é um Blogs se fosse um site eu até acreditaria mais blog sempre tem [coisas fantásticas] [...]”. Como já ressaltamos, o sujeito é afetado pela memória de diário pessoal inscrita no blog, que produz um efeito de sentido para o blog como um *não-lugar da ciência*. Nesse caso, o sujeito leitor é também afetado pelo imaginário social do discurso científico, cuja escrita segue os rigorosos padrões já instituídos¹¹⁴ na FD da ciência. São normas que conferem uma certa *sacralização* ao discurso científico, produzindo um efeito de *legitimidade*. Entretanto, no blog esse efeito é desconstruído e, ao mesmo tempo, a ciência adquire um efeito de *dessacralização*, portanto, o

¹¹⁴ A exemplo dos padrões estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

blog não é reconhecido pelo sujeito leitor como um lugar legítimo para a divulgação científica.

Por seu turno, na *cena III* – constituída das **SDs 2 e 6 (Bloco IV/Recorte I/Domínio 3)** – se inscreve um discurso de *desidentificação* com os dizeres sobre o evento do *fim do mundo*, seja da FD religiosa, seja da FD da divulgação científica ou da FD da mídia televisiva. Vejamos:

Cena III (família parafrástica 3)
Desidentificação com os sentidos do enunciado sobre o *Fim do mundo*

SD2 Não aguento mais, estão sempre criando uma data para o mundo acabar. Primeiro em 2000, Depois 2006, depois 2012 e agora 2019? aff, não aguento mais isso, só criam essas datas para dar medo as pessoas.

SD6 Não sei se vai acabar em 2012 mais este cara só colocou 2019 porque a população estava entrando em pânico algumas pessoas bancaram suicídio por isso que colocaram 2019.

Nas SDs 2 e 6 o que encontramos são vozes dissonantes no que diz respeito ao sentido do *medo*, inscrito na memória do enunciado sobre o *Fim do mundo*.

O sujeito do discurso do DDC do Sb.br, afetado pelo efeito-leitor analfabeto-científico, produz o efeito de espetáculo pelo viés do sentido de medo inscrito historicamente no enunciado sobre o *fim do mundo*. Sob o efeito de espetáculo, a divulgação científica se dissolve em informações e notícias que se apresentam em roupagens atrativas e espetaculosas, seguindo a lógica da modernidade líquida, guiada pela ideologia do consumo (BAUMAN, 2001), segundo a qual o meio suprime o conteúdo.

Todavia, o sujeito do discurso, mesmo afetado pela memória inscrita no enunciado sobre o *fim do mundo*, ao ocupar o lugar discursivo de autor, pelo viés dos comentários, ocupa também a posição-sujeito de **resistência** ao discurso do *medo* e aos saberes do DDC inscritos na SD1 (Post “**O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019**”), como também resiste aos saberes da FD religiosa e da FD da mídia televisiva. Sendo assim, o *efeito-leitor analfabeto-científico* também é aqui desconstruído, como também não se dá a adesão do leitor à posição-sujeito de consumidor da ciência-espetáculo instituída pelo caça-paraquedismo.

Logo, o caça-paraquedismo não conseguiu produzir o efeito da divulgação, mas o da *exclusão* científica, uma vez que o leitor *caiu* de paraquedas no blog, mas nesse espaço ele não estabeleceu uma relação com o discurso da ciência e da divulgação científica. O sentido

se deslocou para outras Formações discursivas – sobretudo a FD religiosa – e o efeito-leitor projetado no post inicial – de analfabeto científico – sofre uma ruptura, pois nenhum leitor se identificou com aquele sentido. O que prevalece no discurso dos leitores é uma desidentificação com os saberes da FD da ciência e da divulgação, portanto, institui-se no DDC do Sb.br um confronto de sentidos do discurso dos leitores com o efeito-leitor projetado.

Mas, além do caça-paraquedismo, os leitores são também atraídos ao blog quando este aborda um tema de elevado interesse da população, a exemplo do post publicado no blog *Brontossauros em meu jardim*, cujo objetivo foi apontar os perigos de um medicamento para diabetes, divulgado na Revista *VEJA* como uma suposta solução para a cura da obesidade.

Esse post denominado “**A VEJA e os perigos do Victoza**”, publicado em 08/09/2011, teve a participação de **659** leitores na seção de comentários, no entanto, eles praticamente não discutiram o tópico central do post, mas se voltaram para o tema da *obesidade*. E assim, a interlocução se instituiu quase que exclusivamente entre os leitores comentaristas interessados na cura da obesidade. Vejamos como se dá esse funcionamento discursivo.



Figura 16 – A VEJA e os perigos do Victoza.¹¹⁵

SD3 (Bloco III - Recorte I - Domínio 2)¹¹⁶

A VEJA e os perigos do Victoza (08/09/2011)

A matéria de capa da VEJA desta semana me trouxe um certo desconforto. A chamada, “Parece milagre! Novo remédio faz emagrecer 7 a 12 quilos e, cinco meses. E sem grandes efeitos”

¹¹⁵Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/brontossauros/2011/9/8/a-veja-e-os-perigos-do-victoza.html>>. Acesso em 20/01/2012.

¹¹⁶ Lembramos que o *Domínio 2* se refere aos posts associados à *divulgação científica* propriamente dita.

colaterais.”, acendeu todas as luzes de PERIGO! PERIGO! na minha cabeça. O motivo é simples: não confie em matérias que parecem propaganda de produtos. E a matéria da VEJA parece muito uma grande propaganda do remédio para perder peso Victoza (liraglutida). **A liraglutida é uma droga desenvolvida para ser usada contra a diabetes do tipo 2.** Ele é parecido com um hormônio nosso, o GLP-1, que regula – entre outras coisas – a secreção de insulina e glucagon, inibe a secreção de suco gástrico e aumenta a sensação de saciedade. Por causa destes dois últimos efeitos, os pacientes que tomam Victoza demonstraram perder peso, o que levantou a possibilidade de ser usada no combate à obesidade. ~~A VEJA, é claro, não focou no fato da droga ser mais uma arma no combate da diabetes do tipo 2 muito menos nos casos de obesidade patológica. A personagem escolhida é uma moça de 1,70 m de altura que luta pra ficar abaixo dos 70 80 kg*!!!!SE TEN TA QUILOS!!!!~~¹¹⁷ A pobrezinha luta para perder seus uilos em excesso e TEVE que apelar para a droga experimental. A revista ainda menciona que o uso da droga para perder peso não é regulamentado (mas tudo bem, né?), que estudos mostram perda de 7 kg em seis semanas sob o custo de injeções diárias e poucos efeitos colaterais... Bom, vamos às críticas:

1- ter ~~70~~ 80* kg e 1,70 m não é ser gordinha. Sinto muito, não é. Não é razão para querer perder peso muito menos razão para tomar uma droga que ainda não foi aprovada, tem efeitos colaterais preocupantes e ainda pode causar tumores da tireóide e pancreatite (não falei sobre isso? continue lendo).

2- efeitos colaterais brandos? 7–40% dos pacientes tiveram **náusea**, 2–17% tiveram **vômitos** e 4–18,7% tiveram **diarréia**. Eles passam, certamente, geralmente em seis semanas. Bom, diga-se que qualquer um que fique com náuseas, vômitos e diarréia por seis semanas está fadado a emagrecer não? Garantindo uma taxa de 20% de eficácia do medicamento só na base dos efeitos colaterais! Milagre!

3 -Há boas razões para se achar que a liraglutida pode causar câncer. Não preocupações do tipo “celulares podem causar câncer” mas preocupações reais do tipo: **ratos e camundongos injetados com liraglutida tiveram um aumento em tumores de tireóide, muitos deles malignos**. É claro que humanos não são ratos e ainda não há evidências de que a droga afete humanos desta forma mas fica o aviso. A empresa que fabrica o medicamento só conseguiu aprová-lo junto à Food and Drug Association (FDA) após se comprometer a monitorar por aumentos na frequência de câncer an tireóide em humanos nos próximos 15 anos. Além disso eles iniciaram um estudo de 5 anos para estudar a fundo os possíveis efeitos da droga na tireóide e no pâncreas. Por que no pâncreas? Porque há evidências de que **a Victoza aumenta o risco de se ter pancreatite em 2.8 vezes**, uma doença com sintomas bastante desagradáveis (que devem fazer vc emagrecer tb). Por fim há o potencial da incidência de reações alérgias à Victoza ser alto (é um peptídeo, e tals) mas isso ainda não foi adequadamente testado em humanos!

4- da caixa do Victoza (em uma faixa preta):”Por ser incerta a relevância para humanos das descobertas sobre tumores das cpéluals-C na tioreóide de roedores,**prescreva Victoza somente para pacientes cujos benefícios potenciais sejam considerados maiores que o risco potencial**“. Resumindo: não use para ficar abaixo dos 70 kg, PELAMOR!

5- O uso da liraglutida para perder peso ainda NÃO foi aprovado pela ANVISA!

Espero ter mostrado que a Victoza não é o remédio seguro e milagroso que tanto foi divulgado pela VEJA. Claro, a responsabilidade de saber o que é arriscado para vc é só sua. Mas lembre-se: **perder peso é questão de mudar hábitos alimentares e fazer exercícios, é algo a longo prazo**. Não há grampo de estômago, dieta da sopa, sibutramina ou liraglutida que vai mudar isso. Veja a ironia: o remédio é uma forma de enganar o seu corpo para se sentir saciado mas quem está se enganando mesmo é você, que pensa que pode perder peso sem penar.

¹¹⁷ Essas correções fazem parte do post original.

Antes de iniciarmos a discussão sobre a interlocução discursiva no discurso dos leitores comentaristas, convém ressaltar que o discurso de divulgação científica materializado na **SD3** (*A VEJA e os perigos do Victoza*) é produto de um duplo trabalho de interpretação, vez que o cientista-blogador realizou uma leitura do DDC inscrito na mídia impressa da Revista *VEJA*¹¹⁸ e produziu o DDC que se inscreve na mídia virtual dos blogs.

O discurso da Revista *VEJA* é atravessado pelo discurso publicitário e produz um efeito de sentido de **promessa** da cura da obesidade por meio do remédio *victoza*. Já o DDC do blog *Brontossauros em meu jardim* (**SD3**) produz um efeito de sentido de *ameaça* ao medicamento *victoza*, como também na relação com o discurso da *VEJA*.

Afetado pelo efeito-leitor analfabeto-científico, o sujeito do DDC do blogs, na **SD3**, se inscreve no lugar discursivo de *porta-voz da ciência*¹¹⁹ e ocupa a posição-sujeito de *tutelador da leitura*, a fim de alertar o leitor a não consumir o medicamento *victoza*.

Vejam os comentários de como se deu o processo de interlocução com os leitores do post “A VEJA e os perigos do Victoza”, por meio de uma amostra dos (659) comentários:

BLOCO IV - RECORTE II - DOMÍNIO 3 - SEÇÃO DE COMENTÁRIOS¹²⁰ **(SDS 1 a 20)**

SD1 E. 8 de setembro de 2011 às 14:11

1) ***editado***

2) “ter 70 kg e 1,70 m não é ser gordinha.” Sem querer sair do foco do post mas tenho que dizer que na capa, achei a menina da esquerda está bem mais bonita que a da direita...

SD2 R. 13 de setembro de 2011 às 20:42

eu estou fazendo o tratamento com a medicação e graças a DEUS esta dando certo, ja eliminei 7 quilos em menos de tres meses.E logico que temos que fazer muitos exames antes de tomar a medicação e nao ficar fazendo loucuras por ai , ja que e um remedio controlado, mais infelizmente ,temos medicos que nao podem receitar essas medicações, mais receitam ne nao vai ser ele mesmo que vai tomar. Eu fiz muitos exames para ver se poderia ou nao tomar.

SD3 V. 13 de setembro de 2011 às 20:56

A típica matéria escrita e comentada por quem não tem problemas de peso. Como se chama isso? Hipocrisia.Ah, falar é muito fácil. Queria ver esse bando de hipocrita

¹¹⁸ A Revista *VEJA*, embora não seja um veículo de publicação específica de divulgação científica, nesta matéria, em particular, aborda os resultados de pesquisas científicas sobre o uso e efeitos do medicamento *Victoza*, portanto, se caracteriza como divulgação científica.

¹¹⁹ Esse lugar discursivo mostrou-se dominante no funcionamento do DDC do *Sb.br*, conforme a análise que apresentamos no capítulo IV.

¹²⁰ Esta é apenas uma amostra dos comentários (total de 659), feita com base no critério da regularidade discursiva.

viver com 10, 20 kg a mais. Felizmente, já fui na farmácia e já garanti o meu Victoza para os próximos 30 dias.

- SD4** M. 17 de setembro de 2011 às 21:20
moro em Pratania sp e nao tenho como comprar vc pode me passar o nome da farmacia que vc comprou. Me ajude por favor!beiju ate mais
- SD5** G. 21 de setembro de 2011 às 11:00
Amei sua resposta e concordo plenamente contigo. Eu sou uma pequena gordinha,rss, e ainda assim me sinto muitas vezes desorientada por isso.J a disse a mim mesma e hj digo a voce,que gordos,negros e pobres nao poderiam existir e sim sermos todos iguais,homens e mulheres em uma igualdade total,pois so assim a vida cobraria menos de nos humanos.Um grande abraço.
- SD6** m. p. 24 de setembro de 2011 às 17:16
vc está gostando do resultado? por favor responda, pois começarei com victoza em 2dias.Grata
- SD7** C. M. 14 de outubro de 2011 às 23:35
Eu sinceramente acho que a reporter na capa da revista estava mais bonita antes de emagrecer. Ganhou um par de pernas de seriema junto com os quilos a menos. ...estava bem melhor antes.
- SD8** T. 21 de outubro de 2011 às 16:22
Para eu que li a reportagem interpretei de uma outra forma: eles estão noticiando a pesquisa desse medicamento como emagrecedor. Interpretei como uma esperança para quem é obeso, pois só quem é sabe o quanto nosso metabolismo é lento para a perda de peso.
- SD9** C.9 de novembro de 2011 às 23:14
No dia em que a revista Veja chegou aqui em casa com a reportagem, eu fui à farmácia e comprei o remédio. Não tive dor de cabeça nem náusea mas também não emagreci (e já estou na terceira caixa = mais de mil reais jogados fora). Finalmente caí em mim e, procurando alguma notícia sobre o Victoza, achei esta reportagem.Não sou nenhuma ignorante mas confesso que a Veja me enganou direitinho. Desesperada para perder peso e acreditando piamente que o remédio não fazia nenhum mal, fui feita de boba pela revista – nem tinha percebido que a reportagem parece mesmo propaganda de medicamentos. Nunca me passou pela cabeça que a liraglutina pudesse causar câncer ou qualquer outro problema, uma vez que, a matéria nada diz a respeito. Eu me sinto um rato de laboratório. Pior que tem gente exagerando horrores – da última vez que fui comprar, a atendente da drogaria me disse que uma moça tinha levado 8 (oito) caixas de uma vez e que tem uma lista de 35 pessoas na fila esperando o remédio chegar. Semana chegou em uma rede de farmácias de São Paulo mas só deu para abastecer a capital, nem veio para o interior. E nem se diga que é preciso acompanhamento médico – piada isso no Brasil, onde um laboratório consegue uma publicidade dessas em revista considerada “séria” e onde muitos médicos prescrevem o que o paciente pede e não o que ele precisa.Infelizmente não dá mesmo para confiar em nada nem em ninguém neste país.
- SD10** T. 11 de novembro de 2011 às 4:18
Vcs mulheres compram duas roupas iguais? Dois vestidos -um quando esta gorda e outro quando está magra- idênticos? Pois esta reportagem achou tais mulheres! Mais magras, porém com os mesmos modelitos para ressaltar a grande mudança! Acorda povo! Estão usando o

photoshop para criar um grande celeiro de cobaias, já q em países sérios isso não é permitido. E a Veja se prestando a esse desserviço. Pelo menos terão manchetes para o futuro: “Brasileiro tem aumento inexplicável de tumor de tireoide”. Em q outro país a fissura do corpo ideal e a incompetência das autoridades cria cenário tão propício para a ganância indústria farmacêutica?

SD11 J. B.21 de novembro de 2011 às 10:39

O Sr C. H. é médico??Se for parabens o sr esta fazendo um grande serviço a sociedade. Se não for, está fazendo a mesma coisa que foi feito com os transgenicos, falou-se de tudo um pouco chegando ao cúmulo de dizerem que era algo para controlar a mente das pessoas .E hoje 80% de tudo que vc come é transgenico e nem por isso viramos zumbis ou coisa parecida.Se o medicamento Victoza é bom ou ruim só o tempo dirá e não um sr que escreve uma coluna falando de medicina algo que deveria ser feito sómente por profissionais qualificados para não levar a sociedade a erros e atrasos no desenvolvimento da humanidade.

[Resposta do blogueiro ao comentário da SD11]:

C. H. 28 de novembro de 2011 às 9:45 - Não sou médico mas sou capacitado para ler e entender estudos científicos. Note que eu alerto para perigos detectados em estudos com animais e não para perigos imaginários.

SD12 J. 27 de novembro de 2011 às 9:30

Aposto q quem escreveu essa m#rd@ é magro e nunca passou pelo q os gordos passam...

SD13 M. M.1 de dezembro de 2011 às 8:23

Estou fazendo uso há 3 dias e não tive qualquer efeito colateral.Falar sobre perda de peso é muito fácil para quem não tem tendencia ã obesidade. Esse cara deve ser aquele tipo de magro que acha que os gordinhos são assim porque comem muito.AMIGO QUEM TEM TENDENCIA A OBESIDADE ENGORDA SÓ DE CHEIRAR A COMIDA.

SD14 R. 9 de dezembro de 2011 às 8:24

Prefiro ter náusea do que infarto, derrame, colesterol alto, dores e vários outros problemas que a obesidade trás. Tem quarenta dias que estou tomando o victoza, pesava 100kg e agora já estou pesando 85 kg, nunca tive nenhum efeito colateral e estou muito bem. Você esta sendo precipitado , se médicos conceituados indicam, quem é você para falar qualquer coisa, se temos condição de comprar e emagrecer sem muito esforço não sai nada caro. E nem caro é, quem não pagaria R\$ 200,00 reais em uma caneta para perder 8 kg em 20 dias como foi meu caso associado a dieta. Vamos pensar melhor e estudar mais o assunto antes de postar qualquer coisa sem sentido.

SD15 R. 18 de dezembro de 2011 às 11:23

Parabéns àqueles que pesquisam e nos trazem algumas informações técnicas. Porém, acho que o importante é estarmos bem com a gente mesmo e obesidade é uma coisa muito complicada. A sociedade é muito “aparência”, sem falar que temos que fazer o que nos deixa feliz..

SD16 C. B. -11 de dezembro de 2011 às 18:47

Estou aplicando VICTOZA e quase trinta (30) dias, deviamente receitado pelo meu ENDOCRINOLOGISTA e, estou muito satisfeito. Nenhum dos FALSOS efeitos colateriais (Enjoo, Vomito, Diarréia, Etc.) foram manifestados. Com relação ao fato de que o produto em epígrafe não ter sido aprovado pela ANVISA, nada significa, pois em se tratando de um órgão do

Governo, o qual só entende e pratica CORRUPÇÃO, não tem nenhuma moral e/ou qualificação para opinar sobre este assunto.

SD17 M. 20 de dezembro de 2011 às 9:33

Acredito que fica fácil falar quando não se vive o problema. Já fiz vários tratamentos para emagrecer.. de 6 irmãos, 4 fizeram bariátrica e um veio a óbito. Existe um problema genético na família, (problema de saúde) e nunca me senti tão bem quanto agora com o tratamento do Victoza. Meu humor não mudou (como os outros remédios para emagrecer fazem), dor de cabeça e enjoos.. passageiros. Acredito que todo remédio deve ser tomado de forma segura e o Victoza deve ter que ser acompanhado também. Vale lembrar para quem sofre com os problemas de obesidade esse remédio é MARAVILHOSO!! INDICO E ESPERO QUE O PREÇO REDUZA E ENTRE NA LISTA DE REMÉDIOS POPULARES COMO O GLIFAGE. NÃO DESTRUAM A ESPERANÇA DE QUEM LUTA PARA TER UM POUCO DE QUALIDADE DE VIDA!!!

SD18 L. A. 10 de fevereiro de 2012 às 14:09

Em primeiro lugar, não existe verdade absoluta. Parabéns aos que conseguem reduzir peso e ganhar saúde só com exercício e dieta, mas são a exceção. Esse artigo é um perigo, pois condena, sem nenhuma evidência real, um medicamento que levou 20 anos para ser desenvolvido, e pode induzir pessoas que seriam beneficiadas por ele a não utilizá-lo. [...]RISCO MAIOR QUE O VICTOZA É DE DONOS DA VERDADE ARVORAREM-SE EM DONOS DA VIDA ALHEIA E QUEREREM DITAR REGRAS PARA OS OUTROS...

SD19 V. 19 de março de 2012 às 13:51

Olá vou começar a tomar agora. Minha dúvida é: as aplicações de 0,6 são diárias ou semanais?

SD20 B. 15 de abril de 2012 às 21:02

Olá C., Antes de postar procurei saber quem é você, pois recebi seu artigo por email. Você tem um currículo impressionante! Parabéns! Contudo, achei seus comentários um pouco exagerados demais. Em que vc se baseou para fazer tantas afirmações? Que na maioria das vezes usam os termos “há evidências” antes das informações. Ou seja, tudo o que vc “afirmou” ainda não é comprovado. Então, qual o motivo de tamanho terrorismo com um remédio que ajuda efetivamente a emagrecer sem mexer com o sistema nervoso das pessoas? Sem afetar o psique? Vc já leu as bulas de antidepressivos? Por que você não faz um artigo contra esses remédios também? Os perigos são até maiores do que os que você aponta contra o Victoza... O Omeprazol, remédio para o estômago, pode dar polipos, que podem se transformar em câncer... Hamburger pode dar câncer, conservantes que vão na maioria das comidas também! E comprovadamente! Por favor, Carlos, não faça mais terrorismo com uma medicação que tem tudo para ajudar gordinhos insatisfeitos e tristes com seus pesos (apesar de vc não achá-los gordos!). Deixe essa resolução com os médicos e com o tempo. O futuro dirá as verdadeiras implicações!

Observamos, por meio desse recorte, que os leitores considerados leigos em ciência só participam ativamente dos comentários dos blogs quando os posts sofrem deslocamentos de sentidos, ou seja, o assunto abordado no post da **SD3** não faz apologia ao uso do medicamento para a cura da obesidade, mas, ao contrário, procurar alertar as pessoas sobre os perigos do remédio, como mostra no título: “*A Veja e os perigos do victoza*”. No entanto, a grande

maioria dos **659** comentários se tornou um espaço de trocas de experiências de usuários do medicamento, abordando as supostas vantagens e desvantagens do remédio. O sentido se deslocou para a questão da obesidade, um problema que atinge grande parte da população, daí vem a explicação para tanto interesse na matéria. Tal fato aponta para a constatação de que o leitor leigo em ciência continua excluído do mundo científico no DDC virtual. É oportuno ouvir o que dizem Xavier e Costa (2010) sobre a relação da ciência com a tecnologia virtual e a promessa de maior acessibilidade científica:

A ideia de que o conhecimento científico poderá se tornar mais acessível ao consumidor a partir da entrada de novas tecnologias de informação como Internet, MP3, programas de compartilhamento de arquivo pode ser um grande erro, na verdade, não é exclusivamente pelo fator tecnológico que se promove a inclusão social e o acesso às Ciências, mas também fatores econômicos, políticos, de regulamentação jurídica dos mercados de radiodifusão e telecomunicações, culturais, institucionais são necessários nesse processo de integração da sociedade (XAVIER e COSTA, 2010, p. 3).

A promessa de maior acesso à ciência pelo viés das novas tecnologias, a exemplo dos blogs de divulgação científica, é apenas uma evidência ideológica que mascara outros fatores políticos, socioeconômicos que produzem o apagamento do sujeito dos processos de construção da ciência e geram outras formas de exclusão social.

Como já assinalado, o discurso materializado no post da **SD3** é produzido a partir da interpretação do discurso da mídia impressa – a Revista VEJA – que traz um forte atravessamento do discurso publicitário, de tal modo que a publicidade do remédio (Victoza) sobrepõe os saberes da ciência, o que nos leva a questionar os interesses reais dessa mídia ao publicar os resultados da pesquisa científica. Entretanto, como o nosso foco aqui é compreender o funcionamento da interlocução discursiva e o modo pelo qual se institui a relação do efeito-leitor projetado no DDC com o discurso do sujeito leitor, passaremos à análise desse processo, que se desdobra em dois níveis, a *interlocução enunciativa digital* e a *interlocução discursiva*.

O leitor, ao se inscrever na cena enunciativa digital dos comentários, passa a ocupar o duplo lugar de locutor e interlocutor, já que, ao mesmo tempo em que escreve, também lê os comentários dos outros comentaristas. Instaura-se, pois, na cena enunciativa digital, o revezamento entre os papéis de locutor (**EU/ Locutor-Leitor**) x (**TU/Interlocutor 1- Blogueiro**) e (**TU/Interlocutor 2- Comentaristas**). O cientista-blogador também participa da

interlocução discursiva que se instaura na seção de comentários, embora com uma frequência muito baixa. Em alguns segmentos discursivos, verificamos que o leitor se dirige somente a um interlocutor específico, ora ao cientista-blogador, ora ao(s) comentarista(s) do blog, como vimos na **SD6 (Bloco IV – Recorte II – Domínio 3)**: “m. p.vc está gostando do resultado? por favor responda, pois começarei com vitória em 2 dias. Grata”.

Em outros segmentos, o leitor se dirige, ao mesmo tempo, aos dois interlocutores presentes na cena enunciativa digital, quais sejam, o blogador e os demais comentaristas, como ocorre na **SD17** – “Vale lembrar para quem sofre com os problemas de obesidade esse remédio é MARAVILHOSO!![...] NÃO DESTRUAM A ESPERANÇA DE QUEM LUTA PARA TER UM POUCO DE QUALIDADE DE VIDA!!!”. Mas, de uma forma geral, a interlocução se institui muito mais entre os próprios leitores, como já salientado na análise do recorte de SDs que aborda a temática do “*fim do mundo*”.

A interlocução discursiva que se institui nos blogs do ScienceBlogs Brasil é um processo complexo que tentaremos explicitar aqui nesta análise. Lembramos que a cena discursiva se instaura mediante o imaginário social do sujeito do discurso (INDURKY, 2013). Por essa razão, é necessário refletirmos sobre o funcionamento do jogo de formações imaginárias¹²¹ que vão guiar o processo discursivo do corpus tomado para essa análise.

Nos comentários da **SD3** (*A Veja e os perigos do Vitória*) essa interlocução “paralela”, instituída somente entre os próprios leitores do blog, passa a dominar a cena – como numa sobreposição – e torna-se muito mais forte, como se a “presença” do blogador fosse ignorada ali no ambiente digital do blog.

Tal sobreposição instaura-se tanto na *cena enunciativa digital*, como também na *cena discursiva*, que são interdependentes, de modo que produz efeitos de sentidos na interlocução, como por exemplo, o efeito de *apagamento do sujeito blogador* na interlocução e do lugar discursivo que ele ocupa na seção de comentários, qual seja, o LD de *moderador da leitura*.

Nessa sobreposição, o sujeito do discurso do Sb.br passa a funcionar, na maioria das vezes, apenas como um *mediador* para interpelar um outro sujeito, ausente na cena enunciativa digital. Esse funcionamento discursivo já foi também explicitado no estudo de Indursky (2013).

Vejamos então a sobreposição na interlocução discursiva, representada a seguir, na Figura seguinte:

¹²¹ O jogo de formações imaginárias pensado por Pêcheux (2010a) foi discutido no capítulo IV desta Tese.

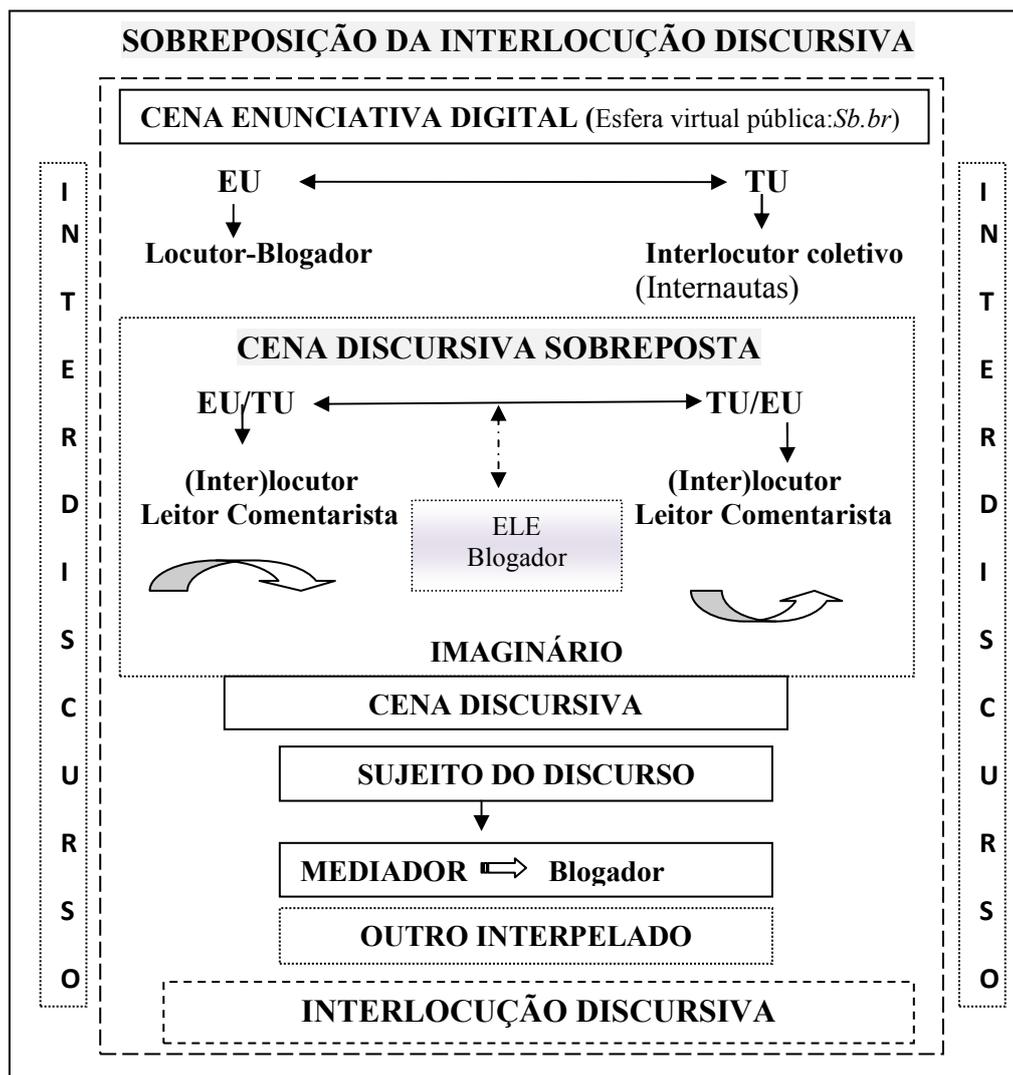


Figura 17 – Sobreposição da Interlocução discursiva no *Sb.br*

O processo discursivo ora em pauta supõe a formação de cinco formações imaginárias, a saber: 1. A imagem do lugar de A (**blogador**) para o sujeito colocado em A - I(A)/A “*Quem sou eu para lhe falar assim?*”; 2. A imagem do lugar de B (**leitor**) para o sujeito colocado em A - I(B)/A (**blogador**) “*Quem é ele para que eu lhe fale assim?*”; 3. A imagem do lugar de B (**leitor**) para o sujeito colocado em B - I(B)/B (**leitor**) “*Quem sou eu para que ele me fale assim?*”; 4. A imagem do lugar de A (**blogador**) para o sujeito colocado em B (**leitor**) - I(A)/B “*Quem é ele para que me fale assim?* 5. A imagem do *Referente* – R (**ciência/divulgação científica**) para A (**cientista-blogador** - IA – R) e para B (**leitor** - IB – R).

A esses elementos do jogo de formações imaginárias do DDC que funciona na interlocução discursiva, temos ainda a imagem da **mídia** dos blogs – lugar de produção e

circulação desse discurso – projetada para o blogador e também para o leitor. Tais formações imaginárias são afetadas pelo interdiscurso e pela memória (PÊCHEUX, 2010a).

O recorte **II (Bloco IV - Domínio 3 – SDs 1 a 20)** – nos permite identificar algumas imagens discursivas que o sujeito-leitor projeta para si e para seu lugar, quais sejam: as imagens do leitor **não-ignorante**, leitor **crítico**, leitor **vítima** da obesidade e da discriminação social. Isto pode ser conferido nos seguintes trechos:

SD5 “Eu sou uma pequena gordinha, rss, e ainda assim me sinto muitas vezes desorientada por isso. Já disse a mim mesma e hj digo a voce, que gordos, negros e pobres nao poderiam existir e sim sermos todos iguais, [...]”;

SD8 “Para eu que li a reportagem interpretei de uma outra forma [...] Interpretei como uma esperança [...]

SD9 Não sou nenhuma ignorante [...] Desesperada para perder peso [...];

SD18 “Em primeiro lugar, não existe verdade absoluta [...]

Essas imagens estabelecem confrontos com os sentidos do efeito-leitor *analfabeto-científico*, construídos imaginariamente pelo ScienceBlogs Brasil e pelo cientista-blogador. O leitor ao inscrever-se no *lugar discursivo de autor*, na prática discursiva dos comentários, ocupa a posição-sujeito de *resistência* ao efeito-leitor *analfabeto* e busca desconstruir a imagem de *ignorante*, formada historicamente para o sujeito não especialista em ciência.

Ao mesmo tempo, o leitor projeta algumas imagens tanto para o sujeito blogador, como também para os outros leitores comentaristas, para a ciência, para a divulgação científica e para o próprio blog. Tais imagens são atravessadas por um imaginário social já tecido no interdiscurso para o lugar do sujeito cientista, como o de um sujeito **pesquisador**, **estudioso**, **portador de um saber erudito**, etc., um imaginário legitimado por mecanismos institucionais, a exemplo do currículo¹²². À título de ilustração, vejamos novamente alguns trechos dos comentários: **SD20**: “Antes de postar procurei saber quem é você, pois recebi seu artigo por email. Você tem um currículo impressionante! Parabéns! Contudo [...]”; **SD15** “Parabéns àqueles que pesquisam e nos trazem algumas informações técnicas. Porém [...]”. As conjunções adversativas *contudo* (SD20) e *porém* (SD15) produzem efeitos de sentidos de

¹²² Possivelmente, uma alusão ao currículo da *Plataforma Lattes*, publicado e acessível no site do CNPq para qualquer internauta, já que a leitora (SD31) afirma que procurou saber quem é o blogueiro e elogiou o seu currículo.

ironia e desdém para a ciência e para o próprio cientista, uma vez que o leitor não encontra na ciência respostas para problemas sociais graves, a exemplo da obesidade.

Ainda podemos identificar outras imagens projetadas no discurso do leitor tanto para o cientista, como para a própria divulgação científica, a exemplo de: “**hipócrita**”, “**precipitado**”, “**terrorista**”, “**destruidor de esperanças**”, “**dono da verdade**”, “**ditador de regras**” e até um “**perigo social**”. Tais imagens são fortes e revelam, portanto, outras representações da ciência e do cientista para o leitor construído imaginariamente pelo cientista como *analfabeto*. Para o sujeito leitor, por um lado, as pesquisas e o conhecimento científico ocupam um lugar legítimo na sociedade, mas, por outro, perdem o seu sentido, a sua razão de ser, na medida em que a ciência não consegue resolver grandes problemas e dramas vivenciados por eles, a exemplo da obesidade, um problema de saúde que atinge uma grande parcela da população e causa grandes males sociais, como a discriminação e a exclusão.

Na visão do leitor, o medicamento – com publicidade enganosa ou não – representa uma esperança de vencer a obesidade; já o cientista alerta para o perigo do uso do medicamento, mas não oferece outra solução, em contrapartida. Assim, a representação altamente negativa do cientista no discurso dos leitores mostra uma desidentificação do leitor com o discurso científico e o discurso de divulgação científica, já que a ciência não abre espaço, não estabelece um lugar para acolher esse leitor que se sente desamparado, excluído do mundo científico.

Por outro lado, o sujeito leitor, na cena discursiva, constrói a sua própria imagem (IB/B) pelo viés da imagem do outro (demais leitores e comentaristas), o segundo interlocutor do discurso dos comentários, a quem é atribuída, a imagem de *colega, parceiro* de drama, como verificamos nas seguintes SDs:

SD12 R. “eu estou fazendo o tratamento com a medicação e graças a DEUS esta dando certo, ja eliminei 7 quilos em menos de tres meses.”

SD4 M. “moro em Pratania sp e nao tenho como comprar vc pode me passar o nome da farmacia que vc comprou. Me ajude por favor!beiju ate mais.”

SD5 - G. –“Amei sua resposta e concordo plenamente contigo.”[...]

SD6 m. p. . “vc está gostando do resultado? por favor responda, pois começarei com victoza em 2dias.Grata”

SD8 “Para eu que li a reportagem interpretei de uma outra forma [...]Interpretei como uma esperança [...]”

SD19 V. “Olá vou começar a tomar agora. Minha dúvida é: as aplicações de 0,6 são diárias ou semanais?”

Por meio desse jogo discursivo de antecipações imaginárias, instaura-se, pois, a cena discursiva, mediante a qual o sujeito do discurso dos leitores assume o lugar discursivo de *autor*. Funciona nesse discurso um conflito de saberes de distintas FDs, nas quais se institui uma dispersão de posições-sujeito. Vejamos um recorte de SDs que constitui a *cena I* da família parafrástica de sentidos de *desidentificação* com a FD da divulgação científica:

Cena I (família parafrástica I)

Sentidos de desidentificação com a FD do DDC do Sb.br

SD3 “A típica matéria escrita e comentada por quem não tem problemas de peso. Como se chama isso? Hipocrisia. Ah, falar é muito fácil. Queria ver esse bando de hipócrita” [...]

SD10 J. “Aposto q quem escreveu essa m#rd@ é magro e nunca passou pelo q os gordos passam...”;

SD11 J. B.21 de novembro de 2011 às 10:39 - O Sr C. H. é médico?? Se for parabens o sr esta fazendo um grande serviço a sociedade. Se não for, está fazendo a mesma coisa que foi feito com os transgenicos, falou-se de tudo um pouco chegando ao cúmulo de dizerem que era algo para controlar a mente das pessoas .E hoje 80% de tudo que vc come é transgenico e nem por isso viramos zumbis ou coisa parecida. Se o medicamento Victoza é bom ou ruim só o tempo dirá e não um sr que escreve uma coluna falando de medicina algo que deveria ser feito sómente por profissionais qualificados para não levar a sociedade a erros e atrasos no desenvolvimento da humanidade.

SD13 M. M.[...] Esse cara deve ser aquele tipo de magro que acha que os gordinhos são assim porque comem muito. AMIGO QUEM TEM TENDENCIA A OBESIDADE ENGORDA SÓ DE CHEIRAR A COMIDA;

SD14 R. [...] “Você esta sendo precipitado, se médicos conceituados indicam, quem é você para falar qualquer coisa [...] Vamos pensar melhor e estudar mais o assunto antes de postar qualquer coisa sem sentido.”;

SD16 “Acredito que fica fácil falar quando nao se vive o problema.[...] NÃO DESTRUAM A ESPERANÇA DE QUEM LUTA PARA TER UM POUCO DE QUALIDADE DE VIDA!!!;

SD17 “Esse artigo é um perigo, pois condena, sem nenhuma evidência real, um medicamento que levou 20 anos para ser desenvolvido, e pode induzir pessoas que seriam beneficiadas por ele a não utilizá-lo. [...] RISCO MAIOR QUE O VICTOZA É DE DONOS DA VERDADE ARVORAREM-SE EM DONOS DA VIDA ALHEIA E QUEREREM DITAR REGRAS PARA OS OUTROS...;

SD20 “Olá C., Parabéns! Contudo, tudo o que vc “afirmou” ainda não é comprovado. Então, qual o motivo de tamanho terrorismo com um remédio [...] Por favor, C. não faça mais terrorismo com uma medicação que tem tudo para ajudar gordinhos insatisfeitos e tristes com seus pesos[...].”

Observamos que as imagens da ciência e da divulgação científica virtual se imbricam à imagem que o leitor projeta para o sujeito cientista e blogador, como também para o próprio blog, que não é reconhecido como um legítimo lugar da ciência, como também vimos nos comentários do post sobre o enunciado do “fim do mundo” (**SD1 – Bloco III - Domínio 2**). Ou seja, a ciência, ao se deslocar para os blogs, adquire um *efeito de descrédito*. O blog é o lugar onde esse discurso também **circula**, e, como afirma Orlandi (2004b, p. 137), o fator circulação é decisivo no DDC: “[...] Daí o *caráter decisivo do fator circulação na produção da divulgação científica*. Circulação que é muito importante, decisiva mesmo, na maneira como vão se constituindo os sentidos em uma estrutura de comunicação científica.” (grifo meu). Logo, o blog, como lugar de circulação integra as condições de produção desse discurso.

Conforme Pêcheux (2010a), as formações imaginárias são atravessadas por saberes da ordem do já-dito, por processos discursivos anteriores. O leitor, ao produzir o gesto de interpretação, o faz afetado por saberes recortados do interdiscurso, por imagens já cristalizadas na memória discursiva. E assim, a formação imaginária do autor – cientista-blogador – é afetada tanto pela imagem da ciência, historicamente construída como um lugar de seriedade e austeridade, como também pela imagem do blog, historicamente construída como um *diário pessoal*. Ou seja, mesmo sendo territorializado pelo discurso de divulgação científica, não deixa de ser blog, o qual, no imaginário social é um lugar de *informalidade*, um lugar legítimo para tratar de assuntos do cotidiano, mas não de assuntos científicos. Um exemplo disso é que o leitor reconhece a autoridade científica da medicina e dos médicos, mas não reconhece a autoridade científica do blogador para dar recomendações sobre o uso do medicamento Victoza, como vimos no seguinte recorte de SDs:

SD11 J. B.21 de novembro de 2011 às 10:39 - O Sr C. H. é médico??Se for parabens o sr esta fazendo um grande serviço a sociedade. Se não for, está fazendo a mesma coisa que foi feito com os transgenicos, falou-se de tudo um pouco chegando ao cúmulo de dizerem que era algo para controlar a mente das pessoas. [...] Se o medicamento Victoza é bom ou ruim só o tempo dirá e não um sr que escreve uma coluna falando de medicina algo que deveria ser feito somente por profissionais qualificados para não levar a sociedade a erros e atrasos no desenvolvimento da humanidade.

[Resposta do blogador ao comentário da SD11]:

C. H. 28 de novembro de 2011 às 9:45 - Não sou médico mas sou capacitado para ler e entender estudos científicos. Note que eu alerto para perigos detectados em estudos com animais e não para perigos imaginários.

Nessa resposta, o sujeito do discurso, afetado pelo imaginário social de autoridade para “ler e interpretar a ciência”, ocupa o lugar discursivo de *moderador da leitura* e a posição-sujeito de **controlador da leitura** e da interpretação dos textos científicos, aliás, um posicionamento dominante neste discurso. Nesse dito, se inscreve o não dito da suposta incapacidade do leitor leigo para ler e interpretar, portanto, dá-se aqui a repetibilidade do **efeito-leitor analfabeto em ciência**.

Mas o leitor continua resistindo ao discurso do DDC, e ocupa a posição-sujeito de adesão ao *discurso médico* e ao discurso *publicitário*:

SD14 R. [...] “Você esta sendo precipitado, se médicos conceituados indicam, quem é você para falar qualquer coisa [...] Vamos pensar melhor e estudar mais o assunto antes de postar qualquer coisa sem sentido.”;

SD16 “Acredito que fica fácil falar quando nao se vive o problema. [...] NÃO DESTRUAM A ESPERANÇA DE QUEM LUTA PARA TER UM POUCO DE QUALIDADE DE VIDA!!!;

SD20 “[...] Por favor, Carlos não faça mais terrorismo com uma medicação que tem tudo para ajudar gordinhos insatisfeitos e tristes com seus pesos[...]”.

Assim, o sujeito do discurso dos leitores é interpelado ideologicamente pelo discurso publicitário e, desse modo, atribui credibilidade ao laboratório farmacêutico que produz o medicamento, como também é afetado pelo imaginário de credibilidade jornalística da Revista VEJA e pelo discurso médico, diante do qual assume uma posição-sujeito de adesão. Mas resiste fortemente ao DDC inscrito no post do blog, diante do qual produziu um gesto de desidentificação.

São muitos os fios e vozes que trabalham na construção dessa teia discursiva, na qual se imbricam os saberes do interdiscurso e da memória, uma costura constituída de movimentos de leitura e gestos de interpretação para chegar ao exercício da função autor, pelo viés dos comentários. Segundo Foucault, o comentário às vezes diz o que estava silenciado no texto primeiro e vai mais além:

O comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer *enfim* o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. [...] O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição (FOUCAULT, ([1970]2012a, grifo do autor).

Logo, o princípio do comentário é dizer o já dito ou o silenciado de uma nova maneira, pela multiplicidade aberta, pelos furos da língua.

Nesse processo de interlocução discursiva, o sujeito leitor é também afetado por sua própria condição de leitura, como afirma Indursky, (2010a, p. 171): “*Os sentidos do texto*, à luz de suas condições de produção de leitura, resultam da *interlocução discursiva*” (grifos da autora). Assim, as condições históricas e sociais do leitor, o lugar social de onde ele lê e escreve, o lugar (suporte) no qual ele realiza essa leitura, as leituras já realizadas e as lacunas de outras não realizadas, são fatores que constituem as condições de produção dessa leitura.

No discurso dos comentários da SD3 (*A VEJA e os perigos do Victoza*), o leitor é afetado, por exemplo, por sua condição de *obeso*, que vai determinar um direcionamento de sentidos da leitura, no sentido de assumir esta ou aquela posição-sujeito. Esse sujeito é também interpelado pela ideologia do padrão de beleza ideal, o da magreza, um modelo homogeneizado, determinado por interesses econômicos, uma ideologia cada vez mais reforçada pelos sistemas midiáticos. Estas são condições de produção do leitor e da leitura que afetam a constituição do sujeito leitor que também são constituídos em autor, pelo viés dos comentários dos blogs.

Todavia, além do sujeito blogador e dos comentaristas, encontramos, no discurso dos comentários, outros destinatários – ausentes na cena enunciativa digital – mas que são interpelados pela mediação do blogador, na cena discursiva, de forme indireta, conforme esclarece Indursky (2013, p. 174): “Para interpelar seu destinatário, ausente da cena enunciativa, o sujeito do discurso o faz indiretamente, transformando seus interlocutores em mediadores”. Assim, pela mediação do blogador, temos os seguintes destinatários interpelados: a própria *ciência*, a Revista *VEJA*, o *poder público*. Isto pode ser verificado, por exemplo, na **SD16 (Bloco IV – Recorte II – Domínio 3)**: “Com relação ao fato de que o produto em epígrafe não ter sido aprovado pela ANVISA, nada significa, pois em se tratando

de um órgão do Governo, o qual só entende e pratica CORRUPÇÃO, não tem nenhuma moral e/ou qualificação para opinar sobre este assunto.”

Na **família parafrástica I**, que constitui a **Cena I**, o sujeito leitor assume uma posição que reproduz os mesmos sentidos inscritos no discurso da Revista VEJA: o remédio (Victoza) é uma *promessa segura* de combate à obesidade. Logo, uma posição-sujeito contrária à do autor do post (**SD3 – Bloco III - Domínio 2**), segundo a qual o remédio representa uma *ameaça* à saúde. O leitor não reconhece a autoridade do sujeito cientista e blogador – mesmo sendo um blog de divulgação científica – para falar do remédio, por isso assume uma posição de identificação ao discurso da VEJA, que está atravessado, por sua vez, por sentidos do discurso médico, do discurso farmacêutico e, sobretudo, pelo discurso publicitário.

Mas também não visualizamos um posicionamento crítico do leitor frente ao discurso da revista VEJA. Ao interpelar a VEJA, o sujeito leitor, pelo viés da mediação do sujeito blogador, assume a posição-sujeito de *consumidor* do remédio, a mesma que foi projetada no discurso da revista e, a partir desta adesão ao discurso da VEJA, produz um **efeito de publicidade** do medicamento, como também um efeito de sentido de *esperança* para a reportagem da VEJA.

E, como vimos, instaura-se nesta interlocução outra cena discursiva sobreposta, que é aquela que se instaura apenas entre os leitores comentaristas, sendo que aí o blogador participa apenas como mediador para interpelar os destinatários ausentes da cena enunciativa digital.

Na cena discursiva, o sujeito leitor, ao se relacionar com os demais comentaristas, inscreve-se no lugar discursivo de autor e assume a posição de *parceiro* (do drama da obesidade), e isto produz um **efeito de sentido de empatia** na interlocução realizada entre os leitores. Nesse processo discursivo, produz-se um efeito de sentido de *blogagem* para a ciência e para a sua divulgação, um efeito de sentido de **descredibilidade**, de **autoritarismo**, de uma ciência **alienada dos problemas sociais**, fechada em si mesma, portanto, não pode “ditar regras” ao leitor.

Todavia, no recorte de SDs efetuado para essa análise temos uma **segunda família parafrástica** constituída de duas sequências discursivas, a saber, as **SDs 9 e 10**, que institui a **Cena II** do discurso, cujo sujeito se identifica com os saberes da FD do DDC virtual e produz um efeito de sentido de *resistência* ao discurso da Revista VEJA:

Cena II (família parafrástica 2)

Identificação com os saberes da FD do DDC virtual e desidentificação com a FD da Revista VEJA

SD9 C. “No dia em que a revista Veja chegou aqui em casa com a reportagem, eu fui à farmácia e comprei o remédio. Não tive dor de cabeça nem náusea mas também não emagreci (e já estou na terceira caixa = mais de mil reais jogados fora). Finalmente caí em mim e, procurando alguma notícia sobre o Victoza, achei esta reportagem. Não sou nenhuma ignorante mas confesso que a Veja me enganou direitinho. Desesperada para perder peso e acreditando piamente que o remédio não fazia nenhum mal, fui feita de boba pela revista – nem tinha percebido que a reportagem parece mesmo propaganda de medicamentos. [...]Semana chegou em uma rede de farmácias de São Paulo mas só deu para abastecer a capital, nem veio para o interior. E nem se diga que é preciso acompanhamento médico – piada isso no Brasil, onde um laboratório consegue uma publicidade dessas em revista considerada “séria” e onde muitos médicos prescrevem o que o paciente pede e não o que ele precisa. Infelizmente não dá mesmo para confiar em nada nem em ninguém neste país.

SD10 T. 11 de novembro de 2011 às 4:18

Vcs mulheres compram duas roupas iguais? Dois vestidos -um quando esta gorda e outro quando está magra- idênticos? Pois esta reportagem achou tais mulheres! Mais magras, porém com os mesmos modelitos para ressaltar a grande mudança! Acorda povo! Estão usando o photoshop para criar um grande celeiro de cobaias, já q em países sérios isso não é permitido. E a Veja se prestando a esse desserviço. Pelo menos terão manchetes para o futuro: “Brasileiro tem aumento inexplicável de tumor de tireoide”. Em q outro país a fissura do corpo ideal e a incompetência das autoridades cria cenário tão propício para a ganância indústria farmacêutica?

Na *cena II (família parafrástica 2)*, o sujeito leitor, que ocupa distintos lugares sociais, se inscreve na cena enunciativa digital, na seção de *Discussão* do blog, instaurando assim a reversibilidade característica nesse nível da *interlocução enunciativa digital*. Contudo, ao instaurar a cena discursiva, o sujeito do discurso, pela mediação do interlocutor, interpela *outros destinatários*, ausentes da cena enunciativa e, desse modo, na instância da interlocução discursiva, instaura-se outro nível de reversibilidade, como aponta Indursky:

[...] trata-se de um interlocutor coletivo genérico no interior do qual vários destinatários, afetados por FD diversas, podem ser interpelados, tornando-se tal interlocução bastante tensa. Essa característica não decorre da reversibilidade entre *eu e tu*, que caracteriza a interlocução enunciativa, mas do revezamento sucessivo e/ou concomitante dos destinatários interpelados pelo sujeito do discurso. Esse é o tipo de reversibilidade que a interlocução discursiva instaura (INDURSKY, 2013, p. 181, grifos da autora).

Assim, na *cena discursiva* que se institui nas **SDs (9 e 10)** da **família parafrástica 2**, o sujeito do discurso se dirige não somente ao sujeito do DDC do blog, mas, pela mediação

do interlocutor blogueiro, interpela a revista *VEJA*, a classe *médica*, o *Governo brasileiro* e a *indústria farmacêutica* como destinatários, instaurando uma reversibilidade concomitante na cena discursiva: **SD9** [...] “a Veja me enganou direitinho. [...] fui feita de boba pela revista – [...]. E nem se diga que é preciso acompanhamento médico – piada isso no Brasil, onde um laboratório consegue uma publicidade dessas em revista considerada “séria” e onde muitos médicos prescrevem o que o paciente pede e não o que ele precisa [...]; SD10 “Acorda povo! Estão usando o photoshop para criar um grande celeiro de cobaias, já q em países sérios isso não é permitido. E a Veja se prestando a esse desserviço. Em q outro país a fissura do corpo ideal e a incompetência das autoridades cria cenário tão propício para a ganância da indústria farmacêutica?””

Nesta cena discursiva, o sujeito leitor ocupa o lugar discursivo de *autor* e se identifica com os sentidos do DDC virtual, assumindo a posição-sujeito de *adesão* a esse discurso. Todavia, ao interpelar outros destinatários – ausentes da cena enunciativa digital – ele movimenta-se em direção à posição-sujeito de *resistência* aos saberes do discurso midiático e publicitário da revista *VEJA*, aos saberes da FD médica e farmacêutica, como também interpela o poder público brasileiro para protestar diante da inoperância e omissão em relação à publicidade – supostamente enganosa – de medicamentos, como o *victoza*.

Mas, se temos no DDC do ScienceBlogs Brasil o leitor imaginariamente leigo que chega ao blog, na maioria das vezes, pelo caça-paraquedismo ou pela abordagem de temas de grande interesse popular, a exemplo da *obesidade*, temos também o leitor pesquisador e acadêmico que participa da interlocução, ao se inscrever na seção de comentários do blog. É o que vislumbramos, por exemplo, nos comentários de um post do blog *100nexus*. Trata-se do post “*Boaventura dos Santos e a ciência pós-moderna*”¹²³, publicado em 20/02/2011, de onde transcrevemos o seguinte trecho (**SD4 – Bloco III – Recorte I – Domínio 2**):

SD4 *Boaventura dos Santos e a ciência Pós-Moderna*

Formado por ideogramas milenares, o idioma chinês possui uma riqueza digna de tal história: os ideogramas que formam o termo “*crise*” se constituem daqueles que significam “*perigo*” e “*oportunidade*”. Algo que o sociólogo Boaventura de Souza Santos, em seu “*Um discurso sobre as ciências*” (1987), poderia apreciar ao relativizar tanto do contexto cultural e sociológico da ciência enquanto pretende apontar a crise do “*paradigma dominante*” da ciência moderna. [...] Enquanto Santos anunciava um novo paradigma científico assentado na “sensocomunicação”, a ciência de verdade seguia sendo revolucionada por descobertas empíricas que foram de encontro a crenças difundidas na academia, que se dirá ao senso

¹²³ Esse post já foi discutido no capítulo IV deste trabalho.

comum. [...]A estes vendedores de pseudociência, explorar e conciliar o senso-comum com a transferência de dinheiro para seus bolsos sim é um paradigma de sucesso. Mas este é um paradigma muito antigo, anterior mesmo a Bacon, Descartes, ou Hume. Este é um paradigma do que não é e não deve ser a ciência. O senso-comum é instável e este sim, arbitrário e quase unicamente sujeito a convenções sócio-culturais. Pode ser algo como a anedota sobre os ideogramas chineses para “crise” que iniciam este texto, pois ela é simplesmente falsa. Se você acreditou nela, talvez acredite na forma como Santos expressa suas ideias como fatos e pressupostos indiscutíveis. Devem, no entanto, ser muito discutidos. O conflito com o senso comum quando se descobre que ele é falso é uma questão complexa, mas não é promovendo um entendimento deficiente da ciência que se irá resolvê-lo. [...]é provável que ao final deste século o pós-modernismo tenha passado como a moda que advoga que a ciência é. O que o substituirá, bem, só os designers de moda podem dizer. (<http://scienceblogs.com.br/100nexus/?s=boaventura+dos+santos>¹²⁴)

Um dos leitores desse post observou o seguinte, na seção de comentários:

BLOCO IV - RECORTE III - DOMÍNIO 3 - SEÇÃO DE COMENTÁRIOS (SDS 1 a 2)

Cena I

SD1 G. b. - 21 de fevereiro de 2011 às 13:22 - é impressão minha ou há um algo no texto que tenta desvalorizar a sociologia como um todo k.?! achei o texto ótimo, mas boaventura dos santos é apenas um dentre vários sociólogos, e um que especificamente possui ideias pós-modernistas. muitos autores são contrários a essa visão de boaventura, que escreveram muito antes dessa publicação do autor português, e negavam esse pessimismo pós-moderno de caos total.

Observemos que o sujeito-leitor fala também do lugar social de cientista e se inscreve no lugar discursivo de *autor*. Embora se identifique com a FD da ciência, assume outra posição-sujeito, ao estabelecer a crítica com mais critério, sem deslegitimar a *Sociologia* enquanto ciência, o que configura uma contra-identificação com o discurso do blogador.

O DDC do ScienceBlogs Brasil busca impor suas verdades e não aceita outros dizeres, silenciando outros saberes que não se enquadram no modelo de cientificidade das ciências experimentais. Segundo esse discurso, as ciências sociais e humanas são desqualificadas, não são “ciências de verdade”. Tal posicionamento ideológico de superioridade científica também se inscreve no comentário de um leitor que se identifica com a FD da ciência autoritária e *verdadeira*:

¹²⁴ Efetuamos um recorte do *Post*, devido a sua extensão, mas a leitura completa poderá ser feita acessando-se o site do blog: <http://scienceblogs.com.br/100nexus/?s=boaventura+dos+santos>.

Cena II

SD2 G. [28 de fevereiro de 2011 às 9:38](#) - Excelente texto. Infelizmente, nas Ciências Humanas desde há 20 ou 30 abundam os irracionalistas e palpiteiros sobre a ciência, possivelmente motivados pelo ciúme do rigor das ciências naturais somado a um desejo mais profundo de serem “anti-sistema” (capitalista).

Dá-se aqui uma identificação do sujeito leitor com o discurso da ciência “verdadeira” com o qual também se identifica o cientista-blogador. Esse é o discurso inscrito no universo logicamente estabilizado da ciência homogeneizadora que descarta os saberes e os métodos das ciências humanas e sociais, rotuladas como *pseudociência*, cujos cientistas são considerados “palpiteiros” e “irracionalistas”, sem rigor científico. Nesse discurso, institui-se uma adesão ao **efeito-leitor especialista**, já projetado no DDC, tendo em vista o imaginário do leitor cientista que também é um leitor potencial para o DDC do ScienceBlogs Brasil, como já ressaltado neste estudo. Reforça-se aqui o efeito de sentido de *verdade asséptica* para a ciência, um dizer inscrito na memória discursiva da ciência *pura, limpa e verdadeira*, que fala de si para si mesma.

Isso nos faz pensar nas reflexões de Foucault acerca da *vontade de verdade* enquanto um sistema de exclusão:

Ora, essa *vontade de verdade*, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema de livros, da edição, das bibliotecas, como nas sociedades de sábios, os *laboratórios*, hoje. Mas ela também é reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, *como é valorizado, distribuído, repartido* e de certo modo *atribuído* (FOUCAULT, ([1970] 2012a, p. 15-16, grifos meus).

A *vontade de verdade*, enquanto sistema de exclusão, reforça a divisão social do trabalho de leitura de arquivos (PÊCHEUX, 2010d), e isto pode ser visto nos comentários dos leitores dos blogs, cuja participação é constituída, em sua maioria, de leitores cientistas, enquanto que os leitores leigos participam da seção de comentários apenas quando é caçado no paraquedismo ou quando o tema do post já foi bastante abordado na mídia televisiva, redes sociais, etc.

Tal participação é, porém, tímida, do ponto de vista de uma reversibilidade efetiva nos assuntos científicos, logo há mais *interação* do que uma interlocução discursiva. É o que vemos, por exemplo, na seção de comentários do post denominado *O gelo da Antártica está aumentando. Então Aquecimento Global não existe?*, publicado em 21/04/2009, no blog *Discutindo Ecologia*. A seguir, mostramos um trecho desse post na **SD5 (Bloco III – Recorte I – Domínio2)**:

SD5 O gelo da Antártica está aumentando. Então Aquecimento Global não existe?

Afirmções próximas a que intitula este post povoaram os grandes blogs de céticos do clima nos últimos dias. Até na mídia tradicional tivemos reportagens sobre o assunto. Mas é claro que tudo não passa da boa e velha pseudociência.

Sim, grande parte do gelo da Antártica está aumentando ao invés de diminuir (diferente do gelo do ártico) nos últimos meses. Isso de alguma forma pode refutar os argumentos favoráveis ao aquecimento global? Claro que não. Primeiro porque o IPCC e nenhum cientista sério do mundo defende que o aquecimento global corresponde a um aumento da temperatura de todo o planeta. O que aumentará (já aumentou e continuará aumentando) é a temperatura **média** global. Desta forma, dependendo de fatores regionais, as mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global podem trazer consequências bem diferentes para cada região do planeta. Ainda mais no caso da Antártica. [...]

Vejamos o seguinte recorte de comentários postados:

**BLOCO IV - RECORTE IV – DOMÍNIO 3 - SEÇÃO DE COMENTÁRIOS
(SDs 1 a 4)**

SD1 G. 4 de junho de 2009 às 10:09- oii na minha opiniao o aquesimo globau esta se referindo lixo, carros Etc

SD2 S. 21 de outubro de 2009 às 19:01- Bem colegas, eu não acredito que exista um buraco na camada de ozônio isso significaria uma morte global de um superaquecimento instantâneo, como por exemplo, marte um planeta depois da terra e dito que de dia ele atinge 7° C durante o dia isso porque ele esta a não sei quantos bilhões de quilômetros do sol, e lembrando que em Marte não possui camada de ozônio, mas em minha teoria acredito que seria mais justificativa do que possa existir um buraco, vou dar um pequeno ex. de minha teoria: Imagine uma bexiga de ar diretamente em contato com o raio solar, relativamente cheia, ok, o que acontece de enchermos de ar? Ela ira encher logicamente. Mas eu te pergunto a temperatura dentro da bexiga ira continuar sendo a mesma depois de suas extremidades terem sido dilatados?Essa é a questão! O que na minha teoria seria que: Quando os gases carbônicos chegam à atmosfera eles alteram a densidade do campo fazendo a camada de ozônio dilatar, assim gerando em proporção uniforme o aquecimento global. Como o desmatamento vem crescendo a terra não está tendo condições de suprir todo esse gás que afeta a camada de ozônio, assim não deixando a camada ser novamente como era, hoje com vários apelos a poluição tem diminuído, e como estão vendo no tópico a cima está tudo voltando ao que era. Só depende de você! Se quiserem explicações mais afundo tenho outro exemplo claro e mais convincente me mande um e-mail e estarei pronto para enviar o trabalho.

- SD3** B. 2 de março de 2010 às 12:42- Super Interessante, gostei muito do blog, obtive muitas informações!
- SD4** C. "Leigo" 19 de junho de 2012 às 5:01- Olá,não tenho nenhuma capacitação acadêmica no assunto, porém como leigo e cidadão, decidir buscar o conhecimento do tema Aquecimento Global, fato que despertou meu interesse ao assistir "Uma Verdade Inconveniente de Al Gore". Fiquei muito preocupado e pela falta de informação precisa na mídia, fui buscar na ciência os fatores, preventivos e as consequências, enfim de lá pra cá percebi que o que antes era tratado como uma questão ambiental, movida por pessoas do ramo junto a população foi modificando, virando medidas econômicas e vejo que o AQUECIMENTO GLOBAL não é uma unanimidade no mundo científico. [...]

Neste recorte se instituem *três cenas discursivas*, quais sejam: a **Cena I** – constituída pelas **SDs 1 e 3**, sendo que nesta cena institui-se apenas uma **interação**, posto que o sujeito leitor não consegue discutir o tema abordado no post. Ele até interage com a máquina, mas não estabelece uma interlocução efetiva com o discurso do sujeito-autor. A nosso ver, além da *interação* que se institui na relação homem-máquina pelo movimento do click (GRIGOLETTO, 2011), esta também se dá quando o diálogo não avança entre os interlocutores, ou seja, quando o interlocutor reproduz a fala do outro, em uma concordância passiva e não se instala uma discussão profícua.

O tema “aquecimento global” é bastante abordado na mídia – sobretudo, na mídia televisiva – e por essa razão despertou o interesse também de leitores leigos. No entanto, eles não têm conhecimento suficiente para dialogar com o sujeito cientista-blogador e estabelecer a crítica do conhecimento científico, por isso ficam apenas nas vagas *informações* já ouvidas na mídia, que são apenas reproduzidas numa concordância passiva, e assim, instaura-se a adesão do leitor (**SDs 1 e 3**) ao *efeito-leitor analfabeto em ciência*, como também à posição-sujeito de *consumidor* de informações da ciência.

Por outro lado, na **SD2 (Bloco IV – Recorte IV – Domínio 3)** institui-se a segunda cena discursiva (**Cena II**), cujo sujeito-leitor fala do lugar social de cientista, um dos pares do blogador, vez que se dirige aos seus interlocutores como *colegas*, aqui entendidos como os demais cientistas que discutem o assunto em uma perspectiva científica: “Bem colegas, eu não acredito que exista um buraco na camada de ozônio isso significaria uma morte global de um superaquecimento instantâneo, como por exemplo, marte um planeta depois da terra” [...] Esse sujeito-leitor se identifica, portanto, com a formação discursiva da ciência, faz comentários bem diferentes, demonstrando profundidade teórica relacionada ao tema abordado. Ele se inscreve no lugar discursivo de *autor*, mostra que construiu uma teoria sobre

o tópico abordado: [...]“vou dar um pequeno ex. de minha teoria [...] O que na minha teoria seria que: Quando os gases carbônicos chegam à atmosfera [...] Se quiserem explicações mais a fundo tenho outro exemplo claro e mais convincente me mande um e-mail e estarei pronto para enviar o trabalho.” Assim, identificado com a FD da ciência e com a FD da divulgação científica, adere ao **efeito-leitor especialista**, como também assume a posição-sujeito de **interlocutor de ciência**, uma posição *já projetada* no DDC do blog intrincadamente ao efeito-leitor *especialista*.

Ressaltemos que sua teoria não se confronta com os dizeres do post sobre o aquecimento global. Desse modo, o **efeito-leitor especialista**¹²⁵ restringe a interlocução discursiva apenas a um grupo seletivo de pesquisadores e estudiosos do assunto abordado no post. Logo, essa interlocução é fechada, o leitor leigo permanece do lado de fora, ouve apenas os ecos, mas não participa ativamente desse processo, ou seja, as barreiras que separam a ciência da sociedade não somente permanecem funcionando, mas são ainda até mais consolidadas.

Já a **Cena discursiva III** se materializa na **SD4**, na qual o sujeito leitor se autoneomeia *leigo* e, atravessado pelo interdiscurso, antecipa uma autoimagem de *incapaz*, ao mesmo tempo em que projeta o imaginário de sujeito capacitado ao seu interlocutor, o cientista: “C. Leigo - não tenho nenhuma capacitação acadêmica no assunto” [...] “Fiquei muito preocupado e pela falta de informação precisa na mídia, fui buscar na ciência os fatores, preventivos e as consequências” [...]. Portanto, o discurso do leitor é atravessado por esse duplo imaginário, como também pelo imaginário social da mídia – como lugar não-autorizado para tratar de assuntos científicos – em contraponto com o imaginário social da ciência, enquanto lugar legítimo e autorizado para abordagens científicas. Nesta cena, o sujeito-leitor, mesmo na condição de leigo, não fica apenas na interação, mas avança em direção à *interlocução discursiva*, já que não adota uma postura de passividade em relação ao conteúdo do post.

E, mesmo afetado pelo lugar social de leigo, ele se inscreve no *lugar discursivo de autor* e consegue confrontar os sentidos já ditos, visto que **não** se dá a adesão ao efeito-leitor *alfabeto em ciência*, nem tampouco à posição-sujeito de *consumidor* de informações científicas, pois ocupa a posição-sujeito de **interpretante**, ao questionar a unanimidade do pensamento científico em relação ao tema do *aquecimento global*: “vejo que o AQUECIMENTO GLOBAL não é uma unanimidade no mundo científico.” Segundo

¹²⁵ Esse funcionamento discursivo foi mostrado no capítulo IV.

Grigoletto (2005a), que também constatou o funcionamento desta posição-sujeito em sua análise, o sujeito *interpretante* produz um movimento de resistência à posição de interpretado, de leitor ideal e, assim, diz respeito “não mais ao leitor virtual, mas sim do leitor real que está autorizado, pela função-autoria, a produzir gestos de interpretação próprios ao texto que leu, já que está assumindo a responsabilidade pelo seu dizer” (GRIGOLETTO, 2005a, p. 243). Esse movimento de resistência aos sentidos já ditos é, portanto, o que caracteriza e institui a posição-sujeito de *interpretante* ao sujeito leitor, conforme enfatiza a autora. Assim, o leitor da **SD4** resiste à posição de *interpretado* ao desconstruir o efeito de unidade imaginária do conhecimento científico, ao tempo em que institui no discurso um outro efeito de sentido, que é o de **des-homogeneidade científica**. Confrontar e desconstruir efeitos de sentidos é constitutivo do trabalho da interpretação, que “enquanto gesto clínico que desloca sentidos, vai através da materialidade discursiva, desconstruindo os efeitos do já dito, em direção a uma outra significação, ainda inédita ao olhar do clínico” (ORLANDI, 2004a, p. 20).

Entretanto, sendo o DDC tão autoritário quanto o discurso científico, o sujeito cientista-blogador produz uma tréplica ao leitor e não aceita o confronto de sentidos, mas insiste na visão de *ciência homogeneizada*, como aponta a sua resposta ao leitor:

[Resposta do Blogador à SD4]- L. B.20 de junho de 2012 às 9:28 -Olá C.,Gostaria muito de saber sua fonte de informação para dizer que o aquecimento global não é uma unanimidade no meio científico. Ele pode não ser na mídia, que trata qualquer assunto científico de forma superficial, mas no meio científico é um consenso a bastante tempo. Escrevi sobre isso neste post. Se 98% dos pesquisadores que trabalham com aquecimento global não é consenso, eu não sei mais o que é.

Assim, o sujeito blogador, ao se inscrever no espaço dos comentários, ocupa o lugar discursivo de *moderador da leitura*, como também a posição-sujeito de *controlador da leitura*, pois não aceita questionamentos, sobretudo quando eles são feitos por um leitor leigo. E, mesmo sendo este leitor a razão da existência do blog de divulgação científica, ele é *barrado* da interlocução discursiva e sua interpretação é apagada. O DDC é guiado pelo efeito-leitor analfabeto-científico, um efeito construído e sustentado pelo imaginário do lugar social do leitor, que é o lugar de leigo. Como já enfatizamos neste estudo, o lugar social é efeito da divisão social instituída pelo modo de produção capitalista (PÊCHEUX, 2011c), que também institui a divisão social da leitura de arquivos (PÊCHEUX, 2010d), uma divisão que busca delimitar as posições de sujeito *interpretante* para alguns, já autorizados, e a de

interpretado para outros, considerados incompetentes e incapazes. Sobre esse funcionamento, Orlandi pontua o seguinte:

Pela divisão social da leitura, os gestos de interpretação são já determinados, os sítios de significância são “previstos”. A ordem (necessária) se apresenta como organização (imaginária) dos sentidos. [...] Com efeito, pela noção discursiva de arquivo podemos apreender o gesto que, na história, *separa, divide o direito à interpretação e trabalha os modos de gerenciá-la*. Isto nos indica que contrariamente aos que alocam os sentidos nas palavras, para nós, os sentidos são, como diz Canguilhem (1980), “relação a”. Para que a língua faça sentido é preciso que a história intervenha. E com ela o equívoco, a ambiguidade, a opacidade, a espessura material do significante (ORLANDI, 2004a, p. 66-67, grifos meus).

Assim, esta divisão funciona no *Sb.br* pelo viés da tensão que se estabelece entre o efeito-leitor *especialista* e o efeito-leitor *analfabeto-científico*. Logo, o projeto que objetiva “quebrar as barreiras que afastam a ciência da sociedade”¹²⁶ é somente uma evidência discursiva, já que essas barreiras jamais serão quebradas enquanto o leitor estiver restrito ao lugar da *interação* e confinado à posição de *consumidor de informações científicas*.

A seguir, apresentamos um recorte de SDs que mostra o funcionamento da interdição da leitura e do *silenciamento* dos sentidos.

5.3 A interdição da leitura e o silenciamento dos sentidos no *Sb.br*

No processo de interlocução discursiva que se instaura na *seção de Comentários* dos posts publicados no *Sb.br*, o sujeito cientista blogador assume, principalmente, a função de *interlocutor* na *cena enunciativa digital*. Mas, ocasionalmente, ele também ocupa, nesta instância enunciativa, a função de locutor, já que também posta seus comentários naquele espaço. Porém, ao instaurar a cena discursiva na seção de comentários dos blogs, o sujeito blogador, como já salientado, ocupa o lugar discursivo de **moderador da leitura**, pois ele é o responsável para gerir e administrar o espaço dos comentários. A partir desse lugar, interpelado ideologicamente pelos saberes da FD da divulgação científica e da mídia virtual, ele pode ocupar distintas posições-sujeito, como por exemplo a posição-sujeito de

¹²⁶ Este dizer se encontra no post “*Sobre o ScienceBlogs Brasil*”, o qual mostramos no Capítulo IV desta pesquisa.

interlocutor ou a de *controlador* da leitura. Neste tópico, vamos mostrar, especificamente, o funcionamento da interdição da leitura ou seja, a posição-sujeito de **controlador da leitura**.

Na verdade, o confronto de posições-sujeito entre o cientista-blogador e o leitor do blog já se institui, conforme já mencionado, antes da publicação dos comentários, quando o blogador ocupa o lugar discursivo de *moderador da leitura*. Todavia, as posições-sujeito ocupadas nesse primeiro momento da *moderação* se materializam somente nas intervenções do blogador aos comentários dos leitores; é nesse momento que observamos o funcionamento do lugar discursivo de **moderador da leitura** intrinsecamente às posições-sujeito.

Vejamos então como se dá a *interdição da leitura* nos blogs do *Sb.br*. Para tanto, recortamos algumas seqüências discursivas (**SDs**), que mostramos a seguir:

BLOCO IV - RECORTE V – DOMÍNIO 3 - SEÇÃO DE COMENTÁRIOS **(SDs 1 a 4)**

Cena I

SD1 E. 8 de setembro de 2011 às 14:11

1) ***editado***

SD2 C.10 de dezembro de 2011 às 14:53- cade meu comentario?

SD3 E. 29 de dezembro de 2012 às 17:25. Mandei 8 coments e tds sumiram. Se não foi problema do blog, parece que alguém está fugindo da discussão. Fugão. Publica este.

SD4 P. 8 de março de 2012. Hoje, dia Internacional da Mulher, 8 de março, descobri que um comentário meu foi apagado do blog, um comentário contrário, hoje voltei lá pra saber se tinha provocado alguma reação, e tinha! Meu comentário foi deletado.¹²⁷

As **SDs 1 a 4 (Recorte V- Domínio 3)** denunciam o funcionamento do **silenciamento** dos sentidos. Segundo Orlandi (2007), o silêncio funciona discursivamente sob duas formas, sendo a primeira, o silêncio *fundador* – que possibilita toda significação – e a segunda, que diz respeito à *política do silêncio*. Esta última, por sua vez, apresenta duas subdivisões: o *silêncio constitutivo*, já que todo dizer, necessariamente, cala algum sentido; e o *silêncio local*, que é a *censura*. A autora acrescenta ainda que “Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso” (ORLANDI, 2007, p. 102).

¹²⁷ A publicação se deu, não no blog que efetuou o corte do comentário, mas em outro blog do ScienceBlogs Brasil.

O que pretendemos mostrar nessa análise é o funcionamento da política do silêncio na forma da *censura*, como vimos nas **SDs de 1 a 4 (Bloco IV - Recorte V - Domínio 3)**. A *censura* dos comentários busca apagar outros saberes que ameaçam a *estabilidade* dos sentidos já ditos da FD do discurso de divulgação científica do ScienceBlogs Brasil, a exemplo da SD4: “[...]um comentário meu foi apagado do blog, um comentário contrário”. E assim ocorre com os demais comentários, que foram apagados e editados porque confrontam os sentidos já instituídos nesse discurso, conforme apontam as outras sequências discursivas (**SDs 1 a 4**). Eis aí o funcionamento da interdição da leitura, que se institui pelo viés do lugar discursivo de *moderador* e pela posição-sujeito de *controlador da leitura*.

A política do silenciamento também ocorre na seção de comentários do post *O Sexismo benevolente*, publicado pelo blog *O Divã de Einstein*, do Sb.br.



Figura 18 – Post: O sexismo Benevolente¹²⁸

BLOCO III - RECORTE I – DOMÍNIO 2 – POSTS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

SD6 O Sexismo Benevolente

Então que a marca de lingerie Hope pode ter que tirar de circulação a peça publicitária com a Gisele – models, a Gisele de novo... – porque a Secretaria de Políticas para Mulheres do

¹²⁸ Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/odiva/2011/09/o-sexismo-benevolente/>>. Acesso em 29/07/2012.

governo federal entendeu que “a propaganda promove o reforço do estereótipo equivocado da mulher como objeto sexual de seu marido e ignora os grande avanços que temos alcançado para desconstruir práticas e pensamentos sexistas”. À parte meia dúzia de feminazis, a escorchante maioria das pessoas achou o filmete no máximo “engraçadinho”. O que é que tem, gente?!?!?! Agora não pode nem fazer uma piadinha?!?!? Bando de mal-amadas. As mulheres já conquistaram direitos iguais aos dos homens, já conquistaram os bancos escolares e os cargos importantes nas empresas, pra quê tanto mimimi?!?!

Se você concorda com as frases do parágrafo acima, no todo ou em parte, você é, SIM, sexista. Independente de seu gênero, você se comporta de modo a perpetuar determinadas relações interpessoais baseadas na desigualdade social entre homens e mulheres. E pior: você pode estar agindo dessa maneira sem nem mesmo dar-se conta. Você pode ser um “Sexista Benevolente”.[...] A ideologia do Sexismo Benevolente baseia-se na pretensa diferença de “força” entre homens e mulheres e se infiltra nas atitudes cotidianas disfarçada de “demonstração de carinho”, “cuidado com a mulher” e até mesmo de “cavalheirismo”. [...] Nas palavras de Becker & Swin (2011): “...as qualidades, aparentemente positivas e lisonjeiras, embutidas [...] Essas autoras – sim, são duas mulheres – propuseram uma série de estudos experimentais sobre a percepção de homens e mulheres acerca do sexismo presente em seus cotidianos. [...] Os homens do estudo de Becker & Swin (2011) [...] “Estes resultados sugerem que as mulheres endossam crenças sexistas porque lhes falta o reconhecimento de formas sutis de sexismo [...] pesquisas têm mostrado que o desserviço acumulado de se subestimar ideologias sexistas. [...] Não é uma questão de homens e mulheres, é uma questão de humanidade.

Cabe assinalar que as condições de produção desse post (**SD6 – Domínio 2**), que envolve também a tradução¹²⁹, pois o *paper* original é escrito na língua inglesa. Logo, diz respeito a uma construção discursiva que envolve vários gestos interpretativos do sujeito do DDC, na cena discursiva.

O anúncio da lingerie *Hope* é usado apenas para introduzir o post, que é construído a partir de recortes de um artigo científico, originalmente escrito em inglês, que aborda a questão do *sexismo benevolente*, publicado em periódico especializado e estrangeiro. Na construção do post (**SD6**), o sujeito blogador se inscreve no lugar discursivo de *porta-voz da ciência*, já que traduz, edita, recorta e *interpreta* os dizeres do artigo científico, interpreta esses dizeres e materializa-os no post, que, por sua vez, é uma versão do texto científico, como afirma Orlandi (2001a,2004b). Nesse processo, produz-se um efeito de apagamento da heterogeneidade de vozes, constitutiva do discurso e, na costura discursiva realizada pela função tradutor, função editor e função autor (do post), produz-se o efeito de homogeneidade discursiva. Mittman (2008) esclarece o funcionamento da tradução na perspectiva da AD, da seguinte maneira:

¹²⁹ O post é construído a partir da tradução do artigo científico escrito originalmente em inglês, publicado em periódico especializado, logo, dá-se aí um duplo gtrabalho de interpretação.

Enquanto que na produção de um texto próprio o autor assume uma voz, esquecendo-se da heterogeneidade que lhe é constitutiva e das determinações que sofre, colocando-se como responsável pelo que diz, o tradutor busca desdobrar-se em dois, como se fosse possível emergir nele o autor do original, e tende a responsabilizar-se pelo processo de produção do novo texto, mas não pela voz que ali fala, já que esta é imputada ao autor (MITTMANN, 2008, p. 93).

Tal processo, segundo a autora, se desenvolve pelo viés do esquecimento número 1 (o da ideologia e do inconsciente) e pelo esquecimento número 2 (o da enunciação).

A nosso ver, o apagamento da heterogeneidade de vozes que atravessa o discurso e o constitui, assim como a ilusão da homogeneidade discursiva, também se dá no processo de *edição*, pois os recortes efetuados e costurados produzem um efeito de fusão e unidade imaginária do texto, um efeito de lisura na superfície textual. Esse apagamento da heterogeneidade de vozes é também constitutivo do lugar discursivo de *porta-voz*, que, em se tratando do DDC inscrito no post “*O Sexismo benevolente*”, é constituído tanto pela *tradução* quanto pela *edição*. Na construção do lugar discursivo de *porta-voz*, busca-se apagar a voz do intérprete – da ciência para o leitor – ao tempo em que se produz o efeito da voz **una** e verdadeira da ciência falando diretamente ao leitor no DDC, que também é um efeito de exterioridade científica (ORLANDI, 2004b). Todavia, nesse momento analítico, o nosso olhar se volta para a interlocução discursiva, portanto vamos mostrar alguns comentários do post *O Sexismo benevolente* (SD6).

BLOCO IV - RECORTE VI – DOMÍNIO 3 - SEÇÃO DE COMENTÁRIOS

(SDs 1 a 4)

Neste recorte se instauram duas cenas discursivas, sendo que a **Cena I** é constituída pelas **SDs 1 e 2**, e a **Cena II** é constituída pelas **SDs 3 e 4**. Em ambas as cenas discursivas funcionam a *interdição* e o *controle da leitura*, embora de formas diferenciadas.

Cena I

SD1 B. 2 de outubro de 2011 às 17:30 -“Os resultados mostraram que quando as pessoas são forçadas a prestar atenção a comportamentos sexistas, elas tendem a não tolerar a discriminação com tanta facilidade.” Eu concordo que a intenção do estudo é boa, e não discuto o sexismo da propaganda

nem de seus “defensores”, mas será que é cientificamente válida a afirmação acima? É válido considerar como espontânea uma reação das pessoas-objeto do estudo que seja dirigida pela “sensibilização” para o sexismo? Em outras palavras, daria para esperar outra reação, se elas já foram “instruídas” para perceber alguns comportamentos como sexistas? É claro que a reação do grupo de controle também é condicionada pela sociedade e, nesse sentido, não totalmente espontânea, mas tenho minhas dúvidas sobre a utilidade de um estudo desse tipo. Não tenho bagagem teórica para criticar profundamente o estudo, por isso coloco minha “crítica” mais como dúvida e ficaria feliz de ver respostas dos entendidos no assunto.

[Resposta da Blogueira à SD1) -A. A. 2 de outubro de 2011 às 19:15. B., Recomendo que você leia o paper original para ver como foram feitos os controles experimentais. De qualquer modo, em casos de estudos que usam como medida o relato verbal dos participantes, há sempre a possibilidade de que as pessoas respondam sob controle do que elas acham que o experimentador quer ouvir. [...] Acho que você iria gostar de ler o experimento tal como ele foi feito, no paper, para ver como as pesquisadoras fizeram para chegar aos dados mostrados.

SD2 B. Tentei ler os artigos, mas... tem de PAGAR para ter acesso! “Grande Estados Unidos”! Que grande absurdo não poder ter acesso ao conhecimento produzido pela sociedade! Ainda bem que aqui no Brasil ainda não seguimos esse modelo nefasto, e há uma infinidade de publicações científicas abertamente disponíveis (ex.: scielo).

Cena II

SD3 B. 4 de outubro de 2011 às 12:58 - benditas mulheres sexistas. Nada contra as que o são por inteligência, mas tem umas que vai colher maçãzinhas na montanha... mulher bem educada, informada, de elite... e SEXISTA??? que lindo!!

(Resposta da blogueira à SD3):

[Comentário obviamente editado. Da próxima vez, pense (consegue?) bem antes de dar uma de babaca. Caso contrário, além de editar o comentário, vou expôr seu email e seu IP. Porque eu POSSO.]¹³⁰

SD4 A. 5 de outubro de 2011 às 0:34 - Que isso?!-Nunca vi isso em blog algum!

Na **cena I** a interdição se dá pelo **não-acesso** à leitura do *paper* “*original*”, como atestam as SDs 1 e 2. Como já salientado, o post *O Sexismo benevolente*, publicado no blog *O Divã de Einstein* (**SD6 – domínio 2**), resulta de vários gestos interpretativos do sujeito autor, que recortou e traduziu pedaços do *paper* e os organizou, produzindo o efeito de unidade do

¹³⁰ A saliência em negrito é do texto original.

texto na postagem. Mas, como a língua é o lugar do equívoco e da falha, o texto pode ser destrinchado no ato de leitura e o leitor também pode produzir gestos de interpretação, como por exemplo, se dá no comentário da **SD6**, em que o leitor se inscreve no lugar discursivo de autor e assume a posição-sujeito de *interpretante*, ao expressar suas dúvidas e questionamentos em relação à legitimidade científica dos resultados da pesquisa, pois não aceita o teor do post como verdade absoluta: “ [...]mas será que é cientificamente válida a afirmação acima? [...] tenho minhas dúvidas sobre a utilidade de um estudo desse tipo [...]”.

O sujeito leitor é afetado tanto pelo imaginário do lugar social que ocupa – o lugar de leigo cientificamente: “Não tenho bagagem teórica para criticar profundamente o estudo, por isso coloco minha “crítica” mais como dúvida” [...], como também é afetado pelo imaginário do lugar de cientista, aquele que é “possuidor do entendimento”: “[...]ficaria feliz de ver respostas dos entendidos no assunto” [...]; assim, o discurso do leitor é bastante atenuado, por isso não se coloca declaradamente na posição de crítico, mas apenas de um *duvidoso*, percurso usado estrategicamente para manifestar resistência à interpretação dada, mastigada no DDC. Conforme Chartier, “a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artificios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas e subverter as lições impostas são infinitos” (CHARTIER, 1998, p. 7). Desse modo, a atenuação aí funciona como uma afronta ao avesso, uma forma de rebeldia e enfrentamento diante do autoritarismo do discurso de divulgação científica do blog, para que o leitor se constitua enquanto produtor de sentidos.

Todavia, o sujeito blogador, ao se inscrever na **seção de comentários** desse post (**SD6**), pelo viés da cena enunciativa digital, como *locutor*, movimenta-se, na cena discursiva, para o *lugar discursivo* de *moderador da leitura* e produz uma resposta ao leitor, indicando que ele deve consultar o *paper* ‘original’: “Recomendo que você leia o paper original para ver como foram feitos os controles experimentais [...] Acho que você iria gostar de ler o experimento tal como ele foi feito, no paper, para ver como as pesquisadoras fizeram para chegar aos dados mostrados.” Entretanto, ao fazer esta recomendação, o blogador não chama o leitor para a *interlocução*, mas o exclui, visto que o acesso ao paper original é *vedado* ao leitor leigo. Na verdade, o acesso é duplamente vedado, pois além de o texto ser escrito em língua inglesa, tem um custo financeiro a ser pago. É o que aponta a **SD2 (Cena I)**: “Tentei ler os artigos, mas... tem de PAGAR para ter acesso! Ou seja, o leitor não tem saída,

fica sozinho e desamparado em suas dúvidas e questionamentos em relação ao discurso de divulgação científica (LATOURE, 2000).

Nesta mesma cena discursiva (**Cena I - SD2**), o sujeito leitor, pela mediação do interlocutor na cena enunciativa (sujeito blogador), interpela um *destinatário* ausente na cena enunciativa digital, que é representado pelos cientistas americanos (EUA) para denunciar esse nefasto processo de exclusão: “Tentei ler os artigos, mas... tem de PAGAR para ter acesso! “Grande Estados Unidos”! Que grande absurdo não poder ter acesso ao conhecimento produzido pela sociedade!” É assim que funciona a divisão social do trabalho de leitura, que se inscreve numa relação de dominação e decide quem pode e quem não pode ter o direito de produzir leituras originais e interpretações (PÊCHEUX, 2010d). Esta é uma ideologia inscrita na história, a exemplo do que ocorria na Idade Média, um período negro da história no qual as bibliotecas e arquivos eram vedados e restritos a uma elite de dominadores que mantinham o poder pela força bruta. No DDC do Sb.br esse funcionamento retorna com uma evidência de divulgação, com as sutilezas próprias da ideologia, que produz o efeito de transparência da linguagem, um efeito produzido no discurso que se inscreve nas novas materialidades das tecnologias virtuais, a exemplo do blog.

Como já discutido neste trabalho, a negação do acesso dos arquivos da ciência ao leitor também se instaura quando a divulgação científica se traduz em meras informações vazias, notícias, slogans e comentários vagos sobre os fatos que circundam o mundo da ciência¹³¹. Uma divulgação que não oferece ao leitor a condição de se relacionar com a ciência de forma crítica e participativa. No DDC que ora analisamos, a ciência desloca-se de seu lugar a fim de buscar o leitor no blog, ao mesmo tempo em que tenta transformar o blog em um espaço de ciência. Todavia, nesse percurso algo se perde, pois o que chega ao leitor não é o conhecimento científico, mas apenas um simulacro de ciência. Sobre isso, é oportuno considerar o que pontua Orlandi (2004b, p. 137):

Ora, a ciência, em seu lugar próprio, é produzida como conhecimento. No entanto, como dissemos, quando pensamos as tecnologias de linguagem, a ciência desloca-se para a informação. Este é um deslocamento importantíssimo, que muitas vezes passa despercebido: *não se está mais falando da produção do conhecimento, está-se falando da produção da informação* (grifos meus).

¹³¹ A produção da informação científica como também a produção da ciência enquanto mercadoria já foi discutida neste trabalho, no capítulo anterior.

Sob o efeito de transparência da linguagem, a seção de comentários do blog simula a abertura dos arquivos da ciência aos leitores, seja pela possibilidade de se inscrever como autor e co-produtor dos textos, seja pelas trilhas dos inúmeros links ali colocados para sinalizar as rotas das leituras, simulando percursos através dos quais o leitor, finalmente, teria livre acesso aos arquivos da ciência e poderia estabelecer uma relação com o lugar de produção científica. No entanto, nos rastros desse percurso, o leitor se esbarra ao se deparar com a ciência-mercadoria, que alija o leitor não especialista em ciência, ao abandoná-los em suas perplexidades e questionamentos.

Mas a *interdição* da leitura se dá de maneira ainda mais acentuada na **cena discursiva II**, constituída da **SD3** e da respectiva resposta ao leitor, na qual o sujeito blogador, do lugar discursivo de moderador da leitura, assume a posição-sujeito de **controlador da leitura**, conforme mostra o texto: “**Da próxima vez, pense (consegue?) bem antes de dar uma de babaca. Caso contrário, além de editar o comentário, vou expôr seu email e seu IP. Porque eu POSSO.**”¹³². Esta posição-sujeito é instituída pelo viés do efeito-leitor *analfabeto em ciência*.

Assim como se dá em outras **SDs** já mostradas neste tópico, na **SD3 (Cena II)**, a voz do leitor é também silenciada, mas agora com um efeito de sentido de *ameaça*. É o funcionamento do *discurso competente* (CHAUI, 2006,2011) afetando o DDC virtual, que institui a “política do silêncio”, a qual, conforme Orlandi (2007, p. 102) “dispõe as cisões entre o dizer e o não-dizer”. Logo, o virtual é também um espaço constituído pela contradição: ao mesmo tempo em que parece aberto e sem barreiras, fecha a passagem para a interlocução, numa demonstração de puro autoritarismo que se inscreve nas relações de saber, poder e verdade, pois “O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder (FOUCAULT, 2007, p. 80).” Esse funcionamento se dá no DDC, como aponta o enunciado da resposta dada ao leitor: “**Porque eu POSSO**”.

Isto nos remete ao jogo de projeções imaginárias, constitutivo de todo processo discursivo, que ajuda a elucidar as condições de produção do discurso (PÊCHEUX, 2010a). A construção do post – reproduzido parcialmente na **SD6 (Bloco III – Recorte I – Domínio 2)** foi afetada pelo imaginário dos lugares dos sujeitos envolvidos nessa teia discursiva, a saber – a imagem do lugar do cientista-blogador, do lugar do leitor, do lugar da mídia e do blog, do

¹³² A saliência em negrito é do texto original.

lugar da ciência e da divulgação científica, como também da imagem do lugar das autoras¹³³ do *paper* “original”, pois a tradução também é um processo afetado pelas projeções imaginárias:

Numa perspectiva discursiva, podemos dizer que não é o texto original que serve de base para que se produza o texto da tradução, mas a imagem que o tradutor faz, não apenas do texto original, mas também do lugar do autor, do lugar do leitor, do seu próprio lugar, da imagem que faz de outros discursos, etc. (MITTMANN, 1999, p. 224)

Assim, é a partir dessa teia de imaginários que se constrói o DDC do Sb.br, que também se tece pelos fios da tradução e da edição de textos científicos E, na tréplica do divulgador ao comentário do leitor (SD3 – Cena II), a imagem do sujeito do DDC do Sb.br é tecida como um *detentor do poder, da autoridade e da verdade*, de quem não se pode discordar: “[...] **além de editar o comentário, vou expôr seu email e seu IP. Porque eu POSSO**”.” Logo, o imaginário da ciência e do cientista se constituem na relação *saber, poder e verdade*, instituída historicamente. Tais imagens também determinarão o imaginário do leitor nesse discurso, ou seja, o leitor será projetado como um simples leigo, um “babaca” que não pensa: “**Da próxima vez, pense (consegue?) bem antes de dar uma de babaca**”. É também nesse imbricamento de forças ideológicas que se delinea o efeito-leitor *analfabeto em ciência*, um ser *não-pensante* – um funcionamento discursivo que aqui se repete.

O leitor até tenta expressar suas dúvidas e posicionamentos, mas é ignorado, silenciado, desrespeitado, o que nos leva a concluir que a ciência, mesmo sendo deslocada ao blog, um lugar social marcado pelo imaginário de liberdade de acesso e navegação, é também um lugar de *censura, de interdição, de exclusão*. Sendo assim, a política do silêncio, enquanto censura, tenta impedir a interlocução e manter apenas a interação, não somente a interação homem-máquina, mas também a interação que funciona como um efeito-interlocução, aquela em que o leitor registra seus comentários, mas não participa da discussão científica efetivamente, apenas concorda passivamente com a interpretação já dada pelo porta-voz da ciência.

Por outro lado, quando há um avanço e o leitor tenta questionar e estabelecer o diálogo, ele é calado, até desdenhado, porque ousou confrontar as “autoridades científicas”, supostamente detentores da *verdade* instituída como única. Nessa relação de dominação,

¹³³ No post “O Sexismo Benevolente”, obtemos essa informação de que o artigo científico “original” foi escrito por duas autoras.

silenciamento e controle que se estabelece no DDC virtual, o leitor não especialista em ciência permanece do lado de fora dos muros do conhecimento científico. Na maioria das vezes, os leitores chegam aos blogs apenas quando são “caçados” ou quando os posts abordam assuntos considerados “não-científicos” e, de qualquer forma, a maioria chega ao site “por acidente”. Os próprios cientistas reconhecem que a participação do leitor leigo no blog é quase inexistente, como apontam os relatos encontrados na seção de comentários, do post “*Sobre o XII RABU e a compreensão pública da ciência*”, publicado no blog *A Crônica das Moscas*, do *Sb.br*. Aqui, quem comenta são os próprios blogadores e cientistas do *Sb.br*:

BLOCO III - RECORTE I – DOMÍNIO 2 – POSTS DC

(SD7)

SD7 *Sobre o XII RABU e a compreensão pública da ciência*

[...]Nesta noite recebemos um recado muito especial do jornalista de ciência, Carl Zimmer, que entrei em contato e perguntei se ele poderia fazer um video para o evento sobre como os blogs poderão atuar para tornar a ciência e especialmente a biologia, mais compreensível para as pessoas “de fora”. Vou tentar postar esse video aqui, mais tarde. O Carl disse coisas importantes, do tipo, para termos cuidado para não escrever somente para os nossos pares, como outros blogueiros de ciência ou cientistas, por que a mídia impressa ganha em cima dos blogs nesse sentido, pois algo sobre ciencia pode ser encontrado numa velha revista jogada num canto de uma loja, ou estação de trem, o letigimo paraquedista, o tipo de leitor que os blogs de ciência vem tentando conseguir. As pessoas assistiram as palestra até o final (o que não é comum na minha faculdade) e participaram da mesa redonda com perguntas pertinentes, o que me deixou feliz e com boas expectativas do que poderá vir daquela conversa.

Observamos que esse post – denominado “*Sobre o XII RABU e a compreensão pública da ciência*” – não se dirige ao leitor leigo, embora fale *dele*. O sujeito blogador aqui busca a interlocução com seus pares, pois comenta um evento científico, como mostra o seguinte trecho da **SD7**: “Nesta noite recebemos um recado muito especial do jornalista de ciência, Carl Zimmer, que entrei em contato e perguntei se ele poderia fazer um video para o evento [...] O Carl disse coisas importantes, do tipo, para termos cuidado para não escrever somente para os nossos pares, como outros blogueiros de ciência ou cientistas”. Temos também no DDC inscrito nesse post, um atravessamento do discurso jornalístico, que busca orientar a textualização do discurso científico para a versão da divulgação científica.

No entanto, sob a evidência do dito de se ampliar a divulgação científica, temos um não dito de manter a ciência “guardada” em suas muralhas. O imaginário de leitor leigo, sob o

qual se formata o DDC, é o de leitor *paraquedista*¹³⁴, ou seja, o que é *caçado* pelos blogadores de ciência: [...]“o letigimo paraquedista, o tipo de leitor que os blogs de ciência vem tentando conseguir.” [...]. Tal imaginário também determina o efeito-leitor *analfabeto em ciência*, projetado nesse discurso. Logo, o DDC, ao funcionar sob esse efeito-leitor, não institui a interlocução do leitor leigo com a ciência, mas perpetua a sua exclusão. A suposta tentativa de divulgar a ciência em uma linguagem “mais compreensível para as pessoas *de fora*”, como mostra a **SD7**, é apenas uma evidência, pois, conforme temos visto aqui, o caça-paraquedismo traz o leitor para uma relação com o lugar do blog, mas não institui a relação deste com o lugar da ciência. Vejamos o desenrolar desta interlocução na seção de comentários.

BLOCO IV - RECORTE VII – DOMÍNIO 3 - SEÇÃO DE COMENTÁRIOS

(SDs 1 a 3)

Cena I

- SD1** A. M. 19 de novembro de 2009 às 9:06 – [...] Mas quanto ao alcance público (no mais amplo sentido) dos blogs sobre ciência ainda acho que muita pedra tem que rolar.Sou totalmente a favor, claro. No blog em que participo como autor de alguns simples textos, noto que os visitantes e "comentaristas" são, quase que em sua totalidade, outros blogueiros ou colegas do meio acadêmico. Isso é ótimo, não estou reclamando. Que outros colegas blogueiros apareçam no meu blog e dêem suas opiniões. Elas são sempre bem-vindas.Mas para um apelo mais popular, acho que deveria haver uma maior divulgação em escolas por exemplo. Entendo que os blogs são uma ótima ferramenta extra-classe para compreensão do que foi dado em sala de aula.Mas precisamos fazer com que o mundo exterior veja a riqueza contida nesse tipo de meio de divulgação. [...]
- SD2** N.19 de novembro de 2009 às 13:39-Pois A., eu estava pensando sobre isso também. Como poderíamos implementar o acesso a blogs de ciência nas escolas e universidades, por exemplo?Deveria haver uma forma de "spread" esse meio tão bacana de divulgação científica...Porque, assim como tu (e o C. Z.) disse, normalmente os visitantes e comentaristas dos blogs são outros blogueiros... atmosfera meio restrita
- SD3** L. F. 20 de novembro de 2009 às 14:06 -Ora, acho que um dos caminhos seria instigar o interesse pelas coisas que a ciencia tem a dizer sobre o nosso mundo e as nossas vidas. seja atraves de desenhos, frases assombrosas(no melhor estilo Sagan), fotografias e textos...Talvez dessa forma a ciencia produza um sentido nas pessoas, e talvez dessa forma, se houver interesse em ciencias, conseqüentemente houvera um interesse na natureza do universo, que é a causa por que estamos pela ciencia (pelo menos a minha)...

¹³⁴ No capítulo Iv desta Tese, discorreremos sobre o fenômeno do caça-paraquedismo praticado nos blogs.

Ressaltamos que, nesta interlocução, na cena enunciativa digital, tanto o *locutor* (autor do post) como o *interlocutor* (leitor comentarista) se constituem de sujeitos que ocupam o lugar social de cientista. E, na cena discursiva, tanto o sujeito blogador quanto o sujeito leitor são afetados pela FD da divulgação científica. O sujeito leitor se inscreve no lugar discursivo de *autor*, pelo viés dos comentários e adere ao *efeito-leitor especialista*.

O discurso materializado nesta cena (**Bloco IV - Recorte VII – domínio 3**) produz um efeito de sentido de *inclusão científica*: “(SD1) “Mas precisamos fazer com que o mundo exterior veja a riqueza contida nesse tipo de meio de divulgação. [...]; (SD2) “Como poderíamos implementar o acesso a blogs de ciência nas escolas e universidades, por exemplo?” [...] Porém, quando se ultrapassa a transparência da linguagem, esse efeito é desconstruído. O leitor leigo, ausente na cena enunciativa digital, é interpelado pela mediação do blogador, na cena discursiva, como um sujeito para o qual a ciência não faz sentido: [...] “Talvez dessa forma a ciencia produza um sentido nas pessoas” [...].

Todavia, nas sugestões apresentadas para promover uma aproximação entre a ciência e a sociedade, paradoxalmente, já se inscreve a *exclusão*, pois eles defendem a *ciência-espetáculo*, como mostra a SD3: [...] “um dos caminhos seria instigar o interesse pelas coisas que a ciencia tem a dizer sobre o nosso mundo e as nossas vidas. seja atraves de desenhos, frases assombrosas (no melhor estilo Sagan).”[...] Ou seja, uma ciência espetaculosa. Ora, este é o mesmo método usado no caça-paraquedismo, como vimos no post que abordou o enunciado sobre *o fim do mundo*. Institui-se assim o regime da repetibilidade do efeito-leitor analfabeto em ciência, um efeito afetado pelo imaginário social do leitor leigo, que supostamente só compreende a ciência através da linguagem do espetáculo, das “frases assombrosas”.

Por essa razão, a ciência continua falando de si para si, não há socialização do conhecimento, uma exclusão instituída historicamente e mantida nos blogs de divulgação científica, conforme atestam os próprios cientistas na SD1: [...] “No blog em que participo como autor de alguns simples textos, noto que os visitantes e "comentaristas" são, quase que em sua totalidade, outros blogueiros ou colegas do meio acadêmico; [...] (SD2) [...] “assim como tu (e o C. Z.) disse, normalmente os visitantes e comentaristas dos blogs são outros blogueiros... atmosfera meio restrita”. Sendo assim, o conhecimento científico disponibilizado nos blogs é só uma evidência discursiva, pois os blogs também se constituem em “**uma atmosfera restrita**” ao meio acadêmico, **aos próprios blogadores e cientistas**, um

espaço re(territorializado), um território eletrônico e virtual controlado por uma elite que assume a posição-sujeito de *guardiã do saber* e mantém o leitor aliado do acesso aos arquivos, tal qual se dava nas Bibliotecas dos mosteiros no período da Idade Média.

Conforme aponta Latour (2000), a divulgação científica é uma literatura que *alija* o leitor:

A literatura alija as pessoas, uma literatura que é feita para isolar o leitor pelo uso de um número muito maior de reforços. [...] A força da retórica está em *fazer o discordante sentir-se sozinho*. Isso é realmente o que acontece com o “homem comum” que lê a massa de relatórios [...]. É difícil divulgar a ciência porque ela é *planejada para alijar logo de cara a maioria das pessoas*. [...] O leitor não é somente escolhido de antemão, como *também lhe tiram as palavras da boca*. Graças a esse procedimento, o texto tem alvo bem definido; esgota todas as objeções de antemão e *pode perfeitamente deixar o leitor sem fala, pois nada lhe resta senão aceitar as afirmações como verdades* (LATOURE, 2000, p. 76, 88).

Esta é a condição do leitor dos blogs do *ScienceBlogs Brasil*: um leitor *sem-fala*, pois sua fala é censurada e silenciada, como visto aqui. Institui-se no DDC uma relação assimétrica, que não permite a reversibilidade, logo, é um discurso autoritário (ORLANDI, 2011). Ao leitor “comum” ou leigo é negado o acesso aos arquivos da ciência.

Para efeito de conclusão deste capítulo, já que não há *fechamento* no processo discursivo, é relevante assinalar alguns aspectos do funcionamento da interlocução discursiva que observamos na seção de comentários do ScienceBlogs Brasil.

Um aspecto intrigante, por exemplo, é a constatação de que o discurso dos comentários se caracteriza, paradoxalmente, por uma *segregação* entre os cientistas e os leitores: se de um lado, os posts são mais comentados pelos próprios blogueiros/blogadores de ciência, como vimos no post da **SD7 (Bloco III - Recorte I - Domínio 2)** e nos comentários desse post (**SDs 1 a 3 – Bloco IV - Recorte VII – Domínio 3**), por outro, quando os leitores participam ativamente dos comentários, se instaura a sobreposição da cena discursiva, na qual se institui o *apagamento* do sujeito blogador, pelo viés do deslocamento de sentidos do discurso e, assim, a interlocução se estabelece apenas entre os leitores. Todavia, esta interlocução se desloca do domínio da FD da divulgação científica para outras FDs, a exemplo do post que aborda a questão do “*fim do mundo*”, cujos sentidos foram deslocados da FD do DDC para a FD religiosa cristã.

Vimos ainda que o post referente à reportagem da Revista *VEJA* sobre o medicamento *Victoza*, sofreu deslocamento de sentidos, da FD do DDC para a FD do discurso médico e

para a FD do discurso do cotidiano. Ou seja, o leitor leigo, na maioria das vezes, só se institui enquanto *interlocutor* na relação com outro leigo.

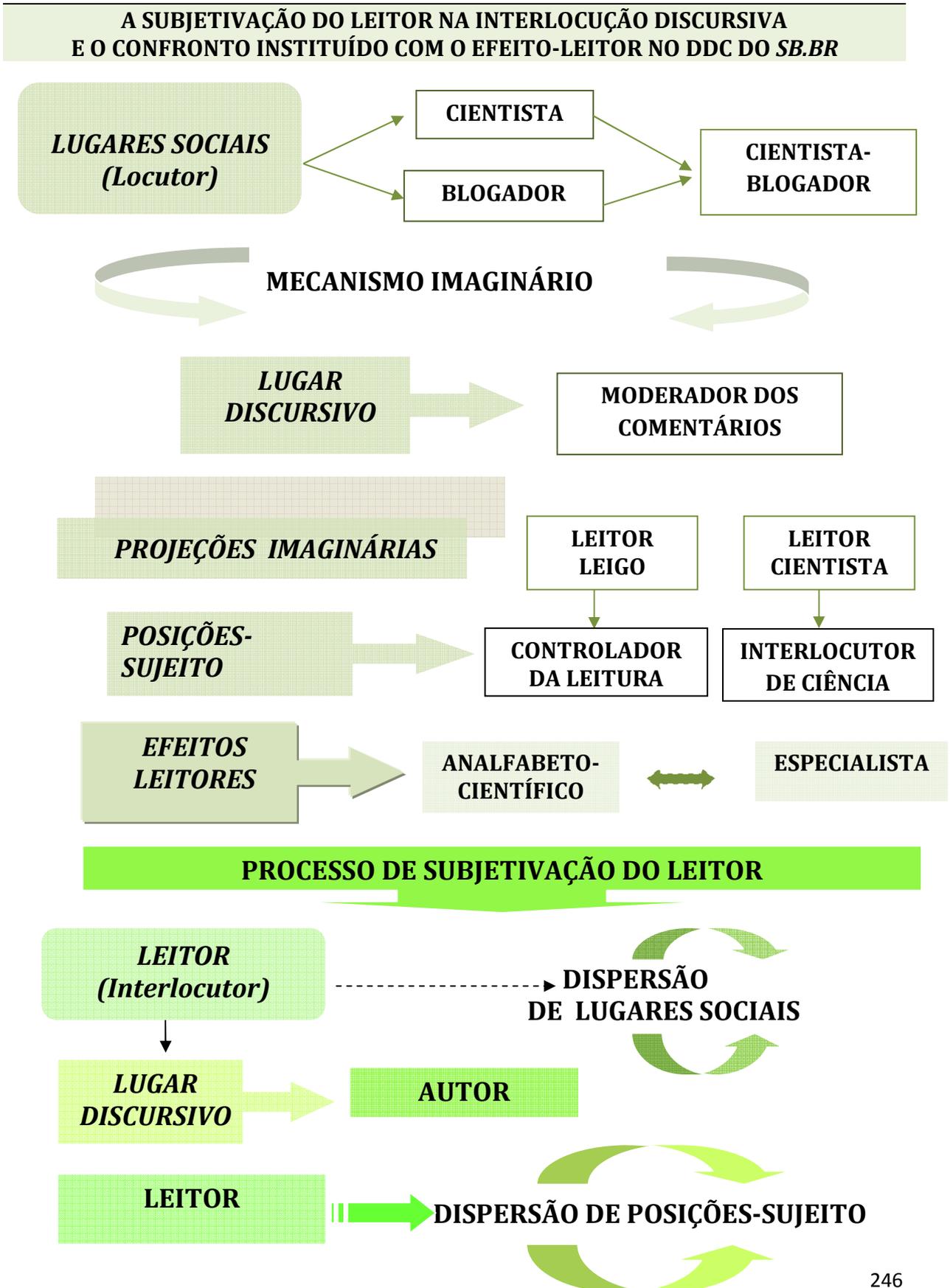
Lembramos ainda que a *interação*, no campo da AD, conforme já preconizado por Grigoletto (2011), não significa *interlocução*. Mas, além da relação homem-máquina, empregamos também a noção de interação para denominar a participação passiva do leitor na seção de comentários, num movimento de *adesão* ao efeito-leitor *analfabeto-científico*, projetado no discurso, como também à posição-sujeito de *consumidor* das informações científicas. Esse leitor se inscreve no espaço do blog, mas não se inscreve no processo da interlocução com a ciência e a divulgação científica. Mas também há o leitor que resiste ao efeito-leitor analfabeto, resiste à posição-sujeito de consumo à ciência-mercadoria e confronta os sentidos, que sempre podem ser outros. Nesse caso, o leitor, ao ocupar a posição-sujeito de resistência à ideologia da verdade absoluta do DDC, se inscreve na interlocução, pois confronta os sentidos já-ditos da FD da ciência e da divulgação.

Assim, a divisão social do trabalho da leitura de arquivos (PÊCHEUX, 2010d) se estabelece de várias maneiras nesse discurso, seja pela moderação, que institui a administração dos comentários e dos sentidos; seja pela posição-sujeito de controlador da leitura, que impõe o silenciamento e a censura pelo viés da edição e do corte dos comentários, seja pela negação do acesso aos arquivos da ciência, como também através da ameaça e da rejeição aos questionamentos feitos pelos leitores. De uma forma ou de outra, instaura-se a política do silêncio que insiste em calar outros sentidos no DDC do ScienceBlogs Brasil.

Instaura-se, portanto, na seção de comentários dos blogs de divulgação científica do Sb.br, uma tensão entre o efeito-leitor analfabeto em ciência, o efeito-leitor especialista e o leitor real que se inscreve na cena enunciativa digital ao postar seus comentários e, ao mesmo tempo, é interpelado em sujeito, ao ocupar o lugar discursivo de autor para também se posicionar como sujeito do discurso e assim, produzir sentidos. É nesta tensão que se estabelece a contra-identificação e a desidentificação do leitor com os sentidos já ditos do DDC, graças aos equívocos e *furos* da língua que abrem o espaço para a movência do sujeito leitor ao lugar discursivo de autor e à dispersão de posições-sujeito, ao romper a transparência da linguagem e desconstruir os efeitos do já dito, sobretudo, o efeito-leitor analfabeto-científico, e, dessa maneira, produzir gestos de interpretação.

A seguir, apresentamos o **Quadro 6** a fim de ilustrar o funcionamento da interlocução discursiva no DDC do ScienceBlogs Brasil:

Quadro 6 – A Subjetivação do leitor na interlocução discursiva e o confronto instuído com o efeito-leitor no Sb.br



CONSIDERAÇÕES (NÃO)FINAIS

Ao iniciar o percurso desta pesquisa, propomo-nos a analisar o funcionamento do *efeito-leitor* no discurso de divulgação científica (DDC) do *ScienceBlogs Brasil (Sb.br)*, um discurso produzido sob as condições da mídia eletrônica da *Web*.

Lembramos que as discussões sobre a ciência e sua divulgação implicam, necessariamente, considerar a indissociabilidade entre *ciência*, *tecnologia* e *administração* (Governo) (ORLANDI, 2001a). Logo, as nossas reflexões sobre o DDC inscrito nos blogs do *Sb.br*, levam em conta as várias relações que se estabelecem nesse tripé, que afetam os movimentos de interpretação da ciência que é divulgada nos blogs, que também é o lugar de circulação desse discurso. Os gestos de interpretação são mediados (e administrados) pelas tecnologias de linguagem da (multi)mídia eletrônica, virtual e *online* constitutivas do blog, sendo este aqui entendido não meramente como mais uma ferramenta de linguagem digital, mas como objeto simbólico de interpretação, como uma arena discursiva, marcada pela dispersão, pela descontinuidade. Devemos ainda lembrar que os blogs são abrigados e *administrados* por uma empresa – o *ScienceBlogs Brasil* – que, por sua vez, é administrada por uma empresa multinacional, que é o *ScienceBlogs.com*. Eis aí o entrelace da ciência, tecnologia e administração no *Sb.br*.

Assim, o DDC do *Sb.br*, objeto desta pesquisa, embora não se constitua em um novo discurso, apresenta alguns elementos diferenciados em suas condições de produção e circulação, sobretudo pelas especificidades da (multi)mídia virtual que também afeta o sujeito do discurso, a leitura, o sujeito leitor, a interlocução, os sentidos. No decorrer deste estudo, buscamos desconstruir as evidências de sentidos de *liberdade plena* para o ciberespaço e para o blog, um lugar *desterritorializado* no espaço/tempo que, no entanto, pode ser um lugar territorializado de outras maneiras instituindo a dominação e o controle. Por essa razão, com base nos estudos da *Comunicação* que já usam a noção de *território* e *(re)territorialização* nas reflexões sobre o ciberespaço (HAESBAERT, 2004; LEMOS, 2006), deslocamos estas noções para pensarmos sobre o ciberespaço e o blog discursivamente. No espaço virtual, a *territorialização* não se dá pela demarcação física, mas também não deixa de funcionar, em vista de que, no (ciber)espaço, “O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico [...]; o poder se tornou verdadeiramente *extraterritorial*, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço [...]” (BAUMAN, 2001, p. 19, grifo do autor). Assim,

a desterritorialização tecnológica constitutiva do ciberespaço, paradoxalmente, institui uma nova forma de territorialização, já que o exercício do poder funciona sob novos formatos, na ordem do discurso eletrônico.

A partir da compreensão do funcionamento do jogo de projeções imaginárias (PÊCHEUX & FUCHS, 2010), foi possível observar no DDC do *Sb.br* o funcionamento da dupla determinação constitutiva do lugar social e lugar discursivo (GRIGOLETTO, 2005), como também o funcionamento do efeito-leitor intrinsecamente a esses lugares e às posições-sujeito, e ainda, a posição-sujeito projetada para o leitor internauta – construído discursivamente enquanto um efeito – nessa trama discursiva¹³⁵. O imaginário social exerce função relevante e intervém na produção dos efeitos de sentidos. Constata-se, pois, que o efeito-leitor não somente determina, como também sofre determinações do imaginário do lugar do cientista, do lugar da ciência e da mídia e do lugar do leitor. Sob a determinação do efeito-leitor analfabeto-científico, por exemplo, o sujeito divulgador efetua recortes de elementos efêmeros da ciência, ao tempo em que silencia o conhecimento científico e o converge naquilo que deve ser visível ou falado, blogado da ciência ao leitor leigo. E, dessa forma, a ciência não fala ao povo, mas *é falada para o povo e pelo povo*, imaginariamente cego e mudo, um *insano*, incapaz de pensar e interpretar. Por isso, a ciência divulgada é determinada pelo *olhar* do lugar discursivo de *porta-voz*.

A constituição do DDC que funciona nos blogs torna-se mais complexa, pois institui relações, não somente com o discurso da ciência e com o discurso jornalístico, mas também com os discursos: eletrônico, da blogagem, publicitário e o pedagógico, sendo que o blog também institui o lugar social de *blogador*. Todavia, como vimos no capítulo IV, o sujeito do discurso, ao ocupar o lugar de blogador, não rompe com o lugar social de cientista, pois é este lugar que lhe confere autoridade para falar de ciência e em nome dela, por essa razão nomeamos esse lugar como o de *cientista-blogador*. Dessa maneira, o DDC sofre determinações da mídia virtual, a qual também é construída sob o imaginário de livre acesso e emancipação, e é regida sob a ideologia do consumo.

No DDC do *Sb.br*, tanto enuncia o *sujeito administrador* da blogosfera, como também o *sujeito divulgador* – o blogador. Ambos também falam do lugar social de cientista. Como apontam as análises, a imagem do sujeito administrador é tecida de forma emaranhada à imagem da empresa, que detém o controle do espaço territorializado. Sendo assim, o DDC é

¹³⁵ Conforme mostramos nos **Quadros 4 e 5**, ao final do capítulo IV.

também afetado por saberes dos discursos *empresarial* e *jurídico*, que impõe *termos e condições* para o acesso à empresa *Sb.br*, cujos anunciantes podem *agendar* temas científicos para divulgação nos blogs, conforme os interesses comerciais, e isto confere ao espaço virtual um caráter de *jurisdição* (ZAMBRANO, 2001).

E, como vimos nas análises, o sujeito **administrador** do *Sb.br* se inscreve no lugar discursivo de *publicitário* e *ocupa*, ora a posição-sujeito de *gestor da alfabetização científica*¹³⁶, ora a posição de *promotor do desenvolvimento* do país. Levando em conta as projeções imaginárias dos leitores do discurso do *sujeito administrador* do *Sb.br*, a saber, o leitor *cientista*, candidato a blogador, o leitor *anunciante* e o leitor *leigo*, respectivamente se instituem os seguintes **efeitos-leitores**: *especialista*, *patrocinador* e *analfabeto em ciência*. Intrincadamente ao funcionamento desses efeitos-leitores, também é projetada a posição-sujeito de *alfabetizador de ciência* para o blogador, a posição-sujeito de *agendador* de temas para o anunciante do *Sb.br*, e a de *consumidor de informações científicas* para o leitor *leigo*¹³⁷.

Entretanto, há também os efeitos-leitores projetados no discurso do sujeito **divulgador** do *Sb.br*, quais sejam, o **efeito-leitor analfabeto em ciência e o especialista**, construídos intrincadamente aos lugares sociais, discursivos e às posições-sujeito ocupadas e projetadas ao leitor. Esses efeitos-leitores emergem, portanto, como uma regularidade discursiva no DDC do *Sb.br* e organizam o discurso em sua *constituição, formulação e circulação*, momentos indissociáveis da produção de sentidos (ORLANDI, 2001a).

No discurso do sujeito divulgador, os efeitos-leitores são constituídos tendo em vista dois leitores imaginários para o DDC – o leitor *leigo* e o leitor *cientista* – e assim o sujeito se movimenta entre dois lugares discursivos: o de *porta-voz* da ciência e o de *pesquisador*. Pelo viés do imaginário do leitor *leigo*, construído como uma *chaga social*, institui-se uma relação de *dependência* e submissão à ciência e ao cientista-divulgador, sendo este afetado pelo imaginário de verdadeiro sábio, detentor da ciência *de/da verdade*. Por seu turno, a imagem do lugar da ciência, atravessada pela ideologia da ciência régia (PÊCHEUX, 2008), é construída como a *verdade* capaz de curar o mal social da *ignorância* e a promotora do bem

¹³⁶ Empregamos o termo *ciência bancária* (Capítulo IV) para denominar a prática discursiva da divulgação científica do *ScienceBlogs Brasil*, na qual se inscreve a ideologia da *educação bancária* denunciada por Freire (1987).

¹³⁷ Vide Quadros explicativos do funcionamento do efeito-leitor intrincadamente ao lugar social e discursivo e posições-sujeito, no final do capítulo IV.

social e da qualidade de vida para o leitor, que é mantido fora do território da ciência, cabendo-lhe apenas a interpretação já dada.

Considerando o efeito-leitor *analfabeto em ciência*, o sujeito do DDC, do lugar de *porta-voz*, realiza gestos de interpretação da ciência para a constituição do discurso de divulgação científica e *ocupa* tanto a posição-sujeito de *alfabetizador de ciência* – uma posição já projetada para ele no discurso do sujeito administrador do Sb.br –, como também as posições-sujeito de *controlador da leitura* e *guardião da ciência*. Assim, o efeito-leitor analfabeto-científico delinea outro imaginário do lugar da ciência, qual seja, o da **ciência-mercadoria**, que também é afetada pela ideologia do *consumo*, que guia o discurso midiático, aliás, uma ideologia vigente na modernidade líquida (BAUMAN, 2001). Nessa trajetória para a divulgação virtual, a ciência perde a sua essência, sofre também um efeito mercadológico e se torna uma *ciência-mercadoria*, cuja textualização se constitui, como vimos com Hauptmann (2012, p. 2-3), de “informações cada vez mais sintéticas, repetição estratégica, frases curtas e diretas, jargões, bordões, frases de efeito, alguns refrões e slogans”. Essa divulgação científica é mais afetada pelo discurso pedagógico e pelo discurso publicitário e, desse modo, projeta a posição-sujeito de *consumidor de informações científicas* ao leitor imaginariamente leigo em ciência.

No entanto, há outro leitor potencial para o DDC, imaginariamente construído como um dos pares, que já participa ativamente do processo de construção do conhecimento, portanto, produz o efeito-leitor especialista. Quando o divulgador se inscreve no lugar discursivo de *pesquisador*, ocupa a posição-sujeito de *interlocutor de ciência* e, ao se relacionar com o efeito-leitor *especialista*, produz uma versão diferenciada para a divulgação científica, mais afetada pelo discurso científico, e assim projeta para o leitor cientista, a posição-sujeito de *interlocutor de ciência*, uma posição que ele também já ocupa.

O efeito-leitor *especialista* é afetado pelo imaginário da ciência régia (PÊCHEUX, 2008), que funciona sob o efeito da verdade absoluta. Desse modo, a divisão histórica da comunicação/não-comunicação científica é determinada pelo imaginário da ciência régia, que, por sua vez, determinará o imaginário do lugar do leitor cientista por um lado, e o do lugar do leitor “incapaz”, que carece ser alfabetizado cientificamente, por outro.

A **interlocução discursiva** instituída na *seção de comentários* é um momento da análise no qual podemos também visualizar a disputa *territorial* que se dá no espaço virtual dos blogs. A questão territorial, como já discutido neste trabalho, está diretamente relacionada

às questões da (re)produção do espaço e poder, pois “[...] o território se apoia no espaço, mas não é o espaço, é uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder” (RAFESTINI, 1993, p. 144). As análises apontam que o funcionamento da territorialização nos blogs de DC do *Sb.br* se institui mediante o *efeito-leitor analfabeto-científico*, que impõe a ressignificação da ciência ao ser discursivizada nos blogs, de forma a transformá-la em ciência-mercadoria. Tal processo se estabelece pelo viés do discurso da *blogagem*, fortemente atravessado pelo discurso publicitário, tendo em vista o efeito-leitor mencionado.

Logo, o espaço virtual se funda na tensão contínua entre a *desterritorialização* do espaço tempo e a instituição de novas territorializações, pois é um espaço controlado e gerenciado, dadas as relações de poder instituídas nas relações discursivas entre as distintas FDs, a partir das quais se engendram os discursos e instaura-se o confronto de sentidos.

Observamos na seção de comentários que a divulgação ampla da ciência é somente uma evidência, pois o sujeito leitor, imaginariamente leigo em ciência, é *caçado* e chega ao território do blog de DC, mas não se institui como interlocutor do discurso da ciência. O caça-paraquedismo produz um efeito fortemente mercadológico e marketeiro no DDC, delineando, por conseguinte, um efeito de sentido de *reificação* para a ciência.

O sujeito-leitor, que fala de distintos lugares sociais, mesmo tendo acesso ao lugar social do blog de ciência, de onde também enuncia, não se sente em um “ambiente científico” – e nem poderia, pois sempre foi excluído do mundo da ciência. E, paradoxalmente, alguns não reconhecem o blog como um lugar legítimo para se falar de ciência, mas se sentem bastante à vontade no blog para abordar, por exemplo, a questão do “fim do mundo”, pelos dizeres já sedimentados no interdiscurso e na memória e inscritos nas FDs com as quais se identificam, como a FD religiosa e a FD do cotidiano. Esse leitor comentarista chegou ao blog pelo paraquedismo, foi caçado e *caiu na rede* do DDC do blog *por acidente*, ele não pertence ao mundo científico, por isso se sente *estrangeiro* nesse território.

Na mesma ambiência do blog, opera-se tanto o retorno da ciência para a ciência, sob o *efeito-leitor especialista*, como também a *interdição* da ciência, sob o *efeito-leitor analfabeto*, posto que a alfabetização científica constitui-se apenas como um efeito-ciência. É, portanto, no quadro histórico da divisão e luta de classes que também vai se desencadear a divisão social do trabalho de leitura de arquivos da ciência no DDC do ScienceBlogs Brasil. Tal divisão é instituída na formação social capitalista, nas relações de forças estabelecidas entre as

formações ideológicas e formações discursivas, as quais repartem os lugares sociais e discursivos dos sujeitos do discurso, como também determinam as posições-sujeito e o que pode e deve ser dito.

A ideologia da *competência* “institui a divisão social entre os competentes, que sabem, e os incompetentes, que obedecem” (CHAUÍ, 2006, p. 77). Esta divisão do **especialista/competente** *versus* o **analfabeto/incapaz**, que funciona no discurso científico e no discurso pedagógico, é reinscrito no DDC do *Sb.br*, que embora produza a evidência de construção do bem social de socialização do conhecimento, escamoteia a dominação, pois o conhecimento científico permanece restrito a uma elite, enquanto que se reserva o consumo de informações acerca dos aspectos que cercam o ambiente científico ao leitor leigo, que é mantido do lado de fora, na periferia do conhecimento científico.

Sendo assim, o leitor leigo, o *não-competente*, não tem voz e não pode participar da interlocução, porque não conhece as “verdadeiras controvérsias científicas”, e por isso sua leitura é controlada, tutelada, seus questionamentos são combatidos, já que ele é considerado também um “inimigo” da ciência “verdadeira”. O DDC do *Sb.br* é, pois, afetado pelo discurso da ciência “pura e limpa” que funciona sob a ação da ideologia da “normalização asséptica” da leitura, que exerce o policiamento sobre os sentidos, sobre a interpretação, sendo esta *dada* ao leitor como *pronta*.

Desse modo, o DDC virtual é tão autoritário quanto o discurso científico. Porém, busca-se apagar esse posicionamento ideológico pelo imaginário de *liberdade* sob o qual também se forma o imaginário da internet, enquanto espaço de livre navegação. Esse ideal de liberdade ainda é mais forte nos blogs, que tecnicamente permite a participação do internauta, por meio dos comentários. Nos blogs, a arrogância científica muda de roupagem, porque se dá em *tom de conversa informal*, mas não importa a roupagem da língua, se formal ou informal, não importa o lugar empírico ou a materialidade linguística, pois a ideologia sempre vai funcionar no discurso.

Temos aqui defendido que o blog, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade de participação do leitor, lhe *interdita* a passagem, e assim não permite que se estabeleça uma relação crítica do leitor com o lugar da ciência e da divulgação. Na seção de comentários observamos a *interdição* da leitura, quando o sujeito blogador ocupa o lugar discursivo de **moderador** e a posição-sujeito de **controlador da leitura** por meio do silenciamento e da censura, visto que alguns comentários são *editados*, enquanto outros *nem são publicados*.

Assim, o discurso de divulgação científica do *Sb.br* busca sedimentar posicionamentos ideológicos já instituídos historicamente e, nessa rede discursiva busca apreender e prender o leitor numa teia de sentidos já instituídos nas formações discursivas dominantes, a exemplo das FDs da ciência, da divulgação científica, da mídia virtual, do discurso publicitário, entre outras.

O caça-paraquedismo é um instrumento da colonização eletrônica (MOUNIER, 2006) é uma verdadeira rede de “pesca” ao leitor, mas essa mesma rede que prende também tem *furos* que permite o escape dos sentidos já ditos, por isso a *Web* funciona “como num ato de pesca, prendendo o usuário em espaços que têm a tendência a se fechar. Mesmo assim, há sempre a possibilidade de se escapar desses locais e buscar diferentes caminhos em diversas partes dessa rede” (PERNISA JÚNIOR, 2010, p. 49). Dessa forma, o leitor paraquedista também produz sentidos, como vimos na seção de comentários de alguns blogs, pois a rede é também constituída de *brechas e furos* ou as falhas do ritual no processo de movimentação do sujeito, como nos diz Pêcheux ([1983] 2010). Os sentidos não estão nas evidências e na literalidade, mas, na opacidade do discurso, e assim outros sentidos escapam e sempre podem ser outros... É o que aponta a análise da interlocução discursiva, cujo sujeito leitor, ao se inscrever na seção de comentários e ocupar o lugar discursivo de autor, de modo geral não se identifica com os saberes da FD da divulgação científica, mas não deixa de produzir sentidos no espaço discursivo do blog, na medida em que ocupa uma dispersão de posições-sujeito que se confrontam com o efeito-leitor analfabeto-científico e também com as posições-sujeito projetadas para ele no discurso de divulgação científica do ScienceBlogs Brasil.

Sob a determinação do efeito-leitor analfabeto-científico, o leitor é *caçado* para chegar aos blogs do *Sb.br* como um paraquedista, mas, ao chegar nesse espaço, ele também se torna um *caçador* de sentidos, pois a leitura é também uma “operação de caça” (CERTEAU, 1990). E assim, nesse jogo discursivo, o sujeito leitor – de caça se torna um caçador – resiste e desconstrói o efeito-leitor analfabeto em ciência, ao posicionar-se enquanto sujeito, instituindo a dispersão de sentidos, tendo em vista o confronto de distintas formações discursivas, dando-se assim a passagem da mera *interação* para a *interlocução discursiva*, tendo em vista a movimentação dos sujeitos no discurso.

No entanto, estas considerações não se esgotam aqui, mas só tem efeito de fechamento. Assim, fica o convite a futuras pesquisas, tendo em vista a amplitude e complexidade dos processos discursivos inscritos no espaço virtual.

REFERÊNCIAS:

ALBADA, G.B. Von. Ciência e capital. In.: DEUS, Jorge D. (Org.). **A crítica da ciência: Sociologia e ideologia da ciência**. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1979, p. 136-139.

AMARAL, A., RECUERO, R., MONTARDO, S. Blogs: mapeando um objeto. In: _____. (Orgs.) **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento editorial, 2009, p. 27-53.

AQUINO, M.C. Os blogs na web 2.0: representação e recuperação coletivas da informação. In.: AMARAL A. , RECUERO, R. e MONTARDO, S. (Orgs.) **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p. 237-256.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**. São Paulo: Ática, 1992, 85 p.

BAALBAKI, Angela C. F. **A revista *Ciência Hoje das Crianças* e o discurso de divulgação científica: entre o ludicismo e a necessidade**. 308f. Tese (Doutorado). Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2010.

BAIERL, L. F. **Medo social: da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo:Cortez, 2004. 224 p.

BARTHES, Roland. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro:Zahar, 2007, 210 p.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro:Zahar, 2001, 279 p.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, 146 p.

BOLAÑO, Cesar. **Indústria Cultural, Informação e Capitalismo**. São Paulo:Hucitec/Polis, 2000.

BOLETIM de Alfabetização Solidária. Brasília, PAS, n.1, 1997. In.: TRAVERSINI, C. S. **O Programa Alfabetização Solidária: O governo de todos e de cada um**. [Tese de doutoramento]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2003, 210 p.

BRASIL, Lei nº 5.379, de 15/12/1967. Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada a adolescentes e adultos. Senado Federal online. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=117865>. Acesso em 07/03/2012.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. São Paulo:Forense Universitária, 2009, 129 p.

CARVALHO, Nelly. **Publicidade: a linguagem da sedução**. São Paulo: Ática, 1996.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra. Volume 1. 8ª Edição, 2005.

_____. **A economia informacional, a nova divisão internacional do trabalho e o projeto socialista**. Cad. CRH, Salvador, v.17, p.5-34, 1992.

CAZARIN, E. A. A leitura: uma prática discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 6, n. 2, p. 299-313. Maio./ago. 2006.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis:Vozes, 1998, 351 p.

CHARTIER, Roger. A escrita na tela: ordem do discurso, ordem dos livros e maneiras de ler. In.: RETTENMAIER, M. e RÖSING, T. M. **Questões de leitura no hipertexto**. Passo Fundo: Editora UPF, 2007a, p. 201-220.

_____. **Increver e apagar**: cultura escrita e literatura. São Paulo:UNESP, 2007b, 335p.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo:UNESP, 2002, 145 p.

_____. **A Ordem dos Livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo:Cortez, 2011.

_____. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. **Introdução à história da filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CLAVAL, Paul. **O território na transição da Pós-Modernidade**. In.: GEOgraphia, Ano 1, n. 2, 1999, p. 7-26.

COAN, E. I. A informação como mercadoria e a estetização da notícia na sociedade contemporânea. In.: **Estudos sociológicos**. Araraquara, v. 16, n. 30, 2011, p. 19-35.

CORTES, Gerenice R. de O. **Práticas sociorretóricas do artigo científico de História e Sociologia**: Variação, Identidade e Ethos disciplinar. 129 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2009.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos:Edufscar, 2009, 250 p.

_____. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In.: GREGOLIN, M.R. e SARGENTINI, V. (Orgs.) **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 11-19.

_____. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. **Polifonia**, v. 12, n. 2, p. 1-13, Cuiabá, 2006.

DANTAS, Marcos. Capitalismo na era das redes: trabalho, informação e valor no ciclo da comunicação produtiva. In.: LASTRES, H. e ALBAGLI, S. (Orgs.). **Informação e globalização na Era do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999, p. 216-261.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Versão ebook, 2003, 169 p. Disponível <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>. Acesso em junho de 2014.

DE NARDI, F. S. Subjetivação na língua do outro: práticas de escrita em blogs para o ensino-aprendizagem de língua espanhola. In.: GRIGOLETTO, E., DE NARDI, F. S., SCHONS, C. R. (Orgs.). **Discursos em rede**: práticas (re) produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011, p. 227-248.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DIAS de DEUS, Jorge. Uma introdução, alguns comentários e três opiniões sobre a ciência. In.: _____. (Org.). **A crítica da ciência**: Sociologia e ideologia da ciência. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 11-34.

DIAS, Cristiane. Museu da Língua Portuguesa - língua de acesso: “acessável” ou acessível? In.: **Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 245-256, jan./jun. 2013.

_____. A língua em sua materialidade digital. In.: INDURSKY, F., FERREIRA, M. C. L., MITTMANN, S. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 89-98.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Lucimar L. **Vozes indígenas na rede digital**: Discurso e autoria em blogs. 213 f. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2013.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 65-83, jul./dez., 2000.

FERREIRA, M.C.L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, n. 48, p. 17-34, Porto Alegre: UFRGS, 2010.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. Cortez: São Paulo, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FONSECA-SILVA, M^a da C. Mídia e lugares de memória discursiva. In.: FONSECA-SILVA, M.C. e POSSENTI, S. (Orgs.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista-BA, Edições UESB, 2007, p.11-37.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, [1970], 2012^a, 75 p.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969] 2012b.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. **De outros espaços**. ([1984] 2005). Disponível em: http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html. Acesso em 15.12.2012.

FUOREZ, G. **A construção das ciências**: Introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo:UNESP, 1995, 319 p.

GALLO, S. L. www.cienciaemcurso.unisul.br. RUA [online]. 2009, nº 15. Volume 2 – ISSN 1413-2109. Disponível em: [HTTP://www.labeurb.unicamp.br](http://www.labeurb.unicamp.br). Acesso em 02 de junho de 2012.

GALLO, S., SCHMITT, G. e SOUZA, C. Ler o arquivo hoje. In.: INDURSKY, F. e FERREIRA, M.C.L. **Michel Pecheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Paulo: Clara Luz, 2005, p. 251-262.

GIBSON, Willian. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.

GIL, F. O plano da ciência. In.: DIAS de DEUS, J. **A crítica da ciência**: sociologia e ideologia da ciência. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1979, p. 158-186.

GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. In.: **Estudos geográficos**, Rio Claro, 2(1), junho, 2004, p. 29-42.

GRIGOLETTO, Evandra. O discurso nos Ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In.: GRIGOLETTO, E.,DE NARDI, F. S., SCHONS, C. R. (Orgs.). **Discursos em rede**: práticas (re) produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011, p.47-78.

_____. A autoria no hipertexto:uma questão de dispersão? In. **Hipertextus**: Revista digital, n. 2, 2009. Recife: UFPE, NEHTE – Núcleo de estudos do hipertexto e tecnologia educacional. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/>. Acesso em maio de 2012.

_____. Do lugar discursivo à posição-sujeito: os movimentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica. In.: MITTMANN, S., GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E.

(Orgs.) **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 47-79.

_____. **O Discurso de Divulgação Científica**: Um Espaço Discursivo Intervalar. 269 f. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005a.

_____. A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. In: **Estudos da Linguagem**, n. 1, p. 61-67, 2005b. Vitória da Conquista-BA: Edições UESB.

GRIGOLETTO, E. e DE NARDI, F. S. Identificação, memória e figuras identitárias: a tensão entre a cristalização e os deslocamento de lugares sociais. In.: **Niterói**, n. 34, p. 197-213, 2013.

GUILHAMOU, J. e MALDIDIDER, D. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In.: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010, p. 161-183.

GUIMARÃES, E. O acontecimento para a grande mídia e a Divulgação Científica. In.: *In.: _____*. (Org.). **Produção e Circulação do Conhecimento**: Estado Mídia, Sociedade. Campinas/SP: Pontes, 2001a, p. 13-20.

_____. **Os Limites do Sentido**. Campinas: Pontes, 1995.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1968.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre: 2004. Disponível em: http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf. Acesso em 10/03/2013.

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992, 224p.

HAUPTMANN, J. Sociedade Panfletária por Trás dos Slogans – o mais do mesmo nos discursos hegemônicos. In. **Biblioteca online de ciências da comunicação** – BOCC, 2012. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/hauptman-claudemir-sociedade-pafletaria-por-tras-dos-slogans.pdf>. Acesso em 10/01/2013.

HENRY, Paul. A história não existe? In.: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, [1982]2010c, p. 49-59.

_____. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, 241 p.

HOUAISS, A. V. MS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas-SP, Ed. Da Unicamp, 2ª ed., 2013.

_____. A memória na cena do discurso. In.: INDURKY, F., MITTMAN, S. e FERREIRA, M.C.L. (Orgs.) **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas –SP: Mercado das Letras, 2011a, p. 67-89.

_____. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In.: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2011b, p. 77-91.

_____. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In.: ORLANDI, E., LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2010a, p. 33-80.

_____. Estudos da linguagem: a leitura sob diferentes olhares teóricos. In.: TFOUNI, L. (Org.). **Letramento, escrita e leitura**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2010b, p. 163-180.

_____. A escrita à luz da análise do discurso. In.: CORTINA, A. e NASSER, S. M. G.C. **Sujeito e linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In.: MITTMANN, S., GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E. (Orgs.) **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9-33.

_____. A prática discursiva da leitura. In: ORLANDI, E.P.(Org.). **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 2003, p. 189-200.

_____. A função enunciativa do porta-voz no discurso do MST. In.: **ALEA: Estudos Neolatinos**, v. 2, n. 2. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ, 2000, p. 17-25.

_____. **A fala dos quartéis e outras vozes: uma análise do discurso presidencial da terceira república brasileira – 1964-1984**. 382 f. Tese (Doutorado). Unicamp, 1992.

KELNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

KUENZER, A. Z. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma da dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3. ed. Campinas: Autores Associados; Histedbr, 2005. p. 77-95.

LASTRES, H. e FERRAZ, J. C. Economia da Informação, do Conhecimento e do Aprendizado. In.: LASTRES, H. e ALBAGLI, S. (Orgs.). **Informação e globalização na Era do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999, p. 27-57.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000, 438 p.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, [1972], 2008, 192 p.

LEMOS, A. Prefácio. In.: In: AMARAL, A., RECUERO, R., MONTARDO, S. (Orgs.) **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento editorial, 2009, p. 7-19.

_____. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In. **Anais do XV Encontro Anual da COMPÓS** – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Bauru - SP: UNESP, 2006. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_762.pdf.

LEON, J. e PÊCHEUX, M. Análise sintática e paráfrase discursiva. In.: ORLANDI, E.P. (Org.) **Análise de Discurso**: Michel Pecheux. São Paulo: Pontes Editores, [1982] 2011, p. 163-173.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

MALDIDIER, D. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In.: PIOVEZANI, C. e SARGENTINI, V. (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 39-62.

_____. **A inquietação do discurso**: (re) ler Michel Pêcheux hoje. Campinas-SP: Pontes, 2003, 110 p.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

_____. Um sentido global do lugar. In.: ARANTES, Antonio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas-SP: Papirus, 2000. P. 177-185.

McCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**: a mídia e a opinião pública. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

MILLER, Carolyn. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MITTMANN, Solange. Movimentos sociais no ciberespaço: o cruzamento de duas ordens discursivas. In.: RIBEIRO, A.E. *et al.* (Orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010, p. 91-102.

_____. Autoria e tradução: da dispersão às identificações. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 80-96.

_____. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In.: **Anais do II SEAD**, UFRGS, 2005.

_____. Heterogeneidade e função do tradutor. In.: **Cadernos de tradução (UFSC)**, v. 4, p. 221-237, 1999.

MONTARDO, S. P. e PASSERINO, L. M. **Estudos dos Blogs a partir da Netnografia: Possibilidades e limitações**. *Novas Tecnologias da Educação*, v. 4, n. 2, dezembro 2006. (online). Disponível em: www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25065.pdf . Acesso em 20 de agosto de 2010.

MOUNIER, Pierre. **Os donos da rede: as tramas políticas da internet**. São Paulo:Loyola, 2006, 222 p.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NUNES, J. H. Discurso de divulgação: a descoberta entre a ciência e a não-ciência. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org). **Produção e Circulação do Conhecimento: Estado Mídia,Sociedade**. Campinas/SP: Pontes, 2001, p. 31-40.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. Conferência proferida em 30/09/2005. Disponível em: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html> . Acesso em 10/04/2013.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo:Pontes, 10ª Ed., 2012a.

_____. Por uma teoria discursiva de resistência do sujeito. In.: **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas, SP:Pontes Editores, 2012b.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 6ª ed. 2011.

_____. Análise de discurso. In: ORLANDI, E.P. e LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2010a.

_____. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA [online]** 2010b, nº 16, Volume 2 – ISSN 1413-2109.

_____. Os sentidos de uma estátua: espaço, individuação, acontecimento e memória. In.: **Entremeios: Revista de estudos do discurso**. V. 1, n.1, jul. 2010c. p. 1-13. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em 17/09/2012.

_____. Historicidade e sociedade: o sujeito na contemporaneidade. In.: INDURSKY, F., FERREIRA, M.C.L., MITMANN, S. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009.

_____. **As Formas do Silêncio no movimento dos Sentidos**. Campinas: Unicamp, 2007, 6ª ed.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4ª Ed. Campinas: Pontes, 2004a.

_____. **A cidade dos sentidos**. Campinas-SP: Pontes, 2004b.

_____. Os Recursos do Futuro: Um outro discurso. In.: **Revista Multiciência**, nº 1, outubro de 2003.

_____. Divulgação Científica e o Efeito Leitor: Uma Política Social Urbana. In.: GUIMARÃES, E.(Org). **Produção e Circulação do Conhecimento: Estado Mídia, Sociedade**. Campinas/SP: Pontes, 2001a, p. 21-30.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. São Paulo: Pontes, 2001b.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

PÊCHEUX, M. Metáfora e Interdiscurso [1984]. In.: ORLANDI, E.P. (Org.) **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. São Paulo: Pontes Editores, 2011a, p. 151-161.

_____. As Ciências Humanas e o “momento atual”. [1969]. In.: ORLANDI, E.P. (Org.) **Análise de Discurso: Michel Pecheux**. São Paulo: Pontes Editores, 2011b, p. 175-202.

_____. A aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. [1973b]. In.: ORLANDI, E.P. (Org.) **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. São Paulo: Pontes Editores, 2011c, p. 203-226.

_____. Leitura e Memória: Projeto de Pesquisa [1982]. In.: ORLANDI, E.P. (Org.) **Análise de Discurso: Michel Pecheux**. São Paulo: Pontes Editores, 2011d, p. 141-150.

_____. Análise automática do discurso: (AAD-69). In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, [1969]2010a.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, [1983]2010b.

_____. O papel da memória In.: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Campinas-SP, Pontes Editores, ([1983] 2010c).

_____. Ler o arquivo hoje. In.: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, [1982]2010d, p. 49-59.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas : Editora da Unicamp, [1975] 2009.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Campinas-SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. In.: **Cadernos de estudos linguísticos**, n. 19, p. 7-24, 1990.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas-SP: Editora da Unicamp, [1975]2010.

PÊCHEUX, M, LEON, J., BONNAFOUS, S., MARANDIN, J. Apresentação da análise automática do discurso. In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas-SP: Editora da Unicamp, [1975]2010.

PÊCHEUX, M. & FICHANT, M. **Sobre a história das ciências**. Lisboa:Editorial Estampa, 1971.

PERNISA JÚNIOR, C. Cibercultura: encaminhando questões sobre linguagens digitais. In.: COUTINHO, I. & ALVARENGA, N.A. (Orgs.). **Identidade e tecnocultura**: a comunicação em questão. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0 . In.; **E-Compós** (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

RAFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RASIA, G. dos S. Considerações acerca do letramento digital. In.: In.: GRIGOLETTO, E., DE NARDI, F. S., SCHONS, C. R. (Orgs.). **Discursos em rede**: práticas (re) produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011, p. 77-93.

ROMÃO, Lucilia M. S. Nós e fios do discurso eletrônico: tentativa de uma costura. In. **Anais do III SEAD**, UFRGS, 2007.

ROSARIO, Heloisa M. O sujeito do discurso e a noção de porta-voz na mídia. In.: MITTMANN, S., GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E. (Orgs.) **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008. 136 p.

SANTOS NETO, Helena I. C. Divulgação científica no rádio: a construção do sujeito-leitor. In.: Nádia Regia M. Neckel e Solange M. L. Gallo (Orgs.). **Ciência e cultura**. Palhoça:Ed, Unisul, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis,RJ:Vozes, 2010.

SOJA, E.W. **Postmetrópolis**: Estudios críticos sobre las ciudades y las regiones. Los Ángeles, Blackwell Publishing, 2000.

_____.**Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, 324 p.

SOUZA, Sergio A. F. Para quem é o discurso pedagógico? In.: RODRIGUES, E.A., SANTOS, G.L. e CASTELLO BRANCO, L.K.A. (Orgs.) **Análise do discurso no Brasil**: Pensando o impensado sempre – uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas: Editora RG, 2011, p. 467-481.

XAVIER, A.C. **A era do hipertexto**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

XAVIER, R. C.M. e COSTA, R.A. A ciência como mercadoria. In. **Revista Electrónica Internacional de Economía Política de Las Tecnologías de La Información y Comunicación**, Aracaju: UFS, vol. 12, n. 1, 2010. Disponível em <http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/80> Acesso em 01/07/2013.

WERTHEIM, M. **Uma história do espaço de Dante à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ZAMBRANO, C. 2001. Territorios plurales, cambio sociopolítico y gobernabilidad cultural. **Boletim Goiano de Geografia** v.21, n. 1, p.9-49, jan.- jul.2001.

APÊNDICE

Posts do *ScienceBlogs Brasil* usados na composição do corpus da pesquisa:

POSTS PUBLICADOS NOS BLOGS DO <i>SB.BR</i> USADOS NA PESQUISA				
Post	Blog	Data/ Publicação	Disponível Em:	Acesso em:
1. Sobre o ScienceBlogs Brasil	Página inicial do <i>ScienceBlogs Brasil</i>	31/08/2011	http://scienceblogs.com.br/sobre/	10/04/2012
3. Termos e Condições	Página inicial do <i>ScienceBlogs Brasil</i>	31/08/2011	http://scienceblogs.com.br/termos/	02/06/2012
4. Renúncia de Garantias	Página inicial do <i>ScienceBlogs Brasil</i>	31/08/2011	http://scienceblogs.com.br/renuncia/	02/06/2012
5. Blogagem coletiva: cientista também caça paraquedista	<i>Raio X</i>	26/08/2009	http://scienceblogs.com.br/raiox/2009/08/cientista_tambem_caca_p	05/10/2012
6. Efeitos colaterais do fim do mundo	<i>RNA</i>	10/02/2012	http://scienceblogs.com.br/rnam/2012/02/efeitos-colaterais-do-fim	02/07/2012
7. Cientistas e mídia	<i>Química Viva</i>	27/06/2010	http://scienceblogs.com.br/quimicaviva/2010/06/cientistas_e_midia/	01/04/2012
8. Band-aid para estancar a hemorragia	<i>Você que é Biólogo</i>	05/04/2012	http://scienceblogs.com.br/vqeb/2012/04/band-aid-para-estancar	07/08/2012
9. O pesquisador e a mídia	<i>Ciência à Bessa</i>	10/05/2009	http://scienceblogs.com.br/bessa/2009/05/o_pesquisador_e_a_midi	10/11/2011
10. Aproximando os cientistas da sociedade	<i>Você que é Biólogo</i>	03/09/2012	http://scienceblogs.com.br/vqeb/2012/09/aproximar_cientistas_soci	17/02/2013
11. Tudo o que você precisa saber sobre meteoros HOJE	<i>Nightfall in Magrathea</i>	15/02/2013	http://scienceblogs.com.br/nightfall/2013/02/tudo-que-voce-precisa	11/07/2013
12. A verdade sobre homens e mulheres	<i>Você que é Biólogo</i>	13/12/2012	http://scienceblogs.com.br/vqeb/2012/12/verdade-sobre-homens	07/03/2013
13. Em 2013, não seja um analfabeto científico	<i>Cognando</i>	31/12/2012	http://scienceblogs.com.br/cognando/2012/12/em-2013-nao-seja-um	09/04/2013
14. Um isopor explosivo	<i>Você que é Biólogo</i>	14/11/2013	http://scienceblogs.com.br/vqeb/2013/11/um-isopor-explosiv	18/01/2014
15. Cor da LED em nitrogênio líquido	<i>Massa Crítica</i>	09/03/2013	http://scienceblogs.com.br/massacritica/2013/03/cor-de-led	14/08/2013
16. LED in Liquid Nitrogen	<i>Massa Crítica</i>	09/03/2013	http://ap.smu.ca/demos/index.php?option=com_content&view	14/08/2013
17. O fim da camisinha?	<i>Você que é Biólogo</i>	21/11/2013	http://scienceblogs.com.br/vqeb/2013/11/o-fim-da-camisinha/	02/03/2014
18. Sobre o Blog e Sobre mim	<i>Caderno de Laboratório</i>	14/09/2010	http://scienceblogs.com.br/caderno	05/06/2011
19. Boaventura dos Santos e a ciência Pós-moderna	<i>100nexus</i>	20/02/2011	http://scienceblogs.com.br/100nexus/2011/02/boaventura_santos_e	19/03/2012
20. A controvérsia de não existir controvérsia	<i>n-Dimensional</i>	11/05/2010	http://scienceblogs.com.br/dimensional/2010/05/a_controversia_d	25/10/2011
21. Para uma ideia diluída, o remédio é conhecimento concentrado	<i>RNA</i>	03/02/2011	http://scienceblogs.com.br/rnam/2011/02/homeopatia_revisao/	25/10/2011
22. Aquecimento global em números	<i>Discussão Ecologia</i>	20/05/2013	http://scienceblogs.com.br/discutindoecologia/2013/05/o-a	15/10/2013
POSTS DE COMENTÁRIOS USADOS NO CAPÍTULO V (INTERLOCUÇÃO DISCURSIVA)				
23. O fim do mundo não será em 2012. Será em 2019.	<i>RNA</i>	28/08/2009	http://scienceblogs.com.br/rnam/2009/08/o_fim_do_mundo_nao_se	14/04/2010
24. A VEJA e os perigos do Victoza	<i>Brontossauros em meu jardim</i>	08/09/2011	http://scienceblogs.com.br/2011/9/8/a-veja-e-os-perigos	14/04/2010
25. O gelo da Antártica está aumentando. Então Aquecimento Global não existe?	<i>Discussão Ecologia</i>	21/04/2009	http://scienceblogs.com.br/discutindoecologia/2009/04/o_gelo_da_	03/11/2011
26. O Sexismo Benevolente	<i>O Divã de Einstein</i>	29/09/2011	http://scienceblogs.com.br/odiva/	23/03/2012

